UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Priscila Marçal Fér

Arte e cultura na política e ações de assistência estudantil na universidade pública: uma via para a permanência?

São Paulo
2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Priscila Marçal Fér

Arte e cultura na política e ações de assistência estudantil na universidade pública: uma via para a permanência?

Versão corrigida

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obter o título de Mestre em Psicologia.

Área de concentração: Psicologia Social

Orientador: Prof. Dr. Arley Andriolo

São Paulo
2022

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo
Dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Marçal Fér, Priscila
Arte e cultura na política e ações de assistência estudantil na universidade pública: uma via para a permanência? / Priscila Marçal Fér; orientador Arley Andriolo. -- São Paulo, 2022.
227 f.
Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social) -- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, 2022.

1. Psicologia social . 2. Assistência e permanência estudantil . 3. Arte e cultura . 4. Capital cultural . 5. Estética social. I. Andriolo, Arley, orient. II. Título.

Nome: Priscila Marçal Fér

Título: Arte e cultura na política e ações de assistência estudantil na universidade pública: uma via para a permanência?

Dissertação apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Psicologia

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Profa. Dra. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

Prof.Dr. _____

Instituição: _____

Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Arley Andriolo, que com sua generosidade acolheu a mim e a esta pesquisa no Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte – LAPA. Pela partilha de tanto conhecimento, pelos apontamentos certeiros, pela paciência e gentileza no trato em todos os momentos.

Aos colegas do LAPA, Bianca, Cecília, Claudia, Daniela, Gustavo, Mara, Milena e Richard, que se tornaram amigos queridos e referências para mim. Especialmente ao Richard e à Daniela, por me ajudarem a não desistir deste projeto no momento mais delicado.

A todos os docentes do Instituto de Psicologia – IP/USP com os quais cursei disciplinas, especialmente Profa. Dra. Mariana Prioli Cordeiro e Prof. Dr. Gustavo Massola, que na disciplina "A multiplicidade da Psicologia Social" muito me marcaram, não somente através dos conteúdos trazidos, mas também pela postura ética, afetiva e comprometida com que a conduziram.

Aos servidores que trabalham nas secretarias do IP/USP, Gustavo, Nalva e Teresa, que tanto me auxiliaram. Pela diligência no dirimir dúvidas, encaminhar processos e pela paciência com os meus "atropelos".

Ao Prof. Dr. Wilson Mesquita de Almeida e à Profa. Dra. Maria Livia Tourinho Moretto, por aceitarem o convite para a banca de qualificação e pelos preciosos apontamentos que me auxiliaram a ajustar os rumos da pesquisa.

Ao Prof. Dr. Wellington Zangari, pela presença, suporte e orientações à época da qualificação e pelas palavras acolhedoras na ocasião de meu pedido de prorrogação.

Às Profas. Cérise Alvarenga e Taís Bleicher por aceitarem o convite para a banca de defesa, pelo esmero na leitura crítica e pelo entusiasmo no compartilhamento dos comentários, sugestões e provocações.

Aos muitos estudantes do Instituto de Ciência e Tecnologia - ICT UNIFESP que confiaram na minha escuta ao longo desses anos, que ampliaram minhas percepções acerca do campo psicossocial e me instigaram a iniciar o mestrado.

Aos estudantes-artistas da UNIFESP. Aos que convidei a participarem da pesquisa: Fabio Santos e Rodrigo Lira, pelo interesse, generosidade e momentos partilhados. Aos autores dos contos analisados, por apresentarem a mim e a todos que estão minimamente atentos, as sensíveis camadas que envolvem a permanência estudantil.

À Ana Carolina e ao Sandro, meus companheiros de Núcleo de Apoio ao Estudante – NAE/SJC. Além da amizade e carinho, agradeço pelo compartilhamento de informações e referências, e por serem meus principais interlocutores a respeito da permanência estudantil.

Ao Carlos Dias e Fabrício Leonardi, pela abertura e generosidade nas conversas que tivemos sobre a dissertação.

À Marina Perim, por me ajudar a localizar de forma bem-humorada, o lugar deste trabalho em meio às demais esferas da vida.

À Lucila Darrigo, por sustentar um lugar de escuta que me auxiliou, entre muitas outras coisas, com os "transbordamentos" suscitados pela vivência do mestrado.

À Renata Branco, que na distância sempre se fez presente e a cada ligação me lembra que "quem tem um amigo tem tudo".

Às minhas irmãs Ester e Noemi, pela amizade, afeto e incentivo. Cada uma à sua maneira, vocês são para mim exemplos de fé no poder transformador da educação e me estimulam a também persistir nesse caminho.

Aos meus pais Eunice e Nelson, pelo amor e cuidado irrestritos, por demonstrarem interesse pelos meus sonhos, me incentivarem a buscá-los e estarem sempre ao meu lado. Por mostrarem através do exemplo, o prazer proporcionado pelas descobertas advindas do estudo, a qualquer tempo ou idade. E, claro, agradeço pela trilha sonora desde os mais tenros momentos da minha existência.

Ao Bruno, meu amor e companheiro de vida. Por permanecer ao meu lado durante este período, sendo testemunha e participando de todo o processo em seus detalhes. Agradeço pelos gestos de carinho e cuidado, pela leveza do cotidiano que amenizaram os momentos mais complicados.

Ao meu filho Eric, por me presentear com sua chegada em meio ao percurso de conclusão da dissertação. A considerável diminuição do tempo disponível, decorrente dos muitos afazeres no seu cuidado, foi inversamente proporcional ao aumento das coisas mais belas, como são o seu sorriso e o seu desenvolvimento a cada dia.

"Felicidade, passei no vestibular
Mas a faculdade é particular
Particular, ela é particular
Particular, ela é particular

Livros tão caros tanta taxa pra pagar
Meu dinheiro muito raro
Alguém teve que emprestar

O meu dinheiro, alguém teve que emprestar
O meu dinheiro, alguém teve que emprestar

Morei no subúrbio, andei de trem atrasado
Do trabalho ia pra aula, sem
Jantar e bem cansado
Mas lá em casa à meia-noite tinha
Sempre a me esperar
Um punhado de problemas e criança pra criar

Para criar, só criança pra criar
Para criar, só criança pra criar

Mas felizmente eu consegui me formar
Mas da minha formatura, não cheguei participar
Faltou dinheiro pra beca e também pro meu anel
Nem o diretor careca entregou o meu papel

O meu papel, meu canudo de papel
O meu papel, meu canudo de papel

E depois de tantos anos
Só decepções, desenganos
Dizem que sou um burguês
Muito privilegiado

Mas burgueses são vocês
Eu não passo de um pobre-coitado
E quem quiser ser como eu
Vai ter é que penar um bocado

Um bom bocado, vai penar um bom bocado
Um bom bocado, vai penar um bom bocado
Um bom bocado, vai penar um bom bocado"

Martinho José Ferreira
(Martinho da Vila)

RESUMO

FÉR, P. M. **Arte e cultura na política e ações de assistência estudantil na universidade pública: uma via para a permanência?** (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

Esta pesquisa se insere no âmbito das ações voltadas à permanência estudantil que partem do campo artístico-cultural. Utiliza, como ponto de partida para seu desenvolvimento, o eixo "cultura" presente no Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). O trabalho propõe estabelecer preliminarmente a relação entre "permanência estudantil" e "arte/cultura" e, verificar quais sentidos podem permear as ações desta natureza nas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). Recorre à bibliografia sobre o desenvolvimento das "preocupações acerca da cultura" ao longo da história e sobre as concepções do termo a partir de diferentes visões, além de contextualizar sobre acesso e assistência/permanência estudantil no Brasil. Utiliza a pesquisa em fontes documentais ao se lançar na leitura interpretativa de editais de fomento à arte e cultura e de uma coletânea de contos em uma universidade federal de São Paulo. Os conceitos de "capital cultural" e "*habitus"* de Pierre Bourdieu, "experiência estética" e "estética social" trabalhados por Arnold Berleant compõem algumas das reflexões realizadas. Como achados da pesquisa temos que a intersecção de arte/cultura e permanência estudantil é tema pouco explorado na literatura; não há um conceito de cultura unificado e amplamente utilizado na contemporaneidade; a visão antropológica de cultura auxilia na promoção da inclusão de estudantes de variados contextos por meio da valorização da diversidade; concepções distintas de cultura podem articular noções hierárquicas e de exclusão e o mesmo ocorre no campo das artes; a estética, a experiência estética e a estética social são importantes vias para construção da alteridade por meio da experiência do corpo em sua dimensão sensível, o que mostra ser bastante necessário no recorte da permanência estudantil e da universidade federal brasileira.

Palavras-chaves: Psicologia social. Assistência e permanência estudantil. Arte e cultura. Capital cultural. Estética social.

ABSTRACT

FÉR, P. M. A**rt and culture in student assistance's policy and actions in the public university: a way for permanence?** 2022. (Dissertação de Mestrado). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

This research falls within the scope of the actions aimed at student permanence in the artistic-cultural field. It uses, as a starting point for its development, the "culture" axis present in the National Program of Student Assistance (PNAES). It proposes to preliminarily establish the relationship between "student permanence" and "art/culture" and, to verify which meanings may permeate the actions of this nature in the Federal Institutions of Higher Education (IFES). It resorts to bibliography about the development of "concerns about culture" throughout History and about the conceptions of the term from different visions, in addition to contextualizing access and student assistance/permanence in Brazil. It uses the research in documental sources when diving into the interpretative reading of edicts of fomentation to art and culture and of a short story collection in a federal university from São Paulo. The concepts of "cultural capital" and "habitus" by Pierre Bourdieu, "aesthetic experience" and "social aesthetics" by Arnold Berleant are linked with the reflections made in this research. We can conclude from this study that the intersection of art/culture and student permanence is a theme little explored in the literature; there is no unified and widely used concept of culture in present days; the anthropological view of culture helps in promoting the inclusion of students from different backgrounds by valuing diversity; different conceptions of culture may articulate hierarchical and exclusion notions, and the same occurs in the field of arts; aesthetics, aesthetic experience, and social aesthetics are important ways to build alterity through the experience of the body in its sensible dimension, which shows to be quite necessary in the context of student permanence and the Brazilian federal university.

Keywords: Social psychology. Student assistance and permanence. Art and culture. Cultural capital. Social aesthetics.

LISTA DE SIGLAS

CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CREAS	Centro de Referência Especializado de Assistência Social
DA	Diretórios Acadêmicos
DAE	Departamento de Assistência ao Estudante
DCE	Diretório Central de Estudantes
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAP	Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo
FONAPRACE	Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis
IES	Instituições de Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
LDB	Lei de Diretrizes e Bases da Educação
MEC	Ministério da Educação
MINC	Ministério da Cultura
NAE	Núcleo de Apoio ao Estudante
PAE	Política de Assistência Estudantil
PNAES	Programa Nacional de Assistência Estudantil
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
REUNI	Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais
RU	Restaurante Universitário
SciELO	*Scientific Electronic Library Online*
SUAS	Sistema Único de Assistência Social
UFABC	Universidade Federal do ABC
UFBA	Universidade Federal da Bahia
UFC	Universidade Federal do Ceará
UNICAMP	Universidade de Campinas
UNIFESP	Universidade Federal de São Paulo
USP	Universidade de São Paulo

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Evolução do volume de recursos PNAES (2008-2018) - Brasil 41
Tabela 2: Distribuição das variáveis selecionadas entre os graduandos (as) com bom domínio da língua inglesa (em %) - 2018 58

SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO 13

2 INTRODUÇÃO 23

2.1 Metodologia 25

2.1.1 Pesquisa bibliográfica 25

2.1.2 Campo 27

2.1.3 Fontes documentais 29

3 ACESSO À UNIVERSIDADE E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL 31

3.1 ACESSO À UNIVERSIDADE 31

3.1.1 Evolução histórica 31

3.1.2 Perspectivas sobre processos seletivos 34

3.1.3 Ações afirmativas e perfil estudantil 35

3.2 PERMANÊNCIA ESTUDANTIL 38

3.2.1 História da assistência estudantil no Brasil 38

3.2.2 Assistência ou permanência estudantil? 42

3.2.3 Eixos PNAES – Atenção à saúde; Apoio pedagógico; Esporte (e lazer) 43

4 CULTURA – DA ABUNDÂNCIA DE CONCEPÇÕES AO DESERTO DE SENTIDO 46

4.1 CULTURA(S) – CONCEITO PLURAL 46

4.2 CAPITAL CULTURAL 56

4.3 ARTE E PSICOLOGIA 61

4.3.1 Experiência estética e estética social 64

5 LEITURAS INTERPRETATIVAS 66

5.1 EDITAIS DE FOMENTO 66

5.2 TRABALHOS PREMIADOS OU REALIZADOS POR MEIO DOS EDITAIS 80

6 SÍNTESES 92

6.1 NOÇÕES DE ARTE/CULTURA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL 92

6.2 CATEGORIAS EMERGENTES - COLETÂNEA “UNIFESP EM CONTOS” 94

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS 96

REFERÊNCIAS 101

ANEXOS 106

ANEXO A - ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS IFES 106

ANEXO B - EDITAIS DE FOMENTO 115

ANEXO C – COLETÂNEA UNIFESP EM CONTOS 159

1 APRESENTAÇÃO

Transformar uma inquietação em problema de pesquisa foi, sem dúvida, o grande desafio deste trabalho. Tal problemática se articulou à dificuldade em manejar a pesquisa de campo e na posterior impossibilidade de manutenção da metodologia escolhida no início. Houve a produção de um hiato entre duas posições: a primeira, desejante de pesquisar o campo da permanência estudantil a partir do objeto escolhido, a saber, o estudante "não esperado" que chega à universidade e sua relação com o fazer artístico-cultural, procurando verificar quais aspectos desta relação estariam ligados à promoção da permanência estudantil. A segunda posição, da ação, do desenrolar efetivo da pesquisa a partir de algumas chaves de leitura.

O hiato referido foi transposto somente mediante dois fatores: o primeiro trata de minha inserção em espaços e discussões que reafirmavam a importância das investigações no campo da permanência estudantil, sobremaneira aquelas realizadas por trabalhadores atuantes junto ao público-alvo das políticas de permanência, como é o meu caso, na atuação na Universidade Federal de São Paulo como psicóloga desde 2013. Além das conversas informais entre colegas parceiros de instituição, um espaço importante que motivou a retomada do trabalho foi o início dos encontros do que posteriormente se tornou o Coletivo Interuniversidades de Atenção Psicossocial e Assistência Estudantil. O grupo formado por trabalhadores de diversas universidades do sudeste do Brasil passou a se reunir virtualmente após o início da Pandemia de COVID-19 e a trazer reiteradamente nas discussões o tema da arte e da cultura e seus atravessamentos na permanência dos estudantes. As falas compartilhadas sobre as ações artístico-culturais insistiam sempre que elas deveriam ser mais frequentes. As(os) colegas as viam como propiciadoras de sentimento de pertencimento, como canais de ligação entre estudantes e entre estes e a universidade, como mobilizadoras de temas próprios das vivências do corpo discente. A cada nova afirmação nesse sentido que ouvia no grupo, aumentava meu desejo de retomar o trabalho e poder contribuir com as discussões nesse coletivo e em outros espaços relacionados à permanência estudantil.

A segunda condição propiciadora da conclusão deste trabalho foi a chegada, após difícil travessia, a uma posição amadurecida no cruzamento dos papeis de psicóloga trabalhadora da assistência estudantil e pesquisadora no campo da Psicologia Social, além dos inúmeros atravessamentos pessoais envolvidos neste trabalho, em especial, minha relação afetiva com os temas arte e cultura. Apesar de não se tratar de uma posição estanque e vazia de conflitos, pois eles continuam presentes, foi possível enxergá-los como mobilizadores e não como impossíveis.

Antes de partir para a apresentação da estrutura do texto que segue, importa localizar o terreno de onde ele nasce. O terreno é formado e, não poderia ser diferente, de minhas experiências pessoais, incluídas aqui as que tive ao longo dos anos de formação pessoal na infância, adolescência e já na vida adulta, exercendo a profissão de psicóloga. Farei este percurso inversamente ao tempo cronológico, iniciando pelos últimos anos.

Posso dizer que "descobri" a Psicologia Social depois que me formei em Psicologia. Ainda que tenha tido contato com o campo através de duas disciplinas na graduação, que recordo ter tido prazer em cursar, na época o conteúdo ficou diluído, minorado, em meio à minha imaturidade e dificuldade de um olhar sistêmico sobre aquilo que estudava. Somente quando já formada e, por razões diversas, passei a trabalhar em instituições públicas, a Psicologia Social passou a ser um referencial teórico importante para mim. Inicialmente dentro de um Centro de Referência Especializado de Assistência Social (CREAS), equipamento público que integra o Sistema Único de Assistência Social (SUAS). Posteriormente em uma universidade federal, em um Núcleo de Apoio ao Estudante.

Ambas as experiências causaram em mim inquietações que foram os principais estímulos que me levaram a buscar pelo ingresso no mestrado. Assuntos que nunca pretendi encerrar por meio deste trabalho, mas certamente lapidar e aprofundar. Estas inquietações têm em comum não um tema, uma população-alvo ou uma política. A convergência se dá por serem questões que relacionam queixas individuais, aquelas que propiciaram o meu encontro como psicóloga com determinados sujeitos em sofrimento, com aquilo que é do campo social.

Nomeio como queixa individual aquilo que é trazido para a escuta do acolhimento psicológico a portas fechadas ou tão somente o que se diz a respeito de si, o que é visto e sentindo como algo próprio a um sujeito. Referente ao nomeado social, elenco três perspectivas distintas por meio das quais sistematizo os fenômenos com os quais tive contato, utilizando um conjunto de experiências próprias, sem recorrer, neste momento da dissertação, a bases teóricas mais precisas.

A primeira trata da precarização, das condições limitantes de (sobre)viver, da desigualdade. A palavra social, quando é parte formativa de termos como assistência social ou programa social, encerra a ideia de suporte que visa remediar e diminuir diferenças quando, pelos mais diversos determinantes histórico-políticos, o contexto de vida e oportunidades de uns é díspare em relação ao de outros. Os programas sociais, nesta lógica, destinam-se a atingir e reduzir os problemas sociais, ou seja, demandas essenciais que carecem de intervenção como alimentação e moradia.

A segunda perspectiva diz sobre a constituição de sujeitos e a relação desse processo com o meio no qual eles se inserem. Independente da abordagem teórico-metodológica de preferência, os aportes que tratam de desenvolvimento humano consideram e utilizam em suas formulações o rico caldo produzido pelos modelos aos quais somos expostos, pelas relações intra e extrafamiliares, pelos estímulos com os quais temos contato desde o nascimento, ou para muitas teorias, mesmo antes do nascimento. Modos de sociabilidade distintos que irão reverberar na formação pessoal de maneiras também distintas.

A terceira chave de compreensão do termo social trata daquilo que é próprio dos grupos. Novamente, qualquer que seja a preferência teórica, há um olhar interessado a respeito dos fenômenos humanos que se desdobram do agrupamento, da reunião de pessoas num mesmo espaço físico ou que, mesmo apartadas fisicamente, partilham de ideias e valores e, assim, possibilitam ser agrupadas. Quando nesta condição, como parte de um conjunto, as partes já não podem ser avaliadas e compreendidas separadamente sem que se corra o risco de produzir análise tendenciosa ao erro. Grupos apresentam características distintas daquelas que tão somente resultam da soma das partes e tais características são ponto de partida para inúmeras análises, como aquelas a respeito do comportamento de massa, dos efeitos de distorção cognitiva no julgamento de situações, das sensações positivas e do potencial terapêutico do partilhar uma dada experiência, são alguns exemplos de campos de pesquisa.

Não foram poucos os momentos que me ative com o pensamento acerca da quase obviedade de se levar em conta o social, nas várias perspectivas, no contato com o sofrimento humano revelado em queixas individuais. Causava-me estranheza discursos que desdenhavam do aporte construído ao longo da história a este respeito. Porém, compreendo hoje que se trata de uma forma de ver a vida, um prisma que impulsiona àquele que assim percebe o mundo a buscar meios inteligíveis para explicá-lo, basear suas reflexões e ações. É aqui que compreendo meu encontro com a Psicologia Social.

A atuação como psicóloga no Núcleo de Apoio ao Estudante na Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) desde 2013 atualizou em mim a posição relacional do binômio psico-social a cada queixa que tive contato. As transformações ocorridas nas universidades públicas no Brasil a partir dos anos de governo Lula (2003-2010), com o aumento de vagas por meio do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)[1] e a instituição de políticas afirmativas no acesso a estas vagas, produziram cenários

[1] Programa instituído por meio do Decreto n° 6.096 de 24 de abril de 2007 com o objetivo de proporcionar às instituições de ensino superior condições de expandir o acesso e garantir a permanência de estudantes. Para tal, as instituições de ensino superior tiveram que aderir ao programa e passaram a receber investimentos para

para os quais era difícil cerrar os olhos, como, por exemplo, os atravessamentos sociais que vinham explícitos ou implícitos na apresentação e no discurso de cada nova(o) estudante que nos procurava no Núcleo. Situações que dificultavam, em muito, a continuidade dos estudos e que tinham maior vinculação com classe, raça, gênero, sexualidade, história escolar e de vida das(os) estudantes e demais membros da comunidade acadêmica, como docentes e funcionárias(os), e menor vinculação com o psicodiagnóstico patológico e individualizado que muitas vezes já nos era apresentado no primeiro contato. Frases como "eu acho que eu devo ter um distúrbio, um problema de memória...não consigo lembrar do que estudo" ou "tenho déficit de atenção, não consigo prestar atenção nas aulas" sempre foram muito corriqueiras nos acolhimentos iniciais. Muito menos frequente nos primeiros acolhimentos era a ideia de que aquele sofrimento aparentemente particular se enredava e engendrava numa complexa teia onde se apresentavam todos os elementos que compunham a comunidade acadêmica, e esta por sua vez, numa composição localizada social e historicamente.

O social aparecia, portanto, por meio das três perspectivas citadas. A primeira, que trata das desigualdades e da vida precarizada, quando chegavam até nós, no Núcleo de Apoio, estudantes que muitas vezes não tinham condições básicas de moradia, alimentação, transporte, e que estavam às voltas tentando compreender as causas de uma aparente "desatenção" com os conteúdos acadêmicos. A segunda, observada nos cruzamentos entre a multiplicidade de modos de vida e compreensão de mundo entre membros da comunidade acadêmica vindos de contextos de formação muito distintos uns dos outros. Os encontros reverberavam muitas vezes em choque e conflito por um lado, ou deslumbramento e idealização por outro, ambos com impactos importantes na permanência estudantil. A categoria social aparecia ainda por meio da terceira perspectiva, que diz respeito aos grupos. Uma situação característica eram os efeitos e desdobramentos da participação de algum estudante que acompanhávamos quando este passava a participar de alguma entidade estudantil, grupo de pesquisa, atividade de discussão coletiva. Percebíamos nos relatos um grande potencial emergente do encontro de grupos, dos projetos e ações que coletivizavam tanto as dificuldades como as estratégias de enfrentamento aos percalços.

Um tipo de estratégia e de ação no coletivo estudantil em específico chamava-me a atenção, tratava-se daquelas relacionadas às ações artístico-culturais. Observava com

---

contratações de docentes e servidores administrativos, para recuperação e construção de instalações físicas e para aquisição de equipamentos. O REUNI teve como metas globais a elevação das taxas de conclusão de curso e o aumento da relação aluno/professor. Para isso, teve como diretrizes a redução da evasão, a ocupação das vagas ociosas e o aumento do número de vagas ofertadas, em especial no noturno.

curiosidade a atratividade de tais atividades para alguns estudantes enquanto, para outros, parecia não ter grande apelo. Diversas vezes ouvi sobre os desdobramentos desse envolvimento no âmbito da permanência estudantil, falas que se repetiam, discursos proferidos por múltiplos atores da comunidade acadêmica a respeito das ações artístico-culturais, em especial, os discursos que as elegiam como via privilegiada para promover a permanência. Em muitos momentos esse discurso foi, inclusive, reproduzido por mim. Algo familiar estava presente nestas falas e este ponto oportuniza que retrocedamos para momentos anteriores da minha história.

Por uma questão cultural familiar e religiosa, minha infância e adolescência foram marcadas pela música. Difícil dizer onde começa ou termina a influência das duas instituições, família e igreja, na promoção deste vínculo especial com a música. Meus pais, ambos criados dentro de uma denominação protestante, a Igreja Metodista, em alguma medida desenvolveram suas aptidões musicais por meio e a fim da participação nessa comunidade. Isto é bastante comum dentro das igrejas evangélicas: a centralidade da música nesse ambiente propicia, entre outras coisas, maior facilidade para aprender a tocar um instrumento e assim, a possibilidade de participação ativa nas celebrações religiosas. Minhas irmãs mais velhas e eu também crescemos dentro desta denominação e fomos incentivadas a estudar música desde a infância por meio do instrumento que minha mãe também aprendera, o piano. Contudo, além da evidente ligação com a possibilidade de contribuir na comunidade religiosa por esta via, havia uma clara expectativa de que nos beneficiássemos pessoalmente através da vivência do tocar, cantar, conhecer e apreciar todos os elementos que compõem a música. Estes benefícios eram elencados por meus pais frequente e sutilmente por meio do incentivo à prática, do presentear com instrumentos musicais, por propiciar uma atmosfera de celebração à música que ultrapassa os limites familiares e atinge a rede de relações na qual nos inseríamos. Havia um discurso acerca dos benefícios de estar vinculada(o) a um fazer artístico, uma certeza de que a experiência com a música traria bons frutos, no presente e no futuro.

Compreendo este discurso através de duas lentes. A primeira trata da experiência pessoal que podemos projetar em terceiros, ou seja, se algo funciona para mim e me faz bem é verdade que poderá também lhe ser positivo. A segunda diz respeito ao lugar que o envolvimento com a música e as artes em geral ocupa no senso comum, sendo frequentemente ligado à sensação de bem-estar, não raro sendo chamado de terapia. São ainda aspectos aludidos ao envolvimento com o fazer artístico os ganhos no desenvolvimento cognitivo, na sociabilidade, na autoestima, entre outros benefícios. Desse modo a experiência pessoal

positiva passa a ser, portanto, sustentada discursivamente através do lugar que o fazer artístico ocupa no imaginário social e justifica os incentivos para a dedicação à prática.

O meu aprendizado musical aconteceu no ambiente familiar e através de um curso técnico em piano erudito nas dependências de um conservatório. Importante dizer que era uma escola particular, o que impacta diretamente no público que ali circulava, em sua maioria pessoas de classe média-alta. E enfatizo ainda que o curso de piano erudito, e não popular, também é um elemento importante nesta história. Havia assim um contexto específico onde se dava o meu desenvolvimento artístico, mas, apesar dele, eu tinha a impressão de que quando faziam referência ao meu envolvimento com a música, as pessoas externas a este universo tendiam a deixar este contexto de fora. O destaque era dado ao dom, à facilidade para compreensão ou execução musical, o conhecimento sobre a história da música ocidental, mas nunca ao acesso a este curso, a este espaço de educação formal no qual pude desenvolver diversas habilidades ou mesmo o acesso facilitado a instrumentos musicais que tive ao longo da vida. Anos mais tarde, ao conhecer a teoria sistematizada por Pierre Bourdieu, pude ressignificar este descompasso por meio dos conceitos de capital cultural e *habitus*[2].

Após o início da relação com a música erudita pelo fazer, conhecer e apreciar, ao longo dos anos que seguiram a afinidade foi se expandido para outros estilos e linguagens artísticas. Não só a música nos mais variados estilos, mas o teatro, o cinema, as artes plásticas, todo este universo passou a preencher a minha vida pessoal. Minhas condições de trabalho, tempo e moradia, bem como o olhar treinado para encontrar ofertas de atividades artística-culturais permitiram que muitos cursos, exposições, shows e exibições fizessem parte do meu cotidiano.

Quando inicio o trabalho na universidade em 2013 passo a conhecer a legislação que norteia o trabalho da Assistência Estudantil no ensino superior. Entre diversas leis e documentos, o grande referencial para as gestões e trabalhadores deste campo é o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)[3]. O Programa, instituído por meio de decreto, elenca dez eixos de atuação com fim a ampliação das condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal, quais sejam: I - moradia estudantil; II - alimentação; III - transporte; IV - atenção à saúde; V - inclusão digital; VI - cultura; VII - esporte; VIII - creche;

---

[2] Ambos os conceitos são utilizados ao longo da obra do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1930 – 2002). Seu livro escrito em parceria com Jean-Claude Passeron, "*Les Héritiers: les étudiants et la culture*" (1964), segundo Valle (2014) em "Os herdeiros: uma das principais "teses" da sociologia francesa da educação", contém a gênese das categorias de análise "capital" e "*habitus*" além de outros termos como "campo", "distinção", "violência simbólica" que irão ser objeto de estudo e alvo de reformulações nas obras subsequentes de Bourdieu.

[3] O PNAES foi instituído por meio do Decreto Presidencial nº 7.234, de 19 de julho de 2010 e tem como objetivo viabilizar a igualdade de oportunidades entre todos os estudantes e contribuir para a melhoria do desempenho acadêmico, a partir de medidas que buscam combater situações de repetência e evasão.

IX - apoio pedagógico; e X - acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

Portanto, o principal instrumento legal do campo da Assistência Estudantil elege a cultura como um dos eixos de atuação a fim de promover a permanência estudantil. Contudo, o decreto não detalha, contextualiza ou descreve de que forma é esperado que este eixo seja trabalhado pelas instituições. Há, na realidade, grandes interrogações e discussões nas universidades, a partir de embasamentos teórico-metodológicos distintos acerca de alguns dos eixos do PNAES, como os eixos atenção à saúde ou apoio pedagógico, por exemplo. Já as discussões a respeito do eixo cultura não acontecem com tanta frequência. A impressão é de que não há o que se discutir sobre o assunto. É algo dado como certo, ponto pacífico. Mas, para mim, algumas questões começaram a surgir: estaria esse eixo fazendo referência às ações culturais que têm o público estudantil como público-alvo? Esta interpretação parecia remeter à ideia de lazer ou entretenimento e com isso esvaziar os múltiplos sentidos que a palavra cultura carrega. Porém, esta noção parecia ser reforçada por comentários que não poucas vezes ouvi, como: "é bom ter uma apresentação de música nos intervalos das aulas, distrai a cabeça!".

Mesmo sem compreender a leitura que a instituição onde atuava fazia sobre o eixo em questão, iniciei minha aproximação com campo da cultura. Ao final de 2014 o Ministério da Educação (MEC) e o Ministério da Cultura (MINC), na época existente, lançam o edital Mais Cultura nas Universidades[4]. O edital foi fruto de um programa interministerial que tinha como finalidade "desenvolver e fortalecer a formação de cidadãos no campo da arte e da cultura no Brasil, nas suas dimensões simbólica, cidadã e econômica" (BRASIL, 2014). Naquele momento, o governo federal tomava uma ação estratégica de fortalecimento da cultura e o fazia por meio de uma ampla rede de Instituições Federais de Ensino Superior (IFES) espalhadas pelo Brasil, aproveitando assim a infraestrutura e os recursos humanos das instituições para este fim.

A partir deste edital teve início um diálogo entre o *campus* no qual eu atuava e uma Organização Social de Cultura da cidade, com vistas a pensar um projeto que promovesse atividades culturais no espaço da universidade. Apesar de não ter sido por meio do edital do MEC e MINC, o projeto aconteceu mediante apoio financeiro do parque tecnológico onde está localizado o *campus*. Durante o projeto e mesmo após seu encerramento passei então a

[4] O Edital nº 30, de 7 de outubro de 2014 "Mais Cultura nas Universidades" foi precedido pela portaria Interministerial MinC/MEC nº 18, de 18 de dezembro de 2013 que instituiu o Programa Mais Cultura nas Universidades e o Fórum Nacional de Formação e Inovação em Arte e Cultura.

contribuir na elaboração e execução de ações culturais naquela comunidade, mantendo concomitantemente a atenção ao conjunto de práticas às quais me dedicava, como os acolhimentos psicológicos.

Especialmente pelo fato de que minha participação no projeto não estava vinculada ao que é esperado do trabalho de psicólogas(os) na assistência estudantil, a todo momento eu buscava fazer pontes entre as duas esferas e procurava dar transparência das razões para minha dedicação. Percebo hoje que, muito além de justificar o tempo e a energia que eu aplicava em trabalhos desta natureza, a insistência em validar as atividades se dava por dois motivos. Primeiro, que nessa elaboração eu procurava dar forma ao que eu compreendia daquele eixo que tanto me instigava. Junto a isso, o discurso familiar sobre os benefícios do envolvimento com as artes reverberava e fazia coro em mim. Enquanto psicóloga, trabalhadora vinculada à saúde mental, intuía que a promoção de atividades artístico-culturais poderia ser benéfica para o corpo estudantil. Esta inclinação era baseada muito mais na minha experiência pessoal, pelo apreço e prazer que sentia quando no contato com a música e outras artes e menos calcada em uma base teórico-metodológica específica.

Movida por esta experiência, nos meses que se seguiram me dediquei ao tema da Gestão Cultural em uma pós-graduação *lato sensu*. Este curso me deu ferramentas para melhor planejar e executar projetos culturais, contudo, os múltiplos questionamentos permaneciam e eu passei a me questionar de forma mais crítica, tratando de dar mais atenção às sutilezas no processo de escolha dos projetos com os quais me envolvia. A cada oportunidade de projeto que surgia, questionava se minha escolha pela participação era feita apenas por uma afinidade pessoal com a linguagem artística, a estética proposta ou se havia outras razões, estas sim com maior vinculação à comunidade acadêmica, ao corpo discente. Uma vez que minha participação em projetos culturais acontecia através da lente daquilo que me era familiar e minha ligação com as artes passava pelo filtro do erudito, do ensino formal da música, não estaria assim contribuindo para manter e reproduzir o *status quo* da ordem social vigente na universidade? Ou seja, a valorização do que traz a marca da distinção? E para além do plano pessoal, como estavam se dando essas relações nas instâncias gestoras de arte e cultura nas universidades, no escopo da permanência estudantil? Qual seria o entendimento e a prática no âmbito da arte e cultura das pessoas que estavam a frente deste trabalho na instituição?

Dois momentos foram muito marcantes para mim, ambos relacionados à música erudita: um concerto de canções e árias de ópera promovido na ocasião da recepção de novos estudantes e um segundo concerto de quarteto de cordas. Apesar de não ter sido uma iniciativa pessoal, tive participação na promoção dos dois eventos e após encerrarem permaneci com uma

sensação ambígua. Por um lado, um desconforto. Sentia que havia participado de algo completamente deslocado do contexto. De outro, percebia que a música experienciada em conjunto havia transformado o ambiente em que estávamos, suscitando novos diálogos, emoções. Outros muitos projetos com linguagens diversas aconteceram com o passar dos anos e essa duplicidade esteve presente novamente.

Quando da escrita do projeto para ingresso no mestrado ao final de 2017 delineei algumas dessas inquietações como questões de pesquisa. Por várias delas partirem da esfera pessoal e, por consequência, serem de difícil tradução, procurei me afastar deste núcleo pessoalizado e buscar um percurso de pesquisa que não me convocasse ou expusesse muito, ainda que somente ao final do mestrado tenha me dado conta disto. Foi neste intuito que parti para buscar na experiência dos estudantes os sentidos percebidos por eles do fazer artístico-cultural e suas relações com a permanência na universidade.

A proposta inicial era realizar a investigação por meio da pesquisa fenomenológica buscando por meio de entrevistas e observação a descrição de experiências de estudantes não esperados na universidade, os não "herdeiros", nas palavras de Bourdieu e Passeron (1964). Teriam lugar privilegiado as experiências estéticas ligadas ao fazer artístico desses estudantes. Imaginei assim que seria possível "passar a palavra" a eles e as questões que me atravessavam ficariam invisibilizadas. Contudo, enquanto pesquisadora, deparei-me com o campo que não me permitiu me encobrir. Nas entrevistas preliminares com estudantes escolhidos havia um engessamento de minha parte, ao mesmo tempo que ficou perceptível uma tentativa de eliminar as diferenças entre mim e eles, diferenças que existem para além do meu querer, que compõem e ao mesmo tempo refletem as hierarquias próprias da nossa sociedade brasileira na intersecção entre raça, classe e gênero.

Durante a apresentação à banca de qualificação, por meio da sensibilidade e rigor dos professores presentes, minha tentativa de passar despercebida, de ser uma pesquisadora neutra foi evidenciada pela dificuldade em traduzir minhas inquietações. Como me disse o Prof. Wilson Mesquita de Almeida da Universidade Federal do ABC (UFABC) ao comentar um conjunto de interrogações que eu apresentava no material elaborado até aquele momento, eu "tinha boas questões de pesquisa, mas o 'problema de pesquisa', o 'demônio que está te pondo em causa', o que você está querendo saber efetivamente" não aparecia.

Após um longo processo de maturação por meio de novas leituras, diálogos e busca de meios para concretizar o projeto, mesmo que modificado, aos poucos foi possível encontrar um caminho. O processo foi ainda entrecortado por situações que impactaram nas condições emocionais e objetivas necessárias ao seu desenvolvimento: um período de adoecimento

pessoal seguido pela pandemia de COVID -19 e toda a sua triste e complexa teia de atravessamentos sociais e políticos, o deslocamento e mudança familiar para outro país, uma gestação e posterior puerpério.

Uma vez que os encontros com estudantes-artistas passaram a não ser mais uma opção possível, houve a escolha por outras formas de investigação. Além do trabalho teórico por meio da revisão de literatura, foram privilegiados editais de fomento à arte e cultura, dentro do escopo da permanência estudantil, que propiciassem verificar os sentidos impressos para o eixo "cultura" por parte da instituição proponente. O segundo grupo de investigação vem das próprias realizações artísticas frutos dos editais, feitas por estudantes.

Compõem a dissertação seis capítulos, além deste inicial contendo a Apresentação. O capítulo de Introdução, em seguida, justifica a empreitada da pesquisa e trata de seus percursos metodológicos.

O capítulo três, por meio de revisão de literatura, discorre sobre o primeiro polo da díade de interesse, a permanência estudantil no ensino superior federal brasileiro. Para tal, foi necessário inicialmente explanar sobre o acesso à universidade, seu transcorrer histórico e os perfis de estudantes para os quais são voltadas as ações de permanência, tendo aqui o pano de fundo das desigualdades sociais.

O capítulo quatro, da mesma forma que o anterior, utiliza de revisão da literatura para conceituar "cultura". O conceito de "capital cultural" que combina noções sobre desigualdades, cultura escolar, perfis esperados e não esperados no ensino superior também é trabalhado. Em seguida são trazidas perspectivas do campo da psicologia social da arte e as noções de experiencia estética e estética social.

O quinto e o sexto capítulos contêm resultados e discussão do trabalho realizado com fontes documentais. São apresentados os resultados das leituras interpretativas de documentos selecionados e em seguida as sínteses desses materiais, por meio de exercício de hermenêutica e eleição de categorias. O sétimo capítulo encerra com as considerações finais.

2 INTRODUÇÃO

As universidades públicas têm ocupado posição privilegiada no debate público nos últimos anos no Brasil. As justificativas para esta presença são numerosas, cito aqui algumas destas.

Referente aos investimentos e orçamento da verba pública destinada às instituições de ensino superior, posições antagônicas podem ser observadas entre os que se posicionam favoráveis ou contrários ao protagonismo do Estado no seu financiamento. Estão presentes as avaliações sobre a produção de conhecimento realizada no seio da universidade pública, tida como mais ou menos aderente às necessidades da comunidade, ou mesmo o perfil que compõem o corpo discente, residindo também aí justificativas para defesa ou oposição a se ter o Estado como principal financiador. Além disso, o ensino superior se relaciona com o desenvolvimento do país e, em alguma medida, o acesso a este patamar do ensino está ligado a melhores condições de empregabilidade e, consequentemente, de mobilidade e justiça social. Aqueles que o acessam e passam a compor a categoria de estudantes universitários são, portanto, alvo de expectativas e olhares atentos, tanto por parte de sua comunidade próxima, como família e amigos, como também da ampla sociedade. Partindo do movimento social e informal de atenção aos estudantes universitários, chegamos à categoria nomeada de permanência estudantil, que neste primeiro momento, será situada de forma simplificada, como categoria emergente do período compreendido entre a entrada de estudantes em um curso superior até sua integralização.

Nesta perspectiva, as decisões que levaram à expansão do ensino superior e à maior diversidade de perfis dentro das instituições foram multiplicadas consideravelmente a partir de políticas implementadas nas duas últimas décadas. O acesso ampliado e a instituição de políticas de permanência estudantil de grandes proporções são recentes e ainda em desenvolvimento, mas, ao mesmo tempo, já vêm sofrendo diminuições de investimento consideráveis. Para as universidades federais, as políticas de permanência são efetivadas por meio de orçamento específico destinado ao PNAES. Entre os anos de 2008 e 2016 o repasse para as universidades na rubrica do PNAES passou de 125 milhões para pouco mais de 1 bilhão a serem destinados para este fim, porém, desde 2017 os valores vêm sendo diminuídos apesar da demanda crescente (FONAPRACE; ANDIFES, 2019).

O PNAES detalha a forma que as universidades deveriam se articular para possibilitar condições mais equânimes para os diferentes perfis que compõem o corpo discente, focalizando especialmente “estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar

per capita de até um salário mínimo e meio", por meio de ações em dez eixos, quais sejam: I – moradia estudantil; II – alimentação; III – transporte; IV – atenção à saúde; V – inclusão digital; VI – cultura; VII – esporte; VIII – creche; IX – apoio pedagógico; e X – acesso, participação e aprendizagem de estudantes com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades e superdotação (BRASIL, 2010).

O atendimento das necessidades estudantis, representadas pelos eixos do PNAES, certamente não é trivial e facilmente suprível. Algumas linhas de ação são de caráter mais concreto, podendo ser executadas e avaliadas a partir de medidas financeiras e quantitativas, como é o caso dos eixos moradia, alimentação e transporte. O aumento no número de residências estudantis dentro ou próximas às IFES, por exemplo, a criação ou ampliação de restaurantes universitários (RU), ou mesmo a disponibilização de auxílio financeiro para custear o transporte até a universidade apresentam-se como soluções facilmente compreendidas e seguramente com alto impacto na permanência. Tais necessidades podem ser atendidas com maior ou menor qualidade e abrangência, é verdade, variações intimamente ligadas aos recursos orçamentários disponibilizados pelo governo federal aliado às decisões das próprias gestões universitárias. Ainda assim, podemos considerar que há uma compreensão mais estabelecida sobre a necessária atuação institucional nestes âmbitos e, mais importante, qual a direção desta atuação.

A permanência estudantil no ensino superior, em especial nas universidades públicas, enquanto campo de prática e pesquisa, é terreno fértil de onde diversas investigações têm surgido. É possível encontrar trabalhos de variados formatos e diferentes níveis de complexidade, tais como livros, artigos publicados em revistas ou apresentados em congressos, artigos frutos de pesquisas de pós-doutorado, teses de doutorado e dissertações de mestrado. As discussões também partem de campos do saber distintos como Sociologia, Serviço Social, Educação, Psicologia. A respeito dos temas abordados e dos achados, as(os) pesquisadores têm reiteradamente ressaltado a importância das políticas que instituem o repasse de verba em formato de auxílio financeiros aos estudantes e na viabilização de moradia, transporte e alimentação. Por outro lado, apontam também para a necessidade de conhecimento e aprofundamento das demais estratégias de promoção da permanência (ALMEIDA, 2009; COSTA, 2010; DA SILVEIRA, 2012; KOWALSKI, 2012; ARAÚJO, 2013; SANCHES, 2013; NOGUEIRA; SILVA, 2016; IMPERATORI, 2017; MOTA, 2019; POZOBON; LUNARDI, 2019; CHOHFI, 2021). A defesa pela continuidade e fortalecimento, tanto das universidades públicas, quanto das políticas de acesso e permanência demanda o aprofundamento de

problemáticas já identificadas, mas passa também por explorar os “pontos cegos” presentes nas discussões.

Este trabalho se insere neste âmbito ao colocar como central as indagações a respeito das ações voltadas à permanência estudantil que partem do campo artístico-cultural e problematizar o eixo “cultura” presente no PNAES. Pelo fato dos temas “arte/cultura” e “permanência estudantil” não terem sido articulados e pesquisados de forma conjunta em nenhum dos trabalhos encontrados nas buscas por referencial bibliográfico para esta dissertação, entendo que esta é uma pesquisa que inaugura um novo caminho de investigação por meio da questão: Como a política de assistência estudantil é executada em seu eixo denominado “cultura” e quais os sentidos de arte e cultura permeiam as ações desta natureza nas IFES?

Devido ao seu caráter inaugural houve entendimento que parte dos esforços deveriam ser concentrados em fundamentar ambos os temas de forma ampliada. Com isso, além de efetivar a correlação que gostaria, proporcionaria também uma base comum aos leitores que estão mais próximos de uma temática e distantes da outra. A proposta do trabalho objetiva estabelecer esta relação de forma preliminar, iniciar um mapeamento teórico, sem a pretensão de acessar todas as camadas que envolvem as duas temáticas centrais ou esgotar a discussão através de um achado circunscrito.

2.1 METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo e sua metodologia, estando intimamente ligados à pergunta de pesquisa a qual impôs um desafio de partida e ao longo de todo o trabalho, foram também fonte de muitos questionamentos e angústias, mas de muito aprendizado.

Serão apresentados a seguir os procedimentos adotados na busca por viabilizar uma compreensão preliminar sobre a relação entre arte/cultura e permanência estudantil bem como as indicações sobre fontes teóricas que inspiraram cada uma das etapas. A descrição do método foi esquematicamente separada em três momentos distintos.

2.1.1 Pesquisa bibliográfica

Inicialmente parti para a busca de trabalhos anteriores que versassem sobre o assunto. Através da biblioteca virtual *Scientific Electronic Library Online (*SciELO) foi realizada busca utilizando os descritores "permanência estudantil", "arte" e "cultura" e não foi encontrado nenhum trabalho que tivesse "permanência estudantil" de forma combinada com ao menos um dos outros dois descritores.

Imaginando que na língua inglesa pudesse encontrar trabalhos internacionais e utilizá-los como ponto de partida, procurei termos que, mesmo não sendo traduções literais, tivessem sentidos semelhantes aos que procurava. Para isto, realizei uma busca em alguns resumos em inglês de trabalhos relacionados à permanência estudantil e encontrei os seguintes termos: *student retention; student permanence; policies of permanence; dropout decision; permanence in university*; e *permanence in higher education*. Estes foram relacionados aos outros dois termos de interesse, traduzidos de forma direta: "*art*" e "*culture*". À mesma maneira da busca anterior, esta tentativa mais ampliada também não resultou em apontar trabalhos que versassem sobre os temas de forma combinada. Mesmo sem referências prévias intimamente ligadas ao projeto proposto, mantive a aposta inicial no trabalho na perspectiva de contribuir na gênese desta discussão.

Após a qualificação da dissertação e transcorrida parte da pesquisa, realizei nova busca bibliográfica, dessa vez ampliando para além de "permanência estudantil", através dos descritores: "PNAES"; "estudante universitário"; "universidade", todos eles, um a um, relacionados a arte/cultura. Neste momento as buscas foram realizadas no Banco de Teses e Dissertações da USP[5] e Portal Periódicos da CAPES[6]. O intuito foi de verificar a existência de possíveis novos trabalhos realizados neste período. Novamente não encontrei trabalhos com a característica almejada, porém esta etapa e os trabalhos encontrados possibilitaram o refinamento do olhar e que eu melhor situasse este estudo em meio aos lugares que arte e cultura ocupam na universidade de maneira mais ampla.

Finalizando a descrição da etapa da pesquisa bibliográfica é importante dizer que as referências utilizadas ao longo do trabalho não vieram das buscas descritas acima, justamente em consequência do já exposto, a respeito da ausência de trabalhos na interface entre permanência estudantil e arte/cultura. Os trabalhos lidos e referenciados foram selecionados a partir de outras referências, em um movimento fluido e orientado pelos temas centrais[7], sendo

---

[5] https://www.teses.usp.br

[6] https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br

[7] A revisão de literatura pode ser enquadrada dentro do modelo "revisão narrativa", conforme consta na página de orientação da biblioteca do Instituto de Psicologia – IP USP https://www.ip.usp.br/site/biblioteca/revisao-de-literatura/

que nesta "árvore genealógica" de referências, o tronco nasce de dois trabalhos-raízes, com os quais tive contato no início desta jornada: Os livros "USP para todos?: estudantes com desvantagens socioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública" (ALMEIDA, 2009) e "Observatório da vida estudantil: avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo?" (SANTOS, SAMPAIO; CARVALHO, 2015).

2.1.2 Campo

Conforme já pontuado na apresentação, parti de um primeiro desenho metodológico que por meio de entrevistas e observação, se utilizaria da Fenomenologia para buscar junto a estudantes universitários envolvidos com o fazer artístico-cultural, aos quais também nomeio de estudantes-artistas, a descrição e os sentidos de suas experiências, com a proposta de transitarmos juntos pelas obras por eles realizadas e relacioná-las à permanência na universidade. Este procedimento alinha-se ao de outros projetos no âmbito do Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte, que perfizeram este percurso para investigações em diferentes temas[8] e com perfis distintos de participantes: dançarinas profissionais, entusiastas da literatura, cantores amadores, entre outros.

As(os) estudantes seriam selecionadas(os) por meio de meu conhecimento prévio a respeito de seu envolvimento com arte e cultura e a facilidade de acessá-las(os). Neste intuito realizei dois encontros com um ex-estudante recém-formado, Fabio Santos, egresso da UNIFESP *campus* Guarulhos e um encontro com um estudante da UNIFESP *campus* São José dos Campos, Rodrigo Lira. Ambos haviam desenvolvido diversos projetos dentro da universidade, alguns deles por meio de editais de fomento e/ou em atividades institucionais.

Fábio contava com participação em projetos de fotografia e vídeo, por meio do Grupo de Pesquisas Visuais e Urbanas -Visurb, além de canto coletivo durante a graduação. Através do grafite também havia deixado sua marca pessoal em duas paredes internas e parte do muro externo do *campus*. Rodrigo tinha uma trajetória de envolvimento com audiovisual/cinema, havia participado como bolsista em atividades de arte/cultura no Núcleo de Apoio ao Estudante (NAE) e no projeto de extensão "Cinematographo" e tivera até aquele momento dois de seus curtas relacionados com a universidade. Um deles, "A maleta", de 2015, fora premiado no

[8] Refiro-me aos trabalhos intitulados: "Bailarinas orientais e dançarinas do ventre: um *mejance* de atuações na cidade de São Paulo" (SEIRIO, 2021); "Do igual, o igual, conversas desarmadas: um estudo sobre a experiência estética da leitura dialógica em clubes de leitura" (SANTOS, 2019); "A experiência estética tecida pelo canto no processo social: Sensibilidade, Tempo e Pertencimento" (COELHO, 2017)

festival “Unifesp mostra sua Arte”, promovido pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura e o outro, “Recesso”, de 2017 havia sido totalmente ambientado no *campus*.

O primeiro encontro com Fabio, após o convite para participação na pesquisa ter sido realizado anteriormente por telefone, aconteceu no dia 01/07/2019 no local de sua residência à época, em Cotia/SP. Este encontro foi dedicado a uma entrevista que de início recolheu os dados básicos e posteriormente passou para o relato biográfico de Fábio, desde sua infância até o momento de ingresso na Universidade. Durante o relato foram privilegiados os aspectos ligados ao envolvimento artístico-cultural anterior ao ensino superior e àquilo que o ligava ao tema da permanência estudantil, em especial situações de vulnerabilidades e negação de direitos.

O segundo encontro aconteceu no dia 09/09/2019 no *campus* da UNIFESP em Guarulhos, com passagem pelo Cursinho Comunitário Pimentas, onde ele havia estudado antes de ingressar na universidade. Neste dia estive com Fábio durante algumas horas: percorremos o prédio, encontramos alguns de seus colegas e ex-professores, participamos de um encontro de canto coletivo promovido pelo projeto “Pimentas em Cantadas”[9], fomos aos locais grafitados por ele e conversamos sobre experiências de sua época de estudante que dialogavam com o nosso tema, arte/cultura e permanência estudantil.

O estudante Rodrigo foi convidado a participar da pesquisa em um dos momentos que nos encontramos na Universidade. Marcamos o primeiro encontro para o último dia letivo de 2019, quando ele tivesse encerrado as atividades do semestre. O encontro aconteceu no *campus* da UNIFESP localizado em São José dos Campos, meu local de trabalho e onde ele estudava. O foco desta entrevista preliminar foi fazer o registro dos trabalhos artísticos realizados por Rodrigo, para que posteriormente pudéssemos retomá-los. A ideia era que compartilhássemos a experiência de assistir aos filmes e partíssemos daí para os diálogos.

Apesar de não ter havido seguimento das entrevistas e encontros com esses estudantes e os demais que pretendíamos inicialmente, os realizados foram importantes como aproximações com o campo de pesquisa, em especial os encontros ocorridos nas dependências do *campus* de origem de cada um.

A reflexão que inicialmente nos levou a escolher, como participantes da pesquisa, estudantes envolvidos com o fazer artístico-cultural dentro da universidade partiu de duas razões. Por meio desta escolha buscávamos ter acesso a projetos desenvolvidos com o suporte

---

[9] O projeto é coordenado pela docente Marta Denise da Rosa Jardim do *campus* da Unifesp em Guarulhos. Teve seu início inspirado no Sound Resource – um programa governamental britânico que tem o objetivo de reforçar políticas de fomento ao bem-estar mediante práticas musicais, visando ao combate do recolhimento, reclusão e isolamento. https://www.unifesp.br/reitoria/dci/publicacoes/entreteses/item/4255-musica-em-beneficio-da-vida

institucional, seja por meio de editais de fomento ou projetos de caráter permanente. Tínhamos a expectativa de que estas experiências pudessem ser a "porta de entrada" para iniciar a articulação das duas temáticas, "arte/cultura" e "permanência estudantil" ao conhecer de que forma se efetivava, em uma universidade, o eixo de atuação "cultura" previsto no PNAES.

A segunda razão para a escolha do perfil de participantes deveu-se à filiação ao aporte teórico a partir do qual compreendemos a arte e o fazer artístico-cultural como meios privilegiados para a investigação de temas de interesse da Psicologia Social, como vida social e alteridade, dentro do campo da Estética Social. Este campo, com raízes na estética fenomenológica, trabalha com a dimensão sensível da vida cotidiana compartilhada entre pessoas em grupos e comunidades[10] (ANDRIOLO, 2021). Assim, por meio do envolvimento artístico-cultural de estudantes e de suas obras, seria possível buscar os conceitos e categorias dali emergentes e relacioná-los com a permanência estudantil.

Após a inviabilização da continuidade dos encontros presenciais com os estudantes abordados em virtude das dificuldades encontradas na condução das entrevistas, do tempo diminuto para o encerramento do mestrado e posteriormente pela pandemia de COVID-19, conduzimos a pesquisa para um segundo desenho metodológico. Buscamos um formato que se aproximasse do percurso inicial, não na sua execução, mas nas possibilidades de apreensão de intersecções possíveis da relação entre "arte/cultura" e "permanência estudantil".

2.1.3 Fontes documentais

Desde o início da pesquisa intuía que os editais de fomento a arte e cultura eram uma possibilidade de via para aproximação com os temas de interesse. Assim, na passagem de um formato metodológico para o outro, realizei o exercício de verificação em um pequeno grupo de IFES, dentro do universo das IFES brasileiras, se a suposição se confirmava. O exercício não pretendeu delimitar uma amostra representativa das universidades ou estabelecer os dados com os quais o projeto se desenvolveria e daí partir para conclusões para as questões de pesquisa, mas sim verificar se a escolha metodológica estava adequada aos objetivos.

O exercício constituiu em buscas nas páginas institucionais das estruturas organizacionais relacionadas à permanência estudantil de oito das sessenta e oito IFES espalhadas pelo território nacional. As universidades acessadas bem como os registros das apreensões das páginas institucionais e editais encontrados podem ser vistos no ANEXO A.

[10] Estes temas são apresentados no item 4.3 Arte e psicologia.

Após a realização do exercício mantive a escolha por privilegiar os editais e compreendi que, além deles, havia também um segundo tipo de documento válido para compor a investigação. O segundo tipo de documento, fruto dos editais, são as produções artístico-culturais de estudantes. Mantive também a investigação no âmbito da UNIFESP, por ser a instituição na qual desenvolvo atividade profissional, mas não somente. Através do exercício realizado, notei que nesta universidade havia um conjunto de situações cruciais para o desenvolvimento do trabalho: 1) Estrutura organizacional voltada à arte e cultura na permanência estudantil; 2) Existência e possibilidade de acesso a editais de fomento; 3) Existência e possibilidade de acesso a frutos de editais de fomento, as realizações artístico-culturais de estudantes.

Assim, recolhi um conjunto de editais de fomento e uma coletânea de contos escritos por estudantes, materiais que constam na íntegra nos anexos ao final da dissertação. Sobre os materiais selecionados, foi realizado um exercício de leitura interpretativa, compreendendo que "um documento é sempre portador de um discurso que, assim considerado, não pode ser visto como algo transparente" (CARDOSO; VAINFAS[11], 1997, p. 377 *apud* RUCKSTADER; RUCKSTADER, 2011, p 101).

[11] CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **História e análise de textos**. Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, p. 375-399, 1997.

3 ACESSO À UNIVERSIDADE E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

Os meios de acesso ao ensino superior público no Brasil e a caracterização dos grupos que chegam a este nível educacional apresentam uma evolução histórica importante a ser considerada. Há uma certa tendência em visualizarmos o tema do acesso à universidade com maior expressão de interesse somente a partir do início das ações afirmativas instituídas pela Lei de Cotas, no âmbito federal, e suas correlatas estaduais, recentíssimas na história do país. Contudo, é justamente pelos anos que as antecederam que fazem das ações afirmativas objeto de atenção, pois sua posição na história marca a tomada de direção oposta ao curso natural característico das instituições públicas de ensino superior brasileiras até então.

Nesta seção trarei dados de trabalhos que procuraram contar esta história, bem como aqueles que caracterizaram a população inserida no ensino superior público no seu decorrer. Veremos também como tem sido compreendida a permanência, a assistência estudantil e a atuação das universidades neste campo.

3.1 ACESSO À UNIVERSIDADE

3.1.1 Evolução histórica

Comparado aos demais países colonizados nas Américas, o Brasil apresenta uma característica notável em relação ao desenvolvimento do ensino superior: o atraso. Enquanto nos países de colonização espanhola as primeiras universidades datam do século XVI e na América do Norte onde os cursos classificados como *college* foram instituídos no século XVII (OLIVEN, 2002; RIBEIRO, 2016), o primeiro curso superior no Brasil, a Escola de Cirurgia da Bahia, foi criado somente no século XIX, em 1808, na ocasião da vinda da família real. Até este período só era possível acessar o ensino superior na metrópole. Mesmo após a independência e a criação de alguns cursos em território brasileiro, a universidade de Coimbra continuou a ser o local privilegiado para onde a elite enviava seus jovens para estudarem. A primeira universidade brasileira foi criada quase 100 anos após a independência, em 1920, no Rio de Janeiro.

A história das universidades brasileiras tem início tardio, no século XX, tendo como pano de fundo a histórica relação com a elite econômica. Se antes a *seleção* de estudantes nascidos no Brasil para se tornarem universitários demandava o atravessar do Oceano Atlântico

e todo um conjunto de condições necessárias para tal, com o passar do tempo outros atravessamentos foram exigidos para este fim, não menos numerosos e dispendiosos.

Ainda no período imperial, a seleção dos estudantes que iriam compor o ensino superior era previamente estabelecida por somente aqueles que cursavam o ensino secundário em escola específica, o Colégio Pedro II. Com o advento do período republicano, os rigorosos exames de admissão, os chamados vestibulares, compostos por prova oral e escrita, passam a ser o meio de entrada. Já nessa época, os exames acarretavam a eliminação de grande parte dos candidatos. A partir dos anos 1930, de forma gradual, a elite passa a conviver com a alta classe média no ensino superior, uma vez que o sistema educacional brasileiro passa a ter maior robustez e propiciar melhores condições de disputa. Posteriormente, na década de 1960, há um aumento importante no número de candidatos, o que transforma ainda mais o processo seletivo. Neste período, os estudantes dos cursos secundários se somam aos dos cursos industrial, comercial, agrícola e normal na possibilidade de acessar ao ensino superior, sendo todos estes cursos equivalentes como condicionantes para a realização do vestibular. O grande número de candidatos e as características das provas, agora sem a parte oral, objetivas e unificadas, são muito mais próximas às características dos exames que conhecemos hoje. Com o passar dos anos houve a evolução da problemática proveniente dos processos seletivos: a questão da seletividade social. Ao longo da década de 1980 o tema passa a ser mais debatido, em especial o tópico da exclusão de segmentos de baixa renda (ALMEIDA, 2012).

Um dos trabalhos deste período parte do pressuposto que o curso superior não é para todo mundo, portanto, mantém no horizonte a ideia de seleção necessária. Deste modo, o desafio seria propor um modo de seleção norteado por dois princípios: o da igualdade de oportunidades e o da excelência (SANTOS FILHO[12], 1986).

O exame do vestibular feito por agências ou instituições de ensino superior, procedimento de seleção baseado na aplicação de testes ou provas objetivas e que é tido por alguns pesquisadores como mero meio de mensurar acúmulo de conteúdo, passou a ser menos utilizado no âmbito federal nos últimos anos, abrindo espaço para a utilização do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, que tem como proposta privilegiar a seleção de candidatos com melhores habilidades e competências para resolução de problemas.

---

[12] Neste trabalho o autor já trabalha com o que Bourdieu apresenta em "Os herdeiros", sobre a "escolha dos escolhidos", "capital de relações sociais" (p. 21), mérito e origem socioeconômica. Diz que a "a igualdade de oportunidade não se deve referir apenas ao acesso, mas também à permanência" (p.21). Porém, quando defende o argumento do processo seletivo como meio para "seleção dos melhores" e que "[...] proteção econômica na forma de bolsas e ajudas, abre mais o caminho para o talento e a capacidade [...]" visibiliza uma posição ligada ao assistencialismo e à noção de talento, de certa forma, ainda excludente.

> [...] a Universidade trata de se adequar a receber estudantes [...] que saibam fazer uso racional, inteligente, criativo e inovador das informações resultantes dos avanços científicos, do desenvolvimento tecnológico e da produção artística e intelectual. (ANDRIOLA, 2011, p. 116)

Além disso, a utilização do ENEM como forma prioritária de seleção nas universidades, permitiu ampliar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior em território nacional, possibilitando maior mobilidade acadêmica, uma vez que através desse exame o candidato passa a ter acesso às unidades distantes do seu território de origem (ANDRIOLA, 2011), o que permitiria incrementar a diversidade de procedência dos ingressantes nos cursos[13].

A partir do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI em 2007, houve o aumento numérico e a interiorização de diversas unidades acadêmicas, permitindo que regiões afastadas dos grandes centros passassem a contar com a escolarização em nível superior de membros locais, além de as próprias comunidades serem impactadas pela oferta de serviços oriundos das instituições, nas formas de processos de ensino, pesquisa e extensão.

A reserva de 50% das vagas para aqueles que tenham cursado o ensino médio em escola pública, oriundos de famílias de baixa renda e os autodeclarados pretos, pardos ou indígenas também são uma realidade nas IFES a partir da aprovação da Lei de Cotas, intensificando o processo de democratização no acesso de grupos historicamente marginalizados (BRASIL, 2012).

Almeida (2012) nos apresenta o vasto campo de tensões entre diferentes propostas para proporcionar um ensino superior mais inclusivo e equânime, em especial a partir dos anos 1990. O artigo data do mesmo ano em que a Lei de Cotas foi aprovada, portanto não inclui os diversos desdobramentos que partiram dela. Contudo, os argumentos e dados centrais do trabalho nos auxiliam a compreender o contexto no qual ela é aprovada e antecipam algumas de suas consequências.

---

[13] Vemos, contudo, que os dados sobre o ambiente multicultural e a democratização do acesso às vagas das IFES por meio da mobilidade advinda da aplicação do ENEM não são muito expressivos. "Dados de 2012 demonstram que a mobilidade entre os estados é de somente 13,2%, consistindo, principalmente, de estudantes oriundos dos estados mais ricos" (SILVEIRA, F. L.; BARBOSA, M. C. B.; SILVA, R. **Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM):** uma análise crítica. Revista Brasileira de Ensino de Física, v. 37, 2015, p. 1101-2). Há ainda diferenças importantes entre os níveis de mobilidade entre estudantes de cursos com maior ou menor prestígio social, conforme nos apresenta estudo realizado na Universidade de Brasília: "(...) esta migração foi mais expressiva nos cursos considerados de alto prestígio social (Direito, Engenharias e Medicina), nos quais se observou 39,3% de alunos oriundos de outras UFs, ao passo que, nos cursos de baixo prestigio social (História, Matemática e Pedagogia), foi verificada migração de apenas de 11,3%"(LOURENÇO, V. M. **Limites e Possibilidades do ENEM no Processo de Democratização do Acesso à Educação Superior Brasileira.** Brasília, 2016.)

3.1.2 Perspectivas sobre processos seletivos

Ao problematizar a automática atribuição negativa à palavra *mérito,* Almeida nos desperta para a gênese e a centralidade do termo e propõe que o aprofundamento da discussão, ao invés da simples exclusão da ideia, seria profícuo para o avanço das demandas das camadas populares[14].

> O mérito é a pedra angular da sociedade de classes, do mundo moderno e do sistema político correspondente: a democracia liberal. Valor burguês historicamente revolucionário, posto que antiaristocrático, antifeudal, republicano, ligado a uma série de conquistas (laicidade, valorização do indivíduo, democracia formal, mas democracia, dentre outros). (ALMEIDA, 2012, p.9)

Como principal motivo para a não efetivação de avanços na inclusão e equidade no ensino superior, o autor coloca o poder econômico e o relaciona ao que Bourdieu trata como sendo os capitais econômico, social e cultural. Almeida nos coloca a necessidade de discussão sobre o que está nas bordas da questão do mérito.

> [...] o debate teórico e público sobre acesso ao ensino superior no Brasil avançaria bastante se tomássemos a noção de mérito na sua inteireza, como uma categoria que avança em relação a certos aspectos, porém, não se encontra acabada. O ponto é verificar como ela está equacionada, percorrer e discutir seus condicionantes, seus limites, seus novos e possíveis arranjos, dentre outros elementos que devem ser debatidos e enfrentados tanto no mundo acadêmico quanto em outras esferas sociais. (ALMEIDA, 2012, p.12)

Figuram como principais discursos relacionados às modalidades de acesso ao ensino superior os 1. Críticos ao vestibular; 2. Remodeladores do vestibular; 3. Defensores das cotas com recorte por escola pública e/ou raça/etnia.

A defesa pelo fim do vestibular parte da premissa de que se trata de um meio de excluir os pobres e selecionar os ricos para o ensino superior. Um expoente do grupo de críticos ao vestibular e defensores de sua eliminação, Rubem Alves, defendeu que mais justo seria a aplicação de um sorteio. Esta proposta, se concretizada, impactaria não somente no ensino superior, mas também no sistema educacional como um todo. O fim do modelo de cursinho pré-vestibular seria um de seus desdobramentos[15]. Almeida, porém, mais uma vez lança mão

---

[14] Este e diversos outros autores consultados ao longo da pesquisa utilizam "camadas populares" e "origem popular" ao focalizar a população de estudantes universitários também abordada neste trabalho. Não pretendo adentrar na discussão conceitual, mas pontuo que há de se estar advertido que tais conceitos articulam questões como desigualdades econômicas, sociais e políticas, aspectos imateriais e simbólicos conforme nos aponta Santos, Sampaio & Carvalho, 2015, p. 12.

[15] A posição de Rubem Alves foi explicitada em sua coluna no jornal Folha de São Paulo e pode ser retomada através do endereço https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u608.shtml

de Bourdieu e nos chama a atenção para aspectos problemáticos da proposta. A violência simbólica a que continuariam a estar sujeitos os provenientes das classes populares é um deles.

Há, por outro lado, um segundo grupo que não propõe a extinção pois entende possível a modificação dos exames vestibulares. Dentro das propostas estão 2 subgrupos. Os favoráveis à avaliação seriada, ou seja, ao longo do ensino médio, e os defensores de sistemas de bonificação, que estabeleceriam o acréscimo de pontos na nota dos estudantes a depender de sua origem escolar e raça/etnia. Diferente da proposta pelo fim do vestibular, colocada em prática em outros países como a Argentina, mas não no Brasil, as duas últimas já foram experienciadas em solo brasileiro. O que desponta do processo de avaliação seriada é que ela não elimina a mesma estratificação social que é percebida pelo vestibular, por vezes pode ser até mais eficaz na sua reprodução. Sobre o processo de bonificação o artigo apresenta dados de duas experiências, UNICAMP em 2005 e USP em 2007, ambas com diferenças importantes entre o número de estudantes provenientes de escola pública antes e depois da aplicação do processo de bonificação.

Sobre a defesa das cotas, o fato de o artigo ser anterior a efetivação da Lei a partir de 2012 o coloca numa posição desprivilegiada na possibilidade argumentativa a respeito dos desdobramentos numéricos e qualitativos que surgiram nos anos seguintes. Contudo, os traços destacados sobre os discursos que se colocam favoráveis ou contrários à sua implementação são de suma importância para nós neste trabalho, pois tratam de posições indicativas das "respectivas visões de mundo que, sem dúvida, interferem nas tomadas de posição" (ALMEIDA, 2012, p. 19). Entre as várias dualidades apresentadas, inclusive na abordagem da questão racial, destacamos somente a que coloca de um lado os "universalistas", contrários às cotas pela contradição à igualdade prevista na constituição e os "diferencialistas", que entendem ser necessário "tratar desigualmente os desiguais".

3.1.3 Ações afirmativas e perfil estudantil

A este respeito, vale dizer que há um conjunto de frentes nas quais as defesas de ambas as posições se colocam no debate. O tópico da *igualdade*, um deles, já foi e ainda hoje é utilizado como argumento para contradizer a constitucionalidade e/ou necessidade das cotas[16].

[16] Exemplos são as ações impetradas pelo partido Democratas em 2009 contra o sistema de cotas da UNB https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/dem-entra-com-acao-no-stf-contra-cotas-raciais-da-unb/) e a chamada "carta dos 113" apresentada no STF em 2008 na ocasião da apreciação pelo STF da ação direta de inconstitucionalidade contra a lei de cotas nos concursos vestibulares das universidades estaduais do Rio de Janeiro https://fundacaofhc.org.br/files/pdf/carta-cidadaos-anti-racistas-contra-as-leis-raciais.pdf.

Sueli Carneiro (2012, p.2) na ocasião da audiência pública convocada por ministros do Supremo Tribunal Federal para debater o assunto, enfatiza que o posicionamento contrário às cotas é baseado em uma "noção quimérica e virtual de igualdade", ou seja, que não é vivida na realidade cotidiana.

O artigo "Branquitude e poder - a questão das cotas para negros" de Maria Aparecida Silva Bento (2005) elenca uma série de argumentos utilizados pelos contrários às cotas raciais, aos quais a autora contra-argumenta um a um e, ao final, os situa sob a influência da branquitude e seus modos operativos. Ao passo que *branquitude* é configurada "como um lugar de privilégio racial, econômico e político", "um posicionamento de vantagens estruturais" e um "conjunto de práticas culturais que são normalmente não-marcadas e não-nomeadas", Bento destaca sua articulação "nas instituições (universidades, empresas, organismos governamentais) que são por excelência, conservadoras, reprodutoras, resistentes e cria um contexto propício à manutenção do quadro das desigualdades".

Apesar de grande parte da polêmica e disputa ser focalizada no recorte de raça/etnia, no âmbito das universidades federais a partir da Lei de 2012, a reserva de vagas opera com critérios mais amplos, como renda familiar, possuir ou não alguma deficiência e a origem escolar, o último sendo o principal condicionante para que a(o) estudante acesse as vagas reservadas: a obrigatoriedade de ser egresso do ensino médio público. Os critérios são então arranjados de diferentes formas e demarcam grupos de perfis com porcentagens distintas dentro do montante de 50% das vagas de cada instituição[17].

São muitos os embates no processo recente de expansão do acesso às universidades públicas e, certamente, as políticas de ações afirmativas escolhidas ao longo deste percurso não são uma unanimidade entre os inúmeros atores que pensam e efetivam essas transformações, entre eles militantes de movimentos sociais, pesquisadores, legisladores, instituições. Contudo, é inegável que todo esse percurso trouxe a possibilidade de termos retratada hoje uma realidade de perfil de estudantes universitários nas IFES muito mais próximo à composição da população geral.

Conforme detalha a "V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES" (2018) as categorias de cor/raça "preta – quilombola" e "preta – não quilombola" juntas tiveram um aumento maior que o dobro quando comparadas à pesquisa de perfil anterior, realizada em 2014, quando as cotas ainda não haviam atingido a porcentagem

[17] Está prevista na Lei 12.711 de 2012 que após dez anos de sua promulgação, em 2022, seja promovida a revisão do programa especial para acesso aos grupos-alvo da legislação.

final de 50% das vagas reservadas aos oriundos do ensino médio público. Mesmo assim, segundo o mesmo relatório, somando-se a porcentagem de pretos e pardos, a população negra nesses espaços era de 51,2%, ainda abaixo da representação negra na população brasileira na data, que era de 60,6%. Outra variável da mesma pesquisa, a categoria renda, nos apresenta que a grande maioria de estudantes, 70,2% viviam em famílias com renda *per capita* de até 1,5 salário mínimo. Em 1996 esta porcentagem era de 44,3%. Ainda, mais da metade das(os) estudantes, 53,5% pertenciam a famílias com renda *per capita* de até 1 salário mínimo. Mesmo com variações importantes entre as regiões do país, a renda é um dado muito sensível no delineamento do perfil, pois para além de caracterizar o montante de estudantes, é o dado que impacta mais diretamente nas políticas de assistência estudantil.

Apesar da evolução no perfil de renda, que por meio das políticas afirmativas inclui em maior proporção estudantes das classes mais baixas, o relatório da pesquisa aponta que a(o) estudante "não faz parte da camada mais pobre da população, já que os setores mais pobres e miseráveis nem mesmo chegam a concluir o Ensino Médio, principal fator de exclusão ao Ensino Superior" (FONAPRACE; ANDIFES, 2019). Mesmo assim, é importante ressaltar, esta é uma das pesquisas que invalida o argumento presente no discurso que povoa ainda hoje o imaginário social de que quem está presente nas universidades públicas é a "elite econômica". Almeida (2019) problematiza o dito ao discutir como esta tese distorcida tem sido relacionada aos pleitos pela diminuição ou mesmo o fim do investimento do Estado nas universidades.

Anterior à Lei de Cotas, em 2011, mais de 70% das universidades públicas já operacionalizava algum sistema próprio de ações afirmativas (FERES JR; DAFLON; CAMPOS[18], 2011 *apud* ALMEIDA; ERNICA, 2015). Um estudo que se debruçou sobre o perfil de ingressantes de quatro universidades do estado de São Paulo em 2012 procurou compreender os efeitos de tais ações até aquele momento. Como um dos achados teve que, apesar de haver maior inclusão de estudantes de baixa renda e cujos pais não concluíram o ensino superior, as universidades mantiveram uma hierarquia de "ocupação" entre os cursos, pois foi possível que "cursos que gozam de maior prestígio social se preservassem relativamente fechados aos grupos com menos recursos [...] permanecem como espaços de reprodução social de frações da elite paulista e nacional e de mobilidade para certas frações dos grupos médios" (ALMEIDA; ERNICA, 2015).

Para além dos mecanismos instituídos nos últimos anos a fim de promover inclusão dos segmentos populares nas universidades públicas por meio do acesso que, como vimos, são parte

[18] FERES JR, J.; DAFLON, V.; CAMPOS, L. A. **A ação afirmativa no ensino superior brasileiro** – (GEMAA). Rio de Janeiro: IESP-UERJ, 2011.

de um projeto ainda em desenvolvimento, há um segundo conjunto de marcos legais e posicionamentos políticos que também tratam do mesmo público-alvo, mas a partir de quando o acesso já é estabelecido. Trata-se das políticas de assistência e permanência estudantil.

3.2 PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

São diversas as possibilidades de abordar a permanência estudantil. Diante de nossa proposta de fundamentar de forma ampliada os temas centrais de nossa pesquisa, entre eles a permanência estudantil, buscamos nesta seção apresentar aspectos relacionados a sua abrangência, em especial no enlaçamento com a assistência estudantil, passando pelos principais períodos das lutas reivindicatórias pela implementação de políticas públicas e institucionais neste campo.

3.2.1 História da assistência estudantil no Brasil

De acordo com Kowalski (2012) a história da assistência estudantil pode ser dividida em três fases. A primeira fase inicia-se com a criação das primeiras universidades no Brasil e vai até o período de redemocratização pós ditadura e a institucionalização da política de educação através de um conjunto de aparatos legais.

Como vimos anteriormente, à época das primeiras universidades no Brasil apenas uma pequena parcela da população tinha acesso ao ensino superior, fazendo com que a assistência fosse voltada ao atendimento de componentes da elite. Um primeiro registro de ação de assistência a este público é a existência da Casa do Estudante Brasileiro em Paris, que proporcionava a manutenção de estudantes brasileiros que iam estudar na Europa. Na década de 1930, com o governo Vargas, as primeiras regulamentações sobre assistência estudantil foram formuladas, em especial através do Decreto n° 19.851 de 11 de abril de 1931, que continha o Estatuto da Organização das Universidades Brasileiras no qual previa a participação estudantil nos processos decisórios das instituições. A participação se daria através do Diretório Central de Estudantes (DCE) e os Diretórios Acadêmicos (DA). Chama a atenção a descrição sobre a concessão das primeiras bolsas para estudantes com necessidades de auxílio financeiro e o processo que continha a exigência de comprovação a partir da “declaração de pobreza” fornecida por instituições assistenciais, bem como a observação do comportamento do

estudante para atestar se era condizente com a pobreza declarada (FÁVERO[19], 1980 *apud* KOWALSKI, 2012). Também neste período foi criada a Casa do Estudante do Brasil no Rio de Janeiro, que abrigava um restaurante popular.

A constituição de 1934 instituiu a assistência estudantil por meio do artigo 157 através de "doação de fundos aos estudantes necessitados [...] do fornecimento de material escolar, bolsa de estudo, assistência alimentar, dentária e médica". Um segundo fato circunscrito nesta fase e que é de nosso particular interesse é a criação do Teatro do Estudante do Brasil, em 1938, "que permitiu a participação de muitos estudantes na vida cultural acadêmica". (KOWALSKI, 2012, 87-88).

Ainda na primeira fase da história da assistência estudantil, são destacados o artigo 172 da Constituição de 1946 que estabeleceu que "cada sistema de ensino terá obrigatoriamente serviços de assistência educacional que assegurem aos alunos necessitados condições de eficiência escolar" e o Decreto n° 20.302/1946 que previu "alternativas para os problemas relacionados à assistência médico-social destinada aos alunos".

Posteriormente, já na década de 1960, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB estabeleceu "a assistência social, médico odontológico e de enfermagem" e "oferta de bolsas gratuitas aos educandos para custeio total ou parcial dos estudos". Categorias de assistência semelhantes às presente na LDB de 1960 passaram a constar no escopo do Departamento de Assistência ao Estudante (DAE) criado na década de 1970 e vinculado ao MEC, com ênfase para programas de alimentação, moradia e assistência médica-odontológica. Na década seguinte o DAE foi extinto, fragmentando as ações de assistência estudantil nas instituições (IMPERATORI, 2017).

A segunda fase foi marcada pelo processo de democratização e expansão de vagas nas Instituições de Ensino Superior - IES e, decorrente disso, um olhar especial foi lançado à inclusão dos estudantes em programas assistenciais, com um enlaçamento entre educação superior e políticas sociais (KOWALSKI, 2012). Neste período, projetos como investimento em moradias estudantis e RUs foram ampliados, sem contudo, o acompanhamento por parte de legislações relacionadas, fato evidenciado pela inexistência de documentos que designassem recursos para este fim.

A crescente preocupação com acesso e permanência no ensino superior estimulou a criação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Assuntos Comunitários e Estudantis

[19] FÁVERO, M. de L. A. **Universidade e Poder**: análise crítica e fundamentos históricos 1930-1945. Rio de Janeiro: Achimé, 1980.

(FONAPRACE) em 1987, através do qual responsáveis pelos assuntos estudantis buscavam e, buscam até hoje, os melhores meios para viabilizar a permanência. Apesar de a constituição de 1988 ter sido envolta em princípios democráticos, ser voltada para a garantia de direitos e ter sido um dos instrumentos importantes no aprofundamento das discussões sobre acesso e permanência, há um movimento de retrocesso marcado pela LDB de 1996 que desresponsabiliza o Estado do financiamento da assistência estudantil.

A terceira fase abrange um período de expansão e reestruturação das IFES, marcado em seu início pela aprovação do Decreto n° 6.096 de 24 de abril de 2007 que instituiu o REUNI. A institucionalização da Política de Assistência Estudantil (PAE) ocorre por meio do PNAES, este circunscrito no âmbito das universidades federais. Dois são os principais entraves, mesmo após a institucionalização da PAE. O primeiro, de ordem financeira, já que a disponibilização de recursos financeiros pelos governos é flutuante, o que limita as ações das universidades quase sempre ao rol de alimentação, moradia estudantil e bolsas, além de até mesmo estas ações ficarem ameaçadas de tempos em tempos. O segundo é que não há uma sistematização específica sobre as atuações profissionais nesta política.

A ausência de diretrizes dentro do PNAES não é maior que na situação anterior quando havia repasse de recursos do Tesouro para as IFES por meio do programa Brasil Universitário. Naquele cenário, a configuração dos programas e ações ficava a cargo de cada instituição, à mercê do princípio da autonomia universitária. (CISLAGHI; SILVA[20], 2013 *apud* BLEICHER; OLIVEIRA, 2016). Nesse sentindo o PNAES avança pois, além de instituir eixos de atuação, delimita diretrizes por meio de quatro objetivos: I – democratizar as condições de permanência dos jovens na educação superior pública federal; II - minimizar os efeitos das desigualdades sociais e regionais na permanência e conclusão da educação superior; III - reduzir as taxas de retenção e evasão; e IV - contribuir para a promoção da inclusão social pela educação.

Contudo, a falta de contornos é fonte, inclusive, para uma explícita confusão entre políticas. A partir do contato com Técnico-Administrativos em Educação e gestores vinculados à Assistência Estudantil, Kowalski (2012) aponta para os prejuízos de igualar a PAE com a Política de Assistência Social.

> Outro aspecto é o entendimento dos operadores da assistência estudantil como sinônimo da política de assistência social, o que significa rebaixar a política de educação a uma "política de pobre para pobre" que se afirma por meio da "bolsificação" num processo de "alívio da pobreza" e "passivização da questão social". Nisso ainda há um processo de depreciação do próprio direito à educação, que

[20] CISLAGHI, J. F.; SILVA, M. T.. **O Plano Nacional de Assistência Estudantil:** Ampliação de Vagas X Garantia de Permanência. Revista SER Social, v. 14, n. 31, p. 473-496, 2013.

> se configura como uma política universal a ser usufruída por todos os estudantes, independente de sua condição social. (KOWALSKI, 2012, p. 159).

Apesar de transcorrida apenas pouco mais de uma década desde o início da chamada terceira fase, foram diversos os movimentos de avanços e retrocessos dentro do campo da assistência estudantil durante este período e permanece o questionamento se, em termos históricos, ainda é possível dizer que as características da terceira fase estão mantidas.

Silva e Costa (2018), ao avaliarem os efeitos correspondentes entre a política de expansão e democratização do acesso, por um lado, e a política nacional de assistência estudantil do outro, a partir da análise de dados do Censo da Educação Superior entre os anos 2012 e 2016, verificaram que estudantes cobertos pela assistência estudantil têm taxas menores de trancamento e perda de vínculo, o que comprova que a assistência estudantil promove a permanência e reduz a evasão nas IFES. Porém, concluem que a cobertura da proteção social a estudantes em vulnerabilidade não abarca a demanda existente e que grande parte do público alvo do PNAES está fora dos programas de auxílio, pois "a tendência de crescimento dos cotistas é muito mais agressiva e superou o quantitativo de bolsistas já em 2015. Portanto, desde 2015 o número de cotistas é maior do que o de bolsistas nas IFES, apontando um descompasso preocupante (...)" (SILVA; COSTA, 2018, p. 186)

A tomar como base a questão orçamentária dedicada à permanência estudantil, houve acréscimo ao montante repassado do governo federal às IFES entre os anos 2008 e 2016 e a diminuição dos valores desde então, sendo que já a partir de 2015 o aumento foi proporcionalmente menor que nos anos anteriores, a despeito das demandas crescentes.

Tabela 1: Evolução do volume de recursos PNAES (2008-2018) - Brasil

Ano	PNAES NACIONAL	Δ%
2008	R$ 125.300.000,00	-
2009	R$ 203.000.000,00	62,0
2010	R$ 304.000.000,00	49,8
2011	R$ 395.189.588,00	30,0
2012	R$ 503.843.628,00	27,5
2013	R$ 603.787.226,00	19,8
2014	R$ 742.720.249,00	23,0
2015	R$ 895.026.718,00	20,5
2016	R$ 1.030.037.000,00	15,1
2017	R$ 987.484.620,00	-4,1
2018	R$ 957.178.952,00	-3,1

Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018).

Possivelmente teremos, nos próximos anos, diversos estudos que tematizem o aparente rompimento do pacto do governo federal na manutenção das estruturas das IFES a partir de 2015 [21] e, entre eles, o tema da diminuição de investimento na permanência estudantil certamente irá figurar. Por ora, além da luta para reverter este processo de desmonte, resta aos que compreendem a importância do pleno funcionamento das universidades e da assistência estudantil a angústia de testemunhar talvez o pior momento já vivido até aqui[22].

3.2.2 Assistência ou permanência estudantil?

O elemento central da equiparação errônea, há pouco citada, entre as políticas de assistência social e assistência estudantil, é o mesmo que acaba por elevar grandemente a importância da assistência estudantil: a realidade da desigualdade social no contexto brasileiro.

Em virtude do cenário de desigualdade social, é evidente que grande parte das preocupações relacionadas aos estudantes nas IFES se volte ao atendimento das suas necessidades objetivas e cruciais, na procura por minorar os impactos dos desassossegos de estudantes provenientes das classes populares ligados à sobrevivência, à manutenção da integralidade do corpo físico, aos recursos financeiros essenciais e algumas outras necessidades e, é dessa forma que compreendemos ser a maior parte do movimento de atenção às desigualdades nessas instituições. O conjunto destas providências é comumente vinculado ao termo "assistência estudantil".

Ganam e Moreira (2018) discutem que a não tematização da desigualdade no Brasil deve-se ao mito de uma sociedade calcada na ausência de conflitos de classe e que, no ensino superior, as universidades tendem a ser espaços pouco sensíveis aos perfis provenientes das camadas populares. Assim, se por um lado a desigualdade social justifica as ações de assistência estudantil que atendam as necessidades elementares de moradia, alimentação e transporte, por outro parece produzir a sensação de "problema resolvido" por meio das exatas mesmas ações,

---

[21] Para uma análise mais detalhada sobre as razões econômicas e políticas que levaram aos crescentes cortes orçamentários, acessar SANTOS, A. E. D; LIRA, T. S. V. **O ensino superior público no contexto da intensificação do ajuste fiscal brasileiro no período de 2015 a 2020.** Educação Em Foco, 27(1), 27035, 2022. https://periodicos.ufjf.br/index.php/edufoco/article/view/36900

[22] Sobre a interrupção de sonhos e trajetórias acadêmicas nos últimos anos, acessar https://tab.uol.com.br/noticias/redacao/2022/08/03/o-sonho-acabou-cada-vez-mais-jovens-desistem-das-universidades-federais.htm

escamoteando assim a complexidade de situações que continuam a produzir exclusões num contexto de aparente inclusão.

Almeida (2007) utiliza-se da expressão "estudantes com desvantagens econômicas" para abordar o mesmo tópico e trata do papel da universidade na produção e reprodução das desigualdades.

> [...] quando ela [a universidade] não olha de modo mais interessado para as desigualdades que estão sobre o seu terreno, acaba intensificando as disparidades previamente existentes [...] permanência no ensino superior deve ser entendida como uma interação entre condicionantes estruturais da sociedade e as ações conjunturais que estão ao alcance, dentro de seus limites, das universidades [...] os órgãos universitários poderiam ter uma postura mais ativa. Sem isso, talvez, o debate atual sobre uma maior inclusão social no ensino superior pode estar encobrindo uma de suas dimensões mais centrais, qual seja, que o conhecimento a todos oferecido é mais satisfatoriamente apropriado apenas por alguns. (ALMEIDA, 2007, p.45)

Há um entendimento, portanto, de que a "permanência estudantil" abrange os aspectos já citados e vinculados à assistência e outros que passam pelas esferas da sociabilidade, relações interpessoais, características e modos de funcionamento das instituições como sua arquitetura, as particularidades de seus regimentos internos, a fluidez ou entraves na comunicação interna e muitos outros que vão se destacar mais ou menos a depender do referencial teórico e do olhar de quem analisa o objeto da permanência estudantil.

É possível notar que há, ou idealmente deveria haver, uma indissociabilidade entre o que é alvo das ações de "assistência" e o que se desdobra em ações de permanência. A título de exemplo, retomamos Almeida (2007) e a fala de um dos estudantes participantes de seu estudo que expõe, através da variável "tempo", o cruzamento das duas esferas. O tempo livre e disponível para a/o estudante poder se dedicar ao curso, se relaciona diretamente aos aspectos objetivos de moradia e transporte. Morar em locais centrais e, por consequência, de maior custo, acaba por proporcionar menos dispêndio de tempo entre idas e vindas. Porém, mesmo que haja possibilidade de alteração das condições objetivas por meio de auxílio moradia ou residência estudantil, saber como melhor empregar o tempo disponível é algo que depende da "formação anterior do indivíduo, seu background, nos termos de Bourdieu, um *habitus* [...]" (ALMEIDA, 2007, p. 43).

3.2.3 Eixos PNAES – Atenção à saúde; Apoio pedagógico; Esporte (e lazer)

Sanches (2013) apresenta olhar dedicado ao tema da avaliação de programas de assistência estudantil, discorrendo em seu artigo sobre sua importância, visto que é a partir

desses programas que se combate a evasão, um problema de grande magnitude e persistente nas universidades públicas brasileiras. Como meio para implementação de avaliação, considera que os indicadores são a melhor forma de captar os resultados e dar visibilidade à comunidade.

Bleicher & Oliveira (2016) discorrem sobre a relação entre políticas de assistência estudantil e fundamentação teórica ao discutirem não sobre a avaliação posterior dos programas, mas sobre a necessidade de as universidades, em especial as equipes técnicas, calcarem as ações propostas em pesquisas acadêmicas.

Nesse sentido, é possível notar esforços de pesquisadores impelidos a compor com a elucidação de eixos de atuação específicos do PNAES por meio do mapeamento de ações realizadas nas IFES. Os eixos de atenção à saúde e apoio pedagógico, bem como o de esporte, comumente atrelado ao lazer, terão aqui citados brevemente trabalhos que versam sobre seus temas, visando dar conhecimento de alguns dos tópicos que compõem a assistência e permanência estudantil na prática.

Oliveira (2018) vai tratar das ações de esporte e lazer por meio de aproximações iniciais. Cita a pesquisa de perfil FONAPRACE 2011, a composição do corpo discente das IFES com cerca de metade proveniente de camadas populares e destaca que aqueles estudantes apresentam baixa participação social, artístico-cultural, política e físico-esportiva. Cita pesquisa documental realizada pela mesma autora em 2015, a qual buscou mapear programas e projetos de atividades físico-esportivas e de lazer que eram oferecidas aos estudantes em 57 IFES, e identificou que 70% contavam com ações nessa vertente. As entidades estudantis como os centro acadêmicos e atléticas foram percebidos tendo grande contribuição, porém, foi ressaltado o caráter elitista que as principais atividades promovidas, os campeonatos, acabam tendo, por promoverem a participação somente daqueles que já sabem jogar alguma modalidade esportiva.

O apoio pedagógico foi tema de Toti e Polydoro (2019) quando realizaram análise das publicações que abordam as ações nas IFES brasileiras. Por meio de revisão da literatura extraída de três bancos de dados e em trabalhos publicados entre 2007 e 2017 demostraram que são variadas as visões que representam o que é ou como deveria ser o apoio pedagógico e que são nomeados como tal, diferentes iniciativas como serviços oferecidos aos estudantes, o acompanhamento do ensino e relação professor-aluno, as ações de tutoria, o reforço, os auxílios financeiros e de material.

Oikawa e Garcia (2021, p.19) focalizaram a saúde mental no contexto de uma universidade pública paulista, relacionando o sofrimento psíquico que acomete os estudantes ao assédio moral. A partir de uma pesquisa que realizou inicialmente levantamento quantitativo das principais queixas apresentadas por estudantes no serviço de psicologia, foi realizada posteriormente parte qualitativa com grupos focais. Os resultados apontaram "situações de angústia relacionadas às mudanças associadas à vida universitária, preocupações referentes à carreira e queixas voltadas aos professores, indicando forte presença de assédio moral no ambiente universitário". As relações e formação de vínculos afetivos entre professores e alunos foram percebidas como âmbitos nos quais a dinâmica institucional da universidade incide e produz efeitos negativos.

4 CULTURA – DA ABUNDÂNCIA DE CONCEPÇÕES AO DESERTO DE SENTIDO

4.1 CULTURA(S) – CONCEITO PLURAL

A nomeação de um dos eixos da Política de Assistência Estudantil com a palavra *cultura* abre uma série de indagações a respeito do termo. A evolução histórica e os atravessamentos multidisciplinares na construção do conceito desdobram em diversas leituras possíveis.

Os parágrafos que seguem tratam da multiplicidade teórica a partir de autores provenientes de campos diversos: sociólogos, antropólogos, filósofos, estudiosos das políticas públicas cujo enfoque foi a noção de cultura. Somente esta diversidade já bastaria para antever os tensionamentos no debate sobre o tema. Contudo, dentro de cada grande área do saber, há também múltiplas defesas sobre a matéria em questão. Portanto, a proposta do capítulo é apresentar a parte com a qual pudemos tomar contato dentro desta diversidade, não no intuito de apontar a melhor e mais completa definição entre elas, mas a fim de qualificar o tema central do trabalho.

Desde o início do desenvolvimento e da sistematização do conceito, apontada por alguns autores como sendo a partir do século XVIII, há uma relação direta entre as concepções de cultura, que são várias, e a finalidade do uso da palavra. Em meio ao grande conjunto de significações do termo, é interessante notar a *intencionalidade* de fazer uso de um e não de outro, perceber os desdobramentos de sua utilização no mundo concreto. Um exemplo inicial sobre uma primeira concepção de cultura e suas implicações é a que nomeia como cultura o conjunto de práticas, crenças, modos de vida e costumes de um povo. Esta concepção já circulava por muitos séculos, existindo registros de reflexões sobre ela nos povos antigos, mas foi sistematizada por pensadores alemães do século XVIII os quais tinham um interesse muito particular, o de trazer um senso de unidade para um território dividido.

> Cultura era então uma preocupação de pensadores engajados em interpretar a história humana, em compreender a particularidade dos costumes e crenças, em entender o desenvolvimento dos povos no contexto das condições materiais em que se desenvolviam [...] A discussão sobre cultura tinha assim um sentido muito especial: ela procurava expressar uma unidade viva daquela nação não unificada politicamente, servia para falar de todos os alemães na falta de uma organização política comum. (SANTOS, 2017, p.18)

Sem esquecermos da intencionalidade das concepções, mas dando o devido destaque para o contraste entre elas, também por muitos séculos e até hoje uma segunda definição circula. Esta, ligada à etimologia da palavra: *colere* (SANTOS, 2017)*, cultura* (THOMPSOM, 1990) verbo latino que significa cultivar, inicialmente ligado ao universo agrícola. Ainda na Roma antiga foi utilizada para denotar o cultivo da alma, indicar refinamento, sofisticação. Retornaremos às duas concepções apresentadas em seguida. Antes é importante localizar quando teve início esta sistematização e os fatos históricos que levaram a ela.

A transição do senso original da palavra, do cultivo de plantações ou cuidado com animais, a partir do início do século XVI, foi gradualmente estendida até o domínio do desenvolvimento humano. Mas foi somente na passagem dos sécs. XVIII para o XIX que o substantivo passa a fazer referência a um processo específico e aos resultados deste processo. (THOMPSOM, 1990)

O antropólogo brasileiro José Luiz dos Santos (2017, p.18) faz referência às "preocupações sistemáticas em estudar cultura" localizando-as mais precisamente no século XIX, quando os contatos entre povos e nações foram em muito acelerados. Havia o intuito de compreender tanto as sociedades modernas e industrializadas quanto aquelas que aparentemente estavam fadadas ao desaparecimento pela perda de suas características originais. A disseminação das preocupações com a cultura neste período deve-se a dois fatores: 1. Visão laica do mundo social e da vida humana; 2. Expansão das potências europeias.

A visão laica opõe-se à visão religiosa, cristã, que até aquele período hegemonicamente emprestava à Europa sua lente para a interpretação do mundo. Com a assunção de novas teorias sobre a humanidade, o que antes era somente compreendido como proveniente da criação e intervenção divina é interpretado agora de outras formas. O que diferencia a humanidade dos outros animais passa a ser traduzido pela ideia de evolução das espécies. As diferenças entre povos, através de fatores materiais, são passíveis de serem estudados. A passagem de uma ideologia para outra tem influência na definição de cultura, mesmo que ainda mantenha sua extensa abrangência.

> Assim, quando se comparava povos diferentes, cultura era uma palavra usada para expressar a totalidade das características e condições de vida de um povo. Trata-se de uma ideia muito ampla, como vocês podem ver. Além disso, como cultura estava ligada à distinção entre o humano e o animal, há um sentido em que tudo que é cultural é humano, e tudo que é humano é cultural. Novamente, a ideia é muito genérica, difícil de precisar. (SANTOS, 2017, p.19)

A amplitude de ambas as ideias não foi superada com o passar dos séculos. Ao contrário, quanto mais "as preocupações com cultura" foram ocupando o debate social, maior passa a ser o escopo abarcado pelo conceito. Isto é, inclusive, central na crítica feita à visão antropológica de cultura, como veremos mais adiante.

Ao lado do fortalecimento da laicidade, a expansão das potências europeias no afã colonizador também impulsionou os debates sobre cultura. Se por um lado a diversidade entre os povos, em alguma medida já conhecida dentro da própria Europa, demandava um novo conjunto de palavras para referenciá-la que não mais pela interpretação religiosa, mas pelo discurso científico, era também verdade que o contato com povos e nações por meio deste discurso auxiliou no processo de dominação.

> o debate intelectual ao qual as preocupações com cultura estavam associadas fornecia interpretações, como na visão de evolução linear das sociedades, que permitiam fosse considerado superior tudo que fosse ocidental. As preocupações com cultura tinham essa marca de legitimadoras da dominação colonial. (SANTOS, 2017, p.19)

Os registros históricos apontam que no início do século XIX as palavras "cultura" e "civilização" eram por vezes sinônimas e outras, antagonicamente polarizadas. A última, usada para descrever "*a progressive process of human development, a movement towards refinement and order and away from barbarism and savagery*[23]" (THOMPSOM, 1990, p. 2663). No pensamento iluminista francês é este o sentido que cultura vai ser desenvolvido, o de "estado de espírito cultivado pela instrução". (CANEDO, 2009).

Visto que o significado de civilização abordado, da passagem da barbárie para o refinamento, ainda hoje nos é muito familiar quando o tema da cultura é abordado, interessa compreender um pouco da história da relação entre os dois termos. O sociólogo estadunidense radicado na Inglaterra John B. Thompson (1990) nos aponta que, em dois idiomas, inglês e francês, havia a sobreposição dos termos e no alemão o antagonismo: *Kultur* com conotação positiva e *Zivilisation* com ares pejorativos. O motivo para o uso divergente relaciona-se com a estratificação social daquele período. Na Alemanha, intelectuais externos à nobreza e alta burguesia ridicularizavam justamente estes grupos dos quais eram excluídos por observarem neles uma tentativa de mimetizar uma intelectualidade. Observavam que as altas classes nada atingiam em termos artísticos e intelectuais, mas gastavam energia copiando as boas maneiras dos franceses, símbolo do refinamento. Dessa forma, utilizavam *Kultur* ao fazer referência a

[23] Tradução livre: "um processo de desenvolvimento humano progressivo, um movimento em direção ao refinamento, ordenação e em direção oposta à barbárie"

eles próprios, os intelectuais eruditos, que transitavam pelas artes, filosofia, ciências e *Zivilisation* para referir a adoção da graça e refinamento vazios de conteúdo. Ambas as noções aqui apresentadas permanecem presentes no discurso contemporâneo e nos auxiliam a situar algumas das questões que suscitaram o presente trabalho.

A partir deste breve resgate, através do qual interessa observarmos tanto a historicidade quanto a intencionalidade nos estudos sobre cultura, passemos então às concepções usuais do termo a partir de sistematizações também distintas.

A primeira sistematização para cultura é a que a define como *universalista*, por um lado, e como *particularista* de outro. Esta dupla de conceitos tem íntima ligação com a história destacada sobre os acontecimentos na França e Alemanha na passagem dos sécs. XVIII para XIX. Da primeira advém a cultura com características universalistas, "como característica do gênero humano" (CANEDO, 2009). Da segunda, a partir dos intelectuais que objetivavam compreender costumes, crenças e desenvolvimento dos povos, seu traço particularista. Ambas as noções estão também presentes na sistematização que veremos em seguida.

Thompson (1990) indica, como vimos, que entre os séculos XVIII e XIX, *cultura* passa a significar processos de desenvolvimento intelectual ou espiritual. Está ligada à ideia de progresso, de evolução por meio do contato e assimilação de valores considerados melhores, com as artes e a erudição. Esta é chamada de concepção clássica de cultura.

Já a partir da virada entre os séculos XIX e XX, a teoria clássica cede espaço e passam a vigorar várias concepções antropológicas de cultura. A passagem da teoria clássica para a antropológica parte de uma crítica ao etnocentrismo que permeava os trabalhos sobre a assim chamada, "história da humanidade," nas quais figurava a ideia de que alguns povos eram exemplares da "infância da nossa espécie", enquanto a Europa, segundo os intelectuais europeus, seria a humanidade após o progresso, em sua versão *adulta.*

Entre as visões antropológicas, a primeira, descritiva, faz referência à variação entre sociedades ou grupos no conjunto de valores, crenças, costumes, convenções, hábitos, práticas, características e artefatos materiais da vida. A principal característica desta visão é a marca científico-positivista que pretendeu imprimir no estudo da cultura, a perspectiva de isolar os itens citados e descrevê-los, no intuito de catalogar os diferentes povos: "*Just as the catalogue of all the species of plants and animals of a district represents its Flora and Fauna, so the list*

of all the items of the general life of a people represents that whole which we call its culture.[24] (TAYLOR[25], 1903, p. 8 *apud* THOMPSON, 1990, p. 2747).

Esta visão tem suas origens nos estudos a respeito de povos não europeus, ou seja, o *outro,* para os intelectuais que a desenvolveram. Este dado nos leva a darmos conta que a passagem da teoria clássica para a visão antropológica não eliminou a escala de valor e o etnocentrismo no estudo da(s) cultura(s). É certo que mudanças ocorreram na abordagem com o passar dos anos, contudo sua origem nos ajuda a compreender de que modo na contemporaneidade mantem-se impresso o olhar de estranhamento e a atribuição de características de exoticidade quando, mesmo com interesses genuínos, tratamos de perceber este *outro* através de um conjunto de valores próprios do observador. Tal fato nos interessa em particular uma vez que neste trabalho observamos esta dinâmica duplamente: 1. A partir dos editais procuramos observar quais os conceitos de cultura que estão presentes e de que modo se relacionam com a hierarquias inseridas dentro das comunidades acadêmicas. 2. Enquanto pesquisadores neste campo temos a nossa própria observação carregada de sentidos próprios.

A segunda grande vertente dentro da visão antropológica de cultura é a simbólica. Dentro do grande espectro de interesse na questão da *simbolização*, na Antropologia em específico estão localizados como marcos dois trabalhos: *The Science of Culture* de Leslie A. White (1940) e *The Interpretation of Cultures* de Clifford Geertz (1973).

A ênfase dada pelo primeiro recai na característica que é própria dos seres humanos, a habilidade mental de usar símbolos, como o objeto central da cultura.

> *White argues that 'culture' is the name of a distinct order, or class, of phenomena, namely, those things and events that are dependent upon the exercise of a mental ability, peculiar to the human species, that we have termed 'symbolling'*[26]. (WHITE[27], 1940, p. 363 *apud* THOMPSON, 1990, p. 2802).

O segundo autor amplia a questão do uso de símbolos e trata também de significado e interpretação: '*Believing, with Max Weber, that man is an animal suspended in webs of significance he himself has spun, I take culture to be those webs, and the analysis of it to be*

---

[24] Tradução livre: Assim como o catálogo de todas as espécies de plantas e animais de um local representa sua Flora e Fauna, também a lista de todos os itens da vida geral de um povo representa aquele todo que chamamos de sua cultura.

[25] TAYLOR, E. B. *Primitive Culture: Researches into the Development of Mythology, Philosophy, Religion, Language, Arte, and Custom*, vol. 1 (London: John Murray, 1903)

[26] Tradução livre: White argumenta que "cultura" é o nome de uma ordem ou classe de fenômenos, a saber, aquelas coisas e eventos que dependem do exercício de uma habilidade mental, peculiar à espécie humana, que denominamos '*symbolling*'".

[27] WHITE, L. A. The Science of Culture: A Study of Man and Civilization (New York: Farrar, Strauss and Cudahy, 1949).

therefore not an experimental science in search of law but an interpretive one in search of meaning.'[28](GEERTZ[29], 1973, p. 5 *apud* THOMPSON, 1990, p. 2813). Algo importante que vem no bojo dessa visão, Thompson aponta, é o delicado trabalho do pesquisador que deve se lançar a interpretar e desvendar camadas de sentidos dos chamados "fenômenos simbólicos". É interessante notar que o objeto de estudo em questão não seriam os fenômenos em si, desta forma tenderíamos a atualizar uma visão descritiva somente. Trata-se, portanto, de buscar compreender seus *significados*.

É possível então perceber o contraste entre as duas abordagens antropológicas de cultura. De um lado, a descritiva, traz a perspectiva de isolar e descrever elementos característicos dos povos na busca por classificação. Do outro, a simbólica, que busca pela interpretação, requerendo do pesquisador "*sensitivity (...) to discern patterns of meaning, to discriminate between shades of sense, and to render intelligible a way of life which is already meaningful for those who live it*."[30] (THOMPSOM, 1990, p. 2836).

Thompsom adiciona que falta à perspectiva simbólica maior atenção às questões de relações de poder e conflitos, ou seja, para o contexto e estrutura social. Nesta esteira o autor propõe o conceito estrutural de cultura e o faz partindo de uma diferenciação entre o sentido que utiliza e o sentido dos métodos estruturalistas. Para este trabalho, contudo, o principal aspecto do conceito apresentado é a centralidade que Thompsom empresta ao contexto social no qual os fenômenos simbólicos são criados e interpretados.

> *Such contexts and processes are structured in various ways. They may be characterized, for instance, by asymmetrical relations of power, by differential access to resources and opportunities, and by institutionalized mechanisms for the production, transmission and reception of symbolic forms. The analysis of cultural phenomena involves the elucidation of these socially structured contexts and processes as well as the interpretation of symbolic forms*.[31] (THOMPSOM, 1990, p. 2926.)

Ainda que partindo de concepções distintas, no campo antropológico é comum o uso do plural *culturas* quando no trato do tema (CERTEAU, 1974). A ênfase recai sobre a diversidade,

---

[28] Tradução livre: Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal suspenso em teias de significados que ele mesmo teceu, considero a cultura como sendo essas teias e a análise dela não é, portanto, uma ciência experimental em busca de leis, mas interpretativa, em busca de significado.

[29] GEERTZ, C. *The Interpretation of Cultures* (*New York: Basic Book*, 1973).

[30] Tradução livre: sensibilidade para discernir padrões de significado, discriminar entre matizes de sentido e tornar inteligível um modo de vida que já tem sentido para quem o vive.

[31] Tradução livre: Tais contextos e processos são estruturados de várias maneiras. Eles podem ser caracterizados, por exemplo, por relações assimétricas de poder, por acesso diferenciado a recursos e oportunidades e por mecanismos institucionalizados de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas. A análise dos fenômenos culturais envolve a elucidação desses contextos e processos socialmente estruturados, bem como a interpretação das formas simbólicas.)

seja das características de povos e grupos, seja de significados para produções simbólicas do cotidiano.

Ao passo que as concepções antropológicas advêm de uma crítica à concepção clássica, as primeiras também são passiveis de apontamentos. Santos (2017) indica que a noção de perenidade ligada à cultura, por meio das concepções antropológicas, é uma armadilha.

> [...] as concepções levam muitas vezes a que se entenda a cultura como uma realidade estanque, parada. O esforço de entender as culturas, de localizar traços e características que as distingam, pode acabar levando a que se pense a cultura como algo acabado, fechado, estagnado. Como já disse antes, as culturas humanas são dinâmicas. De fato, a principal vantagem de estudá-las é por contribuírem para o entendimento dos processos de transformação por que passam as sociedades contemporâneas. (SANTOS, 2017, p.17)

A ideia de perenidade viria do caráter "totalizador" que na visão de Santos (2017) é intrínseco ao estudo da cultura. Ele aponta esta característica no seu esforço de conceituar cultura a partir do encontro das duas concepções antropológicas.

> Assim, cultura passa a ser entendida como uma dimensão da realidade social, a dimensão não material, uma dimensão **totalizadora**, pois entrecorta os vários aspectos dessa realidade. Ou seja, em vez de se falar em cultura como a totalidade de características, fala-se agora em cultura como a totalidade de uma dimensão da sociedade. (SANTOS, 2017, p.28)

Ao concluir "que a cultura inclui o estudo de processos de simbolização, ou seja, de processos de substituição de uma coisa por aquilo que a significa" e que de fato é um processo inerente à cultura pois é "a simbolização que permite que o conhecimento seja condensado, que as informações sejam processadas, que a experiência acumulada seja transmitida e transformada" o autor nos adverte e aponta uma segunda problemática, qual seja, a tentação de olharmos para o mundo "localizando significados ocultos em cada prática cultural". (SANTOS, 2017, p. 29)

Três importantes aspectos embasam a preocupação com uma ênfase na simbolização mecânica e acrítica: 1. O destaque aos pequenos detalhes de significado pode levar à perda da noção de que *cultura* está ligada a processos globais dentro das sociedades; 2. Pode perder-se de vista que cultura está ligada a conhecimento e este é via de transformação. Diferente de uma relação mecânica na qual algo está no lugar de outra coisa apaticamente simbolizando-a; e 3. É possível que haja entendimento da cultura como neutra. Os "elementos expressam, por exemplo, a desigualdade porque existe desigualdade na vida social". Aqui mais uma vez o

símbolo no lugar de algo que é dado como certo e imutável e desconsiderando que existem tensões, interesses diversos e relações de poder atuando a todo tempo, inclusive no campo da cultura.

Tais aspectos são de grande valia para este trabalho. Analisar as realizações artístico-culturais de estudantes universitários dentro do contexto das universidades públicas brasileiras após processo de expansão e ampliação do acesso, via REUNI e Política de Cotas, e a partir da legislação que embasa as políticas de permanência, como o PNAES, implica manutenção da atenção para não incorrer em simbolismos esvaziados de sentido ao não situar tais realizações artístico-culturais dentro do contexto sócio-histórico. Ainda, nossa posição neste trabalho não é de sermos somente vitrine das desigualdades existentes e nos prestarmos a maximizar a atenção aos seus símbolos, mas sim de compreender as realizações artístico-culturais como disparadores de processos de mudança da realidade, tanto da vida de pessoas como da realidade social ampliada.

Deixando o sistema que contrapõe as teorias clássica e antropológica, bem como algumas das críticas a elas, destacamos ainda a sistematização pensada por Zygmunt Bauman (2012) no livro "Ensaios sobre o conceito de cultura". O autor, assim como os citados anteriormente, discorre sobre diferentes conceitos de cultura: 1. Hierárquico; 2. Diferencial e 3. Genérico. O primeiro diz respeito às relações de poder, destaca a ideia de polarização entre os cultos, refinados, instruídos, polidos (nobres) e os grosseiros, que não ocupariam uma posição de prestígio. O conceito diferencial se aproxima em grande medida da noção descritiva supracitada, que trata a cultura como aquilo que diferencia grupos e povos. Porém, sua perspectiva prioriza essa diferenciação como aquilo que vai sustentar o conceito de estados-nações, ou seja, como a existência de uma identidade natural. Já o conceito genérico de cultura enfatiza a função de unir e distinguir a espécie humana de todas as demais (BAUMAN, 2012). Contudo, Bauman recorre ainda a outras duas perspectivas além da conceitual para o estuda da cultura, compreendendo-a enquanto estrutura e como práxis.

Antonio Gramsci, Edward Palmer Thompson e Raymond Williams são alguns dos autores fincados no materialismo histórico que discutem cultura e sua relação com educação e dominação. Neste vasto campo são discutidos elementos teóricos como estrutura e superestrutura; objetividade e subjetividade; classe social e hegemonia. A título de indicar, somente, a respeito da existência deste ramo de discussão que também articula sentidos de cultura, vale citar que Martins e Neves (2014) discutem as obras dos três autores e apresentam um dos pontos de convergência entre eles.

> À ideia elitista de cultura como erudição, os três autores, cada um a seu modo, contrapuseram a noção de cultura como algo comum a todos os homens. Ao produzir a sua existência o homem, em relação com os outros homens, produz sua existência material e simbólica. A cultura expressa e é expressão do modo de produção da existência humana em determinado tempo e espaço. Nesse sentido, todos os homens fazem cultura. (MARTINS & NEVES, 2014, p. 74)

Problematizam ainda as definições usuais de cultura, à luz dos três autores.

> Duas concepções de cultura são amplamente difundidas na atualidade. A primeira, expressão do senso comum, relaciona cultura à erudição. Nessa acepção conservadora, somente poucos "iluminados" teriam a capacidade de pensar, expressar seus sentimentos e tomar decisões. A educação, limitada ao espaço escolar, teria por finalidade formar as elites intelectuais das diferentes formações sociais. A segunda, com ampla aceitação no debate filosófico e científico contemporâneo, desconsidera as determinações materiais da produção da vida, afirmando a prática cultural como uma dimensão do ser social independente. (MARTINS & NEVES, 2014, p. 74)

No campo das políticas púbicas voltadas para a cultura há também uma profusão de ideias e conceitos norteadores, porém, de maneira geral, recorre-se com mais frequência às visões de cultura do campo antropológico. No rico material que compõe "Políticas culturais para o desenvolvimento: uma base de dados para a cultura" (2003) logo em sua introdução o então ministro da cultura Giberto Gil apresenta uma delas e a relaciona à ideia de desenvolvimento humano.

> A relação entre cultura e desenvolvimento vem assumindo, crescente e aceleradamente, um lugar de destaque na agenda contemporânea. Está claro que, nessa perspectiva, falamos de cultura no seu conceito mais pleno. Cultura, portanto, como a dimensão simbólica da existência social de cada povo, arga- massa indispensável a qualquer projeto de nação. Cultura como eixo construtor das identidades, como espaço privilegiado de realização da cidadania e de inclusão social e, também, como fato econômico gerador de riquezas. (GIL, 2003, p. 9)

Diferente do conceito de progresso ou evolução de povos primitivos para povos avançados que vimos a partir das teorias clássica e antropológica descritiva, aqui a ideia de "desenvolvimento humano" é tomada a partir de um sentimento particular de cada povo. A relação entre cultura e desenvolvimento tomado nesta perspectiva já permeia o campo das políticas públicas para cultura há algumas décadas. Um exemplo desta relação é apresentado na Recomendação da Década Mundial do Desenvolvimento Cultural, que resultou da Conferência Mundial do México de 1982. É possível perceber os conceitos de *cultura* e de *desenvolvimento* sendo expressos a partir de palavras que poderiam ser alocadas para definir um ou outro conceito, o que acentua esta inter-relação.

> [...] cultura como o conjunto de características espirituais e materiais, intelectuais e emocionais que definem um grupo social. [...] engloba modos de vida, os direitos fundamentais da pessoa, sistemas de valores, tradições e crenças; e desenvolvimento como um processo complexo, holístico e multidimensional, que vai além do crescimento econômico e integra todas as energias da comunidade [...] deve estar fundado no desejo de cada sociedade de expressar sua profunda identidade. (WERTHEIN, 20003, p. 13)

O Plano Nacional de Cultura (2007) relaciona *desenvolvimento humano* e *cultura* a partir de três dimensões, tidas como pilares desta construção: as dimensões simbólica, cidadã e econômica. A fim de suscitar uma reflexão a respeito de como um termo multideterminado e plural como *cultura* figura no escopo de políticas públicas, propomos a análise da dimensão simbólica apresentada no documento.

> Adotando uma abordagem antropológica abrangente, o PNC retoma o sentido original da palavra cultura e se propõe a "cultivar" as infinitas possibilidades de criação simbólica expressas em modos de vida, motivações, crenças religiosas, valores, práticas, rituais e identidades. Para desfazer relações assimétricas e tecer uma complexa rede que estimule a diversidade, o PNC prevê a presença do poder público nos diferentes ambientes e dimensões em que a cultura brasileira se manifesta. As políticas culturais devem reconhecer e valorizar esse capital simbólico, através do fomento à sua expressão múltipla, gerando qualidade de vida, auto-ettima e laços de identidade entre os brasileiros. (BRASIL, 2007)

Podemos notar que neste excerto estão presentes noções de diferentes perspectivas conceituais citadas anteriormente. O interessante aqui é observar como na confecção de políticas públicas os diferentes conceitos de cultura se articulam, interessando em menor medida as rígidas separações conceituais, mas priorizando o movimento que se faz na sua promoção e valorização.

> Insisto, no entanto, que a busca dessa definição [de cultura] deve ser assumida como uma instigação permanente, mas, ao mesmo tempo, mobilizadora, e não como uma dúvida paralisante. Os países e instituições que avançaram na construção dos seus bancos de dados sobre a cultura certamente conviveram e convivem com essa inquietação, que deve implicar a busca da flexibilidade na formatação das informações e da amplitude das correlações que se possa estabelecer entre elas. Nada, no entanto, que nos impeça de começar pelo que já sabemos, pelo que os mais experientes têm para nos dizer e, principalmente, pela construção de critérios que sejam pactuados como referências, para que não se perca tempo em polemizar sobre resultados, sem considerar as premissas das quais se originaram as análises. (WERTHEIN, 20003, p. 14)

Contudo, cabe-nos ressaltar que há um limiar delicado no que tange à relação entre concepções de cultura e proposição de políticas públicas. Ao passo que a busca pela definição do termo que, como vimos, é de grande complexidade, pode levar a um processo de paralisia e com isso haver um vácuo propositivo, por outro lado a irreverência no trato da matéria, uma

escolha propositiva que desconsidere as polarizações do campo, que tome a parte pelo todo, pode levar a políticas públicas com caráter disforme. Isto é verdade nas proposições de políticas de cultura que tratam única e especificamente da dimensão das artes.

> Cultura é com frequência tratada como um resíduo, um conjunto de sobras, resultado da separação de aspectos tratados como mais importantes na vida social. Assim, extrai-se das atividades diretamente ligadas ao conhecimento no sentido amplo as áreas da ciência, da tecnologia, da educação, das comunicações, do sistema jurídico, do sistema político, às vezes a religião e os esportes. O que sobra é chamado de cultura. É como se fossem eliminados da preocupação com cultura todos os aspectos do conhecimento organizado tidos como mais relevantes para a lógica do sistema produtivo. Sobram, por exemplo, a música, a pintura, a escultura, o artesanato, as manifestações folclóricas em geral, o teatro. Muitas vezes as políticas oficiais de cultura são especificamente voltadas para essas atividades, já que para as outras áreas da vida social que nós estamos aqui considerando como parte da cultura desenvolvem-se políticas específicas. Essa maneira de tratar a cultura, é, para nós, ela mesma um tema de estudo, revela um modo pelo qual se atua sobre a dimensão cultural, indicando, no caso, um dos sentidos da atuação dos órgãos públicos, um sentido frequentemente fracionador da dimensão cultural, que trata de modo diferente a vários aspectos desta. (SANTOS, 2017, p.33)

4.2 CAPITAL CULTURAL

Pierre Bourdieu (1930 – 2002) foi um sociólogo francês reconhecido por sua obra na sociologia da educação e nos estudos sobre arte e cultura, influenciando ainda diversos outros campos como comunicação, linguagem e religião (VALLE, 2007). Para a realização de um trabalho que pretende lançar luz sobre a permanência estudantil no ensino superior a partir do eixo de atuação "cultura" foi importante a aproximação com a obra e conceitos centrais que este autor trabalha. Esta aproximação ocorreu prioritariamente por meio de leituras realizadas dentro da temática da permanência estudantil e autores comentadores, o que nos leva a pontuar que trata de uma leitura situada, circunscrita aos objetivos deste trabalho. Por se tratar de um autor que, apesar de contemporâneo, é tido por muitos como clássico e o fato de os conceitos que articula serem amplamente utilizados na Sociologia e diversos outros campos, entendo ser importante apontar este limite e assim procurar não incorrer na "utilização simplificada – e simplista – de seus conceitos e de sua terminologia" conforme nos adverte Valle (2007, p. 121).

A Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES na sua quarta edição (FONAPRACE; ANDIFES, 2016, p. 181) trouxe o tópico intitulado "Informações culturais" e que reuniu dados estatísticos a respeito de "participação em organizações, fontes utilizadas para se informar sobre acontecimentos da atualidade, domínio de microcomputador e conhecimento de línguas estrangeiras". Dentro do subtema "participação em organizações" estão os movimentos sociais como o "movimento estudantil" que contava

com a participação de 9,55% dos graduandos, “Outras organizações/Associações” com 8,95%, “organização ou movimento religioso” com 8,63% e “movimentos artísticos culturais” com 5,12%. Relacionado à fonte de informação, a internet era já naquele ano o principal veículo, com 90,37% dos estudantes apontando fazer o seu uso para se informar. Sobre língua estrangeira, o inglês era a língua com maior número de estudantes com algum domínio, 72,77%. A indicação de “bom domínio da língua inglesa” foi selecionada por 30,67% dos estudantes. Os percentis foram aqui incluídos como um panorama geral das características do corpo discentes das IFES com relação aos aspectos do recorte “Informações culturais”. Contudo, a ênfase de nosso olhar recai sobre o tópico como um todo, sua nomeação e os elementos que o compõem.

A quinta edição da pesquisa (FONAPRACE; ANDIFES, 2019, p. 135-186) trouxe uma seção chamada “Itinerários Estudantis e Capital Cultural” com os subtemas: o ativismo; as fontes de informação; domínio do computador; domínio de línguas estrangeiras; incremento cultural; as dificuldades para estudar; sobre os relacionamentos; sobre as violências; sobre as intolerâncias; sobre as vulnerabilidades sociais; sobre os problemas pedagógicos; sobre a saúde física e mental; assédio moral; evasão e trancamentos; perspectivas de futuro. É possível notar que esta seção é ligada a “Informações culturais” da pesquisa anterior. Na nova versão ela é renomeada somando o conceito de “capital cultural” e amplia os tópicos de interesse.

Quando de posse dos dados de ambas as pesquisas, observamos que na pesquisa em sua quarta edição, realizada em 2014, os dados obtidos foram cruzados somente com o sexo dos respondentes, a região do país onde o graduando estuda e a renda mensal bruta do grupo familiar. Já na pesquisa seguinte, um número maior de variáveis, além das presentes em 2014, foram utilizadas no refinamento dos dados, como ano de ingresso, ingresso pelas cotas, faixa etária, cor ou raça, origem escolar, participação em programas acadêmicos e de assistência estudantil, nível educacional da mãe, área do conhecimento (do curso), Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) do município. Tais variáveis foram nomeadas pelos autores da pesquisa de “marcadores sociais da desigualdade”[32]. Esta ampliação nos leva a uma reflexão inicial de que “capital cultural” é um conceito que relaciona, de alguma forma, a questão das desigualdades com o “itinerário” estudantil. A variável “domínio de língua estrangeira-inglês” e seu cruzamento com alguns dos marcadores exemplifica esta relação.

[32] Também podem ser chamados de marcadores sociais da diferença e “são sistemas de classificação que organizam a experiência ao identificar certos indivíduos com determinadas categorias sociais” (ZAMBONI, 2014, p.13)

Tabela 2: Distribuição das variáveis selecionadas entre os graduandos (as) com bom domínio da língua inglesa (em %) - 2018

	Bom domínio (a)	População-alvo (b)	Diferença (a-b)	Diferença Relativa percentual (%) [(1-b/a)]*100
Sexo masculino	49,5	45,1	4,4	8,9
Sexo feminino	50,1	54,6	-4,5	-9,0
Cor ou raça "branca"	58,2	43,3	14,9	25,6
Cor ou raça "preta"	7,7	12,0	-4,3	-55,8
Região sudeste	39,0	30,0	9,0	23,1
Região nordeste	21,8	29,6	-7,8	-35,8
Idade entre 18 e 24 anos	73,3	65,8	7,5	10,2
Idade mais de 24 anos	24,3	32,0	-7,7	-31,7
Origem em Escola particular	57,3	35,3	22,0	38,4
Origem em Escola Pública	42,7	64,7	-22,0	-51,5
Renda de até 1,5 S.M.	52,2	72,3	-20,1	-38,5
Renda de mais de 3 S.M.	21,3	10,4	10,9	51,2
Município com IDHM muito alto	33,3	21,4	11,9	35,7
Município com IDHM baixo	0,3	1,7	-1,4	-466,7

Fonte: V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos (as) graduandos (as) das IFES (2018).

Bourdieu, em "Escritos de Educação" (1998) faz alusão à gênese da elaboração do conceito de capital cultural.

> A noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o "sucesso escolar" [...] à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. (BOURDIEU, 1998, p. 73)

Bourdieu e Passeron (1964) em "Os herdeiros: os estudantes e a cultura" adentram o contexto do ensino universitário em um período no qual ocorriam uma série de processos de reforma no sistema de ensino na França. É possível identificar na obra, muitos traços de similaridade com o que ocorreu no contexto do ensino superior no Brasil a partir dos anos 2000. Os autores fundamentaram as análises em materiais de diversas fontes que vão desde entrevistas até informações estatísticas e assim, procuraram apontar o caráter excludente que mesmo políticas de democratização do acesso acabam reproduzindo, uma vez que não dão conta das desigualdades, também em termos culturais, que acompanham os usuários dessas políticas. A origem social é, na visão dos autores, o principal determinante para sucesso ou fracasso escolar e para definição de trajetórias que, em um primeiro momento, poderiam ser tratadas como trajetórias decorrentes de "escolhas pessoais" somente, como é o caso da escolha do curso.

Perosa e Costa (2015)[33] avaliaram o caso de expansão da UNIFESP e procuraram testar a pertinência do raciocínio desenvolvido por Bourdieu e Passeron "sobre as chances de acesso dos diferentes grupos sociais ao ensino superior e à ocupação socialmente desigual das diferentes carreiras" e assim, distinguem os sentidos de "expansão" e "democratização".

> [...] a ampliação das oportunidades pode significar uma simples translação das desigualdades sociais e não a sua redução. Mesmo uma elevação do nível educacional de uma geração à outra, pode não se constituir em uma queda das desigualdades se as distâncias entre os grupos sociais permanecem da mesma magnitude. É nesta acepção que empregamos a noção de democratização do ensino, definindo-a como a redução das desigualdades de acesso e de aproveitamento escolar ligadas à origem social, geográfica e de gênero dos estudantes. (BOURDIEU; PASSERON[34], 1964; MERLE[35], 2000; GARCIA; POUPEAU[36], 2003; DURU-BELLAT[37], 2008 *apud* PEROSA; COSTA, 2015, p.119)

Ao fazer referência ao mesmo assunto, o acesso às universidades na França da segunda metade do século XX, Bourdieu em outra obra destaca que mesmo os jovens aparentemente fora dos padrões esperados, os "filhos das classes populares" que apresentavam sucesso acadêmico já eram provenientes de "famílias que diferem da média de sua categoria, tanto por seu nível cultural global como por seu tamanho" (BOURDIEU, 1998, p. 43). O sucesso escolar e universitário de alguns indivíduos é tido por ele como parte da engrenagem que perpetua a legitimação de um sistema que opera por meio da desigualdade.

> O sucesso excepcional de alguns indivíduos que escapam ao destino coletivo dá uma aparência de legitimidade à seleção escolar, e dá crédito ao mito da escola libertadora junto àqueles próprios indivíduos que ela eliminou, fazendo crer que o sucesso é uma simples questão de trabalho e de dons (BOURDIEU, 1998, p. 59).

A ideia de mérito é então confirmada e todos que fazem parte da comunidade acadêmica passam a contribuir para a perpetuação da ordem social. Isso se dá por meio da cumplicidade entre os que confortavelmente estão inseridos nesse sistema de forte analogia entre "cultura

---

[33] A dissertação que originou este artigo, "Desigualdades educativas no acesso ao ensino superior: um estudo de caso sobre a democratização entre os campi da Unifesp" (COSTA, 2015) fornece conceituação que auxilia no presente trabalho: "capital cultural é um ter que se tornou ser, uma propriedade que se fez corpo e se tornou parte integrante da 'pessoa' [...] está mais predisposto a funcionar como capital simbólico, ou seja, implícito, permeando as escolhas e relações, do que capital econômico"(BOURDIEU, 2014 *apud* COSTA, 2015, p.21)

[34] BOURDIEU, P.; PASSERON, J.-C. Os Herdeiros: os estudantes e a cultura. 1 ed. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

[35] MERLE, P. Le concept de démocratisation de l'institution scolaire: une typologie et sa mise à l'épreuve. Population, ano 55, n. 1, p. 15-50, 2000.

[36] GARCIA, S.; POUPEAU, F. La mesure de la "démocratisation" scolaire - Notes sur les usages sociologiques des indicateurs statistiques. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 149, n. 149, p. 74-87, 2003.

[37] DURU-BELLAT, M.; KIEFFER, A. Du baccalauréat à l'enseignement supérieur en France: déplacement être composition des inégalités. *Population*, Paris, v. 63, n. 1, p. 123-157, 2008.

universitária" e "cultura culta", a saber, docentes e estudantes provenientes das classes econômica e culturalmente distintas, bem como os "não herdeiros", aqueles que acessam a universidade contrariando já uma lógica excludente anterior e que, mirando nos exemplos de "superação" amplamente propagados, não são autorizados a questionar ou reclamar de nada relacionado à ordem vigente na universidade.

Dentro do contexto educacional as desigualdades se complexificam para além das chamadas desigualdades sociais, como aponta Valle (2014) ao comentar sobre a obra, "Os herdeiros" (1964), e a relevância de sua leitura no contexto brasileiro atual.

> Referimo-nos primeiramente à herança cultural; categoria de análise que dá sustentação ao tipo ideal elaborado para Os herdeiros [...] ao mostrar que os fatores sociais de desigualdade perante a escola são bem mais complexos que os simples fatores de desigualdade social. É nesta tese que são lançadas as bases para a elaboração da noção de capital cultural, o que vai ocorrer por meio da análise de variáveis relacionadas à boa vontade cultural, à devoção à cultura, à incitação cultural, à ortodoxia cultural. Estas noções estão relacionadas às virtudes reconhecidas e valorizadas, ao diletantismo dos estudantes, à noção de vanguarda política e estética, às ideias de familiaridade e desenvoltura na relação com a vida universitária. Nesta tese é explorada a conivência do "herdeiro" com o mundo escolar em razão da sua origem burguesa e culta, o que lhe permite dominar – e mobilizar – os códigos culturais e escolares adquiridos na família e na socialização escolar de base. (Valle, 2014, p.241)

Um segundo conceito chave nas análises promovidas em "Os herdeiros" é o de *habitus,* que relaciona social e indivíduo ao articular em seu bojo a ideia de interiorização de disposições sociais, de assimilação de práticas sociais e culturais. "O conceito de *habitus* permite ver como a reprodução funciona: estruturas internalizadas pela socialização, transformando-se em disposições quando expressas (práticas, linguagem, estilos de vida, valores, gostos, etc)." (AGUIAR NETO, 2020, p. 72). Enquanto "estrutura estruturante" conjuga algo da socialização pregressa com aspectos que se desdobram similarmente de forma contínua no tempo por meio de uma "matriz de percepções" (AGUIAR NETO, 2020, p. 73).

A ideia de capital cultural e suas facetas hereditária e cumulativa nos remete à concepção clássica de cultura, a qual reafirma a valorização das artes e da erudição em um movimento que anseia o progresso e a evolução. Não cabem aqui as ideias de multiplicidade de cultura(s) do campo antropológico em suas vertentes descritiva e simbólica. Por outro lado, o que Thompsom (1990) nos apresenta, o conceito *estrutural* de cultura que enfatiza as questões de relações de poder e a estrutura social na qual os fenômenos simbólicos são criados e interpretados parece ser bastante aderente ao conceito de capital cultural. Já o conceito de

habitus traz a visão antropológica de cultura por meio da ênfase nas práticas cotidianas, expressas da forma que são através de processos de internalização.

O exercício de sobreposição dos conceitos bourdieusianos com as concepções de cultura nos auxilia a pensarmos as mais variadas formas de apreensão do eixo "cultura" inserido na legislação vinculada à permanência estudantil, sendo esta última um campo intrinsecamente ligado às desigualdades. Nessa perspectiva, de que forma são tomados o fazer artístico-cultural de estudantes universitários das camadas populares? Setton (2005) aponta que há entrada dos "não esperados" no campo da cultura culta e que isso faz parte das lutas simbólicas.

> Bourdieu não desconsidera a existência dos grupos populares na disputa pela cultura legítima. O que ele afirma é que as diferenças de acesso à cultura e de aquisição desta entre os grupos sociais conferem aos mais privilegiados um poder real e simbólico que os habilita a apresentar os melhores desempenhos escolares. Para Bourdieu os segmentos populares não estão fora das disputas e dos conflitos de ordem cultural instaurados nas sociedades modernas. A própria concepção de sociedade de Bourdieu considera as tensas relações de interdependência entre os grupos sociais (Bourdieu, 1982). Neste sentido, para este autor os segmentos populares não são destituídos de recursos que os habilitam a participar das lutas simbólicas. Ao contrário, Bourdieu enfatiza que a desigual distribuição desse recurso raro estimula o conflito. Imposta pelas classes letradas e dominantes como sendo a cultura legítima, a cultura culta precisa ser sistematicamente valorizada por um conjunto de estratégias e rituais de consagração (exames de seleção, diplomas, formaturas, álbuns de formatura, becas etc.) para que seja legitimamente aceita e reconhecida por todos. (SETTON, 2005, p. 81)

4.3 ARTE E PSICOLOGIA

Alvarenga e Andriolo (2021) fazem uma colocação pertinente a respeito de dizeres próprios da nossa época, repetidos em diversos contextos e que podem facilmente ser encontrados no âmbito da universidade: sobre a necessidade de "democratizar a arte e cultura" e que "a arte transforma vidas".

É bem verdade que há uma profusão de perspectivas as quais tematizam a arte como via privilegiada para a transformação, seja de pessoas ou comunidades. No campo da Psicologia, por exemplo, como práticas que envolvem "recursos expressivos" podemos encontrar as chamadas "Oficinas de Criatividade", sistematizadas por Christina Cupertino (2015).

> Entre os efeitos sentidos pelas pessoas que passam por Oficinas podemos encontrar a expansão de algumas capacidades, entre as quais a possibilidade de expressão de afetos e sentimentos, por meio da produção gerada pelo fazer "artístico" contido na proposta básica desse tipo de atividade, concomitante à descoberta de aspectos pessoais desconhecidos, tornados aparentes nas obras concluídas ou durante o processo de execução. O contato com os demais elementos dos grupos é mais

> próximo, e as trocas são mais significativas, pois são geradas de modo mais espontâneo em ambientes facilitadores. Aparece também a constituição dos territórios comuns compartilhados pelos membros dos grupos, associada à aceitação da diversidade manifesta em particularidades e diferenças individuais. (CUPERTINO, 2015, p. 2)

A inscrição da palavra "artístico" entre aspas no excerto nos leva a refletir sobre os aspectos aludidos por esta palavra, quais sejam: erudição e ideal estético. Sua utilização em contextos não próprios do campo das artes tende a ser cautelosa, o que indica uma separação entre a arte legítima, reconhecida como tal e outra menor, realizada por pessoas externas ao universo da primeira.

As artes, especialmente quando não circunscritas em contextos legitimadores como são os museus, salas de concerto, cursos teóricos e práticos de conservatórios ou academias, são tomadas a partir de variadas perspectivas. No recorte utilizado neste trabalho utilizamos aquelas provenientes do campo da Psicologia da Arte, no âmbito do Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte (LAPA – IP/USP)[38].

Frayze-Pereira (2006) discorre sobre a aproximação de arte e psicologia e localiza na estética o ponto de encontro, com a ideia de beleza e um tipo de conhecimento sensível. Sobre a arte, indica que a pergunta inicial em qualquer debate sobre o assunto costuma ser: o que se entende por arte? A esta pergunta argumenta que ante a facilidade de encontrar *exemplos* de obras de arte, como uma pintura de Leonardo Da Vinci ou partitura de Chopin, temos a dificuldade de explicitar os *critérios* utilizados para a eleição de tais exemplos. À pergunta anterior soma-se: "[...] o que faz o artista? – cria, inventa, produz, representa ou exprime?" (FRAYZE-PEREIRA, 2006, p.55). O autor então percorre amplo percurso histórico e semântico de respostas e apresenta a definição de arte "como fazer, como exprimir e como conhecer" tomados conjuntamente. E enquanto um fazer específico, a arte existe somente quando existe a obra. Na contemporaneidade, pela multiplicidade de poéticas, a obra de arte figura como ponto de partida para qualquer diálogo possível com o campo.

Mattos, Andriolo e Oliveira (2022) definem como "'objeto estético' [...] aquele objeto sensível para os grupos sociais, em seus processos próprios de significação, enquanto "objeto artístico" aquele reconhecido e/ou consagrado segundo as regras do campo artístico". (MATOS; ANDRIOLO & OLIVEIRA, 2022, p. 3). Ao retomarem a história de

[38] O Laboratório de Estudos em Psicologia da Arte (LAPA) integra desde a década de 1980 o departamento de Psicologia Social e do Trabalho do Instituto de Psicologia (IP/USP) e trabalha com foco no "processo social da arte" e "a arte do processo social".

desenvolvimento da psicologia das artes e da psicologia social no Brasil, utilizando para tal o enunciado "primitivo", os autores destacam a influência de ideias calcadas em distinções étnicas e socioeconômicas na gênese de ambos os campos teóricos.

> Essas ideias tiveram forte influência na formação do campo da psicologia da arte. Naquele momento, por um lado, estudos filosóficos e de crítica de arte informavam acerca do "sensível", o "belo", a "expressividade". Por outro lado, a psiquiatria relacionava formas artísticas a modelos patológicos, em termos como "degenerescência" e "regressão" (FRAYZE-PEREIRA[39], 1994; ANDRIOLO[40], 2006 *apud* MATOS; ANDRIOLO; OLIVEIRA, 2022, p. 9).

A mirada histórica do artigo ajuda na compreensão de que, no par "arte e cultura", não é somente o conceito de "cultura" que articula noções hierárquicas e de exclusão.

> [...] o discurso que inferiorizava o pobre urbano favoreceu a exclusão de práticas estéticas de largas parcelas da população da esfera cultural e artística legítima; a obra do pobre urbano não era arte (ANDRIOLO[41], 2004 *apud* MATOS; ANDRIOLO; OLIVEIRA, 2022, p. 12).

Alvarenga e Andriolo (2021), ao descreverem a prática de visitação de jovens de ensino fundamental e médio a espaços culturais, por meio das noções de campo, *habitus*, classe e símbolo de distinção, problematizam a ideia de a arte estar disponível a todos, tema abordado por Bourdieu em sua obra "O amor pela arte" (BOURDIEU; DARBEL[42], 2007 *apud* ALVARENGA & ANDRIOLO, 2021). Por outro lado, articulam os conceitos de *aisthesis*, campo estético e engajamento estético trabalhados pelo filósofo Arnold Berleant na apreensão das visitas a espaços culturais como meio propiciador para processo de reflexividade dos jovens, através da experiência estética. Os processos reflexivos vão desde a compreensão sobre os espaços da cidade e as diferenças de acesso a eles em virtude das desigualdades sociais, passam por questionamentos de atribuições de gênero e chegam à possibilidade de construção de projetos de vida menos aprisionados, ou seja, provocam uma profunda mudança do olhar, ao mesmo tempo promovem cidadania e gozo de direitos.

---

[39] FRAYZE-PEREIRA, J. A. **A questão da alteridade**. Psicologia USP, v. 5, n. 1-2, p. 11-17, 1994.
[40] ANDRIOLO, A. **O método comparativo na origem da psicologia da arte.** Psicologia USP, v. 17, p. 43-57, 2006.
[41] ANDRIOLO, A. **Traços primitivos: histórias do outro lado da arte no século XX**. 2004. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.
[42] BOURDIEU, P.; DARBEL, A. **O amor pela arte:** os museus de Arte na Europa e seu público. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2007.

4.3.1 Experiência estética e estética social

Vimos que no encontro entre arte e psicologia temos a estética, o conhecimento sensível que por sua vez, é possível através da experiência.

Frayze-Pereira (2004) ao abordar a dimensão estética da experiencia do *outro,* volta-se à diferença sensível entre o eu e o outro e percebe, neste reconhecimento, a consciência da alteridade. Destaca o desenvolvimento da alteridade como questão, desde a segunda metade do século XX e repousa no pensamento de Merleau-Ponty e seu pensamento estético, para tecer suas considerações. Como um dos aspectos centrais faz referência à crítica ao objetivismo e ao subjetivismo, inserindo também aí os impasses para a fundação de uma Psicologia Social.

> E, segundo Merleau-Ponty, só é possível sairmos dele [do impasse para o aparecimento da intersubjetividade] se renunciarmos à dicotomia sujeito-objeto. Assim, não é no plano da relação de uma consciência com outra ou no da interação de um corpo com outro que o impasse será ultrapassado. Para Merleau-Ponty, o campo que permite a ultrapassagem dessa dicotomia e dos impasses derivados dela é o do próprio corpo. Não o corpo como matéria objetiva, nem como idéia, mas o corpo como um sensível que é capaz de sentir, isto é, como um sensível que sente, que é reflexivo. (FRAYZE-PEREIRA, 2004, p. 22)

O corpo, o sensível, as sensações e percepções estão, portanto, ligados de forma radical a tudo que envolve o domínio da alteridade. Andriolo (2021) nos auxilia a compreender o raciocínio de Merleau-Ponty ao dizer que "a experiência do outro é sempre uma questão situada no sensível, a alteridade está no centro da compreensão da experiência estética". (ANDRIOLO, 2021, p. 109). A experiência estética é "aquilo que nos abre para o que não é nós, é o que nos coloca em contato com tudo o que é outro, isto é, com tudo aquilo que exige de nós criação para dele termos experiência" (FRAYZE-PEREIRA[43], 1994, p. 56 *apud* ANDRIOLO, 2021, p. 114)

Na mesma esteira, a experiência estética para Berleant (2005) integra diversos fatores: aceitação, percepção, sensibilidade, descoberta, singularidade, reciprocidade, continuidade, engajamento e multiplicidade.

> A aceitação implica uma abertura para a experiência, com suspensão do julgamento. A percepção [...] é predominante na apreciação estética. Não é pura sensação, já que muitos fatores moldam nossa consciência sensorial [...] a sensibilidade é o centro da experiência por meio dos sentidos: visão, audição, tato, olfato, paladar e cinestesia [...] A descoberta se refere a situações antes não percebidas ou ignoradas, que se tornam importantes, abrindo a possibilidade perceptiva para novos objetos e situações. A singularidade [...] tem a ver com a natureza única da percepção de cada corpo, em cada temporalidade, historicidade, repertório pessoal e cultural. A reciprocidade é a afetação entre elementos inseridos na relação da experiência estética [...] engajamento

[43] FRAYZE-PEREIRA, J. A. **A alteridade da arte:** estética e psicologia. Psicologia USP, v. 5, n. 1-2, p. 35-60, 1994.

> estético une todas essas características de uma estética contextual [...] multiplicidade é concernente à característica da própria experiência que não é confinada a um tipo de objeto ou lugar: as ocasiões para a experiência estética são ilimitadas. (SEIRIO, 2021, p. 43)

Através da "estética da vida cotidiana" temos o desdobramento das contribuições da experiência estética para além do campo das artes. "Ambiente, arte e estética estão entrelaçados na filosofia de Berleant" Andriolo (2021, p. 111) pontua ao introduzir o conceito de "estética ambiental" extensamente desenvolvido pelo filósofo. O trinômio citado, aliado ainda ao corpo, faz com que cheguemos à estética social que "é a estética da situação, é contextual. Engloba a integração entre pessoal e social."(SEIRIO, 2021, p. 44)

As artes são, nesse sentido, via privilegiada para a experiência estética, contudo aquelas não a limitam. Por meio do engajamento, que retoma sua faceta contextual e situacional, o mundo, as pessoas e relações são tomadas como instâncias nas quais a experiência estética pode vir a existir. Desse modo, temos ampliada nossa perspectiva a respeito das modalidades de enquadre nos quais a experiência estética e, foco de nosso maior interesse, a alteridade, pode ser endereçada.

5 LEITURAS INTERPRETATIVAS

5.1 EDITAIS DE FOMENTO

Esta seção contém trabalho interpretativo de elementos textuais presentes em sete editais de fomento a arte e cultura promovidos pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da UNIFESP entre os anos de 2014 e 2018. Destes, quatro são editais de apoio a projetos estudantis e três são de concursos culturais. Foram destacados, especialmente, trechos com sentidos sobre arte/cultura, a relação com a efetivação da permanência estudantil e mudanças significativas entre os editais.

Edital PRAE 06/2014 - IV EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2014

Logo no início há indicação que o presente edital cumpre com o PNAES. Não há menção ao eixo "cultura" do decreto presente no edital ou outra indicação de como o edital se relaciona ao Plano Nacional. O objetivo é selecionar projetos culturais estudantis que necessitam de incentivos financeiros, ou seja, **parte do protagonismo estudantil** e prevê que os projetos já tenham sua gênese estabelecida independente do edital, sendo este último o viabilizador de recurso somente. O **público-alvo** contempla estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residência, ou seja, um público **para além do qual o PNAES se destina** de forma prioritária: "estudantes oriundos da rede pública de educação básica ou com renda familiar per capita de até um salário mínimo e meio". O edital indica que os projetos culturais serão selecionados "nas áreas culturais e linguagens: Artes Cênicas; Artes Plásticas, Artes Gráficas e congêneres; Audiovisual; Cultura Popular; Dança; Fotografia; Literatura; Música". Há uma certa **inespecificidade dos termos "projetos culturais", "áreas culturais" e "linguagens".** Quando descreve que o apoio consiste na concessão de recursos financeiros, separa em dois subconjuntos. O primeiro, prevê custeios para **realização** e reúne os termos **"eventos e/ou ações culturais", "publicações culturais", "produtos culturais"**. A descrição do subconjunto por meio dos últimos termos produz efeitos de maior especificidade e detalhamento. O segundo subconjunto trata dos **"grupos artísticos"**, aos quais o edital prevê a **criação e/ou manutenção**. Ao indicar os aptos a apresentar propostas destaca, além de pessoas físicas pertencentes ao quadro de estudantes da universidade, os **"grupos culturais"** e os caracteriza como **"a reunião**

entre artistas, técnicos e/ou estudiosos da cultura, composto por pelo menos 50% de estudantes regularmente matriculados na universidade". **Os termos "grupos culturais" e "grupos artísticos" são utilizados de forma intercambiada, como sinônimos**. A preferência por propostas encaminhadas por "entidades estudantis (Diretórios Acadêmicos, Centros Acadêmicos, coletivos)" reflete o **incentivo e a valorização à organização política de estudantes**. A verba que sustenta a proposição do edital é proveniente de **iniciativa privada, um banco**, no valor total de R$ 30.000,00 (trinta mil reais), divididos em até R$ 4.000,00 (quatro mil reais) para cada projeto. A avaliação e seleção dos projetos feita por "comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis" **não especifica se haveria um perfil específico para compor tal comitê avaliador**. São elencados **três critérios** balizadores para seleção:

> **1) Valor cultural (impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão) com peso 4**; 2) Qualidade técnica (consistência das informações, exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento, redação do projeto (qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa) com peso 3; **3) Aspectos sociais do projeto (participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais) – peso 3**.

O primeiro e terceiro critérios à primeira vista parecem ser semelhantes, em especial pela utilização dos descritores "impacto na comunidade acadêmica" no primeiro e "participação da comunidade universitária" no terceiro. Porém enquanto o primeiro critério ressalta traços relativos à qualidade do projeto, o terceiro ressalta a amplitude do seu alcance, a retirada do projeto de um circuito muito restrito e fechado. **O primeiro critério, "valor cultural", mescla descritores de distintos aspectos da cultura: impacto na comunidade universitária (aspecto: efeito, utilidade), contribuição para a cultura brasileira (aspecto: formativo), originalidade (aspecto: criativo), visibilidade (aspecto: diferenciador, valorativo) e repercussão (aspecto: transformador).** O relatório final demandado prevê o encaminhamento de formalidades práticas, como "notas, recibos e comprovantes", mas também materiais secundários provenientes do projeto como "fotos, vídeos, cartazes, folders, folhetos, convites". Todos estes passíveis de serem avaliados quanto à sua qualidade e, por meio dela, é possível a verificação do **valor cultural** previsto no projeto. Ainda são requeridas "informações qualitativas e quantitativas do evento fruto do projeto, como número de participantes, nome de palestrantes, número de certificados emitidos". Por meio das últimas informações é possível verificar posteriormente se houve compatibilidade entre os **aspectos sociais** do projeto na sua idealização e posteriormente à execução. A exigência de utilização das logomarcas da Unifesp, PRAE, do Banco Santander e da FAP (Fundação de Apoio à Unifesp) no "material de

divulgação do evento e produtos apoiados" reforça que esta ação é vinculada não somente à Unifesp, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e FAP mas também a um **banco privado.**

Edital PRAE 01/2015 - IV EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2014

A inspiração do presente edital naquele publicado no ano anterior fica evidenciada não só pelo conteúdo bastante semelhante, mas também pelo equívoco na nomeação, que acaba por repetir a numeração do edital anterior: "IV EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS –PROCULTURA ESTUDANTIL 2014". A primeira **diferença** entre os dois, porém, aparece logo no início quando da descrição das **"áreas culturais e linguagens"** das quais poderão surgir os projetos inscritos. No presente edital estão: "teatro, dança, circo, cinema, vídeo, música, poesia, literatura, dramaturgia, artes gráficas, pintura, desenho, fotografia, escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações". Em contraste com o edital anterior que utilizava os descritores: "Artes Cênicas; Artes Plásticas, Artes Gráficas e congêneres; Audiovisual; Cultura Popular; Dança; Fotografia; Literatura; Música". **Há, portanto, a inclusão de "teatro" e "circo" e a retirada de "Artes Cênicas"; Há a inclusão de "cinema e vídeo" e a retirada de "Audiovisual"; Há a inclusão de "poesia e dramaturgia", "pintura e desenho", "escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações" e a retirada de "Artes Plásticas; Artes Gráficas e congêneres; e Cultura Popular".** Há ainda nas disposições preliminares a descrição do objetivo.

> **[...] de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp, em especial o fomento à criação e integração na comunidade artístico-acadêmica; residências artísticas; manutenção de grupos artísticos; criação de grupos artísticos; realização de festivais, mostras, e oficinas de artes**.

A verba que sustenta a proposição do edital é proveniente de **iniciativa privada, um banco**, no valor total de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais), divididos em até R$ 3.000,00 (três mil reais) para cada projeto. Houve acréscimo de R$ 10.000,00 (dez mil reais) no montante em relação ao ano anterior e diminuição de R$ 1.000,00 (mil reais) no teto destinado para cada projeto inscrito e selecionado. No mais, o presente edital traz as mesmas informações já destacadas do edital do ano anterior, relativos ao protagonismo estudantil, ao público-alvo, à inespecificidade dos termos "projetos culturais", "áreas culturais" e "linguagens", à utilização de "grupos culturais" e "grupos artísticos" de forma intercambiada, como sinônimos, ao incentivo e valorização da organização política de estudantes, à não especificação quanto ao perfil de composição do comitê avaliador, aos três critérios balizadores para seleção, em especial o primeiro "Valor cultural (impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão) e o terceiro "Aspectos sociais do projeto

(participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais)" e por último, a informação referente à vinculação da ação não somente à Unifesp, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis e FAP mas também a um banco privado.

Edital PRAE N° 01/2016 - V EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2016

As duas alterações deste edital em relação ao do ano anterior é que, neste, não foi dada preferência para as propostas encaminhadas por entidades estudantis e há um indicativo de maior **controle financeiro** através da obrigatoriedade de encaminhamento de "planilha de gastos previstos e gastos realizados" além dos comprovantes já solicitados nas edições anteriores. As alterações pontuais podem estar relacionadas às mudanças ocorridas na gestão da Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer , instância responsável pelo edital.

Edital PRAE N° 04/2017 - EDITAL DE APOIO A PROJETOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS ESTUDANTIS PROCULTURA ESTUDANTIL 2017

O nome do edital na edição 2017 passou de "APOIO A **PROJETOS CULTURAIS** ESTUDANTIS" para "APOIO A **PROJETOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS** ESTUDANTIS". A mudança reverberou também nas disposições preliminares que passa a selecionar "projetos **artísticos e culturais** [...] nas **áreas artísticas culturais e linguagens**". O edital apresentou em 2017 maior detalhamento em relação aos editais anteriores e um dos acréscimos foi a inclusão de um anexo com "Detalhes relativos à aprovação, recebimento, compras e dispêndio, bem como fiscalização do projeto artístico/cultural." O aporte financeiro volta a ser de R$ 30.000,00 (trinta mil reais). Foi acrescentada a informação que "Tal valor prescrito é um referencial máximo, cabendo à comissão avaliar o projeto de forma global e arbitrar apoios em valores inferiores ao máximo permitido [...] A utilização dos recursos obedecerá aos critérios da FapUnifesp, conforme orientações do Anexo I". **A avaliação e seleção dos projetos teve uma alteração substancial.** Os 3 macro critérios continuaram a existir, mas passaram a ter novos descritores.

1) **"Valor cultural do projeto"** deixa de ser descrito por "impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão" e passa a ser composto por:

- **"Promoverá a autoestima, o sentimento de pertencimento e a cidadania na comunidade universitária. "**
- **"Dinamizará os espaços culturais nos Campi aos quais os projetos estão vinculados."**
- **"Desenvolverá ações de formação cultural e fortalecimento das identidades culturais brasileiras."**
- **"Originalidade"**

2) "Qualidade técnica do projeto" deixa de ser descrito por "consistência das informações, exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento, redação do projeto (qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa)" e passa a ser composto por:

- "Objetivos explicitados de forma clara e bem definidos."
- "Pertinência das estratégias em relação aos resultados pretendidos."
- "Descrição das etapas/ações para desenvolvimento do projeto coerentes com o Plano de Trabalho e Planilha Orçamentária."

3) **"Aspectos sociais do projeto"** deixa de ser descrito por "participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais" e passa a ser composto por:

- **"Propõe integração da cultura com outras esferas do conhecimento e da vida social."**
- **"Promoverá acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto."**
- **"Promoverá participação da comunidade universitária."**

As mudanças nos critérios de avaliação e seleção indicam um novo olhar a respeito dos projetos, uma nova expectativa da Pró-Reitoria quanto à relação dos projetos com o escopo da permanência estudantil. A "autoestima, o sentimento de pertencimento e a cidadania na comunidade universitária" são descritores utilizados comumente no âmbito da permanência estudantil, utilizados pela primeira vez no texto de edital Procultura, estando inseridos no critério "valor cultural" e não no critério "aspectos sociais do projeto" como seria talvez o esperado. **A "dinamização dos espaços culturais" remete a uma preocupação com o ambiente dos *Campi***, ambiente que impacta e alimenta processos de inclusão/exclusão, novamente podendo estar vinculado à permanência estudantil. O desenvolvimento de **"ações de formação cultural e fortalecimento das identidades culturais brasileiras" é um descritor que ao mesmo tempo que suscita a ideia de evolução da cultura, a partir da palavra "formação", faz referência às identidades culturais brasileiras, ressaltando o caráter de valorização das particularidades nacionais, ligadas ao território**. O quesito "originalidade" reproduz a noção de criatividade já encontrada nos editais anteriores. O segundo critério, **"qualidade técnica do projeto" também é apresentado por meio de descritores distintos dos editais anteriores e propiciam caráter mais inclusivo do edital por utilizar formas mais didáticas de exemplificar o que a comissão avaliadora iria priorizar**. Um exemplo de escolha pelo didático é a inclusão do descritor "Objetivos explicitados de forma clara e bem definidos" e a retirada de "consistência das informações". Ou ainda a troca de "exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento" por "Pertinência das estratégias em relação aos resultados pretendidos" e "Descrição das etapas/ações para desenvolvimento do projeto coerentes com o Plano de Trabalho e Planilha Orçamentária". **A retirada do descritor presente nos editais anteriores "qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa" nos remete que no presente edital há a valorização de qualidades distintas que não somente a erudição e familiaridade com os registros normativos da língua.** Já com relação ao último critério, "aspectos sociais do projeto" com a inclusão do descritor "integração da cultura com outras

esferas do conhecimento e da vida social" retira a centralidade das preocupações somente quanto à participação, o número e as características dos participantes do projeto. Ressalta preocupação quanto à relação entre cultura e a comunidade acadêmica, os demais conhecimentos e vivências que atravessam este microcosmos social.

Foram acrescentadas informações a respeito do processo seletivo ao qual os projetos foram submetidos e novos critérios de desempate, promovendo assim maior **transparência e isonomia** no processo.

> "Cada projeto será avaliado por pelo menos 2 (dois) membros da Comissão de Seleção; A nota final será obtida a partir do cálculo da média aritmética simples entre as notas dos avaliadores; Se houver discrepância maior ou igual a 15 (quinze) pontos, no julgamento da Comissão de Seleção, entre os resultados das avaliações de um projeto, o projeto passará por reavaliação; Todas as inscrições habilitadas serão avaliadas e classificadas seguindo a ordem decrescente das notas finais; Havendo empate na totalização dos pontos, o desempate beneficiará o estudante que tenha apresentado sucessivamente: a) maior pontuação no item I; b) maior pontuação no item II; c) maior pontuação no item III".

O segundo diferencial com relação ao processo de avaliação dos projetos é que nesta edição não houve abertura para recursos após a classificação final. O item "VII – DO CANCELAMENTO" também foi adicionado no corpo do edital 2017 estipulando os procedimentos para tal solicitação. O item "RELATÓRIO FINAL" presente nas edições anteriores foi subdividido entre "DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS "e "DA PRESTAÇÃO DE CONTAS". **A partir do conteúdo dos dois novos itens é evidenciada maior preocupação em detalhar os trâmites burocráticos e de adequação às normas de utilização do recurso.** É o primeiro edital que apresenta a informação sobre como se daria a passagem do dinheiro da instituição ao(s) estudante(s) que tivesse o projeto contemplado, através de adiantamento. As informações contidas nos dois novos itens indicam também a posição mediadora da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis entre estudante proponente e a Fundação de Apoio, responsável pelo gerenciamento dos recursos.

Edital PRAE nº 03/2016 - 2º Concurso de Cartazes da UNIFESP para a Recepção dos(as) novos(as) estudantes 2017

O item "Sobre o Concurso" contextualiza a proposta no âmbito da Universidade Pública, apontando a **ambiguidade entre sua tarefa de "promover uma formação crítica pautada por questões ético-políticas" mas também sendo espaço no qual "reproduz práticas e concepções que engendram em si mesmas violências de várias naturezas".** A partir deste contexto aponta como oportuna **a entrada de novos estudantes para a produção de "reflexões sobre os padrões socialmente construídos e as formas de superar as opressões, hierarquizações e subalternizações"** e para isso lança mão da "capacidade do pensamento crítico". O edital segue no item "Finalidade" indicando que visa "promover a integração entre veteranos(as) e novos(as) estudantes estimulando a crítica às formas tradicionais de recepção que trazem como mote situações de violência física e simbólica". **Há aqui uma articulação entre a proposta do edital, de promover um concurso de cartazes, e a expectativa de um processo de reflexão por parte de estudantes veteranos que visa culminar em formatos de recepção não baseada em violências.** Entre os temas possíveis figuram processos discriminatórios e de violência.

> "Discriminação de **classe e /ou origem**; Discriminação e/ou violência de **gênero**; Discriminação e/ou violência **racial**; Violência física, verbal e simbólica; **Heteronormatividade**; Discriminação e/ou violência **política**; Discriminação e/ou violência **religiosa**; Discriminação e/ou violência por **idade**".

Os temas abordam as violências sofridas por pessoas ou grupos discriminados dentro e fora da universidade, o que reafirma o exposto no início sobre a instituição ser espaço de reprodução de práticas e concepções pautadas pela violência. Entre os participantes são elencados além de estudantes matriculados nos cursos de graduação, os de pós-graduação *strictu senso* e residentes. São quatro os critérios de seleção: "Consonância com os temas do concurso; Criatividade; Qualidade artística; Originalidade". Os critérios são menos números e mais simples que aqueles utilizados nos editais Procultura. O edital trata da avaliação de cartazes, ou seja, imagens. Três dos quatro critérios avaliativos são mais ligados aos aspectos artísticos: **Criatividade; Qualidade artística e Originalidade.** Em seguida há um **destaque a respeito da autoria do cartaz:** "Está sob responsabilidade dos(as) concorrentes reproduções indevidas e/ou à situações que possam incorrer em plágio". Para julgar os trabalhos o edital indica a própria "Comissão Organizadora da PRAE". Como prêmios foram estabelecidos: "1º Lugar: Um tablet; 2º Lugar: Dois livros, a escolher, da Editora Unifesp; 3º Lugar: Um livro, a

escolher, da Editora Unifesp". O edital indica que "O(a) participante renuncia a qualquer questionamento sobre os critérios adotados pela comissão julgadora".

Edital PRAE 04/2016 - II CONCURSO UNIFESP EM CONTOS

O concurso "tem por tem por objetivo **estimular a cultura da produção literária discente**, premiando contos ou crônicas." Além de serem "individuais e inéditas", era necessário "ter a UNIFESP como cenário". **A escolha das palavras logo neste início produz uma situação curiosa. A palavra "cultura" em "cultura da produção literária discente" denota costume, hábito. Porém, por estar sendo utilizada no contexto de um concurso cultural e de produção literária, pode disparar uma associação com a ideia de "estímulo à cultura" como elemento valorativo, de uma cultura a ser alcançada. Não é o caso aqui.** Ao detalhar as regras para inscrição dos trabalhos no item "DOS CONTOS E CRÔNICAS" estipula que "a extensão do conto ou da crônica são livres e sua estrutura deve respeitar as características desses gêneros de narrativa" e que "devem ser correlatos ao tema proposto pelo concurso". Contudo, não há referência a um tema ao longo do edital para além da obrigatoriedade de que os contos e crônicas tenham a UNIFESP como cenário. **A preocupação com a autoria aparece em dois momentos.** Quando ressalta que "O(a) autor(a) é o(a) único(a) responsável pela obra, podendo responder judicialmente por plágio, cópia indevida e demais crimes previstos na Lei Autoral" e que os trabalhos não possuam conteúdo "produzidos por terceiros". Ainda com relação ao conteúdo dos trabalhos há destaque para que estes não venham a "causar danos a terceiros, seja através de difamação, injúria ou calúnia, danos materiais e/ou danos morais" ou que "Contenham dados ou informações que incitem qualquer tipo de contravenção penal ou desrespeito aos direitos humanos" ou "Tenham intenção de divulgar produto ou serviço ou qualquer finalidade comercial." A obrigatoriedade para a "redação somente em língua portuguesa" **reforça a valorização das características territoriais onde as(os) estudantes estão localizados, em solo brasileiro**. Sobre a avaliação e seleção, o edital prevê que seria realizado por comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, mas não o especifica ou indica os perfis prioritários. Os critérios para avaliação foram: "Adequação ao tema proposto; Originalidade; Criatividade; e Qualidade do texto". **Semelhante ao edital de seleção de cartazes, o presente edital estabelece critérios menos elaborados que aqueles utilizados nos editais Procultura. O edital trata da avaliação contos e crônicas, produção literária. Três dos quatro critérios avaliativos são ligados aos aspectos artísticos: Originalidade; Criatividade; e Qualidade do texto.** Como premiação foi prevista a publicação dos materiais em um livro organizado pela PRAE, além de "1º Lugar: Um tablet; 2º Lugar: Dois livros, a escolher, da Editora Unifesp; 3º Lugar: Um livro, a escolher, da Editora Unifesp. Igualmente

ao concurso de cartazes, o edital aponta que “Não cabem recursos contra o resultado deste edital”.

EDITAL PRAE No. 07/2018 DE CONCURSO CULTURAL "EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS"

A introdução do edital fornece uma breve descrição de Direitos Humanos.

> [...] direitos que construídos social e historicamente em progressivo reconhecimento, supera as condições de cor/raça/etnia, de gênero, de idade, de nacionalidade, de religião, de restrição de acessibilidade/mobilidade, ou qualquer outra situação seja social, cultural ou educacional excludente.

Indica que a "efetiva implementação de tais direitos são marcados pelo processo civilizatório" e que "os(as) estudantes como protagonistas de uma nova sociedade, possuem fundamental importância na promoção dos direitos humanos e transformações sociais". Situa o edital dentro das atribuições da PRAE, destacando que seu lançamento foi em homenagem aos setenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e que a viabilização do concurso foi por meio de recursos provenientes de parceria com um banco privado. Por meio da introdução **fica estabelecida a relação entre o concurso cultural promovido pela PRAE com a temática dos Direitos Humanos, em especial, o que toca o sentido de equidade nas diferenças, um tema caro aos Assuntos Estudantis.** Como objetivo tem o incentivo aos estudantes tanto de graduação como de pós-graduação stricto sensu e residentes à produção de "materiais culturais que relacionem o tema educação com os direitos humanos, incentivando as artes visuais e a literatura, o reconhecimento de talentos, o fomento das diversas formas de expressão e a valorização, defesa e promoção dos Direitos Humanos". **A expressão "materiais culturais" neste contexto aparece como ideia que liga os elementos citados em seguida: artes visuais e literatura, reconhecimento de talentos, fomento de diversas formas de expressão e valorização, defesa e promoção dos Direitos Humanos.** Há um destaque ao ineditismo dos materiais, chamados também de **"obra"**, com referência à questão dos direitos autorais. Em seguida nomeia como **"produções artísticas"** os frutos do edital e informa que eles irão compor "**exposição itinerante** em todos os Campi com objetivo de promover diálogos, rodas de conversa e ações nas temáticas cultura, educação e direitos humanos" e que poderiam também "vir a compor obra bibliográfica ao término do processo". **A nomeação como "obra" e "produções artísticas" aliado à possibilidade da exposição expressam espírito mais formal do universo das artes, fazendo um contraponto com o espírito suscitado por "materiais culturais", que denota maior abrangência, menor rigidez**. As modalidades de trabalhos passíveis de serem inscritas foram Fotografia, Desenho, Poesia e Contos. Foi indicado que a seleção dos trabalhos inscritos seria através de "comissão de avaliação composta por no mínimo

três avaliadores com afinidade pela modalidade" e por meio dos critérios: "Fidelidade ao tema Educação e Direitos Humanos (30 pontos); Originalidade (30 pontos); e Qualidade Técnica (40 pontos)". Não houve a utilização do critério "Criatividade" como nos editais de concurso cultural anteriores. Já com relação a possibilidade de recurso, como nos editais de concurso cultural anteriores, o presente edital indica que "As decisões da comissão de seleção serão irrecorríveis". Com o aporte de R$ 30.000,00 (Trinta mil reais) para realização do concurso, a premiação foi diferenciada quanto aos valores dos prêmios em comparação com os concursos culturais anteriores, sendo que "O(A) 1º colocado(a) em cada categoria ganhará um "notebook" no valor aproximado de R$ 3.000,00 (Três mil reais), totalizando R$ 12.000,00 (Doze mil reais), O(A) 2º colocado(a) em cada categoria ganhará um "tablet" no valor aproximado de R$ 1.000,00 (Mil reais), totalizando R$ 4.000,00 (Quatro mil reais) e; O(A) 3º colocado(a) em cada categoria ganhará um vale livro no valor de R$ 500,00 (Quinhentos reais), totalizando R$ 2.000,00 (Dois mil reais). O recurso restante, no valor aproximado de R$ 12.000,00 (Doze mil reais), será utilizado para custear as despesas decorrentes das exposições itinerantes, evento sobre Educação e Direitos Humanos para a premiação dos(as) estudantes e na elaboração de um livro com as obras".

5.2 TRABALHOS PREMIADOS OU REALIZADOS POR MEIO DOS EDITAIS

Esta seção contém trabalhos interpretativos em três diferentes frentes. A primeira procura dar destaque aos sentidos impressos sobre arte e cultura, bem como as relações com o campo da permanência estudantil que estão presentes no prefácio da coletânea. Este exercício interpretativo se assemelha ao que foi realizado com os conteúdos dos editais, interpretei em ambos os momentos elementos textuais que partem da gestão de assuntos estudantis da universidade.

A segunda frente é voltada aos comentários realizados a respeito dos contos premiados por parte dos organizadores do concurso e da coletânea. Parto da compreensão de que a "recepção estética" como campo pode nos fornecer, a partir das respostas do público, um conjunto de significados que dão pistas sobre processos histórico-sociais nos quais estamos inseridos, para além do enfoque "subjetivista" expresso pela impressão pessoal do espectador diante da arte.

A terceira frente busca no corpo dos próprios contos aquilo que é alusivo à vivência e permanência estudantil, num processo semelhante ao realizado na segunda frente de análise, mas que agora parte de minha própria recepção estética.

Importante dizer que não se trata de uma tentativa de "psicologizar" as obras, "analisar" os autores ou ser um exercício de interpretação subjetivista. A incursão procura ser condizente com o método fenomenológico no contexto da recepção estética, ou seja, no terreno da percepção do(a) espectador(a) frente a obra de arte. Decorre desse enquadre o entendimento de que não há uma interpretação única sobre uma obra de arte e que o processo de recepção da obra é atravessado por diversas características tanto do espectador quanto do artista: processos histórico-sociais, intencionalidades, conhecimentos prévios tanto sobre o fazer artístico quanto da temática da obra.

UNIFESP EM CONTOS (Edição II)

A coletânea é formada por contos premiados a partir do "**Edital PRAE 04/2016 - II CONCURSO UNIFESP EM CONTOS",** também analisado neste trabalho. O livro foi lançado em 2018 e organizado por Anderson da Silva Rosa, Andrea Rabinovici e Fabrício Gobetti Leonardi, pertencentes à gestão da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis. A coletânea traz o nome dos componentes da Comissão de Avaliação do Concurso: Leonardo Gandolfi; Marcelo Moreschi e; Paloma Vidal, pessoas reconhecidas como autoridades no universo da Literatura, atuantes na produção literária e na docência, um "**conjunto de docentes do curso de letras altamente gabaritado**" Após o Prefácio, a coletânea apresenta onze contos de estudantes, entre eles os três vencedores do concurso: 1º lugar = Alexsandro Augusto Oliveira *"Na aula de estatística"* (campus Osasco); 2º lugar = Bruna Maria dos Santos *"Convergente"* (campus São José dos Campos); 3º lugar = Maria Luis de Mello *"O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário"* (campus Baixada Santista). O Prefácio escrito pelos organizadores inicia com a **revelação** sobre o "II Concurso Unifesp em Contos".

> [...] **fruto das intensas reflexões** que equipes pertencentes à gestão das questões estudantis e a comunidade acadêmica tem feito **no intuito de ampliar e**, ao mesmo tempo, **aprofundar o conceito de permanência estudantil**. Esta coletânea busca **expandir o escopo e a implicação de ações institucionais para além do trinômio transporte, alimentação e moradia**- necessidades fundantes da assistência estudantil. Chama a atenção para **subjetividade, simbolismo e significados** que emergem do **enlace entre as necessidades, desafios, expectativas com a produção criativa de soluções e de vida por cada estudante**.

O trecho evidencia que o concurso foi criado como uma ação de promoção da permanência estudantil e atribui esta escolha a uma ampliação e aprofundamento do conceito, para além das ações nos campos do transporte, alimentação e moradia. As palavras **"subjetividade, simbolismo e significados"** denotam uma esfera que se relaciona ao sensível, ao que não é dado de forma direta, mas que é revelado por meio do exercício criativo das(os) estudantes escritores e do olhar atento dos interlocutores por meio do processo de recepção estética dos trabalhos. O texto do prefácio continua fazendo defesa desta e outras ações que ampliam o escopo clássico da assistência estudantil:

> O acesso às tecnologias, o apoio pedagógico, o cuidado com a saúde, **o incentivo à produção cultural e à cultura**, a sociabilidade etc., não podem ser simplesmente relegados a segundo plano nas políticas universitárias. Em inúmeros casos **a relação de pertencimento, de estima, de adaptação, de troca de afetos, de solidariedade, inventividade, incentivo à criatividade, reciprocidade, identidade, entre outros, são basais para a mudança do olhar e da qualidade com que o(a) estudante se envolve no incrível e complexo período de "vivência universitária**". **Essa vivência, coletiva e individual, não impacta só na permanência, mas na experiência vivida**, como laboratório, treino e prática efetiva e se expande por outros tempos e períodos que se incorporam nas histórias das pessoas e da própria instituição.

Ao passo que são citados outros eixos de atuação do PNAES como "apoio pedagógico, o cuidado (ou atenção) com a saúde" o texto deixa transparecer que o entendimento aqui é de que o eixo "cultura" se traduz em "incentivo à produção cultural e à cultura", uma entre algumas interpretações possíveis. Há uma relação explícita entre as estratégias mais ampliadas do trabalho com a permanência, entre elas o incentivo à produção cultural, à cultura e uma sequência de possíveis efeitos produzidos: "relação de pertencimento, de estima, de adaptação, de troca de afetos, de solidariedade, inventividade, incentivo à criatividade, reciprocidade, identidade". A estratégia de utilizar o gênero "conto" é justificada como meio privilegiado para "expressar e inventar, através de palavras, situações, fatos e sentimentos". **Aparece aqui um olhar particular a respeito do fazer artístico através da literatura, que seria meio para expressão e invenção.** Em seguida há um breve comentário a respeito de quatro dos contos que compõem a coletânea, que ressaltam algumas das "dimensões e elementos" desses trabalhos. Importante dizer que os comentários são provenientes da recepção estética dos contos por parte dos organizadores, que por sua vez fazem parte da gestão dos Assuntos Estudantis na universidade no período no qual os contos são escritos, portanto, pessoas com uma bagagem específica, um olhar atravessado pelas experiências nesta posição. **A recepção estética é construída histórica e socialmente, que por sua vez produz leituras particulares e não universalizantes dos trabalhos.**

CONTO *"NA AULA DE ESTATÍSTICA"* de Alexandro Augusto Oliveira – Iniciamos com parte do comentário dos organizadores a respeito do conto.

> Uma joia da literatura dada a capacidade de escolher e relacionar metáforas, a profundidade e a atemporalidade (para provocar o autor) das reflexões. Tudo isso a partir da temática "aparentemente simples" de um estudante com dificuldade em uma aula de estatística. (p. 11)

Acrescentamos que **o cenário da sala de aula com a presença do estudante com dificuldades é emblemático**, poderemos recuperá-lo em outros trabalhos que serão analisados. A dificuldade do estudante é evidenciada pelo **descompasso percebido entre o próprio e os colegas**.

> O que o professor então disse ela entendeu, ela e os outros, não eu, perdido noutro tempo, girando noutra esfera, coincidentemente deixando-me ficar largado no canto mais escuro da sala [...] ah quem dera eu ser um relógio e traduzir na batida regular e segura de meu coração como um ponteiro apenas o tempo, seguras e secas batidas no silêncio, e então sair a conviver, no mesmo ritmo de meus contemporâneos que estudam estatística. (p.16)

Com o transcorrer da escrita, quase que no fôlego de uma respiração única estimulada pela escolha intencional do autor por uma pontuação enxuta, parece haver o encontro com uma possibilidade de existência singular, o que me leva a pensar sobre os processos de individuação em meio ao coletivo. "[...] chego na aula de estatística e sento em uma carteira, atrasado porque não sou um relógio" (p.15). "Mas talvez eu não seja um relógio, narrando com o passo exato e regular de seus dois ponteiros a crônica do tempo, talvez eu seja uma bússola, com um único e indeciso ponteiro procurando seu Norte (p.17)".

CONTO "*CONVERGENTE*" de Bruna Maria dos Santos – Os organizadores fazem o seguinte comentário sobre o conto.

> [...] a tocante frase final coroa uma comovente lição sobre o otimismo das relações, a possibilidade de belos e simples desfechos. Com o toque das ciências exatas (e inexatas ao mesmo tempo) ela constrói uma narrativa poética deslumbrante. (p.11).

Trata de uma narrativa sobre um encontro amoroso que acontece no ambiente da universidade e que se transforma em uma relação duradoura. **O conto remete ao fato de que, enquanto espaço de socialização e encontros, a universidade é local de vivência de toda ordem, em especial no campo relacional. Pensar em permanência estudantil passa também por refletir sobre as relações nas quais eles se enlaçam que, enquanto relações do mundo contemporâneo, podem estar permeadas por certa liquidez, mas que continuam sendo eixos centrais nas vivências de estudantes.**

CONTO "*NEBULOSA*" de Edilson Lima Alves – Por não estar relacionada ao contexto universitário, o conto não foi alvo de nossa análise.

CONTO "*PERCEPÇÕES DO SILÊNCIO*" de Fabrício Costa – O conto apresenta a história de um estudante envolvido pelas reflexões acerca dos **relacionamentos de amizade:** as justificativas para encontros e desencontros e os efeitos destes no próprio protagonista. Por meio destas reflexões revela uma história pessoal caracterizada por certa tensão no campo das amizades: receio do julgamento, de perdê-las, de ser mal interpretado: "Eu me sentia seguro nesse local, seguro das pessoas, sem ser alvo de "juízes sociais" ou chacotas" (p.26). "Sou solitário e não me incomodo com isso, nunca fui bom em fazer amizades e embora gostasse da ideia de ter amigos, sempre foi difícil mantê-los" (p.27). "Sempre tive medo de expor minha opinião e ser linchado verbalmente" (p.32). Chama a atenção na narrativa a expectativa do protagonista com relação **à possibilidade de conquistar amizades na universidade:** "Uma vez li uma pesquisa que falava sobre as amizades verdadeiras, estabelecidas nas universidades, durarem para vida toda" (p.27). Ao encontrar alguém que parece partilhar de aspectos comuns, uma **sintonia** se estabelece, a história do protagonista se transforma das elucubrações iniciais no desenrolar desta nova amizade até que, novamente, o protagonista se vê sozinho. Em um salto cronológico o estudante solitário torna-se um docente e neste ponto vemos que as experiências do jovem estudante continuam a reverberar, reveladas nas características introspectivas do docente: "Eu gostava daquele silêncio melancólico da sala. Eu gostava do silêncio que havia nas minhas aulas. Eu gostava do som do silêncio" (p.35). A passagem do protagonista para a posição de docente e a relação entre sua história de vida com a característica silenciosa de suas aulas nos faz refletir sobre os **múltiplos afetos presentes dentro de uma sala de aula,** espaço de encontro não só de estudantes, mas também de docentes com múltiplas trajetórias.

CONTO "*VAGALUMES*" de Fernanda de Paula Nakata – O conto é ambientado em uma densa floresta que simboliza as dificuldades encontradas na disciplina de cálculo. **O "não saber" é referenciado de várias formas, bem como a angústia causada por ele**.

> [...] cortando os cipós das arvores com uma faquinha de cozinha e iluminando o chão com uma lanterna de chaveiro – os conhecimentos que eu havia trazido do ensino médio [...] Estava cansado de ser lembrado a toda hora do quanto eu não sabia (p.36)
>
> Ele esperava uma expressão extasiada, mas olhei-o apavorado. O fato é que derivadas haviam sido o assunto da ultima prova e eu male má havia decorado as fórmulas. (p.39)

No encontro com um explorador na floresta, **o "não saber" é ressignificado e passa de fracasso pessoal para parte integrante do cenário do aprendizado**.

> – Ficar para trás não significa que você falhou. E a educação não é um caminho reto. Olhe em volta. Não há trilhas por aqui. Os caminhos daqui são tão ramificados quanto os vasos capilares. (p.40)
>
> E então, aos poucos, eu passei a me encantar pela floresta também [...] (p.41)

Paralelo ao desenrolar da relação com o explorador nos é revelado que os pequenos iluminados, os vagalumes, tão admirados pelo protagonista no início, representam os professores. **Aparece uma dinâmica entre a valorização do saber de forma idealizada e o sofrimento solitário de quem está iniciando o percurso de aprendizado aos tropeços.**

> Ali, de belo, eram apenas os vagalumes, que vez por outra passavam por mim, concentrados demais em seus voos para me dar atenção. (p.36).
>
> – Veja quantos vagalumes! – exclamei. Ele demonstrou pouco entusiasmo. Insisti - Não gosta deles? Veja como são bonitos [...] Eles só iluminam a si próprios. Passam por nós, desfilando seus bumbuns luminosos e logo somem, sem prestar atenção em mais nada além do próprio caminho. Fiz que não entendi. – São os professores. (p.42-43).

As interações entre os personagens nos apresentam como uma **relação menos verticalizada e idealizada entre professor-estudante pode ser profícua para o desenrolar de um caminho mais leve e prazeroso de aprendizado:**

> Ele parecia ser um explorador. Parecia preparado para aquela floresta [...] eu estava sinceramente surpreso por encontra-lo preso em uma armadilha tão simples como aqueles cipós. – As vezes eu me confundo com uma ou outra coisa simples. É bom encontrar com jovens exploradores como você que acabaram de aprender como se desenrolar esses cipós. (p.37).
>
> Naquele semestre eu, de fato, reprovei em cálculo. Mas não fiquei triste. Na verdade, estava ansioso para que as férias começassem e eu pudesse recomeçar a estudar, lendo o livro do inicio, apreciando cada formula. Eu estava ansioso para refazer cada matéria a qual eu havia reprovado [...] O explorador havia me mostrado que eu gostava de estudar – e embora a floresta ainda fosse densa e difícil de ser desbravada, eu me sentia instigado a descobri-la. (p.43)
>
> Nem todos os professores são como vagalume é claro. Existem professores magníficos. Imagino que os bons professores sejam eternos exploradores. (p.43)

CONTO "*QUANDO ACABAR, O MALUCO SOU EU...*" de Fernando de Jesus Guilger – A partir de uma narrativa com elementos de suspense somos apresentados ao protagonista por meio de situações cotidianas da vida de um estudante. **Aparecem o percurso até a universidade, os ambientes acadêmicos, o acúmulo de atividades. Sutilezas deste cotidiano também são revelados por meio da descrição dos pensamentos do protagonista. O receio da violência urbana, o esgarçamento das amizades e dos momentos de prazer frente a passagem do tempo do curso; as sensações causadas pela contemplação do ambiente, os sofrimentos que atravessam a vida acadêmica.**

> Era pra ser apenas mais um dia como outro qualquer. Aula de laboratório no período noturno. Ao contrário das outras aulas, esta ocorria em uma unidade afastada do campus. Eu até preferia assim. O trajeto era mais curto e exigia pouca baldeação. Além disso, perpassava por áreas mais isoladas, comumente ocupadas por chácaras entrecortadas por vegetação. Sempre dava um ar contemplativo à viagem. (p.45).
>
> Justamente pela falta de movimentação e a condição distal, a região tinha fama de perigosa. Não que eu houvesse alguma vez sido abordado. As únicas tentativas de assalto que sofri foram no centro. Mas sempre existe aquela aura cultivada pelos relatos alheios e o senso comum, e você prefere não arriscar. (p.45).
>
> Eu podia ter pegado um ônibus diretamente naquela unidade, mas me dava calafrios. O ponto estaria mais escuro, desocupado, sem contar o maior intervalo. (p.47).
>
> Checagem padrão de identidade; atravessei a calçada de paralelepípedos e entrei no complexo. Subi as escadas até desembocar em um estreito corredor, repleto de armários e um cheiro forte de formol. Fiz tudo com relativa pressa, estava um pouco atrasado. Deixei meus pertences no mochileiro, após vestir o item obrigatório de todo laboratório. (p.45).
>
> Como desta vez o tempo estava favorável, caminhei pelo refeitório até a bela área verde. Sempre gostei desse pedaço do campus. Tal como a imensa área arbórea que existe no recém-construído espaço de aulas. O clima perfeitamente bucólico sempre sintonizou muito bem com a minha alma. Acarretando tranquilidade, gosto pela vida. Uma verdadeira recarga de boas vibrações. (p.47).
>
> Devo ter cedido a este impulso umas duas ou três vezes no passado. Com o andamento do curso, fui perdendo esta conexão. (p.47).
>
> À espera do transporte, um mínguo grupo de estudantes que eu nunca vira na vida. Não sei se eram calouros do meu curso ou até mesmo veteranos de outros. A verdade é que fui me tornando introspectivo, antissocial. Restavam-me tão somente as amizades acumuladas nos termos anteriores. O que equivale dizer que eu mantinha relação com meia dúzia de gatos pingados. A maioria dos meus contatos se formara ou desistira do curso. E os poucos restantes tinham no máximo duas aulas comigo por semana. Eu me sentia novamente um calouro, invisível entre os demais. Só que desta vez, não dispunha da mesma energia para me expor em busca de novos amigos e vivências. (p.48).
>
> "**Era apenas um estudante tentando me formar.** Com a cabeça cheia de provas, trabalhos valendo nota, congressos e horas complementares. Correndo entre aula e outra para o bandejão". (p.48).
>
> "Mesmo com todas minhas dificuldades de organização e foco, minhas obrigações acadêmicas estavam transcorrendo bem. Durante aquela semana, conseguira terminar o trabalho no prazo, estudar para uma a prova que fiz dois dias antes e até mesmo

> editar meu TCC. Agora era só usufruir de um bom repouso, sem nenhuma crise de ansiedade ou atividade atrasada que exigisse ficar acordado até tarde." (p.49).

Um detalhe interessante é a utilização do que poderíamos chamar de metalinguagem no trecho no qual é feita referência ao gosto do protagonista por histórias com características semelhantes ao conto, como uma forma de escapar da pressão emocional: "Histórias de magia, honra e mistério, povoavam minha mente nos mais belos devaneios. Principalmente quando estava abarrotado de estresse". (p.52) Quase ao final do conto aparece a dúvida se o que lemos é uma história vivida por um estudante ou se tratou de um delírio de uma pessoa internada em instituição psiquiátrica. Pela segunda vez aparece a expressão destacada, sobre ser somente um estudante que almeja se formar. A frase centraliza novamente os fatos e pensamentos do protagonista ao longo do conto e reforça a suspeita de que trata de um estudante de fato. Um dos trechos finais remete à frustração de não ter sido possível concretizar o sonho da formatura "[...] saiba que fui aluno do Curso de Ciências – Licenciatura, na Universidade Federal de São Paulo, campus Diadema. **Fui apenas mais um estudante cheio de sonhos, que pensava em me formar." (p.56).**

CONTO "*29*" de Gabriela Paes – O dia do aniversário da protagonista suscita sensações e reflexões embebidas em tom melancólico e apático, pensamentos que a atormentam:

> [...] é como se eu não conseguisse sentir nada [...] Encaro freneticamente a parede grafitada a minha frente, para tentar afastar todos os pensamentos aleatórios e indesejados que insistem em me perturbar [...] é como se já estivesse de mãos dadas com algum demônio, ouvindo-o rir enquanto me perco não sabendo o que fazer, e continuo caminhando a destinos incertos ao mesmo tempo em que já sei qual será o fim [...] É como se a vida passasse como um filme que eu não consigo acompanhar. Sou espectadora da minha própria história. (p.57)

Há um destaque especial para a percepção de cores ao longo do conto, o que ressalta a **sensibilidade e percepção** aguçada da personagem:

> Olho para o céu azul [...] As paredes são tão brancas [...] O céu vai estar cinza em pouco tempo [...] O segundo andar tem bexigas penduradas em algumas portas, já quase murchas, parecem que ganham mais cor quando em contraste com o pálido do corredor, vazio. (p.57).

Ao final a cor destacada é o amarelo, que nomeia o mês de prevenção ao suicídio. Revela-se que o tom melancólico impresso no texto se estende também para pensamentos que questionam a continuação da vida. Temos aqui um lampejo sobre **os sofrimentos no âmbito da saúde mental de estudantes universitários:** "O mês amarelo está acabando, e sinto como se devesse acabar junto dele" (p.57).

CONTO "*Cicatrizou azul*" de Júlio Cesar Monteiro Junior – Partimos do comentário realizado pelos organizadores da coletânea.

> [...] a complexidade das relações familiares na interface com a vivência estudantil é mote para sua história, em primeira pessoa, sobre sentimentos contraditórios, **diferenças entre gerações** e a dificuldade com a mãe, num relato que pode ressoar na experiência de outros estudantes, afinal de contas, nem tudo são flores nesse período da vida. (p.11)

Ao ler o comentário e depois o conto, fiquei com a sensação de que, apesar da síntese descrever os assuntos da história de forma muito próxima ao que eu faria, algo parecia faltar, um elemento de minha própria percepção. Após algumas releituras me dou conta. Algo sobre a sensibilidade da protagonista em relação a sua mãe, seu olhar curioso sobre as razões que levam a mãe a se comportar de forma inesperadamente carente mesmo após passado tempo da saída da filha para a universidade.

> Contudo daquele começo de ano até então, sua mãe religiosamente ligava nos finais de semana. Eram todos. Se faltava, o começo da semana era para isso. E as conversas estavam mais melancólicas que o de costume. Já fazia tempo que Laura saíra do seio familiar. Do pai não se falava; mas da mãe se esperava um pouco mais de resignação. Não se habituou à falta da filha, ainda piorou [...] Laura jamais iria abruptamente dar fim à conversa, escutava sua mãe a lhe fazer as repetidas advertências (p. 59).
>
> [...] pensamentos truncados deambulava que enquanto os filhos sofrem com a separação, com a mudança de cidade, com o estudar fora; os pais por sua vez sentem a tal síndrome do ninho vazio [...] Quanto a essa mudança repentinamente saudosista de sua mãe, parecia que não era para tal, levava bem a mudança. Agora isso (p. 60).
>
> Laura percebeu, pois, que a falta que sentia era maior que a representada pelas falas dispersas de sua mãe. Sentiu remorso, queria ligar-lhe (p.61).

Aliada a esta sensibilidade e interesse genuíno sobre o estado emocional de sua mãe, a protagonista ainda precisa se haver com **as dificuldades geracionais, visões de mundo díspares entre as duas. Ainda, a preocupação financeira** também é motivo de apreensão para Laura.

> Liguei para te pedir dinheiro, mãe'. Bem verdade que antes só se falavam por isso [...] Era tanta coisa com que se preocupar [...] escutava sua mãe a lhe fazer as repetidas advertências. 'Cuidado com as suas companhias. E as drogas, filha, pelo amor de Deus, não vai para esse caminho. A filha da minha colega, eu te falei? Namorava homem, tudo normal, mas do nada chegou nela e disse que era sapatão. Ai que desgosto'. Antes dessas tarouquices todas, sua confusa mãe narrava acerca de uma palestra sobre setembro amarelo que aconteceu em sua cidade pequena [...] Mãe e filha se desencontraram, como de costume, nas poucas conexões entre os temas. (p. 59 – 60)

A descrição dos pensamentos da personagem no dá dimensão de **um mal-estar, de desconexão entre o corpo presente na universidade e os pensamentos vagando por outras paragens:**

> [...] sua mãe ainda falava. A mente a importunava. Chegou a balbuciar sozinha pelos corredores da faculdade. (p. 59)
>
> [...] o professor centralizado que murmurava o que Laura sequer ouvia naquele momento de vertigem. Olhava através da janela lateral [...] o horizonte que a invadira não era o daquela, era de outra janela, outra bem distante, parca, quase que paralisada. Via o campo de sua família. Não acontecia muito. Viu sua mãe [...]. (p. 61)

A possibilidade de encontro com suporte psicológico para ambas aparece, mas de forma pontual e circunscrita, pequena diante dos vários atravessamentos que produzem sofrimento na história de Laura. Por meio desta aparição penso que diferentemente do que possamos almejar, tal suporte é apenas um componente entre vários no âmbito da **promoção de saúde mental de estudantes:**

> Procuraria o Núcleo de Apoio aos Estudante de seu campus, sem dúvidas o melhor a se fazer, falar sobre isso é bom, com um profissional então, há de aliviar a angústia. Não é só o que dizem, com êxito as duas já tinham procurado ajuda especializada em oportunidades anteriores de problemas anteriores. (p.60)

Ao final, temos um corte. O último parágrafo é escrito de forma menos factual e mais poética. Tenho a sensação de que há algo importante sendo contado neste parágrafo sem, contudo, poder afirmar o que de fato é. O azul que aquece, molha e derrama. O movimento da saída, o corte, o tato áspero e liso. Algo intenso acontece e somos mergulhados em **percepções cinestésicas através das palavras:**

> Uma voz lhe sorriu azul sublime. Laura aquentou. Gotículas de aquilo que antes a tinham afogado tomaram o entorno, pintaram-no. Era tudo azul, todo, completou-a azul. Como num rompante em que se pega a chave que se tinha esquecido para abrir a porta e então, aberta, a ultrapassa e acabou, Laura, que dedilhava sobre o corte, remendou daí. Costurou liso-áspero-liso e continuou. Azul. (61-62)

CONTO "*O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário*" de Maria Luis de Mello – Vejamos o comentário feito pelos organizadores do livro.

> [...] a observação do domo de vidro do prédio de aulas é a inspiração para reflexões sobre como somos pequenos frente ao universo, ou como podemos partir do absurdo e do comum da vida cotidiana para dar asas a reflexões corriqueiras e, ao mesmo tempo, profundas. (p.11).

A noção de pequenez diante do vasto universo é realmente marcante na narrativa:

> [...] *dos que fazem parte de um mundo muito maior que esse e habitamos numa partícula de poeira ou qualquer outra categoria que desconhecemos nesse mundo muito maior que o nosso [...] E fico pensando que somos parte de algo absurdamente maior enquanto estou estacionada em meio àquela infinitude de astros e estrelas.* (p.63)

Para além do conteúdo da história e das reflexões que esta nos causa, o movimento feito pela protagonista ao sair das escadas do prédio da Unifesp, chegar até o espaço e retornar, me remeteu ao movimento de respiração, através da inspiração e expansão, seguido de expiração e retraimento. Penso que os dois aspectos suscitados pelo conto, conteúdo e movimento, tomados conjuntamente, falam sobre a tomada de uma **nova perspectiva sobre o lugar e a importância da universidade na vida de uma jovem, que ao ser contrastado com a infinidade de planos nos quais estamos inseridos,** possibilita um respiro em meio às demandas cotidianas.

CONTO "*Tijolo com tijolo*" de Mayara Martins – A construção do prédio da Unifesp *campus* Guarulhos e a história de vida de um de seus trabalhadores, José, são a camada mais externa e apreensível do presente conto. O título, "Tijolo com tijolo", alguns trechos e o próprio desenrolar da história de José podem ser referenciados à composição "Construção" de Chico Buarque. Após notar a referência passei a "ouvir" internamente a música enquanto fazia as leituras. De forma semelhante ao personagem sem nome de Chico Buarque, José ressalta a invisibilidade dos trabalhadores da construção civil. No conto somos apresentados ao contraste entre a **invisibilidade do trabalhador e a imagem do prédio de grandes dimensões**. O acesso de José ao canteiro de obras e as barreiras que seus filhos teriam que enfrentar, vislumbradas pelo próprio José, caso almejassem estudar no prédio por ele construído:

> José tomando um café forte de alguma garrafa térmica em uma copa improvisada para os trabalhadores da construção. José carregando um saco pesado de cimento nas costas. José usando um dos últimos banheiros do prédio arco. José comendo sua marmita com arroz e feijão um pouco frios em sua uma hora de almoço e descansando nos quinze minutos finais deitado na grama junto com os outros trabalhadores. José refletindo sobre o motorista que morreu ao ser atingido por 400 kg de cimento, ali mesmo no canteiro de obras em uma área que não estava isolada. José imaginando se seus filhos, um dia poderiam estudar em algum lugar como aquele que estava sendo construído naquele momento [...] Quando atravessei pela primeira vez o portão do número 333 da Estrada do Caminho Velho, tudo parecia muito grande, tentei reconhecer os espaços e ao olhar para cima tentando enxergar o topo do prédio, eu imaginava o José. (p. 66-67)

As últimas frases indicam que a narradora percebe a **existência de dois grupos, "nós" e "eles", indicando haver uma certa indiferença por parte dos primeiros em relação ao segundo grupo, mesmo que seus integrantes sejam imprescindíveis para a existência da universidade:**

> Só é possível imaginar, porque não o conheci. Ainda assim, eu queria falar sobre ele. Na verdade nem sei se José se chama José. Nós não sabemos muita coisa sobre eles. Só sabemos que foram necessários muitos homens como José para levantar aqueles três andares que hoje subimos e descemos de elevador. (p.67)

Penso que ao nos aprofundarmos nas várias camadas do conto, temos explícita a **desigualdade e as hierarquias sociais e que estas não ficam restritas somente à construção do prédio, mas fazem parte também do cotidiano na universidade.**

CONTO "*A MORTE E A PROFESSORA*" de Nathalia Santos – O primeiro ímpeto que tive ao ler o conto foi decidir pela não inclusão na análise. Compreendia que não estava relacionado ao contexto universitário, talvez pelo cenário, distante das salas de aula e corredores da universidade, ou pela não aparição de nenhum estudante. Com as novas leituras, contudo, a professora que adentra madrugada corrigindo trabalhos foi se tornando cada vez mais próxima do tema e dos demais contos que compõem a coletânea. A começar pela relação de trabalho que atravessa as fronteiras da vida pessoal (tempo e espaço), típico e recorrente para uma trabalhadora da **universidade pública cada vez mais pautada pelo excesso de atividades e foco na produtividade:**

> Mesa tomada por livros, papéis, um relógio cinza que marcava a hora: uma e meia da manhã [...] Mas agora estava ali, diante de inúmeras redações para corrigir e teses aguardando seu parecer, livros para ler [...] Ela respira fundo, dá mais uma olhada para o relógio, pondera ir pra cama e deixar tudo ali, mas é vencida pelo cumprimento das obrigações. (p.68)

Em meio às muitas tarefas e diante da possibilidade de encerramento da vida, uma das preocupações que aparece são seus alunos: *"- Não, por favor... Há tanto para fazer, tantas coisas... Meus alunos, meus trabalhos..." (p.69); "Deu suas aulas, prometeu entregar os trabalhos que ainda estavam por corrigir no dia seguinte" (p.71).*

Paro para pensar o que leva uma professora diante da morte a pensar em seus alunos. Reflito sobre os processos de trabalho de uma **universidade operacional, tão arraigados que mesmo na possibilidade da morte, ainda afetam a docente. Ou o "afeto" de outra ordem, dos encontros que produzem sentido para a vida.** Se nos demais contos a visão de estudantes sobre seus professores os colocavam em posição de destaque, neste podemos vislumbrar que o inverso também é verdadeiro.

6 SÍNTESES

Esta sessão apresenta breve discussão dos principais termos notados nos editais de fomento e no prefácio da coletânea de contos, com o intuito de retomar e examinar os significados de arte e cultura presentes, iniciando um exercício de hermenêutica. Aborda também aspectos comuns dos editais que denotam o lugar que ações desta natureza ocupam no âmbito da permanência estudantil.

Em seguida, a síntese sobre a leitura interpretativa dos contos elenca algumas das categorias apreendidas sobre as vivências estudantis que impactam na permanência.

6.1 NOÇÕES DE ARTE/CULTURA E PERMANÊNCIA ESTUDANTIL

É possível notar que não há uma compreensão explicitada dos temas centrais, arte e cultura, bem como dos termos derivados destes, no conjunto de materiais lidos. Os editais de apoio a projetos culturais (2014, 2015 e 2016) e o de apoio a projetos artísticos e culturais (2017) não trazem no corpo do texto indicação sobre norteadores teóricos ou mesmo afirmação quanto à ligação entre o lançamento dos editais e o eixo "cultura" do PNAES[44].

A inespecificidade e o uso intercambiado dos termos "áreas culturais" e "linguagens" por um lado, "grupos artísticos" e "grupos culturais" por outro, leva a crer que a utilização da dupla "arte e cultura" ou mesmo o termo "artístico-culturais" procura não fazer distinção entre o que é considerado "arte" e o que é considerado "cultura", ou cultural. Na realidade parece haver neste conjunto de expressões, por meio da aglutinação de sentidos de cada uma delas, a intenção de cobrir uma ampla gama de significados. Assim, a erudição e elitismo atrelados ao campo das artes são em alguma medida atenuados pela sua aparição estar sempre vinculada à

[44] A explicitação da vinculação entre a ação institucional de apoio a arte e cultura com o eixo "cultura" do PNAES aparece na INSTRUÇÃO NORMATIVA No 09/2018/PROEST DE 16 DE FEVEREIRO DE 2018 que "Dispõe sobre o Programa de Apoio à Produção Artístico- Cultural Discente" da UFAL – Universidade Federal de Alagoas**.** Logo na introdução do documento é feita menção ao eixo de cultura do PNAES: *"Considerando o Art. 3o, Parágrafo 1o, Inciso VI do Decreto no 7.234/2010, que inclui a Cultura como uma das áreas do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)"*. https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil/instrucoes-normativas/apoio-a-producao-cultural/view

cultura. Tal efeito é possível a partir da compreensão de "cultura" como ideia de reconhecimento da diversidade, próprio das concepções antropológicas do termo.

Por um lado os "materiais culturais" são relacionados com: "artes visuais e literatura, reconhecimento de talentos, fomento de diversas formas de expressão e valorização, defesa e promoção dos Direitos Humanos" indicando compreensão que engloba as artes e, para além delas, tópicos sócio-políticos como os Direitos Humanos. Por outro lado, são chamados de "obra" e "produções artísticas" aliado à possibilidade de circularem em exposição e assim expressam o reconhecimento formal do universo das artes.

Na passagem da versão do "edital de incentivo a projetos" de um ano para o seguinte, por meio da inclusão de "teatro" e "circo" e a retirada de "Artes Cênicas"; a inclusão de "cinema e vídeo" e a retirada de "Audiovisual"; a inclusão de "poesia e dramaturgia", "pintura e desenho", "escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações" e a retirada de "Artes Plásticas; Artes Gráficas e congêneres; e Cultura Popular" há uma escolha de valorizar termos mais conhecidos do público geral em detrimento de termos vinculados às artes eruditas. Na mesma versão do edital encontramos a descrição do objetivo.

> [...] de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp, em especial o fomento à criação e integração na comunidade artístico-acadêmica; residências artísticas; manutenção de grupos artísticos; criação de grupos artísticos; realização de festivais, mostras, e oficinas de artes.

É possível, portanto, extrair um sentido amplo para o que é compreendido, reconhecido e valorizado como arte.

A menção à "subjetividade, simbolismo e significados" além de denotar uma esfera que se relaciona ao sensível, remete-nos à concepção antropológica de cultura, a qual tem na característica própria dos seres humanos, qual seja, a habilidade mental de usar símbolos, o objeto central.

O fazer artístico como meio para "expressar e inventar, através de palavras, situações, fatos e sentimentos" indica o entendimento da arte como um exprimir. Enquanto que o verbo "expressar" acompanhado de um objeto como "sentimentos" remete especificamente ao ideal romântico e sua poética específica.

Os critérios utilizados na avaliação de projetos que versam sobre "promover autoestima, sentimento de pertencimento e cidadania" tratam da inclusão por meio da valorização da diversidade. Os critérios que tratam sobre "dinamizar os espaços culturais" vinculam à noção de estética ambiental. O que trata de "desenvolver ações de formação cultural e fortalecimento das identidades culturais brasileiras" abrange aspecto evolutivo da cultura, no seu conceito

clássico, mas por outro lado remete à compreensão antropológica em seus aspectos de identidade de grupo e base de estado-nação.

O relato dos organizadores do livro "Unifesp em Contos" a respeito da reflexão sobre permanência estudantil e a tentativa de ampliar e aprofundá-la a partir de ações institucionais como o lançamento da coletânea indicam que, mesmo que não tematizado enquanto eixo "cultura", há uma discussão em curso sobre o assunto. É também neste material que aparece pela única vez uma correlação com o PNAES mais elaborada, ao colocar ao lado de outros eixos, como apoio pedagógico e atenção a saúde, o incentivo à produção cultural e à cultura.

A menção as conjunto de efeitos das ações artístico-culturais como relação de pertencimento, de estima, de adaptação, de troca de afetos, de solidariedade, inventividade, incentivo à criatividade, reciprocidade, identidade e a afirmação sobre serem vivência ora coletiva ora individual, remetem às questões da alteridade e da intersubjetividade presentes tanto nas artes quanto na estética social.

A proposta de concurso cultural atrelado à expectativa de processo de reflexão e à diminuição das violências, em especial as simbólicas, experienciadas por pessoas e/ou grupos discriminados, indica novamente à questão da alteridade.

6.2 CATEGORIAS EMERGENTES - COLETÂNEA "UNIFESP EM CONTOS"

Estão listadas abaixo expressões em destaque que figuram como categorias apreendidas da leitura dos contos. Os elementos incluídos em cada uma das alíneas foram extraídos literalmente ou modificados por meio da elaboração dos termos provenientes do exercício interpretativo descrito no capítulo anterior.

a) **Cenário da sala de aula** enquanto espaço de múltiplos afetos, espaço de enfrentamento de dificuldades, de aprendizado; de encontro com a diferença;
b) **Cenários "subjetivos"** por meio da descrição de pensamentos, sentimentos e percepções. Sentimentos em sua maioria relacionados à angústia e mal-estar. As percepções que aparecem são de si, do outro e do espaço *entre*;
c) **Descrições do cotidiano** através de relatos sobre percurso até a universidade, sobre os ambientes acadêmicos;
d) **Questões sociais** através da alusão à violência urbana, às desigualdades e hierarquias sociais, preocupações financeiras; "produtivismo", excesso de atividades, preocupação

frente às dificuldades para integralização do curso e os impactos psicossociais decorrentes;

e) **Questões relacionais** do campo afetivo-amoroso-sexual, das amizades, das relações docente-estudante, das relações familiares;

f) **Marcas emblemáticas do ambiente** por meio da descrição de elementos de fácil reconhecimento (grafismos, espaços delimitados, tamanhos, localizações topográficas, cores) e as conseguintes relações intersubjetivas;

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sinto a necessidade de um respiro, um certo afastamento, uma posição intermediária entre o mergulho feito nos capítulos anteriores e o que será pontuado ao final desta investigação. Percebo, tal qual no conto *"O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário"* de Maria Luis de Mello que, do ponto de partida, é grande a distância até o espaço, no caso de sua personagem, ou até o fundo do oceano, que é de onde eu falo neste parágrafo. A pressão da coluna d'água, no presente momento, é causada pelo número considerável de campos e definições acessados ao longo da jornada desde o início deste trabalho.

Feito o respiro, dou conta da importância de circunscrever novamente a dissertação no âmbito das ações que partem do campo artístico-cultural dentro da permanência estudantil e, dentro deste contexto, a busca pelos sentidos de arte e cultura passíveis de apreensão. Conjuntamente, a tentativa de problematizar o eixo "cultura" presente no PNAES, enquanto unidade conceitual que faz aflorar tópicos de interesse como alteridade, vida social, capital cultural, dimensão sensível.

À ocasião do "III Seminário de Estética Social: o social da música & a música do social" ocorrido em 2018 no IP/USP, a Profa. Dra. Ianni Regia Scarcelli a qual havia ocupado a posição de Diretora do CORAL USP no ano anterior, fez algumas questões provocadoras ao comentar sobre o trabalho "Ressonâncias do CORAL USP na vida das pessoas e na Universidade de São Paulo"[45]. Entre elas, "o que distingue a experiência, no social, e os efeitos promovidos pela participação de uma pessoa em um coral, daquela ocorrida pela participação em um time de basquete, por exemplo?" Esta questão resumiu algumas das inquietações que moveram esta dissertação e proponho voltarmos a ela em alguns instantes.

O espaço da universidade e do ensino superior são terreno para asserções profundamente dicotomizadas entre indivíduo e sociedade[46]. São propagadas perspectivas individualizantes sobre a evasão, como nas análises que defendem que a/o estudante "não permanece porque falta-lhe motivação". De mesmo modo, a supervalorização do contexto socioeconômico de

[45] O resumo do trabalho pode ser acessado nos "Anais dos Seminários de Estética Social, IP/USP, 2016-2017-2018" em http://newpsi.bvs-psi.org.br/eventos/Anais_seminario_estetica_social2016_2018.pdf

[46] O termo "indivíduo" afirma algo de uma "essência interior" e é aqui propositalmente utilizado. As discussões no contexto do giro linguístico tematizado por Iñiguez (2005) foram consultadas ao longo deste trabalho. Outras palavras, que poderiam ser colocadas inadvertidamente em seu lugar nessa díade, como sujeito, pessoa, ser humano, humano, cada uma delas traria outros significados conforme discorre SPINK, 2011.

forma isolada, tropeça nos dados que evidenciam não ser o acesso ampliado ou os auxílios financeiros aos estudantes, garantidores da efetivação da permanência.

Enquanto investigação inserida no campo da Psicologia Social, entendo que o presente trabalho contribui para esvaziar a dicotomia citada ao priorizar noções situadas no "entre", ou seja, no registro da intersubjetividade. O hífen, em sua "impropriedade léxica" quando inserido entre os termos "psico" e "social", "reúne o universal e o singular", nas palavras de Silva Junior (2017, p. 18). É nesta brecha que este trabalho buscou as bases nas quais assentam as reflexões produzidas.

De partida, constatou-se que a intersecção de arte/cultura e permanência estudantil é tema pouco explorado na literatura. A busca ativa por referências de trabalhos anteriores não apresentou resultados. Vale dizer que quase ao final da escrita da dissertação, me deparei com um relato de experiência da Universidade Federal do Ceará – UFC sobre programa de arte e cultura realizado em parceria entre profissionais da assistência estudantil e o Museu de Arte da universidade, focalizando a saúde mental dos estudantes. (BLEICHER, 2016)[47]. Este é um importante registro dentro da temática na qual este trabalho é inserido, mas que em sua singularidade numérica demonstra que temos ainda muito a explorar no cruzamento de arte/cultura e permanência estudantil.

Através da história do acesso à universidade pudemos compreender que a entrada maciça de perfis provenientes das camadas populares é recente nas IFES brasileiras e que o fenômeno pressiona e reverbera na necessidade de transformação destes espaços, que vão desde novas estruturas organizacionais até reflexões de caráter íntimo por parte dos componentes da comunidade acadêmica, no intuito de escrutinar qual a parte que cabe a cada um na viabilização da democratização do acesso e da permanência estudantil.

Os conceitos de cultura trazidos para compor esta reflexão permitiram perceber que nas transformações pelas quais passaram ao longo da história não se produziu um conceito unificado e amplamente utilizado na contemporaneidade. Ao contrário, a pluralidade de "cultura" faz coexistir noções por vezes antagônicas, o que demanda daqueles que irão fazer seu uso, uma preocupação didática em partilhar com seus interlocutores o sentido eleito.

---

[47] A segunda revisão de literatura feita ao longo da dissertação, no cruzamento de "arte" e "universidade" no banco de teses e dissertações USP resultou em dois trabalhos que se relacionam em alguma medida ao de BLEICHER: 1) Dissertação de mestrado no Programa de Pós-Graduação Interunidades em Estética e História da Arte - "As doações Nelson Rockefeller no acervo do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo" de TOLEDO, C. R. (2015). 2) Dissertação de mestrado na Escola de Comunicações e Artes – "Museo-Teatro Autónomo: instalación escénica de autonomías universitárias" de VILLARREAL DIAZ DE BONILLA, A. (2020)

Semelhantemente, o entendimento sobre a acessibilidade de estudantes provenientes de distintas realidades ao ensino superior também é fragmentado em diferentes defesas que tensionam o debate atual. A tese defendida por Santos Filho (1986) sobre o ensino superior não ser para todos, mostra continuar presente[48], coexistindo com a defesa das cotas e outros modelos, inclusive, o da supressão da barreira do processo seletivo.

Ao longo do trabalho me questionei sobre o uso dos conceitos bourdieusianos para refletir sobre as questões que moviam a presente dissertação. Isso se deu, dentre outras razões, em virtude da específica localização no tempo-espaço das discussões realizadas pelo autor francês, em muitos aspectos diferente da localização dos problemas brasileiros das décadas iniciais do século XXI. Quais as distinções entre as elites culturais na França de 1964 e no Brasil de 2022? Certamente são inúmeras. Não seria a "nossa" universidade, especialmente as provenientes do REUNI com seus novos *campi* e jovem corpo docente, muitos distintas daquelas analisadas pelo sociólogo? São algumas das questões que precisariam ser melhor escrutinadas.

Tratando de realizar aproximações utilizando os conceitos e o conjunto da literatura acessada, trago a constatação de que as questões de desigualdades econômicas no contexto universitário brasileiro já são de algum modo conhecidas, foram amplamente descritas e o endereçamento no intuito de diminuí-las, sabemos, não cessa tão cedo. As desigualdades sociais de forma mais abrangente, e de capital cultural entre estudantes, bem como seus efeitos na produção de pertencimentos subalternizados também vêm sendo descritas e cada vez mais permeiam o debate. O ponto, talvez, que avançamos no presente trabalho é a conjugação deste vértice com as concepções de "cultura", através do trabalho inicial realizado, partindo de algumas das referências neste vasto campo.

Com a visão antropológica da cultura, que vai compreendê-la pelos valores, crenças, costumes, convenções, hábitos e práticas de pessoas e grupos, pode ser possível diminuir a dureza que existe na chegada à universidade de estudantes dos mais variados contextos, tornando-a mais propícia ao encontro das diferenças. Trata-se de reconhecer valor na diversidade por meio de ações que a explicite no contexto da instituição. Podemos notar esforços nesse sentido com projetos como o "Conviver" implementado na Universidade Federal da Bahia (UFBA)[49] e sua produção literária "Diversidade e Convivência", em especial os

---

[48] Dois dos ministros da educação do governo Bolsonaro (2019 – 2022) defenderam a ideia em momentos distintos https://vestibular.brasilescola.uol.com.br/blog/o-ministerio-da-educacao-nao-e-para-todos.htm

[49] O projeto Conviver produz e publica livros científicos e literários de autoria de estudantes de graduação em comprovada situação de vulnerabilidade socioeconômica, por meio de edital de seleção. O livro "Diversidade e

relatos autobiográficos. Também no trabalho "UNIFESP EM CONTOS" que por meio da leitura interpretativa realizada nesta dissertação, nos fez acessar conteúdos diversos sobre estudantes fictícios e que por meio da experiência estética, do contato e apreciação dos contos, nos fazem refletir: quem são os autores desses contos? Não na busca de referências diretas entre a história do conto e a biografia dos autores, mas compreendendo que pensar sobre os autores nos leva a acessar aspectos sociais e culturais de nosso tempo e espaço.

Contudo, a valorização da diversidade não pode vir desacompanhada, sem a compreensão de que o sistema de ensino, e em especial, o ensino superior e universitário, é local onde se opera uma lógica de valorização da cultura, ouso dizer, na sua perspectiva clássica, a qual traz no bojo ideias de progresso, de evolução por meio do contato e assimilação de valores considerados melhores, da erudição. É a cultura culta e hegemônica que está na base e sustenta as instituições escolares. Assim como também está na base de nossa estrutura social e escolar a noção de mérito.

Como vimos pelas pesquisas de perfil do corpo discente nas IFES brasileiras, há diferenças muito significativas, por exemplo, no conhecimento de língua estrangeira entre estudantes brancos e não brancos, provenientes de escola pública ou particular, de famílias com renda maior ou menor, além dos impactos de idade e do IDHM da região de procedência de estudantes. O conhecimento de línguas estrangeiras, em especial o inglês, é e vai continuar sendo valorizado na universidade.

O dito popular "trocar o pneu com o carro andando" resume de certa maneira a tarefa das universidades neste âmbito. Ao mesmo tempo que as instituições precisam fazer o exercício reflexivo e verificar traços de impermeabilidade aos estudantes "não herdeiros" por meio do reconhecimento da diversidade, esta atravessada pela desigualdade social mas não somente, precisam também propor ações que minimizem os efeitos deletérios do descompasso entre estudantes provenientes de contextos múltiplos, com diferenças abissais na possibilidade de circulação na cultura universitária, afinal "não é suficiente constatar que a cultura escolar é uma cultura de classe e tudo fazer para que ela permaneça assim, agindo como se ela fosse somente isso" (BOURDIEU; PASSERON[50], 2014, p. 97 *apud* VALLE, 2014, p. 239). Do contrário, os estudantes continuarão a ser "jogados aos leões". As situações de assédio moral perpetrado por professores em direção a estudantes descritas por Oikawa e Garcia (2021) e os "vagalumes"

---

convivência: no tom da palavra" pode ser acessado em: https://pdfslide.net/documents/diversidade-e-convivncia-ufba-diversidade-e-convivncia-nascida-na-cidade.html?page=23

[50] BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Os herdeiros:** os estudantes e a cultura. Florianópolis, 2014 (Publicado originalmente em francês, 1964).

que só iluminam a si próprios do conto de Fernanda de Paula Nakata são exemplos muito contundentes desta lógica perversa e tem como uma de suas consequências o sofrimento psíquico, hoje e cada vez mais, reconhecido como um problema de grande magnitude entre estudantes do ensino superior.

Sobre os esforços institucionais, trazendo agora o contexto específico de uma Coordenadoria de Cultura inserida dentro da estrutura organizacional de uma Pró-Reitoria de Permanência Estudantil, foi possível notar por meio dos editais de fomento analisados que, em linhas gerais e neste contexto, há uma conjugação da visão antropológica de cultura, especialmente na abertura para além das artes eruditas, com a explícita valorização daquilo que é realizado pelos estudantes e utilizando, por vezes, expressões vinculadas ao universo formal das artes. Ainda, existe a expectativa de que os projetos artístico-culturais promovam autoestima, sentimento de pertencimento e cidadania. Importa notar que o empenho para elaboração das ações de cultura dentro da Permanência Estudantil é realizado muitas vezes por técnicos que não necessariamente possuem formação relacionada ao tema, dado que oportuniza reflexão sobre a necessidade de criação e/ou ampliação de programas de formação continuada das equipes também na área da cultura, além das demais áreas que compõe o PNAES.

Através do contato com o campo interseccional entre arte e psicologia, trazido sucintamente na dissertação, vimos que da mesma forma que concepções distintas de “cultura” podem vir a articular noções hierárquicas e de exclusão, o mesmo ocorre no campo das artes. Encontramos, porém, através da estética, um caminho de muitos recursos para pensarmos a alteridade, com a experiência do corpo em sua dimensão sensível, um “sensível que sente, que é reflexivo”. A alteridade, uma ideia muito cara para este trabalho, mostra ser conceito primordial em se tratando do contexto discutido nesta dissertação, o recorte da permanência estudantil na universidade federal brasileira da década de 2020, com todas as suas tensões e potencialidades.

Voltamos enfim à questão apresentada no início desta seção, que busca os efeitos promovidos pela participação em atividades artístico-culturais e se há a distinção destes para os efeitos promovidos pelas demais experiências em grupo, como em experiências esportivas. Objetivamente, parece não haver, se pensarmos que a experiência estética pode vir a acontecer em contextos múltiplos, como entendemos por meio da estética social. Contudo, ao pensarmos no rol de transformações que podem ser articuladas por meio da experiência estética e sabendo que as artes são uma via por onde ela acontece de forma facilitada, assumimos que não há motivos para prescindir da arte no campo da permanência estudantil.

REFERÊNCIAS

AGUIAR NETO, J. M. de. Sucesso escolar e desigualdade social: o poder do capital subjetivo. **CSOnline-Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, n. 32, p. 65-88, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.34019/1981-2140.2020.32387. Acesso em: 12 ago. 2021.

ALMEIDA, A.M.F.; ERNICA, M. Inclusão e segmentação social no Ensino Superior público no Estado de São Paulo (1990-2012). **Educação & Sociedade**, v.36, n.130, p. 63-83, 2015.

ALMEIDA, W. M. de. Acesso à universidade pública brasileira: posições em disputa**.** **Estudos de Sociologia**, v. 2, n. 18, 2012.

ALMEIDA, W. M. Sobre o fim da gratuidade do ensino superior público brasileiro. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 49, n. 173, p. 10-26, 2019.

ALMEIDA, W. M. Estudantes com desvantagens econômicas e educacionais e fruição da universidade**. Caderno CHR**, Salvador, v. 20, n.49, p. 35-46, jan./abr., 2007.

ALMEIDA, W. M. de. **USP para todos?: estudantes com desvantagens sócioeconômicas e educacionais e fruição da universidade pública.** SP: Musa/FAPESP, 2009.

ALVARENGA, C.; ANDRIOLO, A. Jovens estudantes e visitas em espaços públicos e culturais: engajamento, trans-formação do habitus e construção de sentidos. **Cadernos do Aplicação,** v. 34, n. 1, 2021.

FONAPRACE; ANDIFES. **IV Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES**, Uberlândia, 2016.

FONAPRACE; ANDIFES. **V Pesquisa Nacional de Perfil Socioeconômico e Cultural dos graduandos das IFES**, Brasília, 2019. Disponível em: http://www.andifes.org.br/v-pesquisa-perfil-socioeconomico-dos-estudantes-de-graduacao-das-universidades-federais/. Acesso em 12 jul. 2019.

ANDRIOLA, W. B. Doze motivos favoráveis à adoção do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pelas Instituições Federais de Ensino Superior (IFES). **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 19, n. 70, p. 107-125, 2011.

ANDRIOLO, A.. O campo da estética social: ambiente e alteridade. **Revista de Psicologia, Fortaleza**, v.12 n2, p.105-118. jul./dez. 2021.

ARAÚJO, C. B. Z. M. A permanência de estudantes nos cursos de graduação no brasil: uma categoria em construção. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v.22, n.2, p. 25-43, jul.-dez. 2013.

BAUMAN, Z. **Ensaios sobre o conceito de cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012. *E-book.*

BENTO, M. A. S. Branquitude e poder: a questão das cotas para negros. ***In:*** **Simp. Internacional do Adolescente**, São Paulo, 2005.

BERLEANT, A. Getting along beautifully: ideas for a social aesthetics. In: **Aesthetics and Environment, Theme and Variations on Art and Culture**. Aldershot: Ashgate, p. 244-264, 2005.

BLEICHER, T. Arte, salud mental y Asistencia Estudiantil. **Átopos - salud mental, comunidad y cultura**, v. 17, p. 56-62, 2016.

BLEICHER, T.; OLIVEIRA, R.C.N. Políticas de assistência estudantil em saúde nos institutos e universidades federais. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, p. 543 549, set/dez., 2016.

BOURDIEU, P. **Escritos de Educação.** Petrópolis: Vozes, 1998.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **Les héritiers: les étudiants et la culture.** Paris: Les Editions de minuit, 1964.

BRASIL. Ministério da Cultura. **Plano Nacional de Cultura: caderno de diretrizes gerais.** Brasília, 2007.

BRASIL. Portaria Interministerial MinC/MEC nº 18, de 18 de dezembro de 2013. Institui o Programa Mais Cultura nas Universidades e o Fórum Nacional de Formação e Inovação em Arte e Cultura. **Diário Oficial da União**, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, n 246, 19 dez. 2013. Seção 1, p. 102-103.

BRASIL. Edital nº 30, de 7 de outubro de 2014. Mais Cultura nas Universidades. **Diário Oficial da União**, Atos do Poder Executivo, Brasília, DF, n. 194, 8 out. 2014. Seção 3, p.57-62

BRASIL. Lei nº. 12.711. **Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.** Brasília, 29 de ago. 2012. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12711.htm. Acesso: 07 set. 2018.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 6.096. **Institui o Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais – REUNI**. Brasília, 24 de abril de 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2007/decreto/d6096.htm. Acesso em: 07 set. 2018.

BRASIL. Decreto Presidencial nº 7.234. **Dispõe sobre o Programa Nacional de Assistência Estudantil - PNAES**. Brasília, 19 de julho de 2010. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2010/decreto/d7234.htm>. Acesso em: 07 set. 2018.

CANEDO, D. "Cultura é o quê?" – Reflexões sobre o conceito de cultura e a atuação dos poderes públicos. **V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura**. Salvador, UFBA, 2009.

CARNEIRO, S. Pela permanência das cotas raciais nas universidades brasileiras. *In:* **AS COTAS para negros no tribunal:** a audiência pública no STF. São Paulo: Edudscar, P. 117-125, 2012.

CERTEAU, M. de. **La Culture au pluriel**. Paris: Union Générale d'Editions, 1974.

CHOHFI, L. M. S. **A permanência estudantil na Universidade de São Paulo: um estudo da situação hermenêutica**, Tese de Doutorado (Psicologia), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

COSTA, S. G. **A equidade na Educação Superior: uma análise das Políticas de Assistência Estudantil**. Dissertação (Mestrado Sociologia), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

COSTA, T. L. **Desigualdades educativas no acesso ao ensino superior: Um estudo de caso sobre a democratização entre os campi da Unifesp.** Dissertação (Mestrado Estudos Culturais), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

CUPERTINO, C. Criação e formação: A oficina de criatividade revisitada. VI Simpósio Nacional de Práticas Psicológicas em Instituições. **Psicologia e Políticas Públicas,** 2015.

DA SILVEIRA, M. M. **A Assistência Estudantil no Ensino Superior: uma análise sobre as políticas de permanência das universidades federais brasileiras**. Dissertação (Mestrado Política Social), Pelotas, 2012.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. A dimensão estética da experiência do outro. **Pro-posições**, v. 15, n. 1, p. 19-25, 2004.

FRAYZE-PEREIRA, J. A. **Arte, dor. Inquietudes entre estética e psicanálise.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

GANAM, E. A. S.; MOREIRA, A. C. G. S. S. Retratos da desigualdade social: reflexões sobre a permanência de estudantes pobres egressos de escola pública na universidade pública. **XVI Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**, Vitória, **Anais [...]** Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 2018.

GIL, G. Apresentação. **Políticas culturais para o desenvolvimento**: uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco Brasil, 2003.

IMPERATORI, T. K. A trajetória da assistência estudantil na educação superior brasileira. **Serv. Soc. Soc**., São Paulo, n. 129, p. 285-303, maio/ago., 2017.

IÑIGUEZ, Lupicinio. **Manual de análise do discurso em ciências sociais**. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

KOWALSKI, A. V. **Os (des)caminhos da política de assistência estudantil e o desafio na garantia de direitos**. Tese (Doutorado em Serviço Social) - PUCRS, Porto Alegre, 2012.

MATTOS, R. M.; ANDRIOLO, A.; DE OLIVEIRA, R. Enunciados sobre primitivismo na origem da Psicologia da Arte no Brasil: algumas notas históricas. **Memorandum: Memória e História em Psicologia,** Belo Horizonte, 39, 2022.

MOTA, T. E. F. Tendências e perspectivas da permanência estudantil na UFMT: entre a afirmação de direitos e a bolsificação de necessidades. In: **Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais**, Brasília,Vol. 16, No. 1, 2019.

NOGUEIRA, P. S.; SILVA, M. D. G. M. A permanência dos estudantes na educação superior para além da assistência estudantil. **Rev. Fac. Educ. (Univ. do Estado de Mato Grosso)**, vol. 25, Ano 14, nº 1, p. 111-129, jan/jun. 2016.

OIKAWA, F. M.; GARCIA, M. R. V. Sufrimiento psíquico y acoso moral en el contexto universitario. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 73, n. 1, p. 19-33, 2021.

OLIVEIRA, N. R. C. de. Políticas públicas de esporte e lazer para estudantes universitários: primeiras aproximações. *In:* OLIVEIRA, N. R. C. D. **Qualidade de vida, esporte e lazer no cotidiano universitário.** Campinas: Papirus, 2018.

OLIVEN, A. C. Histórico da Educação Superior no Brasil. *In:* **A Educação Superior no Brasil.** Porto Alegre: CAPES. 2002

PEROSA, G. S.; COSTA, T. D. L. Uma democratização relativa? Um estudo sobre o caso da expansão da Unifesp. **Educação & Sociedade**, v. 36, n.130, p.117-137, jan.-mar.,2015

POZOBON, L. L.; LUNARDI, E. M. Estratégias de permanência do estudante na educação superior: o estado da arte como ferramenta de pesquisa. **Nuances: estudos sobre Educação**, Presidente Prudente, v. 30, n.1. p.396-411, mar/dez., 2019

RIBEIRO, M. G. A Educação Superior norte-americana: gênese de um modelo**. História da Educação,** v. 20, n. 48, p. 75-93, abr. 2016.

SANCHES, R. R. Avaliação de programas de assistência estudantil. **A Revista História**, **Movimento e Reflexão**, 1(1), 2013.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2017. *E-book.*

SANTOS FILHO, J. C. Escopo da Seletividade ao Ensino Superior. **Educação e Seleção**, v.13, p. 19-29, 1986.

SANTOS, G. G. D.; SAMPAIO, S. M. R.; CARVALHO, A. **Observatório da vida estudantil:** avaliação e qualidade no ensino superior: formar como e para que mundo? Salvador: Edufba, 2015.

SETTON, M. D. G. J. Um novo capital cultural: pré-disposições e disposições à cultura informal nos segmentos com baixa escolaridade. **Educação & Sociedade**, v. 26, p. 77-105, 2005.

SILVA JUNIOR, N. da. A psicologia social e os múltiplos sentidos do hífen [prefácio]. *In:* SILVA JUNIOR, N. da; ZANGARI, W. **A Psicologia social e a questão do hífen.** São Paulo: Blucher, 2017. Disponível em: http://sites.usp.br/ppg-pst/wp-content/uploads/sites/218/2017/03/psicologiasocialquestaohifen.pdf. Acesso em: 14 ago. 2019

SILVA, L.B.; COSTA, N. C. D. Acesso e permanência em desproporção: as insuficiências do Programa Nacional de Assistência Estudantil**. Agenda Política**, v. 6, n. 2, p. 166–192, 2018.

SEIRIO, B. P. **Bailarinas orientais e dançarinas do ventre:** Um mejance de atuações na cidade de São Paulo. 2021. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.

SPINK, M. J. P**.** Pessoa, indivíduo e sujeito: notas sobre efeitos discursivos de opções conceituais. **Psicologia social e pessoalidade**. Rio de Janeiro: ABRAPSO. 1-22, 2011.

THOMPSON, J. B. ***Ideology and modern culture: critical social theory in the era of mass communication.*** Oxford: Polity Press, 1990. *E-book.*

RUCKSTADER; RUCKSTADER. Pesquisa com fontes documentais: levantamento, seleção e análise. *In:* TOLEDO, C. D. A. D.; GONZAGA, M. T. C **Metodologia e técnicas de pesquisa: nas áreas de Ciências Humanas.** Maringá: Eduem, 2011.

TOTI, M. C. S.; POLYDORO, S. A. J. A produção científica sobre o apoio pedagógico: compreensões sobre a permanência na educação superior. In: **Congresos CLABES**. 2019. p. 1022-1032.

VALLE, I. R. Os herdeiros: uma das principais "teses" da sociologia francesa da educação. **Revista Linhas.** Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 232-250, jul./dez. 2014.

VALLE, I. R. A obra do sociólogo Pierre Bourdieu: uma irradiação incontestável. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 33, n. 1, p. 117-134, jan./abr. 2007.

WERTHEIN, J. Introdução**. Políticas culturais para o desenvolvimento:** uma base de dados para a cultura. Brasília: Unesco Brasil, 2003.

ZAMBONI, M. **Marcadores Sociais da Diferença. Sociologia:** grandes temas do conhecimento (Especial Desigualdades), São Paulo, v. 1, p. 13 - 18, 01 ago. 2014.

ANEXOS

ANEXO A - ESTRUTURAS ORGANIZACIONAIS IFES

Arte/cultura e permanência estudantil em instituições federais de ensino superior – IFES; Editais e sites de referência

As páginas institucionais das estruturas organizacionais relacionadas à permanência estudantil das IFES abaixo foram acessadas pela pesquisadora durante o 1° semestre de 2021. As buscas focaram primeiramente na existência ou inexistência de estruturas como núcleos ou coordenações voltadas a arte/cultura, além de editais na mesma temática. O segundo foco, condicionado ao primeiro, procurou dar relevo ao lugar ocupado e aos sentidos vinculados à arte/cultura dentro do escopo da permanência estudantil.

Foram acessadas as páginas de cinco IFES localizadas no Centro-Oeste, duas no Nordeste e uma no Sudeste. Os trechos entre aspas e em itálico foram retirados das páginas ou de editais de cultura promovidos pelas instituições. Os trechos negritados são aqueles que captaram a atenção da pesquisadora por serem significativos na relação entre arte/cultura e permanência estudantil ou que denotaram algum sentido específico de cultura.

Centro-Oeste

UNB

Estrutura organizacional:

1) Decanatos > Decanato de Assuntos Comunitários > Diretoria de Esportes e Atividades Comunitárias> Coordenação de Arte e Cultura
2) Decanatos > Decanato de Assuntos Comunitários > Diretoria de Desenvolvimento Social < Programas de Auxílio

Cultura e ações de assistência (moradia, alimentação, transporte e saúde) estão dentro da mesma instância institucional, o Decanato de Assuntos Comunitários. Porém, apesar de ser *" responsável, também, por apoiar as iniciativas dos estudantes promovidas por Centros Acadêmicos (CAs) e o Diretório Central dos Estudantes (DCE), tanto nos campi quanto fora do DF, por entender que a experiência universitária deve extrapolar os limites dos créditos acadêmicos e de que o engajamento em atividades de representatividade estudantil pode contribuir para a formação cidadã e cultural dos discentes"*, a Coordenação de Arte e Cultura tem como objetivo *"executar uma política artística e cultural no âmbito da UnB."*, não faz alusão ao PNAES.

Na página onde são apresentados os projetos da Coordenação há o seguinte dizer: *"A coordenação promove, executa e fomenta projetos artísticos e culturais para e pela Universidade, contribuindo para a formação cidadã e o desenvolvimento do* ***sentimento de pertencimento à UnB****."*

Apresenta diversos programas e projetos estruturados, como "Campus Sonoro" com apresentações mensais de música com o objetivo de *"garantir espaço para as novas bandas e* ***oferecer programação de entretenimento e lazer"*** com shows musicais durante o horário do almoço. A "Cinemateca" que *"oferece ao público um espaço para a exibição de filmes longas-metragens brasileiros e de fora."* O "Tubo de Ensaios" que tem como objetivos *"fortalecer a área de Artes Cênicas da Universidade de Brasília – UnB e* ***incentivar a formação de artistas, público e experimentadores na arte da performance"***. O projeto "Oficinas Comunitárias" em 2018 ofereceu as seguintes atividades: Estêncil, Negro SUS, Manifestações Tradicionais: kilombismo como libertação mental e luta anticolonial, Consciência Corporal, Voguing, Percussão e Cultura Popular, Libras Básico, Fanzine, Oficina de Literatura: Escrevivências, Music Vibrations e Discutindo Questões de Gênero através da Arte. **O projeto faz menção aos estudantes da assistência como tendo prioridade nas inscrições.** O "Edital de Fomento à Arte e Cultura" tem como principais objetivos *"****ampliar o acesso à cultura de qualidade e gratuita nos campi****; promover o desenvolvimento artístico-cultural da UnB;* ***contribuir para a qualidade de vida da comunidade universitária****; valorizar as iniciativas de discentes da UnB;* ***favorecer a integração social e o sentimento de pertencimento à Universidade*** *e contribuir para a promoção da inclusão social pela educação"*. O "EscambaUnB" tem o intuito de *"fomentar o artesanato, arte, música, manifestações culturais e o escambo no interior da UnB, por meio de um espaço onde artistas e admiradores do artesanato possam se encontrar e onde alunos, professores e técnicos possam passar alguns momentos agradáveis ao longo do dia".* O "Festival Universitário de Música Candanga da UnB (FINCA)" nasceu da ideia de *"apresentar e circular a cultura musical produzida pelos estudantes da Universidade".*

O edital Oficinas Comunitárias e Arte e Cultura (2017, 2018, 2021) cita a **"permanência"** como uma das finalidades do projeto: *"Estimular o processo de identificação com o ambiente universitário, auxiliando a promover as condições para a permanência na Universidade".* **Faz alusão ao PNAES** *"Contribuir para a promoção da inclusão social pela educação, conforme preconiza o Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES, em seu inciso IV, do Art°2, do Decreto n°7.234/2010*, e cita o mesmo programa como fonte dos recursos para o presente edital: *"Os recursos financeiros para a manutenção deste Edital serão oriundos do Programa Nacional de Assistência Estudantil / PNAES (fonte 100 – ação 4002 – MEC)"*. Os editais priorizam ***"os discentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica"***. Em 2021 o edital passa a ser voltado aos estudantes residentes na moradia, Casa do Estudante Universitário – CEU *"com foco na integração social, no desenvolvimento artístico cultural e na melhoria da qualidade de vida dos moradores durante o período da pandemia"* e tendo atividades remotas. Neste edital há mudança na origem dos recursos, anteriormente provenientes do PNAES e agora descrito como ***"oriundos de recursos próprios da Universidade".***

1) A Coordenação de Arte e Cultura: http://docca.unb.br/index.php/diretoria
2) Projetos- Coordenação de Arte e Cultura: http://docca.unb.br/index.php/arte-e-cultura
3) Campus Sonoro: http://docca.unb.br/index.php/campus-sonoro
4) Cinemateca: http://docca.unb.br/index.php/cinemateca
5) Tubo de Ensaios: http://docca.unb.br/index.php/tubo-de-ensaios
6) Oficinas Comunitárias: http://docca.unb.br/index.php/oficinas-comunitarias
7) Edital de Fomento à Arte e Cultura: http://docca.unb.br/index.php/cultura-e-arte
8) Escamba UnB: http://docca.unb.br/index.php/programa-e-projetos/escambounb
9) Finca: http://docca.unb.br/index.php/programa-e-projetos/finca

10) EDITAL N° 03/2017 - Programa de Oficinas Comunitárias de Arte e Cultura para os *campi* da UnB - http://docca.unb.br/images/Editais/2017/Oficinas_Comunitarias/Edital-03_2017-Oficinas-Comunitarias.pdf
http://docca.unb.br/images/Editais/2017/Oficinas_Comunitarias/Edital-03_2017-Oficinas-Comunitarias.pdf

UFG – Universidade Federal de Goiás

Cultura está alocada na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura: *"A Cultura no âmbito universitário é compreendida em sua diversidade como base estruturante para desenvolvimento local, nacional e internacional, compromissada com as políticas públicas que visam promover a democratização do acesso aos bens culturais a fim de colaborar com a construção da cidadania e transformação da sociedade. As ações são coordenadas pela Pró-Reitoria de Extensão e Cultura. A Política Cultural da UFG, em sintonia com o Plano Nacional de Cultura, visa fortalecer, valorizar e difundir as diversas manifestações artísticas e culturais, combinando as potencialidades da instituição com as demandas da sociedade no sentido de fomentar novas demandas e espaços de cultura e inovação, reconhecendo as diversas dimensões da cultura - simbólica, cidadã e econômica."*

Site: https://www.ufg.br/p/26915-cultura-na-ufg

No site da PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, são elencados os programas institucionais: Alimentação; Auxílio Permanência; Moradia Estudantil; Incentivo à Participação em Eventos Científicos e Culturais; Acolhe UFG, Canguru; Programa de Instrumental Odontológico – PIOdont; Programa de Artes, Design e Arquitetura – PADArq; PRAE Fazendo Onda; Projeto Setembro Amarelo; Projeto Café e Roda de Conversa da PRAE.

Desses, o "Incentivo à participação em eventos científicos e culturais" que propõe custear *"passagens terrestres a estudantes de graduação para participar de eventos científicos, culturais e políticos em âmbito nacional"* é o programa com pequena interface com o tema "cultura".

O "Programa de Artes, Design e Arquitetura" tem o objetivo de apoiar os estudantes de baixa renda dos cursos descritos, por meio de repasse financeiro para a aquisição de instrumentais e materiais específicos da área. O "Programa Saudavelmente" conta na equipe, além de psicólogas(os), assistentes sociais e psiquiatras, com uma arteterapeuta, porém não há referência ao trabalho desenvolvido por ela junto aos estudantes nas páginas institucionais.

Programas Institucionais: https://prae.ufg.br/p/29469-bolsas

Programa Saudavelmente: https://prae.ufg.br/p/15021-saudavelmente

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO

Não há menção ao eixo "cultura" dentro dos projetos da PRAE – Pró-Reitoria de Assistência Estudantil. Os programas têm caráter de transferência de renda e apoio pedagógico.

Programas: auxílio permanência; auxílio eventos (acadêmicos somente); material pedagógico; emergencial; monitoria inclusiva; acolhimento imediato; alimentação; moradia estudantil; acompanhamento acadêmico.

Programas Institucionais: https://www.ufmt.br/pro-reitoria/prae/pagina/servicos/1387

Programa de Acompanhamento acadêmico: https://cms.ufmt.br/files/galleries/11/33/Pd81d464e57e6533242cee0a98741a59257c03f9b.pdf

UFGD – UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS (Mato Grosso do Sul)

No site da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE) diz: *"A Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (PROAE) tem como principais atribuições a elaboração e administração de projetos e programas voltados à integração da Comunidade Acadêmica e à Assistência Estudantil. Através de seus programas de Assistência Estudantil, a PROAE* ***promove ações que visam garantir o acesso, a permanência e a diplomação dos acadêmicos na UFGD, tendo como diretrizes os princípios do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)*** *do Ministério da Educação. O PNAES tem por objetivo promover ações que* ***garantam a inclusão social, formação plena, produção de conhecimento, melhoria do desempenho acadêmico e bem-estar psicossocial****. Fazem parte dos programas de assistência estudantil os auxílios Permanência e Alimentação, o apoio pedagógico e psicossocial, e as ações e práticas desportivas."* Não há referência à cultura.

Site: https://www.ufgd.edu.br/pro-reitoria/proae/index

"O projeto Oficinas Culturais, desenvolvido pela Pró-reitoria de Extensão e Cultura (PROEX/UFGD), oferece auxílio financeiro a estudantes de graduação e pós-graduação, ***incentivando sua participação como bolsistas no processo de criação artística e cultural*** *e, ao mesmo tempo, proporciona o envolvimento, como público das oficinas, de estudantes, professores, técnicos administrativos e da comunidade externa."*

Site: https://www.ufgd.edu.br/noticias/alem-de-dourados-ufgd-tambem-leva-oficinas-culturais-a-corumba

UFMS – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL (Mato Grosso do Sul)

Comentário: No site da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PROAES) entre as ações descritas estão diversos auxílios financeiros como alimentação, creche, moradia e entre eles há o Auxílio para Participação de Estudantes em Eventos (APEE) o qual prevê a participação em eventos de *"de caráter científico, técnico-científico, de inovação, empreendedorismo,* ***artísticos e culturais****".* Entre os Editais não há nenhuma categoria que se relacione com atividades artístico-culturais. O organograma da Pró-Reitoria também não indica setor/diretoria/secretaria que atue com esta temática.

Site: https://proaes.ufms.br/pagina-inicial/a-proaes/

Nordeste

UFAL – UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Comentário: As ações de assistência estudantil elencadas na página da Proest - Pró-Reitoria Estudantil são: Residência universitária, restaurantes universitários, programas de auxílio financeiro, como auxílio moradia e alimentação e bolsa pró-graduando, cartão odontológico, atendimento médico, serviço de psicologia como acolhimento e atividades coletivas (oficinas, rodas de conversa, palestras, atividades de psicoeducação) e auxílio à participação em eventos, voltado à custear participação de estudantes que irão apresentar trabalho científico em congresso. O organograma da Proest não fica evidenciado na página institucional, não sendo possível verificar se há alguma estrutura organizacional específica voltada para temática artes/cultura.

Contudo, dentre as Instruções Normativas publicadas pela Proest está a INSTRUÇÃO NORMATIVA No 09/2018/PROEST DE 16 DE FEVEREIRO DE 2018 que **"Dispõe sobre o Programa de Apoio à Produção Artístico- Cultural Discente".** Logo na introdução do documento é feita menção ao eixo de cultura do PNAES: ***"Considerando o Art. 3o, Parágrafo 1o, Inciso VI do Decreto no 7.234/2010, que inclui a Cultura como uma das áreas do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES)".*** O documento compõe os dados a serem analisados neste trabalho.

Site: https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil

Dentro os editais vinculados à Assistência Estudantil, a grande maioria são para seleção de estudantes para os programas de assistência estudantil como os que concedem auxílio moradia, auxílio alimentação, vaga na residência estudantil, entre outros. Há também alguns editais que são vinculados a outros eixos do PNAES, como edital EDITAL No 06/2019 - PROEST/UFAL Processo seletivo simplificado de estudantes para participarem do programa esporte na UFAL.

Alguns editais destacam-se por estares relacionados a arte/cultura, são eles:

- CHAMADA INTERNA N° 04/2018 - SELEÇÃO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA - EDIÇÃO 2018
- CHAMADA INTERNA N°01/2019 - SELEÇÃO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA - EDIÇÃO 2019
- CHAMADA INTERNA N°01/2020 - SELEÇÃO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA - EDIÇÃO 2020
- EDITAL CONJUNTO PROEST/PROEX No 02/2019 PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NA EXPOSIÇÃO TEMPORÁRIA DA PINACOTECA UNIVERSITÁRIA DA UFAL NA CIDADE DE ARAPIRACA.
- CHAMADA INTERNA N°01/2021 - SELEÇÃO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NO CIRCUITO PENEDO DE CINEMA - EDIÇÃO 2021

Os quatro editais do circuito Penedo de Cinema selecionaram monitores para o evento que tinha como objetivo *"promover o debate e a reflexão, a partir de diferentes abordagens e temáticas, sobre a produção audiovisual nacional e os rumos do cinema em Alagoas* [...] *divulgar obras produzidas nas*

Instituições de Ensino Superior e Escolas Técnicas de Cinema, de todo o território nacional, além de produções independentes."

Os editais de 2018, 2020 e 2021 não fazem menção ao PNAES, já o de 2019 utiliza texto semelhante ao edital que seleciona monitores para exposição da pinacoteca, fazendo menção ao Programa de Apoio à Produção Artístico-Cultural Discente e ao PNAES: "A Exposição Temporária da Pinacoteca da Ufal é uma iniciativa da Pró-reitoria de Extensão, em parceria com o Programa de Apoio à Produção Artístico-Cultural da Pró-reitoria Estudantil, **que inclui a Cultura como uma das áreas do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES). O Programa de Apoio à Produção Artístico-Cultural Discente tem a finalidade de ampliar as condições de permanência do/a estudante, ao contribuir para a formação acadêmica integral e tendo como um dos seus objetivos específicos a divulgação e o apoio às atividades de arte e cultura existentes na Ufal**, de acordo com Instrução Normativa N. 09/2018. Disponível em https://ufal.br/estudante/assistencia-estudantil/instrucoes-normativas/apoio-a-producao-cultural/view".

Site: https://editais.ufal.br/assistencia-estudantil

O link que dá acesso aos editais da assistência estudantil permite também que tenhamos acesso aos editais vinculado à "política cultural"

Site: https://editais.ufal.br/politica-cultural

Anterior ao **Programa de Apoio à Produção Artístico- Cultural Discente** de 2018 já haviam sido lançados alguns editais de fomento a arte e cultura, como em 2014 quando foi lançado o EDITAL DO PROGRAMA "VIVÊNCIA DE ARTE NA UFAL" Edital no 01/ 2014 – PROEST/UFAL, no qual explicita como primeiro objetivo o seguinte:

"Art. 1o - O Programa Vivência de Arte na UFAL tem como fundamento a proposição de que a arte e a cultura constituem elementos significativos para o processo de formação acadêmica, profissional e cidadã dos estudantes da UFAL. Visa despertar o interesse e estimular a participação da Comunidade Universitária em atividades artísticas e culturais, abrindo espaços para a expressão de talentos e potenciais criativos no meio universitário. Além disso, visa tornar os campi da UFAL espaços sonoros, coloridos e artisticamente dinâmicos".

Também em 2014 foi lançado o edital do 5o FESTIVAL DE MÚSICA DA UFAL – FEMUFAL EDITAL No 02/ 2014 – PROEST/UFAL no qual não há menção ao PNAES ou mesmo à relação da ação com a permanência estudantil. Apesar de ser uma ação da PRÓ-REITORIA ESTUDANTIL e COORDENAÇÃO DE POLÍTICA ESTUDANTIL o edital tem como público-alvo toda comunidade universitária: discentes, docentes e técnicos.

"O 5o FEMUFAL é um Festival que se propõe a divulgar e premiar composições inéditas no campo da música. Serão contemplados os vários gêneros e estilos musicais com o objetivo de promover o intercâmbio e a troca de experiências entre músicos, compositores, intérpretes, poetas e artistas que desenvolvem algum tipo de atividade desta natureza na Universidade Federal de Alagoas – UFAL".

2015: EDITAL EDUFAL No 02/2014 PRÊMIO GILBERTO DE MACEDO, prêmio para edição de trabalhos, ação fruto de parceria entre EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – EDUFAL e FACULDADE DE MEDICINA – FAMED. O público-alvo do edital eram docentes e técnicos.

2015: EDITAL No 01/2014 – EDUFAL. ABRE PROCESSO SELETIVO E ESTABELECE CRITÉRIOS PARA A ESCOLHA DE TÍTULOS A SEREM PUBLICADOS MEDIANTE FINANCIAMENTO, COM LANÇAMENTO NA VII BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS. Público-alvo docentes, técnicos e egressos da pós-graduação.

2017: EDITAL N° 02/2017 - I CONCURSO ESTUDANTIL DE FOTOGRAFIA DA UFAL "MULHER E EMPODERAMENTO: RETRATOS DO GÊNERO", voltado os estudantes de graduação e pós-graduação. Não faz menção ao PNAES ou à política de permanência. Das disposições gerais, consta:

"1.1. Este Concurso tem por finalidade a ***promoção e ampliação da formação integral dos estudantes, estimulando a criatividade, a reflexão crítica e as atividades de caráter artístico e cultural****; 1.2. O Concurso será parte integrante das atividades do Dia da Mulher realizadas pela Universidade Federal de Alagoas, sendo este Edital lançado no dia 08 de Março, com duração prolongada, no intuito de estimular a reflexão sobre o tema "Empoderamento Feminino";1.3. Quando se trata da temática do "Empoderamento Feminino" deve-se levar em consideração o contexto histórico das mulheres, que por muito tempo foram percebidas como sendo inferiores aos homens. Para os movimentos sociais a desigualdade é entendida como algo que foi construído e, portanto, não é natural. Isso não significa dizer que se deve ignorar que existam diferenças naturais ou biológicas entre homens e mulheres. Ser diferente não significa ser desigual".*

2017: CHAMADA INTERNA N° 01/2017 SELEÇÃO DE ESTUDANTES PARA ATUAREM COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NA 8a BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS. não há menção ao PNAES e a única relação com a Permanência estudantil **trata-se da pontuação acrescida na seleção aos estudantes usuários de programas de assistência estudantil**.

2019: EDITAL DE CHAMADA PÚBLICA No 01/2019 SELEÇÃO DE PROPOSTAS DE ATIVIDADES 9a BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS. Público-alvo pessoas com ou sem vínculo com a Universidade Federal de Alagoas.

2019: EDITAL CONJUNTO PROEST/PROEX/ETA/ASCOM N. 01/2019 PROCESSO SELETIVO DE ESTUDANTES PARA ATUARES COMO MONITORES/AS VOLUNTÁRIOS/AS NA 9a BIENAL INTERNACIONAL DO LIVRO DE ALAGOAS 2019

"1.2 Neste Edital a Bienal estabelece parcerias com o Programa de Apoio à Produção Artístico-Cultural/PROEST, que inclui a Cultura como uma das áreas do Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) e a Escola Técnica de Artes (ETA). O Programa de Apoio à Produção Artístico-Cultural Discente ***tem a finalidade de ampliar as condições de permanência do/a estudante, ao contribuir para a formação acadêmica integral e tendo como um dos seus objetivos específicos a divulgação e o apoio às atividades de arte e cultura existentes na Ufal****, conforme a Instrução Normativa N. 09/2018. Disponível em https://ufal.br/estudante/assistencia- estudantil/instrucoes-normativas/apoio-a-producao-cultural/view".*

UFBA – UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil (PROAE) é estruturada por meio de três coordenações:

- Coordenação de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade – CAAED; site: https://proae.ufba.br/pt-br/node/80
- Coordenação de Programas de Assistência ao(a) Estudante – CPAE, responsável pelo cadastro de estudantes em vulnerabilidade socioeconômica, programas de auxílio financeiro, de moradia estudantil, orientação pedagógica e atenção à saúde. Site: https://proae.ufba.br/pt-br/node/79
- Coordenação Administrativo-Financeira, responsável pela gestão da creche, dos restaurantes e residências universitárias.

É na Coordenação de Ações Afirmativas, Educação e Diversidade – CAAED que programas e projetos de caráter mais ampliados, para além dos auxílios, acontecem. Programa Permanecer; Projeto Conviver; UFBA em Paralaxe; Apoio a atividades de lazer e esporte; Projeto de formação continuada e ações eventuais, como Memorial das Residências; Projeto Conversações e outros eventos.

O projeto Conviver ***"Produz e publica livros científicos e literários de autoria de estudantes de graduação em comprovada situação de vulnerabilidade socioeconômica, por meio de edital de seleção".***

Site PDF "Diversidade e convivência: no tom da palavra":
https://pdfslide.net/documents/diversidade-e-convivncia-ufba-diversidade-e-convivncia-nascida-na-cidade.html?page=23

Editais de fomento

Site: https://proae.ufba.br/pt-br/fechados

- EDITAL 08/2015 - I CONCURSO DE POESIA DO ABRIL INDÍGENA/UFBA - EDIÇÃO 2015

1. APRESENTAÇÃO: O I Concurso de Poesias do Abril Indígena, com o tema "Minha Aldeia é o mundo", está sendo promovido pela PROAE-UFBA, em parceria com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), com o Museu de Arqueologia e Etnologia, com o PET- INDÍGENA da UFBA, e com o Coletivo Caçulas do 2 de Julho.

2. DOS OBJETIVOS: Tem o objetivo de divulgar a questão indígena no Brasil e de valorizar este importante componente da identidade nacional brasileira, além de dar visibilidade aos poetas e poetisas universitários.

- EDITAL 11/2015 - I EXPOSIÇÃO DO MAIO DA DIVERSIDADE UFBA
- EDITAL N° 11/2016 - PROCESSO SELETIVO DE TEXTOS CIENTÍFICOS E LITERÁRIOS PÁRA COMPOSIÇÃO DOS LIVROS CIÊNTÍFICOS E LITERÁRIOS DO PROJETO CONVIVER

"O Projeto tem como principal objetivo promover e divulgar a produção artística, cultural e acadêmica dos/das discentes atendidos/das pelos programas de assistência estudantil da UFBA. O Conviver teve início em dezembro de 2008 e está em sua quarta edição."

Sudeste

UNIFESP

Estrutura organizacional: Pró-Reitorias > Pró- Reitoria de Assuntos Estudantis > Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer

Cultura e ações de assistência (moradia, alimentação, transporte e saúde) no mesmo nível hierárquico e reunidas na mesma instância institucional (PRAE). Há ainda a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura desvinculada da permanência. Desta última não foram analisados os editais de fomento.

Os trechos significativos dos editais desta universidade foram analisados separadamente após a escolha de privilegiar os materiais acessados desta Instituição em nossa análise mais aprofundada.

Sites:

1) Unifesp em Contos - https://www.unifesp.br/reitoria/prae/publicacoes/publi/comunicados/407-livro-unifesp-em-contos?highlight=WyJ1bmlmZXNwIiwiZW0iLCJjb250b3MiLCJ1bmlmZXNwIGVtIiwidW5pZmVzcCBlbSBjb250b3MiLCJlbSBjb250b3MiXQ==
2) Edital concurso cultural 2018 - https://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/concurso-cultural/fechado
3) Resultado - https://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/concurso-cultural/resultados
4) Editais Procultura - https://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/fechado
5) Resultados - https://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/resultados

ANEXO B - EDITAIS DE FOMENTO

Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer - CCAL

Pró-reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE UNIFESP

UNIFESP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO

Universidade Federal de São Paulo
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

PRAE
Pró-reitoria de Assuntos Estudantis

IV EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2014

A Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil torna público o edital **PRAE 06/2014**, contendo normas e prazos para a submissão de projetos culturais estudantis, que necessitem de incentivos financeiros para sua viabilização no ano de 2014.

I – DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 – Constitui objeto do presente Edital, a seleção de projetos culturais de estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residência da Unifesp, nas áreas culturais e linguagens abaixo especificadas, com o objetivo de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp:

1. Artes Cênicas;
2. Artes Plásticas, Artes Gráficas e congêneres;
3. Audiovisual;
4. Cultura Popular;
5. Dança;
6. Fotografia;
7. Literatura;
8. Música;

1.2 – O apoio consiste na concessão de recursos financeiros para o custeio de despesas com a realização de eventos e/ou ações culturais, publicações culturais (eletrônicas ou físicas), produtos culturais diversos e criação e/ou manutenção de grupos artísticos vinculados à Universidade Federal de São Paulo.

1.2.1. Materiais permanentes, como equipamentos eletrônicos, instrumentos musicais, entre outros, devem ser patrimonializados no Campus ao qual o projeto esta vinculado.

Rua Sena Madureira, 1500 - 1º Andar - CEP 04021-001 - Vila Mariana - São Paulo - SP - Brasil
Telefone: (11) 3385-4102
C.C.: 001.017.000 - Home-page: prae.unifesp.br - E-mail: prae@unifesp.br

II – DOS PROPONENTES

2.1 – Estão aptos a apresentarem propostas, nos termos deste Edital, todos os estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo.

2.2 – As inscrições poderão ser realizadas por pessoa física ou grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo.

2.2.1 – Considera-se grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo a reunião entre artistas, técnicos e/ou estudiosos da cultura, composto por pelo menos 50% de estudantes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo, que deverão comprovar seu vínculo com o grupo.

2.2.2 – Os grupos culturais deverão indicar como proponente e responsável pelo projeto um estudante da Universidade Federal de São Paulo.

2.2.3 – Será dada preferência às propostas encaminhadas por entidades estudantis (Diretórios Acadêmicos, Centros Acadêmicos, coletivos), em conjunto ou individualmente.

2.2.3.1 Considera-se entidade estudantil, órgão de representação estudantil vinculado a um curso de graduação, tal como Centro Acadêmico, ou outra legalmente constituída nos cursos.

III – DA VERBA ORÇAMENTÁRIA, SUA DISTRIBUIÇÃO E UTILIZAÇÃO

3.1 – A verba orçamentária para financiamento das propostas será proveniente de doação do Banco Santander e gerenciada pela FAP Unifesp, cujo aporte global é de R$ 30.000,00 (trinta mil reais).

3.2 – Os recursos financeiros serão distribuídos em apoios de até R$ 4.000,00 (quatro mil reais) cada.

3.3- A utilização dos recursos obedecerá aos critérios da FAP (www.fapunifesp.edu.br).

IV – DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

4.1 – O(a)s contemplado(a)s deverão apresentar à PRAE relatório circunstanciado de execução no prazo máximo de 60 (sessenta) dias após a realização projeto,

conforme item 9 deste Edital. O não cumprimento desta obrigação excluirá o solicitante da análise de futura proposta.

V – DAS INSCRIÇÕES

5.1 – Período: 10 de julho a 10 de agosto de 2014.

5.2 – As inscrições serão recebidas exclusivamente pelo endereço eletrônico ccel.prae@unifesp.br, no período entre 08 horas do dia 10 de julho de 2014 até às 23 horas e 59 minutos do dia 10 de agosto de 2014, observado o horário oficial de Brasília (DF).

5.3 – A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do solicitante.

5.4 – A PRAE não se responsabilizará por inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

5.5 – O solicitante deverá utilizar exclusivamente o modelo de formulário de inscrição disponível no endereço eletrônico http://prae.unifesp.br

5.6 – O formulário de inscrição, juntamente com a cópia do registro geral (RG) do solicitante, comprovante de matrícula atualizado e comprovante de vínculo com o grupo cultural (se for o caso), todos em formato PDF, devem ser enviados para o endereço eletrônico ccel.prae@unifesp.br no período disponível para a inscrição.

5.7 – O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros modelos de formulário que não o descrito neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

VI – DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

6.1 – Os projetos serão avaliados e selecionados por um comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, conforme os seguintes critérios e pesos:

- Valor cultural do projeto (impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão) – Peso 4;

- Qualidade técnica do projeto (consistência das informações, exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento, redação do projeto (qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa) – Peso 3;
- Aspectos sociais do projeto (participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais) – Peso 3.

6.2 – Ao final da avaliação, o comitê atribuirá a cada projeto uma nota entre zero e 10 (dez), conforme os critérios acima.

6.3 – Serão classificadas as propostas que receberão os recursos financeiros para a sua execução. A classificação será em ordem decrescente, considerando a nota final das mesmas.

VII – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS

7.1 – O resultado da seleção está previsto para ser publicado no endereço eletrônico da PRAE http://prae.unifesp.br em 01 de setembro de 2014.

VIII – DOS RECURSOS

8.1 – Os recursos contra o resultado deste edital deverão ser enviados para o endereço eletrônico ccel.prae@unifesp.br, até três dias úteis contados a partir da divulgação dos resultados.

IX – RELATÓRIO FINAL

9.1- Associado à prestação de contas, o coordenador do evento deverá submeter à Coordenadoria de Cultura, Esportes e Lazer (CCEL), o relatório final da proposta, em até 60 dias após a finalização de sua vigência.

9.1.1- Entenda-se por com relatório final a ser submetido à CCEL, cópias xerográficas de notas, recibos e comprovantes dos originais encaminhados à FAP, acrescidos de fotos, vídeos e exemplares de demais materiais que por ventura possam

ter sido confeccionados para o evento, tais como: cartazes, folders, folhetos, convites etc. (em formatos digital e físico); assim como informações qualitativas e quantitativas sobre o evento, como número de participantes, nome de palestrantes, número de certificados emitidos e outras informações consideradas relevantes.

X – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

10.1 O material de divulgação do evento e produtos apoiados deverá, obrigatoriamente, incluir a logomarca da Unifesp, PRAE, do Banco Santander e da FAP.

10. 2 – As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do solicitante.

10.3 – Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste edital podem ser obtidos através do e-mail: ccel.prae@unifesp.br

10.4 – A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente edital.

São Paulo, 02 de julho de 2014.

IV EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2014

A Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil torna público o edital **PRAE 01/2015**, contendo normas e prazos para a submissão de projetos culturais estudantis, que necessitem de incentivos financeiros para sua viabilização no ano de 2015.

I – DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 - Constitui objeto do presente Edital, a seleção de projetos culturais de estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residência da Unifesp, nas áreas culturais e linguagens como: teatro, dança, circo, cinema, vídeo, música, poesia, literatura, dramaturgia, artes gráficas, pintura, desenho, fotografia, escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações, com o objetivo de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp, em especial o fomento à criação e integração na comunidade artístico-acadêmica; residências artísticas; manutenção de grupos artísticos; criação de grupos artísticos; realização de festivais, mostras, e oficinas de artes;

1.2 – O apoio consiste na concessão de recursos financeiros para o custeio de despesas com a realização de eventos e/ou ações culturais, publicações culturais (eletrônicas ou físicas), produtos culturais diversos e criação e/ou manutenção de grupos artísticos vinculados à Universidade Federal de São Paulo.

1.2.1. - Materiais permanentes, como equipamentos eletrônicos, instrumentos musicais, entre outros, devem ser patrimonializados no Campus ao qual o projeto está vinculado.

II – DOS PROPONENTES

2.1 – Estão aptos a apresentarem propostas, nos termos deste Edital, todos os estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo.

2.2 – As inscrições poderão ser realizadas por pessoa física ou grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo.

2.2.1 – Considera-se grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo a reunião entre artistas, técnicos e/ou estudiosos da cultura, composto por pelo menos 50% de estudantes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo, que deverão comprovar seu vínculo com o grupo.

2.2.2 – Os grupos culturais deverão indicar como proponente e responsável pelo projeto um estudante da Universidade Federal de São Paulo.

2.2.3 – Será dada preferência às propostas encaminhadas por entidades estudantis (Diretórios Acadêmicos, Centros Acadêmicos, coletivos), em conjunto ou individualmente.

2.2.3.1 Considera-se entidade estudantil, órgão de representação estudantil vinculado a um curso de graduação, tal como Centro Acadêmico, ou outra legalmente constituída nos cursos.

III – DA VERBA ORÇAMENTÁRIA, SUA DISTRIBUIÇÃO E UTILIZAÇÃO

3.1 – A verba orçamentária para financiamento das propostas será proveniente de doação do Banco Santander e gerenciada pela FAP Unifesp, cujo aporte global é de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais).

3.2 – Os recursos financeiros serão distribuídos em apoios de até R$ 3.000,00 (três mil reais) cada.

3.3- A utilização dos recursos obedecerá aos critérios da FAP (www.fapunifesp.edu.br).

IV – DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

4.1 – O(a)s contemplado(a)s deverão apresentar à PRAE relatório circunstanciado de execução no prazo máximo de 60 (sessenta) dias após a realização projeto, conforme item 9 deste Edital. O não cumprimento desta obrigação excluirá o solicitante da análise de futura proposta.

V – DAS INSCRIÇÕES

5.1 – Período: 01 de junho a 15 de julho de 2015.

5.2 – As inscrições serão recebidas exclusivamente pelo endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br, no período entre 08 horas do dia 01

de junho de 2015 até às 23 horas e 59 minutos do dia 15 de julho de 2.015, observado o horário oficial de Brasília (DF).

5.3 – A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do solicitante.

5.4 – A PRAE não se responsabilizará por inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

5.5 – O solicitante deverá utilizar exclusivamente o modelo de formulário de inscrição disponível no endereço eletrônico http://prae.unifesp.br

5.6 – O formulário de inscrição, juntamente com a cópia do registro geral (RG) do solicitante, comprovante de matrícula atualizado e comprovante de vínculo com o grupo cultural (se for o caso), todos em formato PDF, devem ser enviados para o endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br no período disponível para a inscrição.

5.7 – O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros modelos de formulário que não o descrito neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

VI – DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

6.1 – Os projetos serão avaliados e selecionados por um comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, conforme os seguintes critérios e pesos:

- Valor cultural do projeto (impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão) – Peso 4;
- Qualidade técnica do projeto (consistência das informações, exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento, redação do projeto (qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa) – Peso 3;
- Aspectos sociais do projeto (participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais) – Peso 3.

6.2 – Ao final da avaliação, o comitê atribuirá a cada projeto uma nota entre zero e 10 (dez), conforme os critérios acima.

6.3 – Serão classificadas as propostas que receberão os recursos financeiros para a sua execução. A classificação será em ordem decrescente, considerando a nota final das mesmas.

VII – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS

7.1 – O resultado da seleção está previsto para ser publicado no endereço eletrônico da PRAE http://prae.unifesp.br em 10 de agosto de 2015.

VIII – DOS RECURSOS

8.1 – Os recursos contra o resultado deste edital deverão ser enviados para o endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br, até três dias úteis contados a partir da divulgação dos resultados.

IX – RELATÓRIO FINAL

9.1- Associado à prestação de contas, o coordenador do evento deverá submeter à Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer (CCAL), o relatório final da proposta, em até 60 dias após a finalização de sua vigência.

9.1.1- Entenda-se por com relatório final a ser submetido à CCAL, cópias xerográficas de notas, recibos e comprovantes dos originais encaminhados à FAP, acrescidos de fotos, vídeos e exemplares de demais materiais que por ventura possam ter sido confeccionados para o evento, tais como: cartazes, folders, folhetos, convites etc. (em formatos digital e físico); assim como informações qualitativas e quantitativas sobre o evento, como número de participantes, nome de palestrantes, número de certificados emitidos e outras informações consideradas relevantes.

X – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

10.1 O material de divulgação do evento e produtos apoiados deverá, obrigatoriamente, incluir a logomarca da Unifesp, PRAE, do Banco Santander e da FAP.

10. 2 – As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do solicitante.

10.3 – Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste edital podem ser obtidos através do e-mail: ccal.prae@unifesp.br

10.4 – A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente edital.

São Paulo, 01 de junho de 2015.

V EDITAL DE APOIO A PROJETOS CULTURAIS ESTUDANTIS – PROCULTURA ESTUDANTIL 2016

A Pró-Reitora de Assuntos Estudantis, no uso de suas atribuições e em cumprimento ao Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil torna público o edital **PRAE N° 01/2016**, contendo normas e prazos para a submissão de projetos culturais estudantis, que necessitem de incentivos financeiros para sua viabilização no ano de 2016.

I – DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 - Constitui objeto do presente Edital, a seleção de projetos culturais de estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residência da Unifesp, nas áreas culturais e linguagens como: teatro, dança, circo, cinema, vídeo, música, poesia, literatura, dramaturgia, artes gráficas, pintura, desenho, fotografia, escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações, com o objetivo de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp, em especial o fomento à criação e integração na comunidade artístico-acadêmica; residências artísticas; manutenção de grupos artísticos; criação de grupos artísticos; realização de festivais, mostras e oficinas de artes.

1.2 – O apoio consiste na concessão de recursos financeiros para o custeio de despesas com a realização de eventos e/ou ações culturais, publicações culturais (eletrônicas ou físicas), produtos culturais diversos e criação e/ou manutenção de grupos artísticos vinculados à Universidade Federal de São Paulo.

1.2.1. Materiais permanentes, como equipamentos eletrônicos, instrumentos musicais, entre outros, devem ser patrimonializados no Campus ao qual o projeto está vinculado.

II – DOS PROPONENTES

2.1 – Estão aptos a apresentarem propostas, nos termos deste Edital, todos os estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo.

2.2 – As inscrições poderão ser realizadas por pessoa física ou grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo.

2.2.1 – Considera-se grupo cultural vinculado à Universidade Federal de São Paulo a reunião entre artistas, técnicos e/ou estudiosos da cultura, composto por pelo menos 50% de estudantes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo, que deverão comprovar seu vínculo com o grupo.

2.2.2 – Os grupos culturais deverão indicar como proponente e responsável pelo projeto um estudante da Universidade Federal de São Paulo.

II – DA VERBA ORÇAMENTÁRIA, SUA DISTRIBUIÇÃO E UTILIZAÇÃO

3.1 – A verba orçamentária para financiamento das propostas será proveniente de doação do Banco Santander e gerenciada pela FAP Unifesp, cujo aporte global é de R$ 40.000,00 (quarenta mil reais).

3.2 – Os recursos financeiros serão distribuídos em apoios de até R$ 3.000,00 (três mil reais) cada.

3.3- A utilização dos recursos obedecerá aos critérios da FAP (www.fapunifesp.edu.br).

IV – DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

4.1 – O(a)s contemplado(a)s deverão apresentar à PRAE relatório circunstanciado de execução até o dia 30 de agosto de 2017, conforme item IX deste Edital. O não cumprimento desta obrigação excluirá o solicitante da análise de futura proposta.

V – DAS INSCRIÇÕES

5.1 – Período: 01 de junho a 01 de julho de 2016.

5.2 – As inscrições serão recebidas exclusivamente pelo endereço eletrônico procultura2016@gmail.com, no período entre 08 horas do dia 01 de junho de 2016 até às 23 horas e 59 minutos do dia 01 de julho de 2016, observado o horário oficial de Brasília (DF).

5.3 – A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do solicitante.

5.4 – A PRAE não se responsabilizará por inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

5.5 – O solicitante deverá utilizar exclusivamente o modelo de formulário de inscrição disponível no endereço eletrônico

http://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/anexos

5.6 – O formulário de inscrição, juntamente com a cópia do registro geral (RG) do solicitante, comprovante de matrícula atualizado e comprovante de vínculo com o grupo cultural (se for o caso), todos em formato PDF, devem ser enviados para o endereço eletrônico procultura2016@gmail.com no período disponível para a inscrição.

5.7 – O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros modelos de formulário que não o descrito neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

VI – DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

6.1 – Os projetos serão avaliados e selecionados por um comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, conforme os seguintes critérios e pesos:

- Valor cultural do projeto (impacto na comunidade universitária, contribuição para a cultura brasileira, originalidade, visibilidade e repercussão) – Peso 4;
- Qualidade técnica do projeto (consistência das informações, exequibilidade, compatibilidade dos custos, orçamento, redação do projeto (qualidade do texto e registro linguístico adequado, conforme as normas vigentes da língua portuguesa) – Peso 3;
- Aspectos sociais do projeto (participação da comunidade universitária, acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto, outras contrapartidas sociais) – Peso 3.

6.2 – Ao final da avaliação, o comitê atribuirá a cada projeto uma nota entre zero e 10 (dez), conforme os critérios acima.

6.3 – Serão classificadas as propostas que receberão os recursos financeiros para a sua execução. A classificação será em ordem decrescente, considerando a nota final das mesmas.

VII – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS

7.1 – O resultado da seleção está previsto para ser publicado no endereço eletrônico da PRAE http://prae.unifesp.br em 01 de agosto de 2016.

VIII – DOS RECURSOS

8.1 – Os recursos contra o resultado deste edital deverão ser enviados para o endereço eletrônico ccel.prae@unifesp.br, até três dias úteis contados a partir da divulgação dos resultados.

8.2 – O solicitante de recurso deverá utilizar exclusivamente o modelo de formulário de recurso disponível no endereço eletrônico
http://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/anexos

IX – RELATÓRIO FINAL

9.1- Associado à prestação de contas, o coordenador do evento ou atividade deverá submeter à Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer (CCAL), o relatório final das ações realizadas até o dia 30 de agosto de 2017.

9.2 – O relatório final deve conter todos os dados referentes à execução financeira como planilhas de gastos previstos e gastos realizados, cópias xerográficas de notas, recibos e comprovantes dos originais encaminhados à FAP. Também compõe o relatório final informações qualitativas e quantitativas sobre o evento ou atividade, como número de participantes, nome dos envolvidos na execução das atividades, número de certificados emitidos, avaliação da equipe organizadora e/ou participantes e outras informações consideradas relevantes. Acrescentar ao relatório, quando possível, fotos, vídeos e exemplares dos demais materiais confeccionados para o evento ou atividade, tais como: cartazes, folders, folhetos, convites etc.

X – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

10.1 O material de divulgação do evento e produtos apoiados deverá, obrigatoriamente, incluir a logomarca da Unifesp, PRAE, do Banco Santander e da FAP.

10. 2 – As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do solicitante.

10.3 – Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste edital podem ser obtidos através do e-mail: ccel.prae@unifesp.br

10.4 – A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente edital.

São Paulo, 01 de junho de 2016.

EDITAL 04/2017 - EDITAL DE APOIO A PROJETOS ARTÍSTICOS E CULTURAIS ESTUDANTIS PROCULTURA ESTUDANTIL 2017

A Pró-Reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), no uso de suas atribuições e em cumprimento ao Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil (PNAES) torna público o Edital PRAE N° 04/2017, contendo normas e prazos para a submissão de projetos artísticos e culturais estudantis, que necessitem de incentivos financeiros para sua viabilização no ano de 2017 até agosto de 2018.

I – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

1.1 - Constitui objeto do presente Edital, a seleção de projetos artísticos e culturais de estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residência da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp), nas áreas artísticas culturais e linguagens como por exemplo: teatro, dança, circo, cinema, vídeo, música, poesia, literatura, dramaturgia, artes gráficas, pintura, desenho, fotografia, escultura, grafite, performance, intervenções urbanas e instalações, com o objetivo de incentivar as diferentes manifestações culturais dos estudantes da Unifesp, em especial o fomento à criação e integração na comunidade artístico-acadêmica; residências artísticas; manutenção de grupos artísticos; criação de grupos artísticos; realização de festivais, mostras e oficinas de artes.

1.2 – O apoio consiste na concessão de recursos financeiros para o custeio de despesas com a realização de eventos e/ou ações artísticas e culturais, publicações culturais (eletrônicas ou físicas), produtos culturais diversos e criação e/ou manutenção de grupos artísticos vinculados à Unifesp.

1.2.1 - Materiais permanentes, como equipamentos eletrônicos, instrumentos musicais, entre outros, devem ser patrimonializados no Campus ao qual o projeto está vinculado, e ficar sob a responsabilidade do respectivo NAE.

1.2.1 - Detalhes relativos à aprovação, recebimento, compras e dispêndio, bem como fiscalização do projeto artístico/cultural estão detalhados no Anexo I.

II – DOS PROPONENTES

2.1 – Estão aptos a apresentarem propostas, nos termos deste Edital, todos os estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes regularmente matriculados na Unifesp.

2.2 – As inscrições poderão ser realizadas por pessoa física ou grupo cultural vinculado à Unifesp.

2.2.1 – Considera-se grupo cultural vinculado à Unifesp a reunião entre artistas, técnicos e/ou estudiosos da cultura, composto por pelo menos 50% de estudantes regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo, que deverão comprovar seu vínculo com o grupo.

2.2.2 – Os grupos culturais deverão indicar como proponente e responsável pelo projeto um estudante com matrícula e vínculo ativos da Unifesp.

III – DA VERBA ORÇAMENTÁRIA, SUA DISTRIBUIÇÃO E UTILIZAÇÃO

3.1 – A verba orçamentária para financiamento das propostas será proveniente de doação do Banco Santander e gerenciada pela Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo (FapUnifesp), cujo aporte global é de R$ 30.000,00 (trinta mil reais).

3.2 – Os recursos financeiros serão distribuídos em apoios de até R$ 3.000,00 (três mil reais) cada. Tal valor prescrito é um referencial máximo, cabendo à comissão avaliar o projeto de forma global e arbitrar apoios em valores inferiores ao máximo permitido.

3.3 - A utilização dos recursos obedecerá aos critérios da FapUnifesp, conforme orientações do Anexo I

IV – DAS INSCRIÇÕES

4.1 – Período: 01 de agosto a 01 de setembro de 2017.

4.2 – As inscrições serão recebidas exclusivamente pelo endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br, no período entre 08 horas do dia 01 de agosto de 2017 até às 23 horas e 59 minutos do dia 01 de setembro de 2017, observado o horário oficial de Brasília (DF).

4.3 – A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do solicitante.

4.4 – A PRAE não se responsabilizará por inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

4.5 – O solicitante deverá utilizar exclusivamente o formulário de inscrição disponível no endereço eletrônico:
http://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/anexos

4.6 – O formulário de inscrição, juntamente com a cópia do registro geral (RG) do solicitante, comprovante de matrícula atualizado e comprovante de vínculo com o grupo cultural (se for o caso), todos em formato PDF, devem ser enviados para o endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br no período disponível para a inscrição.

4.7 – O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros formulários que não os previstos neste Edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

V – DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS PROJETOS

5.1 – Os projetos serão avaliados e selecionados por um comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, conforme os seguintes critérios:

Critérios		Distribuição dos Pontos				Pontuação Máxima
I	**Valor cultural do projeto**	**Ausente**	**Insuficiente**	**Suficiente**	**Atende Plenamente**	
A	Promoverá a autoestima, o sentimento de pertencimento e a cidadania na comunidade universitária.	0	1	3	5	**20 PONTOS**
B	Dinamizará os espaços culturais nos Campi aos quais os projetos estão vinculados.	0	1	3	5	
C	Desenvolverá ações de formação cultural e fortalecimento das identidades culturais brasileiras.	0	1	3	5	
D	Originalidade	0	1	3	5	
II	**Qualidade técnica do projeto**	**Ausente**	**Insuficiente**	**Suficiente**	**Atende Plenamente**	**Pontuação Máxima**
A	Objetivos explicitados de forma clara e bem definidos.	0	1	3	5	**15 PONTOS**
B	Pertinência das estratégias em relação aos resultados pretendidos.	0	1	3	5	
C	Descrição das etapas/ações para desenvolvimento do projeto coerentes com o Plano de Trabalho e Planilha Orçamentária	0	1	3	5	
III	**Aspectos sociais do projeto**	**Ausente**	**Insuficiente**	**Suficiente**	**Atende Plenamente**	**Pontuação Máxima**
A	Propõe integração da cultura com outras esferas do conhecimento e da vida social.	0	1	3	5	**15 PONTOS**
B	Promoverá acessibilidade/democratização do acesso ao/s produto/s do projeto.	0	1	3	5	
C	Promoverá participação da comunidade universitária.	0	1	3	5	
TOTAL						**50 PONTOS**

5.2 - Cada projeto será avaliado por pelo menos 2 (dois) membros da Comissão de Seleção.

5.3 – A nota final será obtida a partir do cálculo da média aritmética simples entre as notas dos avaliadores.

5.4 - Se houver discrepância maior ou igual a 15 (quinze) pontos, no julgamento da Comissão de Seleção, entre os resultados das avaliações de um projeto, o projeto passará por reavaliação.

5.5 - Todas as inscrições habilitadas serão avaliadas e classificadas seguindo a ordem decrescente das notas finais.

5.6 – Havendo empate na totalização dos pontos, o desempate beneficiará o estudante que tenha apresentado sucessivamente:

a) maior pontuação no item I;

b) maior pontuação no item II;

c) maior pontuação no item III.

VI – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS

6.1 – O resultado da seleção está previsto para ser publicado no endereço eletrônico da PRAE http://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/proeventos/resultados em 14 de setembro de 2017 e respeitará a ordem de classificação dos projetos enviados.

6.2 - Não serão aceitos pedidos de revisão das decisões.

VII – DO CANCELAMENTO

7.1 - Em caso de desistência, o estudante deverá informar essa decisão à PRAE em caráter de urgência, justificando as razões da desistência.

7.2 - As solicitações contempladas poderão ser canceladas pelos solicitantes em até 30 dias após a divulgação do resultado do Edital, por meio de mensagem eletrônica que

deverá ser enviada para ccal.prae@unifesp.br. No título da mensagem do e-mail deverá constar "desistência edital Procultura".

VIII – DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS

8.1 - O (a) solicitante contemplado (a) nos resultados finais deverá enviar para o e-mail ccal.prae@unifesp.br os seguintes documentos: RG, CPF, Título de eleitor, comprovante de residência, PIS e dados bancários até 30 dias após a divulgação do resultado final para efeitos de cadastro e solicitação no Sistema Conveniar.

8.2 - Ter conta bancária em seu nome, sendo que somente serão aceitas conta corrente. Não serão aceitas contas conjuntas ou de terceiros. A abertura da conta bancária em nome do estudante deverá ser providenciada pelo próprio discente, caso não a possua.

8.3 - Segundo Resolução FapUnifesp n. 001/2017, em seu artigo sexto, parágrafo II, o responsável pelo adiantamento de Fundo deverá estar cadastrado e assinar Termo de Ciência e Responsabilidade pela execução dos recursos.

8.4 - O numerário deverá ser utilizado para pagar somente despesas relacionadas com o projeto, sendo que será reembolsado até o valor concedido. Não havendo reposição de valor que ultrapasse o concedido.

IX – DA PRESTAÇÃO DE CONTAS

9.1 – O(a)s contemplado(a)s deverão apresentar à PRAE relatório circunstanciado de execução, bem como das ações realizadas até o dia 30 de agosto de 2018. O não cumprimento desta obrigação implicará que o solicitante devolva o dinheiro à FapUnifesp.

9.2 – O relatório final deve conter todos os dados referentes à execução financeira como planilhas de gastos previstos e gastos realizados, cópias xerográficas de notas, recibos e comprovantes dos originais encaminhados à FapUnifesp. Também compõem o relatório final informações qualitativas e quantitativas sobre o evento ou atividade, como número de participantes, nome dos envolvidos na execução das atividades, número de certificados emitidos, avaliação da equipe organizadora e/ou participantes e outras informações consideradas relevantes. Acrescentar no relatório, quando possível, fotos, vídeos e exemplares dos demais materiais confeccionados para o evento ou atividade, tais como: cartazes, folders, folhetos, convites etc.

9.3 - O prazo de execução dos recursos do Adiantamento de Fundos é de até 30 (trinta) dias e o prazo de prestação de contas de até 40 (quarenta) dias contados da data de pagamento do Adiantamento.

9.4 - É obrigatória a entrega dos originais das Notas Fiscais. Todas as notas fiscais e/ou os recibos deverão ser emitidos em nome da FapUNIFESP:

- **Nome:** Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo - Fap-UNIFESP – **CNPJ:** 07.437.996/0001-46 - **Inscrição Estadual:** 149.411.803.118 - **CCM:** 3.423.186-2;

- **Endereço:** Rua Dr. Diogo de Faria, 1087 - 8° andar - conjs. 801 a 804 - Vila Clementino - 04037-003 - São Paulo – SP.

9.5 - O estudante deverá enviar mensagem eletrônica para ccal.prae@unifesp.br, sendo que no título da mensagem deverá constar **"Solicitação Relatório Sistema Conveniar"**. O relatório de participação no evento também deverá ser enviado para esse e-mail.

9.6 – O relatório gerado pelo Conveniar será reenviado ao aluno. O relatório deverá ser impresso e assinado pelo Responsável do Adiantamento.

9.7 - Os documentos das despesas devem estar afixados em papel branco e rubricados pelo responsável.

9.8 - Eventuais sobras de recursos do Adiantamento deverão constar no relatório e serem devolvidas por meio de depósito bancário efetuado na conta de origem dos recursos. O comprovante de depósito também deverá ser anexado em papel branco e rubricado, conforme demais documentos.

9.9 - Todos os documentos (Relatório pelo Sistema Conveniar e os comprovantes de pagamentos) deverão ser entregues na PRAE para conferência e posterior envio para a FapUnifesp. Será de responsabilidade do estudante entregar a prestação de contas conforme instruído, em envelope lacrado (identificado como prestação de contas, contendo o nome do estudante e o número do processo), no protocolo da secretaria da FapUnifesp: Rua Dr. Diogo de Faria, 1087, cj 801, 8° Andar. Vila Clementino.

X – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

10.1 - A inscrição do (a) candidato (a) implicará na aceitação das normas contidas neste Edital.

10.2 - As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do (a) solicitante.

10.3 - O material de divulgação do evento e produtos apoiados deverão, obrigatoriamente, incluir a logomarca da Unifesp, PRAE, do Banco Santander e da FapUnifesp.

10.5 – Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste Edital podem ser obtidos por meio do e-mail: ccal.prae@unifesp.br

10.6 – A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente Edital.

10.7 - Para maiores detalhes referentes aos procedimentos da FapUnifesp, ler Anexo I.

São Paulo, 19 de julho de 2017

ANEXO I

VERSÃO SIMPLIFICADA – MANUAL FAPUNIFESP

ATENÇÃO: PARA ACESSO AO CONTEÚDO INTEGRAL DO MANUAL ACESSE:
http://www.fapunifesp.edu.br/?page_id=2826

APRESENTAÇÃO - FAPUNIFESP

A FapUnifesp é uma entidade de direito privado, sem fins lucrativos. Tem como missão prover infraestrutura, logística e suporte burocrático e administrativo relativos ao desenvolvimento de projetos acadêmicos em ensino, pesquisa e extensão da Unifesp, além de prestar serviço à sociedade nessas respectivas áreas, em âmbito público ou particular. O objetivo principal da FapUnifesp é apoiar a Universidade Federal de São Paulo em ações, projetos e iniciativas de ensino, pesquisa, extensão, inovação e transferência de conhecimento, assim como no seu desenvolvimento institucional e relacionamento com o ambiente externo. A Fundação busca colaborar para a inserção internacional da Unifesp e procura ser um elemento integrador para a formação de uma Universidade multicampi.

Os Coordenadores de Projetos e Programas são de extrema importância para a Fundação de Apoio à Universidade Federal de São Paulo. A FapUnifesp entende os projetos apoiados como decisivos ao avanço da sociedade brasileira em variadas áreas de interesse, pois colaboram com a formação continuada de profissionais das mais diversas áreas, regulam e aprimoram processos de produção, inovação e transferência de conhecimento e estabelecem bases para a formulação de políticas públicas em qualquer âmbito da Federação.

Por esse manual da Fundação, os Coordenadores encontrarão as informações necessárias para a operação de seus cursos e projetos de pesquisa e extensão universitária.

PRESTANDO CONTAS

O recurso será repassado para o projeto conforme estabelecido nos diversos editais abertos em parceria com a FapUnifesp.

O coordenador deve estar atento às solicitações do gestor responsável pelo projeto na FapUnifesp quanto à entrega de documentos, a fim de viabilizar o adequado gerenciamento dos recursos.

CONCEITOS

- **Tipos de pessoa legalmente reconhecidas:**

1° - Pessoa Física - Essa designação é um conceito jurídico e se refere especificamente ao **indivíduo enquanto sujeito detentor de direitos e de deveres**. Para efeito de exercer atividade econômica, a pessoa física pode atuar como autônomo ou como sócio de empresa ou sociedade simples, conforme o caso.

2° - Pessoa jurídica - A pessoa jurídica de direito privado particular pode revestir cinco formas diferentes: a **fundação**, a **associação**, a **sociedade**, as **organizações religiosas** e os **partidos políticos**. Devem ter seus estatutos, regimentos ou documentos que originem a sua constituição aprovados, autorizados ou permitidos pela autoridade competente, de acordo com a legislação civil vigente.

- **Documentos fiscais permitidos (em vigência segundo a legislação tributária):**

1° - Nota fiscal - Documento de emissão obrigatória por todas as pessoas jurídicas, civis e mercantis, no ato da comercialização de bens, produtos e serviços. É emitida nas vendas à vista ou a prazo.

2° - NF-e (Nota Fiscal Eletrônica) - NF-e é um dos integrantes do Sistema Público de Escrituração Digital (SPED), criado para a substituição das notas fiscais modelo 1 e 1A, que eram utilizadas entre transações comerciais de pessoas jurídicas. Este documento é armazenado eletronicamente e faz parte da implantação de um modelo nacional de documentos eletrônicos que substituem a emissão em papel, visando a simplificação das obrigações acessórias do contribuinte e permitindo ao fisco que as operações comerciais sejam acompanhadas em tempo real, possibilitando uma fiscalização tributária mais eficiente. A NF-e possui um uso bem amplo nas relações entre as empresas. Ela pode ser utilizada tanto para registrar as transações de venda quanto para documentar outras

movimentações como devoluções, remessas para consertos, baixas de estoque e outras operações.

3° - **Cupom fiscal** - é um documento fiscal equivalente à nota fiscal, diferenciando-se desta por ter que ser emitido por impressora fiscal especial, o Emissor de Cupom Fiscal. O cupom fiscal, que substitui a Nota Fiscal de Venda ao Consumidor para todos os efeitos, é facilmente identificável, pois nele sempre estará impressa a expressão "Cupom Fiscal". Com o cupom fiscal (assim como com a nota fiscal), o adquirente do bem (cidadão, empresa, ou poder público) tem a sua compra corretamente formalizada.

4° - **NFC-e (Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica)** - A NFC-e ou Nota Fiscal de Consumidor Eletrônica, como o próprio nome diz, é um documento de existência eletrônica, assim como a NF-e. Sua função é a mesma do cupom fiscal e vem ganhando destaque nacionalmente e tomando o lugar do cupom fiscal aos poucos. A grande vantagem da NFC-e em relação ao cupom fiscal é que não é necessário nenhum tipo de equipamento especial, tornando assim a sua adoção muito mais barata. O mesmo pode ser impresso em qualquer tipo de impressora.

5° - **NFS-e (Nota Fiscal de Serviços Eletrônica)** - A NFS-e ou Nota Fiscal de Serviços Eletrônica é também um documento emitido por meio de sistema informatizado e disponibilizada aos contribuintes. Ela é usada por prestadores de serviço e o maior interessado é o fisco municipal, pois o ISS, um dos impostos arrecadados pela NFS-e, é repassado para as prefeituras.

6º - **Recibo de Pagamento a Autônomo (RPA)** - Documento que deve ser apresentado por pessoa física identificada como prestador de serviço autônomo.

O RPA é um documento que deve ser emitido pela fonte pagadora, ou seja, quem contratou o serviço de algum profissional pessoa física e que não esteja regido pelo sistema CLT – Consolidação das Leis Trabalhistas. Este profissional não poderá ter vínculo empregatício com a empresa durante o trabalho que originará a necessidade deste documento. Entretanto nada impede que futuramente a empresa o contrate de outra forma.

Impostos incidentes sobre o RPA: INSS, IRRF e ISS, conforme legislação vigente.

7° - **Invoice** - é o documento que legitima a circulação da mercadoria, servindo também de base para a cobrança de imposto. Documento utilizado nas operações comerciais que representam a venda para clientes domiciliados em território internacional.

8º - Boleto bancário (ou simplesmente boleto) - é um documento largamente utilizado no Brasil como instrumento de pagamento de um produto ou serviço prestado. Por meio do boleto, seu emissor pode receber do pagador o valor referente àquele pagamento.

REGRAS GERAIS

1. Utilização dos Recursos

1.1 -O apoio financeiro será liberado de acordo com as cláusulas constantes no edital e os recursos recebidos deverão ser utilizados em conformidade com as atividades e etapas estabelecidas no cronograma de execução apresentado no projeto. Os modos de supervisão e fiscalização do uso orçamentário constantes no cronograma de projeto será feita por meio eletrônico (Sistema Conveniar).

1.2 - Conforme o projeto recebe o adiantamento de recursos para fazer determinadas aquisições ou, se as aquisições são feitas pela FapUnifesp, encaminhadas via Sistema Conveniar, sempre deverão existir NFs ou recibos aptos à comprovação de pagamento. Tudo isso, respeitando à legislação nacional Civil e Tributária (Código Civil e Tributário Nacional).

1.3 - É expressamente proibido o recebimento ou usufruto, para si ou para outrem, de quaisquer valores orçamentários antes de assinado o termo legal que a vincule ao projeto. A FapUnifesp deve proibir completamente o uso de qualquer recurso proveniente de orçamento para fomento, sem o atendimento de todos os procedimentos legais e administrativos necessários. Permitir que alguém receba um determinado recurso antes da aprovação final de qualquer fomento enseja responsabilização do agente que permitiu, facilitou ou incentivou o uso, com obrigação de retorno do valor integral e de indenização por parte do agente. Essa regra é válida para verbas públicas e também para verbas de origem privada que tem tratamento como recursos de ordem pública.

2. Aquisições de bens e/ou serviços

3.1 - A FapUnifesp norteia as aquisições e contratações de bens e serviços atendendo à legislação que lhe cabe, Lei 8666/93, decreto ei 8214/14 e afins e também, às especificações da solicitação e normas técnicas, visando o atendimento dos princípios de economicidade, da igualdade, da imparcialidade, da transparência e da ética e procurando atender às necessidades do projeto, de acordo com o plano de trabalho aprovado;

3.2 - As solicitações de compra ou contratação de serviço, deverão ser realizadas por

meio eletrônico (Sistema Conveniar), através do sistema de Gestão da FapUnifesp. Exceções serão analisadas oportunamente, com a expressa justificação por parte do solicitante;

3.3 - Utilizar os recursos disponíveis de acordo com o previsto no plano de trabalho de cada projeto, salvo se houver mudanças no plano de trabalho comunicadas e autorizadas pelo coordenador responsável, atentando às normativas vigentes (As aquisições seguem as diretrizes da lei 8666/93).

3. Relatório de Prestação de Contas Financeiro

2.1 - O Relatório de Prestação de Contas Financeiro deverá ser feito por meio do sistema gerencial da FapUnifesp (Sistema Conveniar). Todos os documentos solicitados deverão ser enviados à FapUnifesp pela coordenação do projeto em tempo hábil para esse procedimento.

2.2 - Todas as despesas deverão ser pagas e comprovadas através de documentos fiscais, legalmente previstos pela legislação em vigor, ou seja, não serão aceitos documentos fiscais que contenham rasuras, diferenças na cor da caneta, valores ilegíveis ou não preenchimento dos dados cadastrais (data, CNPJ/CPF, razão social, discriminação correta dos serviços e/ou materiais, quantidades e valores).

2.3 - Entende-se por documento fiscal todos aqueles enumerados no título **Conceitos,** expressos anteriormente nesse documento. Os documentos fiscais devem ser compatíveis com o serviço contratado ou compra efetuada. Por exemplo: nota fiscal de serviço não poderá ser utilizada para compra de mercadorias e vice-versa.

2.4 - Os gastos com alimentação devem ser razoáveis por pessoa/refeição e devem vir especificados nos cupons e notas fiscais.

2.5 - Não serão aceitas despesas com bebida alcoólica, cigarros, passagens aéreas, guloseimas e qualquer tipo de despesa que extrapole e/ou que não esteja dentro dos fins e objetivos da proposta apresentada.
2.6 - As despesas de diárias (hospedagens, refeições, transporte etc.) devem ser comprovadas por meio dos documentos fiscais necessários. Solicitamos que os pedidos de compra sejam inseridos no sistema para esta aquisição dos serviços supracitados.

2.7 - Deverá ser emitido pedido individualizado por itens via sistema próprio para cada despesa, acompanhado do(s) documento(s) fiscal (is) e do(s) comprovante(s) de pagamento(s) (boleto autenticado, comprovante de depósito ou recibo) anexando os documentos no arquivo próprio.

2.8 - Nos casos em que houver documentos tais como notas fiscais de talão, ou seja, que não puderem ser expressamente escaneados e anexados via sistema, deverão ser entregues na recepção da FapUnifesp aos cuidados do gestor do projeto com o devido pedido (através do Sistema Conveniar), identificado ou impresso.

2.9 - Será suspenso/bloqueado o pagamento quando a prestação de contas apresentar irregularidades. Só serão liberados os recursos objeto de suspensão/bloqueio após os esclarecimentos necessários e definitivos sobre a questão.

2.10 - Qualquer alteração no uso da verba liberada deve ser precedida de comunicação e de autorização da coordenação do projeto e o devido ajuste do plano de trabalho e de seu respectivo cronograma.

MODALIDAES DE PAGAMENTOS

- **ADIANTAMENTO**

- Projeto com saldo disponível suficiente para suprir o adiantamento solicitado;
- Solicitar adiantamento conforme despesas previstas no Plano de Trabalho ou Planilha Orçamentária do projeto, com a readequação do cronograma de trabalho e impactos intervenientes no Plano de Trabalho originalmente enviado, para cumprimento do prazo estipulado;
- Justificar expressamente finalidade do adiantamento, conforme objeto do projeto;
- Valor máximo de R$1.000,00 (hum mil reais) por projeto;
- O depósito do valor solicitado será realizado na conta bancária do favorecido/proponente, após adequada comprovação do vínculo do favorecido com o projeto, conforme edital;
- Realizar o acerto do adiantamento e entregar ao gestor responsável os documentos fiscais emitidos nos 30 dias posteriores à confirmação do recebimento do depósito. Fica vedado novos adiantamentos caso não seja realizado o acerto e entregue os documentos fiscais acima mencionados;
- As despesas devem ser individualizadas e justificadas expressamente para cada documento fiscal emitido, para verificação da compatibilidade das despesas efetuadas com o plano de trabalho;
- São expressamente proibidas despesas com bebida alcoólica, cigarros, passagens aéreas, guloseimas e qualquer tipo de despesa que extrapole e/ou que não esteja dentro dos fins e objetivos da proposta apresentada;

- **Todos os cupons/notas fiscais devem ser emitidos com o CNPJ da FapUnifesp, sendo que para os cupons fiscais e notas fiscais emitidas em bloco devem ser encaminhados à FapUnifesp os originais emitidos;**
- O acerto e a documentação serão avaliados conforme a legalidade dos documentos fiscais e a pertinência dos gastos em relação ao projeto;
- A FapUnifesp se reserva ao direto de não atender a demanda caso haja indícios ou provas de irregularidade, sem prejuízo do reembolso dos valores gastos irregularmente e da respectiva penalização.

➢ PAGAMENTOS DE DIÁRIAS

- Projeto deve possuir saldo disponível suficiente;
- O valor da diária será correspondente aos informados na tabela de diárias UNIFESP.
- Não serão pagas diárias que não estejam expressamente previstos no Plano de Trabalho ou Planilha Orçamentária do projeto;
- Justificar o vínculo do favorecido com o projeto;
- Justificar a diária e a finalidade descrevendo trecho de origem e destino, datas de ida e volta e compromisso vinculado;
- Necessária apresentação de certificado e comprovantes de pagamentos referente à justificativa da diária solicitada como forma de prestação de contas;
- As diárias ao exterior devem ser convertidas em Real utilizando a moeda dólar americano para indexação conforme tabela UNIFESP em conformidade com o art. 22 do Decreto 71733/73;
- O pagamento da diária será efetivado apenas na conta bancária do favorecido (conta corrente).

➢ PAGAMENTO DE PESSOA FÍSICA

- Projeto deve possuir saldo disponível suficiente;
- Não serão aceitas despesas que não estejam expressamente previstos no Plano de Trabalho ou Planilha Orçamentária do projeto;
- Encaminhar documentos pessoais em caso de ser o primeiro pagamento pela FapUnifesp (anexar ao pedido no sistema: descrição da atividade realizada

assinada pelo coordenador do projeto, RG, CPF, PIS, comprovante de residência, Holerite caso tenha);

- Especificar a finalidade expressa do serviço executado. Anexar ao pedido a descrição do serviço realizado, constando atividades executadas, carga horária, período ou mês da prestação;
- Anexar ao pedido a descrição do serviço realizado, constando atividades executadas, carga horária, período ou mês da prestação. Documentos adicionais podem ser solicitados ao prestador de serviços;
- Não será permitido mais de 4 pagamentos de RPA para o mesmo favorecido para que não seja caracterizado o vínculo empregatício.

➢ **PAGAMENTO DE PESSOA JURÍDICA**

- Projeto deve possuir saldo disponível suficiente;
- Não serão aceitas despesas que não estejam expressamente previstos no Plano de Trabalho ou Planilha Orçamentária do projeto;
- Justificar a prestação de serviço vinculando a despesa à finalidade do projeto;
- O fornecedor deve especificar na nota fiscal o serviço realizado de forma clara e completa para vinculação com as despesas previstas no projeto. Não será aceita como descrição do serviço um texto de forma genérica;
- A nota fiscal válida é aquela emitida no mês corrente da prestação do serviço. Não será aceita nota fiscal emitida em outros períodos anteriores ao pedido do pagamento;
- O pagamento será efetivado obrigatoriamente na conta bancária do Fornecedor Pessoa Jurídica;
- Não serão reembolsadas as aquisições de equipamento e material permanente feitos diretamente pelo projeto.

2° Concurso de Cartazes da UNIFESP para a Recepção dos(as) novos(as) estudantes 2017

A Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, em cumprimento ao Decreto 7.234 de 19 de julho de 2010, que regulamenta o Programa Nacional de Assistência Estudantil, torna pública o edital **PRAE n° 03/2016** para o 2° Concurso de Cartazes para a Recepção dos(as) Novos(as) Estudantes da UNIFESP, contendo normas e prazos para a participação.

I – SOBRE O CONCURSO

Em benefício da sociedade, a Universidade Pública visa promover uma formação crítica pautada por questões ético-políticas, todavia também reproduz práticas e concepções que engendram em si mesmas violências de várias naturezas.

A entrada de novos estudantes neste cenário traz a oportunidade de, no encontro das diferenças, produzirmos reflexões sobre os padrões socialmente construídos e as formas de superar as opressões, hierarquizações e subalternizações a partir deles. O convite à comunidade acadêmica para esta ação é um dos dispositivos que a Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis elaborou apostando na capacidade do pensamento crítico para lidar com essas questões.

II – FINALIDADE

O 2° Concurso de Cartazes para a Recepção dos(as) Novos(as) Estudantes da UNIFESP tem como finalidade promover a integração entre veteranos(as) e novos(as) estudantes estimulando a crítica às formas tradicionais de recepção que trazem como mote situações de violência física e simbólica.

III – TEMAS

Os(as) participantes poderão abordar um ou mais dos temas abaixo:

1 – Discriminação de classe e /ou origem;

2 – Discriminação e/ou violência de gênero;

3 – Discriminação e/ou violência racial;

4 – Violência física, verbal e simbólica;

5 – Heteronormatividade;

6 – Discriminação e/ou violência política;

7 – Discriminação e/ou violência religiosa;

8 – Discriminação e/ou violência por idade.

IV – PARTICIPANTES

Estudantes regularmente matriculados(as) nos cursos de graduação, pós-graduação *strictu senso,* residentes.

V – CRITÉRIOS DE SELEÇÃO

- Consonância com os temas do concurso;
- Criatividade;
- Qualidade artística;
- Originalidade.

OBS. Está sob responsabilidade dos(as) concorrentes reproduções indevidas e/ou à situações que possam incorrer em plágio.

VI – INSCRIÇÕES

Os(as) participantes deverão enviar os cartazes em tamanho A4, formato JPEG e/ou PNG, até a data de 30 de setembro, para o e-mail: unifesp.cartaz2016@gmail.com;

- no corpo do e-mail, anexar os seguintes dados:

Nome completo;

Número de matrícula;

Curso;

Campus.

- Cada concorrente poderá inscrever quantos cartazes desejar.

– A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do(a) solicitante.

– A PRAE não se responsabilizará por solicitação de inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das

linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

– O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros modelos de formulário que não o descrito neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

VII – COMISSÃO JULGADORA

A comissão julgadora será composta pela Comissão Organizadora da Prae.

VIII – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS E CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO

8.1. – O resultado do Concurso será publicado no endereço eletrônico da PRAE http://www.unifesp.br/prae na primeira quinzena do mês de novembro de 2016.

8.2. – A Cerimônia de premiação ocorrerá na segunda quinzena de novembro de 2016.

IX – PREMIAÇÃO

- 1° Lugar: Um tablet;
- 2° Lugar: Dois livros, à escolher, da Editora Unifesp;
- 3° Lugar: Um livro, à escolher, da Editora Unifesp.

X – DISPOSIÇÕES GERAIS

- Os(as) participantes deste Concurso Cultural concordam em ceder, gratuita e incondicionalmente, à UNIFESP, os direitos patrimoniais e de utilização do cartaz, bem como o direito de imagem e/ou de voz do participante, de pleno direito, sem fazer jus a nenhuma forma de remuneração;
- O material encaminhado para inscrição no concurso, e não premiado, ficará à disposição da UNIFESP para utilização institucional;
- O não cumprimento de quaisquer das exigências regulamentares implicará na desclassificação do cartaz concorrente;
- A comissão organizadora não se responsabiliza por quaisquer problemas relativos ao envio do arquivo bem como situações em que o mesmo esteja corrompido/danificado;

- É do(a) participante a responsabilidade por quaisquer custos gerados pela inscrição/participação no concurso, bem como problemas de ordem autoral;
- O(a) participante renuncia a qualquer questionamento sobre os critérios adotados pela comissão julgadora;
- Este concurso é de caráter exclusivamente cultural, não estando vinculado à compra de produto nem subordinado a qualquer modalidade de sorte ou sorteio, sendo dispensada de autorização nos termos do artigo 3°, II, da Lei 5.768/71 e artigo 30, do Decreto 70.951/72.
- A participação neste concurso cultural não gerará ao(à) participante e/ou contemplado(a) nenhum outro direito ou vantagem que não estejam expressamente previstos neste Regulamento.
- Quaisquer situações omissas serão resolvidas pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis.

São Paulo, 15 de agosto de 2016.

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

EDITAL PRAE No. 07/2018 DE CONCURSO CULTURAL "EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS"

Com o objetivo de garantir a dignidade da pessoa humana, os Direitos Humanos podem ser entendidos por aqueles direitos que construídos social e historicamente em progressivo reconhecimento, supera as condições de cor/raça/etnia, de gênero, de idade, de nacionalidade, de religião, de restrição de acessibilidade/mobilidade, ou qualquer outra situação seja social, cultural ou educacional excludente[1]. Uma nação só consegue atingir um indicador seguro de desenvolvimento humano a partir da efetiva implementação de tais direitos, marcados pelo processo civilizatório. Assim, os(as) estudantes como protagonistas de uma nova sociedade, possuem fundamental importância na promoção dos direitos humanos e transformações sociais.

Nesse sentido, a Pró-Reitora de Assuntos Estudantis (PRAE), no uso de suas atribuições e por meio de recursos provenientes da parceria com o Banco Santander torna público o Edital PRAE N° 07/2018, contendo normas e prazos para o concurso cultural "Educação e Direitos Humanos", em homenagem aos setenta anos da Declaração Universal dos Direitos Humanos, comemorados no ano de 2018.

I – DAS DISPOSIÇÕES GERAIS

1.1 O Concurso Cultural "*Educação e Direitos Humanos*" tem como objetivo incentivar os(as) estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes, regularmente matriculados na Universidade Federal de São Paulo em situação acadêmica em curso, a produzir materiais culturais que relacionem o tema educação com os direitos humanos, incentivando as artes visuais e a literatura, o reconhecimento de talentos, o fomento das diversas formas de expressão e a valorização, defesa e promoção dos Direitos Humanos.

[1] Adaptado de http://www.juventudeedireitoshumanos.ueg.br.

1.2 Os materiais apresentados deverão ser obrigatoriamente inéditos, não podendo ter sido publicados por outros meios impressos ou eletrônicos.

1.2.1 Será de responsabilidade do(a) estudante garantir o ineditismo da obra. A PRAE não se responsabilizará por eventuais conflitos referentes a direitos autorais.

1.3 Cada participante poderá enviar no máximo três trabalhos por categoria, sendo vedados os trabalhos com coautoria.

1.4 A premiação dos(as) estudantes será realizado em um evento no dia 10 de dezembro de 2018, data na qual a Declaração Universal dos Direitos Humanos comemorará seus 70 anos.

1.5 As produções artísticas decorrentes desse edital darão origem a uma exposição itinerante em todos os Campi com objetivo de promover diálogos, rodas de conversa e ações nas temáticas cultura, educação e direitos humanos.

1.6 Os trabalhos selecionados poderão vir a compor obra bibliográfica ao término do processo.

II – DAS MODALIDADES

2.1 As modalidades desta chamada são:

2.1.1 **Fotografia** (imagens com resolução de no mínimo 300 dpi, em JPEG).

2.1.2 **Desenho** (feitos à mão, com boa qualidade de digitalização, em JPEG).

2.1.3 **Poesia** (máximo 2 páginas A4, fonte Arial, tamanho 12, margens 3 cm, em PDF).

2.1.4 **Contos** (máximo 4 páginas A4, fonte Arial, tamanho 12, margens 3 cm, em PDF).

III – DAS INSCRIÇÕES

3.1 Período: 01 de agosto a 01 outubro de 2018.

3.2 As inscrições serão recebidas exclusivamente pelo endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br no período entre 08 horas do dia 01 de agosto de 2018 até às 23 horas e 59 minutos do dia 01 outubro de 2018, observado o horário oficial de Brasília (DF).

3.3 A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do(a) solicitante.

3.4 A PRAE não se responsabilizará por inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

3.5 O (A) solicitante deverá utilizar exclusivamente o formulário de inscrição disponível no endereço eletrônico.

http://www.unifesp.br/reitoria/prae/editais/editais/concurso-cultural/anexos

3.6 O formulário de inscrição, juntamente com o(s) arquivo(s) referente(s) a(s) obra(s) e comprovante de matrícula atualizado, devem ser enviados para o endereço eletrônico ccal.prae@unifesp.br no período disponível para a inscrição.

3.7 O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros formulários que não o previsto neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

3.8 Não serão aceitas inscrições cujos formulários foram preenchidos à mão, estejam incompletos ou não foram assinados.

IV – DA SELEÇÃO

4.1 O material será selecionado por uma comissão de avaliação composta por no mínimo três avaliadores com afinidade pela modalidade, tendo como critérios:

4.1.1 Fidelidade ao tema Educação e Direitos Humanos (30 pontos);

41.2 Originalidade (30 pontos);

4.1.3 Qualidade Técnica (40 pontos).

4.2 As decisões da comissão de seleção serão irrecorríveis.

4.3 A classificação final será anunciada no site PRAE, conforme o cronograma do concurso cultural.

4.4 Serão selecionados e premiados três (03) trabalhos em cada modalidade.

4.5 Não serão avaliados os materiais que não possuam a documentação completa exigida no item três (III).

4.6 A nota final será obtida a partir da média aritmética simples das notas dos avaliadores.

4.7 Caso haja discrepância maior ou igual a 20 (vinte) pontos no julgamento da Comissão de Seleção na avaliação de um mesmo projeto, o projeto passará por reavaliação.

4.8 Todas as inscrições habilitadas serão avaliadas e classificadas seguindo a ordem decrescente das notas finais.

4.9 Havendo empate na totalização dos pontos, o desempate beneficiará o(a) estudante que tenha apresentado sucessivamente:

a) maior pontuação no item *4.1.2*;
b) maior pontuação no item *4.1.3*;
c) maior pontuação no item *4.1.1*.

V – DA PREMIAÇÃO

5.1 A verba orçamentária para financiamento do edital será proveniente de doação do Banco Santander e gerenciada pela FAP Unifesp, cujo aporte é de R$ 30.000,00 (Trinta mil reais) para esta ação.

5.2 Os recursos financeiros serão distribuídos:

5.2.1 O(A) 1º colocado(a) em cada categoria ganhará um "notebook" no valor aproximado de R$ 3.000,00 (Três mil reais), totalizando R$ 12.000,00 (Doze mil reais).

5.2.2 O(A) 2º colocado(a) em cada categoria ganhará um "tablet" no valor aproximado de R$ 1.000,00 (Mil reais), totalizando R$ 4.000,00 (Quatro mil reais).

5.2.3 O(A) 3º colocado(a) em cada categoria ganhará um vale livro no valor de R$ 500,00 (Quinhentos reais), totalizando R$ 2.000,00 (Dois mil reais).

5.3 O recurso restante, no valor aproximado de R$ 12.000,00 (Doze mil reais), será utilizado para custear as despesas decorrentes das exposições itinerantes, evento sobre Educação e Direitos Humanos para a premiação dos(as) estudantes e na elaboração de um livro com as obras.

VI – DO CRONOGRAMA

Período de Inscrições	01 agosto a 01 de outubro
Seleção de Trabalhos pela comissão de avaliação	02 a 31 de outubro
Divulgação dos trabalhos premiados (previsão)	12 de novembro
Cerimônia de Premiação	10 de dezembro
Exposição itinerante nos Campi	Primeiro semestre 2019

VII – DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

7.1 A inscrição do(a) candidato(a) implicará na aceitação das normas contidas neste Edital.

7.2 As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do(a) solicitante.

7.3 Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste Edital podem ser obtidos através do e-mail: ccal.prae@unifesp.br

7.4 A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente Edital.

São Paulo, 03 de julho de 2018

Coordenadoria de Cultura, Atividade Física e Lazer
Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

II CONCURSO UNIFESP EM CONTOS

A Universidade Federal de São Paulo, por meio da Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, torna público o **Edital PRAE 04/2016**, contendo normas e prazos para a participação no Concurso "UNIFESP em Contos 2016".

I – DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 – O Concurso "UNIFESP em Contos 2016", promovido e organizado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis – PRAE, tem por objetivo estimular a cultura da produção literária discente, premiando contos ou crônicas. Estas precisam ser individuais e inéditos, além de ter a UNIFESP como cenário.

1.2. – São considerados contos e crônicas inéditos aqueles não publicados em livros, quaisquer periódicos, jornais de notícias ou outro meio de divulgação, com exceção de blogs e páginas de redes sociais.

1.3. – Ao se inscrever, o(a) autor(a) assume a concordância com as normas do Concurso, inclusive autorizando a posterior publicação da obra em livro ou outros meios a serem organizados pela PRAE.

1.4. – O(a) autor(a) é o(a) único(a) responsável pela obra, podendo responder judicialmente por plágio, cópia indevida e demais crimes previstos na Lei Autoral.

II – DOS(AS) PARTICIPANTES

2.1. – Poderão participar estudantes de graduação, pós-graduação stricto sensu e residentes, regularmente matriculados(as) na Universidade Federal de São Paulo.

2.2. – A participação é individual.

III – DOS PRÊMIOS

3.1. – A premiação do concurso se dará através de Tablet e livros da Editora Unifesp.

IV – DAS INSCRIÇÕES

4.1. – Período: 15 de agosto a 30 de setembro de 2016.

4.2. – Os(as) participantes deverão enviar os contos ou crônicas em arquivo word, com espaçamento 1,5, fonte arial, tamanho 12, com no máximo 10 (dez laudas), até a data de 30 de setembro, para o e-mail: unifesp.contos2016@gmail.com;

- no corpo do e-mail, anexar os seguintes dados:

Nome completo;

Número de matrícula;

Curso;

Campus.

4.3. – A efetivação da inscrição ocorrerá após a confirmação de recebimento da mesma, a ser enviada para o endereço eletrônico do(a) solicitante.

4.4. – A PRAE não se responsabilizará por solicitação de inscrição não recebida por motivos de ordem técnica dos computadores, falhas de comunicação, congestionamento das linhas de comunicação, bem como por outros fatores que impossibilitem a transferência de dados.

4.5. – O envio da solicitação de inscrição fora do período, bem como a ausência de qualquer documento solicitado e/ou utilização de outros modelos de formulário que não o descrito neste edital, fará com que a inscrição seja indeferida.

4.6. – Cada autor(a) poderá inscrever apenas um conto ou crônica no concurso. Caso o(a) autor(a) inscreva mais de um conto ou crônica, será considerado o primeiro recebido.

4.7. – No caso de contos idênticos enviados por autores(as) diferentes, ambos terão as inscrições indeferidas.

V – DOS CONTOS E CRÔNICAS

5.1. – A extensão do conto ou da crônica são livres e sua estrutura deve respeitar as características desses gêneros de narrativa.

5.2. – Os contos e crônicas inscritos pelos participantes obrigatoriamente devem ser correlatos ao tema proposto pelo concurso e não possuir conteúdos que:

- Possam causar danos a terceiros, seja através de difamação, injúria ou calúnia, danos materiais e/ou danos morais;
- Contenham dados ou informações que incitem qualquer tipo de contravenção penal ou desrespeito aos direitos humanos;
- Tenham intenção de divulgar produto ou serviço ou qualquer finalidade comercial;
- Tenham sido produzidos por terceiros.

5.3. – Os contos e as crônicas deverão ser redigidos somente em língua portuguesa.

VI – DA AVALIAÇÃO E SELEÇÃO DOS CONTOS E DAS CRÔNICAS

6.1. – Os contos e as crônicas serão avaliados e classificados por um comitê designado pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, conforme os seguintes critérios e pesos:

- Adequação ao tema proposto – nota de 0 a 10;
- Originalidade – nota de 0 a 10;
- Criatividade – nota de 0 a 10;
- Qualidade do texto – nota de 0 a 10.

6.2. – Ao final da avaliação, o comitê atribuirá a cada conto ou crônica uma nota entre zero e 10 (dez), resultante da média aritmética das notas recebidas pelo texto.

6.2. – Serão classificados no máximo 10 (dez) contos ou crônicas para fazerem jus à premiação, conforme os critérios do item VI. A classificação será em ordem decrescente, considerando a nota final dos contos ou crônicas.

6.3. – Os contos e crônicas avaliados com nota inferior a 5 (cinco) não serão classificados para a premiação.

VII – DA PUBLICAÇÃO DOS RESULTADOS E CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO

7.1. – O resultado do Concurso será publicado no endereço eletrônico da PRAE http://www.unifesp.br/prae na primeira quinzena do mês de novembro de 2016.

7.2. – A Cerimônia de premiação ocorrerá na segunda quinzena de novembro de 2016.

VIII – DA PREMIAÇÃO

8.1. – Os(as) classificados(as) indicados para publicação pelo Comitê de seleção terão seus contos e crônicas publicados em um livro a ser organizado pela PRAE e posteriormente publicado em pdf na página da Prae- Unifesp e impresso caso haja recursos.

8.2. – Caso o número de contos ou crônicas classificados neste concurso não seja suficiente para a composição de um livro com o mínimo de 50 (cinquenta) páginas, a Comissão Organizadora viabilizará a publicação em outros canais, tais como portal da Unifesp, publicações da Unifesp ou outros.

8.3. – Os três primeiros colocados, farão jus ainda à seguinte premiação:

- 1° Lugar: Um tablet;
- 2° Lugar: Dois livros, à escolher, da Editora Unifesp;
- 3° Lugar: Um livro, à escolher, da Editora Unifesp.

IX – DOS RECURSOS

9.1 – Não cabem recursos contra o resultado deste edital.

X - DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

10.1.– As informações prestadas, bem como as documentações apresentadas, serão de inteira responsabilidade do(a) solicitante.

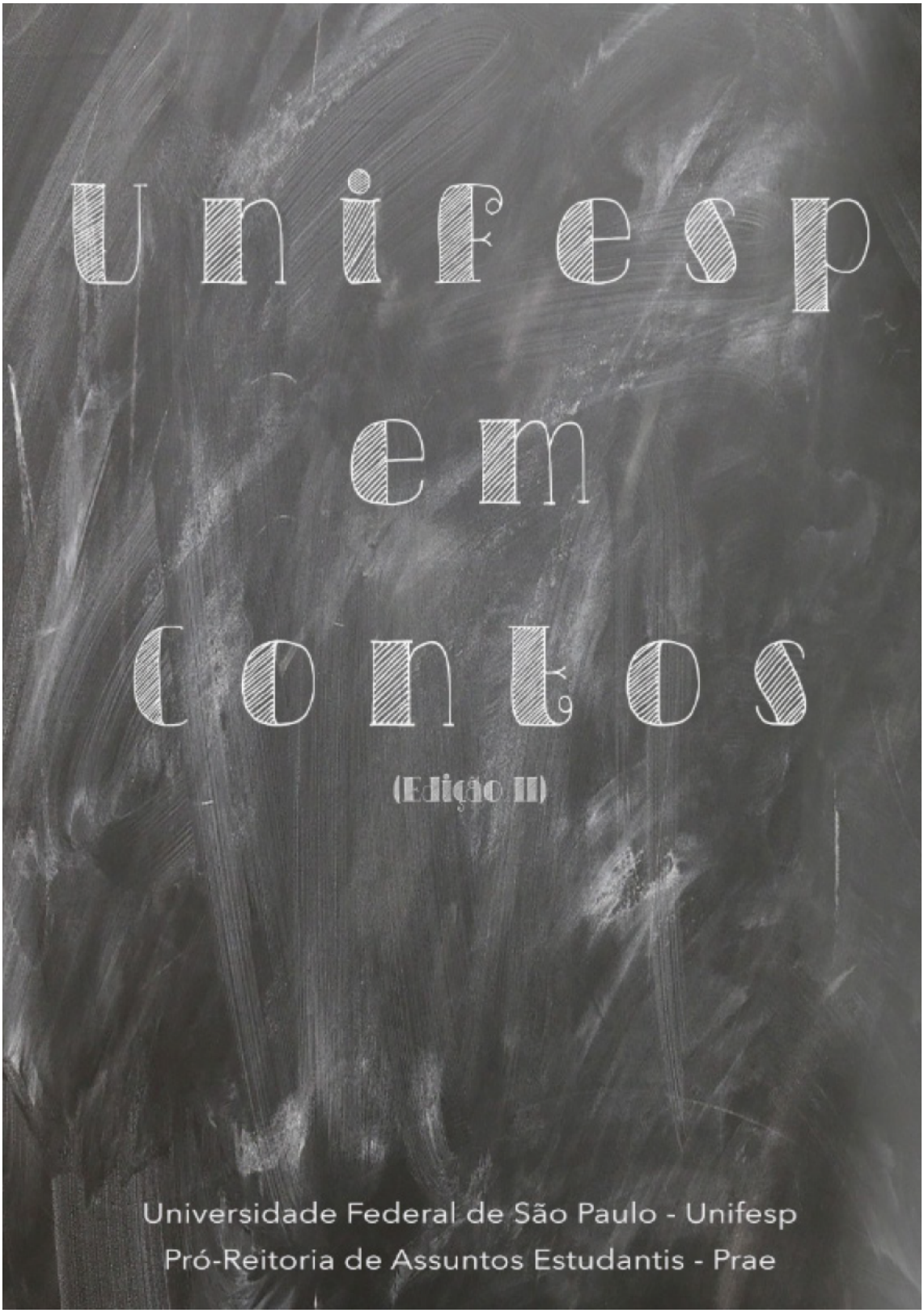
10.2 – Esclarecimentos e informações adicionais sobre o conteúdo deste edital podem ser obtidos através do email: prae@unifesp.br

10.3 – A Comissão Organizadora constituída por membros da PRAE reserva-se o direito de resolver os casos omissos e as situações não previstas no presente edital.

São Paulo, 15 de agosto de 2016.

Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

ANEXO C – COLETÂNEA UNIFESP EM CONTOS



Unifesp em Contos

(Edição II)

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SO PAULO
PRÓ-REITORIA DE ASSUNTOS ESTUDANTIS

UNIFESP EM CONTOS

COLETÂNEA DE CONTOS PREMIADOS NO CONCURSO UNIFESP EM CONTOS (EDIÇÃO II)

ORGANIZADORES
ANDERSON DA SILVA ROSA
ANDREA RABINOVICI
FABRÍCIO GOBETTI LEONARDI

Ficha Catalográfica

Rosa, Anderson da Silva; Leonardi, Fabrício Gobetti; Rabinovici, Andrea. 2018 (org.)
Unifesp em Contos : coletânea de contos premiados no concurso da Unifesp
(2ª edição)
Vários Autores
1. Contos 2. Coletânea 3. Literatura

ISBN 978-85-9174693-4

Reitoria

Profª. Drª Soraya Soubhi Smaili
Reitora
Prof. Dr. Nelson Sass
Vice-Reitor
Profª. Drª. Maria José da Silva Fernandes
Chefe de Gabinete
Profª. Drª. Andrea Rabinovici
Chefe de Gabinete
Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
Profª. Drª. Isabel Marian Hartmann de Quadros
Pró-Reitora de Graduação
Prof. Dr. Esper Abrão Cavalheiro
Pró-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa
Prof. Dr. Pedro Fiori Arantes
Pró-Reitor de Planejamento
Profª Drª Raiane Patrícia Severino Assumpção
Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Adm. Tânia Mara Francisco
Pró-Reitora de Administração
Prof. Dr. Murched Omar Taha
Pró-Reitor de Gestão com Pessoas

PRAE – Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis

Prof. Dr. Anderson da Silva Rosa
Pró-Reitor de Assuntos Estudantis
Prof. Dra. Lígia Ajaime Azzalis
Pró-Reitora Adjunta de Assuntos Estudantis
Ms. Fabricio Gobetti Leonardi
Coordenador de Atenção à Saúde do Estudante
Profa. Dra. Juliana Garcia Cespedes
Coordenadora de Ações Afirmativas e Políticas de Permanência
Danila Cristina Paquier Sala
Coordenadora de Apoio Pedagógico e Atividades Complementares
Profa. Dra. Luciana Aparecida Farias
Coordenadora de Cultura, Atividade Física e Lazer

Comissão de Avaliação do Concurso
"Unifesp em Contos (II Edição)"

Leonardo Gandolfi
Marcelo Moreschi
Paloma Vidal

SUMÁRIO

PREFÁCIO - 10

NA AULA DE ESTATÍSTICA - ALEXANDRO AUGUSTO OLIVEIRA 14

CONVERGENTE - BRUNA MARIA DOS SANTOS 18

NEBULOSA - EDILSON LIMA ALVES 20

PERCEPCOES DO SILENCIO - FABRÍCIO COSTA 26

VAGALUMES - FERNANDA DE PAULA NAKATA 36

QUANDO ACABAR, O MALUCO SOU EU... - FERNANDO DE JESUS GUILGER_45

29 - GABRIELA PAES 57

CICATRIZOU AZUL - JÚLIO CESAR MONTEIRO JUNIOR 59

O DOMO DE VIDRO QUE QUANDO VEJO PENSO EM UM PLANETÁRIO - MARIA LUIS DE MELLO 63

TIJOLO COM TIJOLO - MAYARA MARTINS 65

A MORTE E A PROFESSORA - NATHALIA SANTOS 68

PREFÁCIO

Alegramo-nos enormemente em prefaciar este livro que nasce do "II Concurso Unifesp em Contos", promovido pela Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE) da Unifesp e realizado ao longo do ano de 2016. A iniciativa é fruto das intensas reflexões que equipes pertencentes à gestão das questões estudantis e a comunidade acadêmica têm feito no intuito de ampliar e, ao mesmo tempo, aprofundar o conceito de permanência estudantil. Esta coletânea busca expandir o escopo e a implicação de ações institucionais para além do trinômio transporte, alimentação e moradia - necessidades fundantes da assistência estudantil. Chama a atenção para subjetividade, simbolismo e significados que emergem do enlace entre as necessidades, desafios, expectativas com a produção criativa de soluções e de vida por cada estudante.

O acesso às tecnologias, o apoio pedagógico, o cuidado com a saúde, o incentivo à produção cultural e à cultura, a sociabilidade etc., não podem ser simplesmente relegados a segundo plano nas políticas universitárias. Em inúmeros casos a relação de pertencimento, de estima, de adaptação, de troca de afetos, de solidariedade, inventividade, incentivo à criatividade, reciprocidade, identidade, entre outros, são basais para a mudança do olhar e da qualidade com que o(a) estudante se envolve no incrível e complexo período de "vivência universitária". Essa vivência, coletiva e individual, não impacta só na permanência, mas na experiência vivida, como laboratório, treino e prática efetiva e se expande por outros tempos e períodos que se incorporam nas histórias das pessoas e da própria instituição.

A forma literária denominada "conto", nesse sentido, é potencializadora de nossos objetivos, uma vez que abre um universo inteiro de possibilidades, estilos, linguagens que nossos(as) jovens escritores(as) podem explorar, desenvolver e codificar, nesse "ir além", que é a capacidade de expressar e inventar, através de

palavras, situações, fatos e sentimentos. Como sabemos e vivenciamos no dia a dia o potencial de nossos(as) estudantes, não foi surpresa a qualidade dos textos que recebemos e a emoção que estes foram capazes de produzir em nós, leitores(as), com sua força e criatividade. Ainda sob o efeito da leitura, recomendamos fortemente que se deixem levar pelos contos selecionados.

Deleite-se com o conto altamente inspirado e maduro do estudante Alexandro Oliveira do campus Osasco. Ficamos atónitos com a qualidade do texto e por dias carregamos cópias para mostrar a outras pessoas que se juntaram a nós na condição de admiradores. Uma joia da literatura dada a capacidade de escolher e relacionar metáforas, a profundidade e a atemporalidade (para provocar o autor) das reflexões. Tudo isso a partir da temática "aparentemente simples" de um estudante com dificuldade em uma aula de estatística.

Já no conto da estudante Bruna Santos, a tocante frase final coroa uma comovente lição sobre o otimismo das relações, a possibilidade de belos e simples desfechos. Com o toque das ciências exatas (e inexatas ao mesmo tempo) ela constrói uma narrativa poética deslumbrante.

O plano de fundo dos contos, na maior parte das vezes é a própria Universidade. No conto de Marília Mello, da Baixada Santista, a observação do domo de vidro do prédio de aulas é a inspiração para reflexões sobre como somos pequenos frente ao universo, ou como podemos partir do absurdo e do comum da vida cotidiana para dar asas a reflexões corriqueiras e, ao mesmo tempo, profundas.

Já no conto de Júlio Cesar Monteiro Junior, a complexidade das relações familiares na interface com a vivência estudantil é mote para sua história, em primeira pessoa, sobre sentimentos contraditórios, diferenças entre gerações e a dificuldade com a mãe, num relato que pode ressoar na experiência de outros es-

tudantes, afinal de contas, nem tudo são flores nesse período da vida.

Estamos diante de uma coletânea repleta de dimensões e elementos para nossa leitura. Um olhar criativo de alguns de nossos(as) estudantes que, generosamente compartilharam suas vivências conosco. Por isso, agradecemos os autores da coletânea. Aproveitemos.

Para finalizar citamos a colaboração, de suma importância, de algumas pessoas para a concretização deste projeto. O aceite do Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Unifesp, o qual indicou um conjunto de docentes do curso de letras, altamente gabaritado, para leitura e seleção dos textos, foi de extrema importância para que pudéssemos proceder com a premiação. Nossos agradecimentos especiais à Rita Jover-Faleiros, chefe do Departamento à época da premiação e, Leonardo Gandolfi, Marcelo Moreschi e Paloma Vidal.

Boa leitura!

FABRÍCIO GOBETTI LEONARDI

ANDERSON DA SILVA ROSA

ANDREA RABINOVICI

Classificação:

1º lugar: Alexandro Augusto Oliveira (Campus Osasco)
Conto: Na aula de estatística

2º lugar: Bruna Maria dos Santos (Campus São José dos Campos)
Conto: Convergente

3º lugar: Mariana Luis de Mello (Campus Baixada Santista)
Conto: O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário

NA AULA DE ESTATÍSTICA

Alexandro Augusto Oliveira

Quando eu era criança a professora perguntou à classe que animal nós gostaríamos de ser, e minha resposta a essa pergunta se me fosse feita hoje seria a mesma que eu dei naquela época longínqua, para legítima e cômica estupefação da professora e dos coleguinhas, "ah eu queria ser um relógio", "mas porque um relógio menininho", ora porque um relógio nunca se atrasa nem tem que se preocupar com os próprios sentimentos, o relógio, esse belíssimo animal, quase tanto quanto o ornitorrinco, mas não de uma beleza puramente estética, como a deste mamífero aquático, mas outra beleza, mais profunda, metafísica, não-visível, a que mais me agrada, ah quem dera eu ser um relógio, previsível até na explosão de seus rompantes mais apaixonados e violentos, a eternidade reposta diuturna e cotidianamente no prosaísmo a um tempo solene e vulgar dos mesmíssimos gestos um zilhão de vezes repetidos, e ó musas do empíreo o que significa diuturna? e o que significa empíreo? um relógio acordando às cinco e meia da manhã tão somente pela pura gratuidade do hábito, façanha nunca antes realizada por mim, tirante os óbvios contextos de terremoto e de tortura, acordando às cinco e meia e ato contínuo se enfiando no interior de um antes limpo e dobrado par de calças jeans, estrategicamente colocado encima da cadeira não por obra miraculosa ou fortuita da Providência Divina ou do Acaso, esse brincalhão, mas ali posto como fruto de uma atitude delideramente pensada, maduramente calculada como uma-dessas-coisas-que-a-gente-tem-que-fazer-na-noite-anterior--para-chegar-mais-cedo-noslugares-e-encontros-e-consultas-e-

-afins-e-assim-ninguém-ficar-te-olhando-com-aquela-(compreensível)-cara-de-"mas-por-que-você-não-acorda-mais-cedo?", um relógio barbeando-se e cuidando de suas abluções matinais bem como do café da manhã que reintegra ao corpo, esse mecanismo misterioso e delicado, as forças despendidas no sono, essenciais para se enfrentar o dia que assoma à porta, e que dia formidável e maravilhoso é esse, meus doutos senhores, eruditas senhoras, épico como uma peça de Sófocles (na suposição de que esse cara escrevesse coisas épicas) pelos valores antiquíssimos que reafirma na encenação não-afetada de seus microscópicos heroísmos, de seus minúsculos dramas, futuros objetos de análise dos arqueólogos e historiadores do porvir, que verificarão, surpresos, e a surpresa é a de sempre, serem esses os mesmos gestos de todas as pessoas em todas as épocas, a patética e cândida e terna e risível tragédia de uma-pessoa-contra-o-tempo, a odisseia de um relógio na sua sutil e fatal escaramuça contra o instante enquanto para no ponto e espera seu ônibus que quem sabe pode muito bem hoje vir desgovernado e o atropelar; chego na aula de estatística e sento em uma carteira, atrasado porque não sou um relógio.

Enquanto minha infinita e ainda não explicada náusea do mundo se esborracha displicentemente contra o vidro da janela como uma pomba cega, uma doce e lânguida pombinha kamikase, no enunciado de uma questão de estatística, tinta azul sobre a superfície branca, resplandece límpida e legível nada menos que A VERDADE, nítida como o reflexo da lua sobre um lago calmo, como a face inolvidável de Narciso afogado. Eu vi a verdade e depois não quis mais tê-la visto, vi a verdade e a verdade era tão desconcertante quanto o avesso de um triângulo enxergado em

sonhos ou uma bota com flores dentro. Eu vi a verdade e a verdade era [a fórmula da variância, que é muito feia] pelas sílabas de Homero o que é isso, pelos olhos de Afrodite isso é alquimia, ou então um Verbo muito antigo, pela coruja nos ombros de Atena e pela venda nos olhos da Justiça isso é uma inscrição mágica num livro de feitiços.

Enfim satisfeito, o professor girou sobre si mesmo, pondo-se de frente para a classe, e pairou levitando, como um pássaro em cima de um sopro, no complementar de um conjunto que ele próprio engendrou, detentor e demiurgo das fórmulas das quais extraía um mundo à força de descrevê-lo. A menina delgada e singela à minha frente, que até então brincava com o lóbulo da orelha perdida entre os fios de cabelo, os artelhos de sua mão se retesando e voltando à posição anterior e então se contraindo novamente como as cordas de um piano, súbito desperta de sua distração, põe os óculos de volta no rosto e torna a prestar atenção. O que o professor então disse ela entendeu, ela e os outros, não eu, perdido noutro tempo, girando noutra esfera, coincidentemente deixando-me ficar largado no canto mais escuro da sala.

Por tudo isso me lembro agora de quando a professora da quarta série nos perguntou que animal nós gostaríamos de ser, ah quem dera eu ser um relógio, com suas ritmadas perninhas refazendo o périplo circular de seu destino ancestral, perninha ante perninha como um ponteiro atrás do outro, ponteiros que se fecham e se abrem tal as lâminas de uma tesoura que corta a delicada tessitura do tempo, mil vezes desfeita e cerzida e desfeita outra vez, a tapeçaria barroca da memória, o cânone inequívoco do adágio e do anexim e do exemplo, o exemplo reposto dos atos executados

sem dúvida, ordenando assim numa miraculosa hierarquia a multiplicidade de outra forma talvez inapreensível do vasto universo, ah o vasto universo das coisas humanas, ah quem dera eu ser um relógio e traduzir na batida regular e segura de meu coração como um ponteiro apenas o tempo, seguras e secas batidas no silêncio, e então sair a conviver, no mesmo ritmo de meus contemporâneos que estudam estatística.

Mas talvez eu não seja um relógio, narrando com o passo exato e regular de seus dois ponteiros a crônica do tempo, talvez eu seja uma bússola, com um único e indeciso ponteiro procurando seu Norte.

CONVERGENTE

Bruna Maria dos Santos

Ele real, ela complexa. Não se conheciam, nem mesmo no imaginário. Até aquele dia. O dia em que nada faria a diferença, o dia que era para ser apenas um dia no campus. Ambos ali, entre tantos alunos, no ICT, parametrizando voltas e voltas sem nenhuma intersecção. Até um termo em comum - o cansaço - ser reduzido a uma área em que ambos estavam contidos. Num perímetro menor e com as possibilidades de um encontro crescendo exponencialmente, foi inevitável eles se notarem. Ele sentado na grama e ela próxima a uma grande raiz. Os olhares, com mesma direção e sentidos opostos, se encontraram, o mínimo sinal de um sorriso da parte dela e o máximo sinal de interesse da parte dele, se completaram. Sabiam, mesmo sem saber, que seriam ótimos.

Não se conheciam, nem mesmo no imaginário. Até aquele dia. Não se sabe bem o que aconteceu no começo desta formação de conjunto, onde um passou a ser domínio de si e imagem do outro. Só se sabe quando a soma passou a dar certo, quando um mais um realmente passou a ser dois. Tempos depois a soma melhorou, um mais um passou a ser apenas um. E em breve três. Sim, eles se multiplicaram, e uma pequena fração foi se formando, e quanto mais essa fração de aproximava de um inteiro, mais o bem querer era grandemente elevado.

A vida levada em contas, curvas, momentos de máximos e de mínimos, buscando o equilíbrio e integrando forças para resgatar qualquer coisa a mais de pequenas constantes. Derivando para simplificar, otimizando pontos e determinando direções. Assim passavam a ser. Dia após dia em um compartilhamento de

emoções.

Vinte anos se passavam desde o primeiro dia, e desde então, a história era plotada em linhas fortes, completamente deriváveis desde “aquele” primeiro ponto. A linha seguia caminhando para um equilíbrio, os desentendimentos sumiram, os inteiros cresciam e deles surgiam novas frações que, um dia, seguiriam seu caminho. Mas chega um ponto onde as linhas se enfraquecem, as quedas são constantes, as linhas mais isoladas. Neste ponto, eles tinham grande magnitude, mas a direção já não importava tanto. Ela complexa, ele real. Ela o apoiando, mesmo com linhas finas, fracas e, já a esta altura, tortas. O gráfico fora perfeito, mas era sabido que são poucas as integrações que conseguem ter como limite superior o infinito. A linha agora fica incompleta. Sem a parte real, a complexa ficou enfraquecida. A representação completa não demoraria a se findar. Ela complexa, ele real. Agora, ambos imaginários. Foram ambos complexos, foram ímpares e mais que isso: foram par.

NEBULOSA

Edilson Lima Alves

E todo o universo ali contido foi atraído por dois buracos negros. As partículas, na lufa de poeira, foram sucumbindo, sem protesto ou resistência, se agrupando e se colidindo, em seu efêmero trajeto rumo à escuridão total, destino final. Sorvidas, foram condensadas, fundidas e consumidas. Transportadas à outra dimensão. Ar bebido fogoagua. Transformadas em odores, aquarela transparente, ar cinzido tabacetonarsenicotinaftalina tocofogo, cujas pinceladas suaves e rudes, multicoloria imagens nas telas brancas da consciência. Chão roupa roupachão relaxador pelido miador. Afastou o focinho.

Começou a percorrer o corredor de um canto ao outro, cabisbaixo, com passadas ágeis, semelhante a um saltitar, como se o sol que ali incidia houvesse transformado o chão em brasa; seu ciciar era intermitente, e a amplitude crescia progressivamente, assimilando-se, de início, a um leve ranger de roldana mal engraxada, transformando-se em acorde agudo de guitarra, e, por fim, encontrando seu tom semelhante a canto de pneu no asfalto; e, regressivamente, de pneu a guitarra, de guitarra a roldana, de roldana a silêncio. Caminhou em direção à fachada, passando pelo engradado plástico repleto de garrafas de vidro, pelo saco de juta rijo e avolumado, devido as latinhas amassadas em seu interior, e pelo saco de lixo violado, que do rasgo em sua superfície emborcavam no chão restos de feijão arroz frango cabeça ossos pés entranhas cascas de banana maçã laranja mexerica ovo bitucas bitucas bitucas de cigarro. Deu de encontro com dois potes de alumínio em frente à casinha de madeira, um deles vazio e o outro

repleto de farelos, envolto por alguns grãos estufados e murchos. Inclinou a cabeça sobre o pote vazio, tentando encontrar ali gota d'água antes não percebida. Resignou-se e voltou ao corredor, aonde reiniciou seu ciciar: roldana; guitarra; pneu; guitarra; roldana; silêncio.

O cão, cuja esperança já não era mais vista, debilmente ouvida e pouco farejada, decidiu por ocultar-se dos raios de sol na sombra projetada pela árvore do terreno vizinho, cujos pardais que ali se aninhavam haviam cessado o gorgolejar fazia horas. Deitado em meio a folhas secas e gravetos, o cão possuía um olhar melancólico, incapaz de fitar qualquer coisa, consolados apenas pelas pálpebras, ternamente semicerradas. Súbito, a orelha esquerda eriçou-se num só ímpeto, inclinando-se para a lateral; o cão ergueu-se, aprumando o corpo, correndo em seguida até a porta, aonde, novamente, recostou o focinho no limiar. Um monte de odores que podiam ser sentidos no horizonte, humano pata pérfume femeador ovovem bebido fogoagua cinzido tocofogo pelido miador mãe, e expandiam-se cada vez mais. O cão passou a saltar, ciciar e arfar entusiasmado, dando leves empurrões na porta, incapaz de vedar por completo o som das palmadas que a velha chinela dava no piso, que o cão captara anteriormente, assim como os estalos produzidos pelas articulações do joelho, agora captados pelo animal. Os sons cessaram repentinamente, e, durante esse brevíssimo instante, o cão arfando de cócoras estático com exceção da cauda que se movia por conta própria observava a maçaneta, que, ao torcer para a esquerda, liberou um estrondo oco, e o cão, ao ouvi-lo, teve o coração entrando em disparada, feito cavalo de turfe ao ouvir o estampido do revólver, rodopiando a cauda dando corda ao corpo o cão saltava arfava

ciciava farejava os pés as mãos o ventre a traseira da mulher que saíra por detrás da porta. Diminuída a euforia, o cão pôs-se a vasculhar em meio as folhagens no quintal, pataplanta, trazendo um graveto entredentes, cercando a mulher com as orelhas eretas e um olhar piedoso.

- Quan-tas-ve-zes-eu-já-fa-lei-pra-não-fu-çar-o-li-xo!

Após oferecer um graveto e receber como gratificação um safanão, o cão ciciava com a repreensão, que doera por fora e por dentro, recolhendo-se em sua pequena casa de madeira, ouvindo dali um forte estrondo, choque entre batente e porta, provocado pelo empurrão seco da mulher, que, adentrando, recostou suas costas ali mesmo, como se a madeira envernizada exercesse atração sobre as escápulas. A cabeça, suspensa a frente, unia queixo e tórax, que expandia e retraía a cada vez que suas narinas, com esforço, sorviam e repeliam o ar lúgubre da sala-de-estar, tremulando as finas mechas onduladas que deslizavam à fronte, cobrindo os olhos cerrados enterrados em olheiras e tocando os grossos lábios com a ponta dos finos dedos. Descerrou os olhos.

Desencostou-se da porta. Arrastava as chinelas em direção à cozinha quando – droga! – tropeçara em uma garrafa de vidro vazia emborcada; susto que fez com que ela fixasse seu olhar no chão, fiscalizando o trajeto de seus pés, que contornavam as peças de roupas emboladas sobre o chão e o carpete no centro da sala. Ali; avistara o isqueiro vermelho na fenda entre assento e encosto do sofá, cujas bases laterais se encontravam completamente desfiadas, com a espuma e a carcaça de madeira expostas. Pegou-o. Deu uma breve escaneada sobre o sofá. Não, não está. Foi para a cozinha.

Súbito, sentiu uma massa aveludada roçar-lhe as canelas,

emitindo um ronco de motocicleta longínqua, acompanhado de um miado amoroso e suplicante. Esfregando cabeça, espádua, flanco, anca, e cauda, que finalizava a demonstração de afeto com um delicado chicotear, para, em seguida, começar tudo outra vez o gato que dormira aninhado no vão de suas pernas, despertara ao mesmo instante, acompanhara-a no banheiro enquanto ela se debruçava sobre a privada, seguindo-a em direção à cozinha, da cozinha à sala, e parando aí porque o quintal, próxima parada era território perigoso ao gato a vencia pela insistência que ela tentou ignorar, indo atender, com isqueiro em mãos, as exigências do felino.

Abriu umas das portas do armário da bancada da pia da cozinha, inclinando sua coluna, se deparando com álcool líquido em gel sabão em pó em pedra alvejante amaciante desinfetante detergente; abriu a outra e lustra-móveis palha-de-aço teia-de-aranha água-sanitária areia-sanitária ração canina felina, aqui, pegando o saco que, ao farfalhar, tornaram os miados do gato ainda mais frequentes, o olhar mais suplicante, e a língua áspera a deslizar no focinho deliciosamente. A mulher inclinou o saco parcialmente vazio no pote parcialmente cheio; o gato emitiu um ruído dócil, talvez agradecendo, talvez aprovando, talvez arguindo, e com pressa meteu a cara ao pote, deleitando-se de olhos cerrados, aprumando, com arrogância, a pelugem da corcova cada vez que sentia a mão humana correr sobre ela. A mulher ergueu-se com esforço, e o estalo produzido por um de seus joelhos confundiu-se com o estalo provocado pelos grãos ao estourarem na boca do felino; permaneceu estática, tentando recordar quais seriam os próximos passos. Pedindo por alguma recordação, foram lhe entregues recordações demais. Direcionou os olhos à mesa,

procurando em meio à lata emborcada que respingava cerveja e atraía o cordão de formigas que se esbarravam e se cruzavam a lata de inseticida os miolos de pão amassados o pó de café em cima da tolha amarrotada o jornal que dizia Governo cria imposto sobre as páginas o leite derramado pelo gato que mergulhara as patas e havia feito um rastro de pegadas que ia até o prato com restos de feijão arroz e omelete onde moscas pousavam sobrevoavam e pousavam na cerveja nos miolos no pó no jornal no leite no cinzeiro com o logotipo marlboro o maço de cigarros recostado ao lado o celular pegando-os. Abriu o maço, dando a sorte do azar - ou o azar da sorte – de se deparar com um único cigarro, levando-o até os lábios e o acendendo com o isqueiro, que, finalmente, era solto de suas mãos e deixado sobre a mesa.

Atirou-se sobre o sofá, cigarro na boca, em mãos o celular, 13:45, o cigarro foi tecendo filetes prateados na atmosfera azulada, o dedo ia correndo pela tela, ligando círculo com círculo até não haver círculo nenhum, apenas ícones espalhados sobre a imagem de um casal de sorrisos largos ombros unidos bêbados de alegria com copos cheios de chope brindando em direção à mulher do outro lado da tela abria o aplicativo de mensagens. Bruno Oi Lu, vc ta bem? NVG Amigos kkkkk Alberto Que tal nós irmos um dia desses ao b... Carlinhos oiii mocinhaa Família bom diiiia!!! Jaime Amor Volta <3. Volta<3. Mensagem enviada na noite anterior, em um momento em que estava embriagada pelo álcool, pelo pranto, pelo desespero. Mensagem enviada, visualizada e não respondida. Volta <3.

Volta?

A tela do celular apagou-se, refletindo a luz do cigarro, distorcida a cada lágrima que ali se esparramava, ao despren-

derem-se do rosto. Escorriam as lágrimas, escorriam as narinas, escorriam as esperanças da mulher que, ainda que relutasse em aceitar, ainda que mal pudesse digerir a ideia, ainda assim, dolorosamente, a muito custo, passava a compreender que raras são às vezes em que o amor é como um graveto, que você atira ao outro, e aguarda, com um sorriso no rosto, que ele o traga de volta, entre os lábios, e o devolva contente, no aguardo para que seja atirado novamente, e ele possa, incansavelmente, devolvê-lo mais uma vez, com ainda mais satisfação. Na grande maioria das vezes, amor é ração que se põe ao pote: satisfeitos são aqueles que possuem alguém para servi-los; aos insatisfeitos, tudo o que resta é perseguir aos passos, ofertar carinho e suplicar por atenção, pois, sem amor, morre-se de inanição.

PERCEPÇÕES DO SILÊNCIO

Fabrício Costa

Costumo pensar que há detalhes em algumas situações do cotidiano que nos dizem muito a respeito das pessoas, as expressões faciais e corporais, a voz, o olhar, o comportamento, as reações, tiques, dentre outros. Acredito que são nos pequenos detalhes que encontramos grandes significados e denomino a capacidade de interpreta-los de percepções do silêncio pois diferentemente das palavras, os sentimentos se propagam no silêncio.

As percepções do silêncio não são um julgamento sem conhecimento, não se trata de sentenciar alguém à uma característica, tomar suposições como verdades absolutas. É olhar para alguém e inferir possíveis características buscando confirma-las por diversos meios, o que torna o nome "percepções" um pouco sugestivo.

Todos os dias quando ia para biblioteca da Unifesp, eu selecionava os livros que iria estudar e ia para uma mesa isolada das demais, em um local que eu costumava chamar de "espaço especial". Ficava encostada na parede no fundo da biblioteca, entre a última estante de livros e as salas de estudo coletivo. Esse lugar era tranquilo, me fazia manter a concentração sem ser interrompido por situações como as conversas dos demais estudantes.

Eu me sentia seguro nesse local, seguro das pessoas, sem ser alvo de "juízes sociais" ou chacotas. O fato de ser gago, cabelos longos e cacheados, fraco, andar sempre com roupas desgastadas e ter cifose, por conta dos pesados livros que carrego todos os dias, são características que não fogem aos olhares alheios

que buscam assuntos para seus diálogos desinteressantes e infrutíferos.

Sou solitário e não me incomodo com isso, nunca fui bom em fazer amizades e embora gostasse da ideia de ter amigos, sempre foi difícil mantê-los, pois há diversos fatores à respeito da minha personalidade, e essas percepções do silêncio, que me fazem cobrar dos demais a capacidade de me compreender quando na verdade nem eu me compreendo muito bem.

Uma vez li uma pesquisa que falava sobre as amizades verdadeiras, estabelecidas nas universidades, durarem para vida toda. Confesso que me empolguei um pouco ao ingressar no ICT-Unifesp, já que desde então não tinha amigos. Já ouvi diversas vezes frases como "Você nunca terá amigos se continuar assim", mas assim como? me perguntava.

No fundo só desejava empatia.

Essa minha solidão me acompanhava em todos os lugares. De certa forma eu preferiria ficar sem conhecer muitas pessoas. Eu sempre tive dificuldades para manter contatos e de fato cansava de dizer "oi" ou "olá" sempre que encontrava uma pessoa com a qual só tinha conversado uma vez.

Eu lia diversas obras sobre amizade, amor, felicidade e outros anseios humanos, analisava a personalidade dos personagens, realçava suas características especiais, o que me fazia gostar deles ou entende-los melhor. Não acreditava em vilões, acreditava em pontos de vista. Muitos seguem caminhos pelos quais acreditam seja lá qual for o objetivo e compreender isso torna-se complexo no momento em que você recusa um ponto de vista.

No restaurante universitário fazia a refeição sozinho, nes-

ses momentos a minha mente voava e trazia a tona cenas ou momentos que vi ou li, tratava-se de um convite à reflexão desses memórias.

Certa vez, estava indo para o espaço especial quando me deparo com alguém sentado no local. Era um garoto, cabelos curtos, usava um óculos com a armação cujas lentes eram circulares, um moletom azul escuro acompanhando de uma calça preta com chinelos desgastados. Era magro e sua pele demonstrava exposição frequente ao sol. Sua magreza possibilitava supor que talvez fosse oriundo de família humilde.

A princípio fiquei desorientado, não havia outro lugar com as características tão agradáveis e satisfatórias como a localização daquela mesa, era única, era um espaço no qual poderia me isolar de tudo e de todos, poder fazer as minhas devidas atividades sem a paranoia de que alguém estaria me observando ou me fazendo alvo de chacota.

Tentei, mas não encontrei nenhum outro local como aquele. Ele era único.

Nos dias seguintes a mesma coisa. Ia desanimado para as aulas, o ICT (Instituto de Ciência e Tecnologia) não me era mais o mesmo.

Ele chegava mais cedo que eu e ocupava o local. Não o culpo se o local também despertou nele as mesmas sensações despertas em mim. Então éramos semelhantes em algo, mas se o local fosse para ele como um outro qualquer, ele estaria roubando de mim algo que era importante. Eu não me considero único e por isso às vezes pensava e desejava que aqueles que, assim como eu, se escondem no silêncio, pudessem ter um local único no qual se sentissem confortáveis e seguros.

Fiquei curioso.

Pensei, será que aquele local se tornou especial para ele assim como é especial para mim? Se sim, abriria mão dele pois sempre sentia que aquele espaço era bom demais para alguém como eu.

Passei a observa-lo.

Desloquei uma das mesas da biblioteca para um local mais próximo do lugar especial para observa-lo. Embora esse local não possuía características satisfatórias, eu conseguia manter a concentração nos estudos razoavelmente, já que quase sempre haviam situações que a "deslocava". Como certa vez que algumas pessoas sentaram próximo à mim e começaram a comentar sobre uma festa que haviam ido outro dia. Minha linha de concentração foi parar naquele diálogo durante uns dez minutos.

Aquelas pessoas riam feito hienas enquanto um deles narrava contos dessa festa, demonstrando sua completa ignorância.

Lamentei. Odeio festas, elas perturbam o silêncio.

Dias se passaram e o garoto continuava lá com sua garrafa de água sempre à sua direita enquanto estudava. Descobri a turma, o turno que ele estava e seu nome. Ele (Loke) estudava no turno noturno, mas passava o dia todo na universidade. Como eu morava em uma cidade próxima à São José dos Campos e as condições do transporte me restringia a 17:30, sendo assim não podia usufruir do espaço no horário em que ele não estivesse lá.

Loke era um garoto sistemático, diga-se de passagem, todos os dias chegava minutos antes da biblioteca abrir com sua sacola contendo nada mais que um pão e uma garrafinha de 300mL de suco de uva e ficava lá até às 17:30 quando ia jantar. Ele não almoçava.

Confesso que tive que faltar uma ou duas aulas para obter essas informações, mas cada informação obtida era como uma peça de um quebra-cabeça que eu adquiria. Algumas peças estavam ocultas, outras estavam tão danificadas que se tornaram ambíguas. Algumas outras eram claras, mas não me davam dicas de quais poderiam ser as próximas peças.

As percepções do silêncio são uma ferramenta para esse quebra-cabeça assim como a matemática é para a estatística. Elas auxiliam a chegar ao resultado e obter possíveis conclusões. Ou ainda um algoritmo ótimo para ver pessoas além do que aparentam ser, ou seja, é o melhor dentre todos os métodos para resolver um problema.

É o que acredito.

Dia após dia continuava a monitora-lo, até que ele veio em minha direção e logo pensei: "Ele notou que ando o observando", mas ele apenas veio à minha mesa pedir uma borracha emprestada e logo começou a puxar assunto.

— Você também fica muito tempo aqui não é?

— É, bem, sempre que, quero dizer, quando tenho um intervalo grande de uma aula para outra, é bom, quero dizer, gosto de ficar por aqui. — Disse eu com esse jeito bagunçado.

— Vejo que você está cursando cálculo em várias variáveis. — Disse ele olhando para o meu livro sob minha mesa e meu caderno com um exercício semi-resolvido de integral de linha.

— Sim, sim. Estou cursando.

— Deve saber muita coisa de cálculo. — Disse ele com um tom de interesse.

— É, bem, na medida do possível.

— Poderia me ajudar em uma questão de Cálculo em uma

variável?

— Posso tentar.

Eu o ajudei. Confesso que internamente havia ficado feliz. Se fosse eu no lugar dele nunca iria na mesa de um estranho pedir ajuda por maior que fosse minha dificuldade, acho que isso as vezes me impede de ir em monitorias ou tirar dúvidas com professor. Eu sempre consegui ficar na média embora minhas notas não fossem consideravelmente altas.

Como é de se perceber, eu travo muito nas palavras, é como se houvesse um programa do tipo força bruta no meu cérebro onde eu paro, penso na mensagem que quero passar à pessoa e então começa esse processo de buscar e comparar palavra por palavra na mente para formar a frase e, como esse programa é cheio de falhas ela não sai perfeita, às vezes aparecem palavras repetidas, fora de ordem e muitas vezes deixando a frase confusa.

Acredito que o motivo disso é que meu banco de dados mental é pobre. Durante todo o ano na escola eu quase nunca conversava com ninguém, era isolado, quando não estava na escola estava no computador, jogando, aprendendo algo novo, diga-se de passagem, eu era um misantropo ou quase pois às vezes conversava com meus pais.

Temia que Loke não compreendesse minha explicação, pois atropelava muito nas palavras, ou até mesmo passar uma imagem de arrogante, mas ele compreendeu e não aparentou me ver dessa forma. Já era o meu terceiro semestre e ainda não havia conversado com ninguém da UNIFESP e aquele evento, de fato, me foi agradável.

Dali em diante ele passou a vir mais vezes me pedir ajuda

com alguma questão, as nossas conversas foram evoluindo com o tempo, e começamos a falar sobre gostos, expressar opiniões sobre os mais variados assuntos.

Sempre tive medo de expor minha opinião e ser linchado verbalmente. É mais fácil nos depararmos com pessoas cuja preocupação maior é convencer ou obrigar a tomarem seus pontos de vista como únicos, utilizando para tal até mesmo as falácias cheias de "você está errado!", do que aquelas de mente aberta que, embora discorde dos outros, busca apresentar suas percepções com argumentos que o levam a esse raciocínio.

O Loke tinha a mente aberta.

Dias se passaram e eu resolvi tomar coragem e ir até a mesa dele perguntar se ele gostaria de almoçar, eu sabia que ele não almoçava, mas esperava finalmente descobrir o motivo disso.

— Estou sem fome. — Ele disse.

— Tudo bem então.

Eu gostaria de pergunta-lo se ele tinha certeza, pois o jantar só era às 17:30 e só o vi tomando café da manhã, mas temi que ele percebesse que eu sabia de seu jeito sistemático como, por exemplo, o fato de trazer o pão e suco de uva já que ele estava lá desde as 8:00 a.m. e eu só cheguei as 10:00 a.m. Talvez isso o assustaria e ele poderia pensar que eu era um maníaco.

Me tornei paciente. Dois semestres seguintes já estávamos bem próximos de sermos amigos, até jantávamos juntos. Digo isso porque ele já começava a comentar razoavelmente algumas coisas sobre ele, o que nunca fazia. Ele era meio fechado, sempre evitava falar sobre qualquer coisa que o envolvia.

Uma vez comecei a falar da minha rotina para perguntar sobre a dele, o que sempre funciona. Ele disse que a dele não era

nada demais, acordava cedo, fazia o suco, ia na padaria e depois pegava o ônibus para o ICT para chegar cedo e ficar estudando. Depois falou sobre suas perspectivas

Quando já havia concordado comigo mesmo que aquele local era para ele eis que ele chega à minha mesa pedindo para desloca-la para lá, pois ele considerava um local tranquilo e agradável. Nada que já não soubesse. Fiquei emocionado com tal iniciativa.

Eu acreditava que seríamos, de fato, grandes amigos, já que ambos almejavam muitas coisas em comum como cursar Ciência da Computação, seguir carreira acadêmica, propor projetos de caráter social, visitar países de baixa renda e contribuir no ramo da tecnologia social.

Estava enganado. Em um dia aparentemente comum aconteceu algo que até hoje não compreendo, cheguei na biblioteca e o local especial estava vazio assim como minha alma era e se tornou novamente.

Até hoje não possuo notícias de Loke, na verdade nem sei como alguém com uma personalidade tão agradável e sólida, com uma mente cheia de sonhos e anseios pode desaparecer da vida de alguém.

Isso me afetou drasticamente.

Queria respostas. Utilizei das mais diversas táticas, ingressei nos mais variados cargos estudantis e projetos que davam acesso à dados dos estudantes e não encontrei nada que pudesse me dar pistas sobre seu paradeiro. Sua situação estava como "Aluno Desistente".

Consegui alguns dados à respeito de sua localização e seu e-mail, mas ele sem dúvidas acharia estranho. O que ele pensaria

sobre um “amigo de estudos” que conseguiu dados confidenciais para encontra-lo? De fato, eu resolvi seguir minha vida adiante.

Voltei para o local especial após muito tempo (uns três semestres aproximadamente). Com o tempo Loke se tornou uma reminiscência, um traço de memória que lutou contra o corpo todo para manter vivo os sentimentos que despertava, mas ficou exausta e foi nocauteada, deixada no canto, como alguém que segura uma vasilha de alumínio com três moedas sentado na calçada balançando-a para chamar atenção, mas era ignorada.

Acredito que nosso corpo, quando submetido à situações que desordenam nossos pensamentos, clama por algo que traga a ordem de volta e eis que surge o desejo de superação que entra em um combate feroz com essas memórias, ambas buscando apoio. Se ganharmos, elas se tornam inofensivas, se perdermos, caímos na escuridão e buscamos culpados incessantemente.

A vida, os sentimentos, os companheiros.

Voltei a minha rotina de sempre. Confesso que foi difícil voltar a comer sozinho no restaurante universitário. Havia esquecido como era melancólico os meus almoços e jantares, ou ao menos não tinha essa visão antes do Loke, minha autodefesa nesses momentos era me perder nos pensamentos buscando um rumo qualquer e só me encontrava novamente quando finalizava a refeição. Até então, tive diversos colegas mas nenhum amigo.

Atualmente, sou docente universitário do ICT. Fiz meu mestrado e doutorado também na Unifesp, “cobra criada” como diria alguns. Talvez isso fosse consequência inconsciente para que essa reminiscência não se extinguisse, o ambiente sempre confortava minha alma.

Um docente solitário.

Mal conseguia conversar com os outros docentes. Em alguns momentos quando algum tentava puxar assunto para dissipar aquele silêncio melancólico, eu não dava muita atenção ou quando dava era apenas com respostas secas ou que demonstrassem desinteresse, como por exemplo, um “ah sim” ou “entendi”, o que foi se tornando um costume.

Não mudou muita coisa após o meu pós-doutorado, continuei lendo mangás assistindo animes e vendo séries. Nenhum dos projetos sociais que desejava desenvolver se concretizaram. Me aperfeiçoei em computação quântica e como sempre ia para apresentações científicas internacionais, ia à eventos das minhas obras favoritas.

Sempre recusei o fato de tentar ser outro, modificar minha personalidade para conviver em um mundo de mentiras.

Eu gostava daquele silêncio melancólico da sala.

Eu gostava do silêncio que havia nas minhas aulas.

Eu gostava do som do silêncio.

Mas diante de tudo isso posso replicar algo que sempre ouvia, “você nunca terá amigos se continuar assim”. Eu tive Loke.

VAGALUMES

Fernanda de Paula Nakata

Quando as coisas em cálculo começaram a ficar complicadas eu me vi tentando desbravar uma floresta densa e escura, cortando os cipós das arvores com uma faquinha de cozinha e iluminando o chão com uma lanterna de chaveiro – os conhecimentos que eu havia trazido do ensino médio. E conforme o semestre passava e as aulas avançavam, com mais frequência eu voltava a esse lugar. Bastava fechar os olhos, entre uma dedução de equação ou outra. Era uma floresta úmida e de arvores retorcidas, cujos pássaros e o balançar dos galhos confundiam os raios de sol, formando sombras que dançavam pelo chão. Ali, de belo, eram apenas os vagalumes, que vez por outra passavam por mim, concentrados demais em seus voos para me dar atenção.

No final do segundo semestre eu já havia somado seis dependências. Razoava desistir da Unifesp. Estava cansado de ser lembrado a toda hora do quanto eu não sabia. Cansado de me perder pela floresta a cada vez que eu tentava estudar. A cada dia de viagem – tropeçando, dando voltas e me enganchando nos cipós – outros dois dias de matéria se acumulavam a minha frente, desdobrando-se como um labirinto.

No entanto certa tarde, sentado em uma mesa no canto mais afastado da biblioteca, de frente para a janela do estacionamento, enquanto vagava pela floresta de Cálculo, ouvi um barulho de arvores balançando. Curioso, segui o som até que encontrei um homem se contorcendo dentro de um emaranhado de cipós.

– Ajude-me! Eu prendi as minhas mãos – disse ele.

Felizmente eu já havia me prendido naquele tipo de emaranhado várias vezes – e sabia exatamente como desenroscar. Em um segundo o emancipei.

– Muito obrigado!

– De nada, mas... Com essa faca enorme na sua mão e com todas essas ferramentas que o senhor carrega na pochete, como pode se enroscar nesses cipós? – disse eu olhando o homem de cima a baixo.

Ele riu. Ele parecia ser um explorador. Parecia preparado para aquela floresta. Botas impermeáveis, binóculo no pescoço, uma corda na cintura e uma mochila estufada. Eu estava sinceramente surpreso por encontra-lo preso em uma armadilha tão simples como aqueles cipós.

– As vezes eu me confundo com uma ou outra coisa simples. Quem tem na ponta da língua, por exemplo, como calcular a soma de logaritmos? É bom encontrar com jovens exploradores como você, que acabaram de aprender como se desenrolar esses cipós. Ajuda-me a refrescar minha memória.

– Não sou um explorador. Sou só um perdido - retruquei.

– O explorador não sabe como é o caminho a sua frente. O perdido também não. A única diferença entre eles é que o explorador se diverte e tem fé de que há de encontrar algo interessante.

Pensei por uns segundos.

– Acho que sou um perdido. Só quero ir embora. Ando em círculos. Odeio esse lugar.

– Vez por outra o perdido se encanta pelo labirinto. Então ele passa a ser um explorador.

– Bem... Não acho que eu vá me encantar por esse lugar. Aqui tem cheiro de lodo. É escuro. Estou a horas caminhando sem enxergar um palmo a minha frente.

– Você está estudando integrais? – perguntou, espiando o livro aberto sobre a mesa. O homem havia trazido o seu caderno e se sentado à mesa de estudo junto comigo. Ele parecia interessado em me ajudar. Imaginei que fosse um veterano. Talvez um professor. De certo já havia tido dificuldades em cálculo e se solidarizou com as minhas lamentações.

– Sim. Estou tentando entender esse exemplo. O livro está mostrando como calcular a área desse gráfico. Eu entendi o que é a integral da área de um gráfico: é quando você divide a área em baixo do gráfico em vários retângulos pequenos e calcula a soma das áreas desses retângulos. Mas não estou entendendo como esse exemplo está calculando isso.

Ele se inclinou sobre o meu livro e adiantou algumas páginas, enquanto dizia:

– Calcular integrais pela sua definição é mesmo difícil. Acho que esse exemplo é só uma demonstração, o livro não espera que você o entenda por inteiro. Existe um jeito mais fácil de calcular integrais... Aqui. O Teorema Fundamental do Cálculo – percorreu a frase com o dedo, enquanto lia a frase em

voz alta – “O Teorema Fundamental do Cálculo dá uma relação inversa entre derivadas e integrais”. Basicamente o teorema diz que derivadas e integrais são processos inversos, e que para calcular uma integral, você só precisa calcular o inverso da derivada.

Ele esperava uma expressão extasiada, mas olhei-o apavorado. O fato é que derivadas haviam sido o assunto da ultima prova e eu male má havia decorado as fórmulas. Descobrir que precisaria delas para estudar integrais foi como descobrir que os mosquitos irritantes que a toda hora me picavam e os arbustos que arranhavam as minhas canelas não eram só típicos de uma estação: estariam lá o ano inteiro a partir de agora. Expliquei para ele a situação.

Ele refletiu por alguns segundos.

– Imagino que você tenha aprendido as técnicas de derivação.

Fiz que sim.

– Mas você viu as aplicações? Acho que o livro tem um capitulo só de aplicações práticas das derivadas. Você leu?

– Não li. O professor disse que não iriam cair aplicações práticas na prova. Achei mais importante fazer exercícios iguais aos que ele provavelmente cobraria.

– Então é isso – disse o homem, orgulhoso como um detetive – É por isso que você sequer simpatizou com o cálculo

de derivadas. Digo mais. Você se diz um perdido. Tenho certeza de que é por que você tem vagado pelo calculo apenas fazendo exercícios teóricos, dos quais você não vê sentido. Quero que você esqueça o que está estudando. Quero que pegue lápis e papel, e uma borracha, com certeza uma borracha, volte até o capitulo das aplicações práticas de derivadas e o estude.

– Não dá. Se eu fizer isso, vou ficar atrasado em relação aos outros alunos. Essa é a minha segunda vez cursando cálculo. Eu desisti da matéria após ter zerado a primeira prova da primeira vez que fiz a materia . Se eu não passar agora, os outros me deixarão para trás.

– Ficar para trás não significa que você falhou. E a educação não é um caminho reto. Olhe em volta. Não há trilhas por aqui. Os caminhos daqui são tão ramificados quanto os vasos capilares. A ementa de uma matéria te orienta o que você deve explorar. Mas isso parece não estar funcionando pra você. Então volte por onde você veio e observe tudo antes de seguir em frente. Preste atenção no formato das arvores até que elas sejam familiares para você. Encontre os padrões das folhas e veja como os insetos se comportam. Veja graça em aprender, e então tudo será melhor.

O homem que eu havia desenroscado dos cipós era, vejam só, um explorador apaixonado. Eu podia vê-lo, com sua mochila estufada e com sua cintura repleta de apetrechos de explorador, rodopiando e abrindo os braços pela floresta, enquanto tentava me convencer de que aquele lugar era magnifico.

Segui seu conselho. Voltei algumas páginas e revi derivadas. Depois revi limites. Aproveitei o resto daquela sexta feira e parte do final de semana para entender o porquê de cada coisa que eu havia apenas decorado para a prova. Nem sempre consegui as respostas, mas anotei todas as duvidas no caderno e, na segunda feira seguinte, logo que entrei na biblioteca para estudar, comecei a gritar pelo explorador, procurando-o dentro da floresta. De certo modo ele era responsável pelas duvidas que eu havia anotado. Ao vê-las no meu caderno, ele sorriu.

Durante algum tempo o homem me acompanhou, me ajudando a explorar o caminho. Dava-me dicas de como evitar cair nos buracos e até mesmo me deu de presente uma lanterna maior. Sempre que eu o via na biblioteca eu me sentava na mesma mesa de estudos. Ele era gentil e tratava com seriedade as minhas duvidas, por mais bobas que fossem. Sempre me incentivava a explorar outras vertentes do calculo :

– Isso tem uma aplicação na farmacologia. Você pode analisar quando tempo o remédio dura no seu organismo. Já essa integral pode ser usada na economia. Ela pode ajudar, por exemplo, a prever os valores da bolsa de valores...

Garantiu-me que me ajudar a estudar não era um incomodo. “Pelo contrário, ensinar é um prazer”.

E então, aos poucos, eu passei a me encantar pela floresta também.

As minhas suspeitas de que o homem fosse, ao invés de um veterano, um professor, aumentavam a cada dia. Pelo

modo como ele ensinava – paciente e didático – pelo prazer que ele demonstrava quando conseguia sanar uma duvida e também, sobretudo, por que ele me incentivava a explorar novos caminhos, trazer novas duvidas . No entanto eu nunca havia encontrado um professor pela floresta. Vez por outra encontrava outro aluno – mas nunca um professor. Um episódio em especial me fez duvidar de minhas suspeitas:

Enquanto caminhávamos um vagalume passou por mim. Seguido de outro. E mais outro. Persegui o quarto com os olhos até que ele voou por cima de um arbusto. Caminhei até lá e vi um enxame dançando entre os troncos das arvores , com suas luzes amarelo esverdeadas que deixavam rastros pelo ar tais quais a de um avião a jato.

– Veja quantos vagalumes! – exclamei. Ele demonstrou pouco entusiasmo. Insisti - Não gosta deles? Veja como são bonitos – disse, afastando o arbusto a nossa frente e revelando uma clareira repleta de vagalumes.

Ele deu as costas e continuou a caminhar. Eu o segui.

– O que houve? Já me mostrou tantas coisas bonitas as quais sozinho eu nunca veria graça, como pode não gostar dos vagalumes?

– Não percebeu quem são os vagalumes?

Fiz que não.

– Pense bem. Eles só iluminam a si próprios. Passam por nós, desfilando seus bumbuns luminosos e logo somem, sem

prestar atenção em mais nada além do próprio caminho.

Fiz que não entendi.

– São os professores.

Naquele semestre eu, de fato, reprovei em cálculo. Mas não fiquei triste. Na verdade, estava ansioso para que as férias começassem e eu pudesse recomeçar a estudar, lendo o livro do inicio , apreciando cada formula . Eu estava ansioso para refazer cada matéria a qual eu havia reprovado. Percebi que a ciência e a tecnologia eram maravilhosas. As vezes eu me pegava imaginando quanta matemática e quanta química haviam por trás de um notebook. Perguntava-me como impulsos elétricos de repente se transformavam em pixels – e ficava ansioso para descobrir o que exatamente fazia um material ser aceito ou rejeitado pelo organismo. O explorador havia me mostrado que eu gostava de estudar – e embora a floresta ainda fosse densa e difícil de ser desbravada, eu me sentia instigado a descobri-la.

Devo dizer que após as férias, no semestre seguinte, descobri que o professor da turma de reoferecimento de cálculo era o explorador. Eu bem desconfiava. Mas fiquei curioso por causa dos vagalumes – o desdém com o qual ele falou sobre os vagalumes me fez pensar que ele odiasse os professores.

Ele explicou:

– Junto com o meu diploma eu ganhei uma lanterna maior, que me permite iluminar parte do caminho de um aluno. Sou professor, mas essencialmente sou um explorador. Eu não poderia enumerar as coisas que eu não sei. E eu me sinto

feliz por não saber, por que sei que sempre haverá algo de interessante a ser descoberto. Quem está satisfeito com o que sabe, acomodado na sua própria área, quem não vê graça, não vê amor em mostrar o quão magnifico é o caminho pelo qual já passou, é um inseto. Uma luz fraca voando dentro da escuridão. Nem todos os professores são como vagalume é claro. Existem professores magníficos. Imagino que os bons professores sejam eternos exploradores.

QUANDO ACABAR, O MALUCO SOU EU...

Fernando de Jesus Guilger

Era pra ser apenas mais um dia como outro qualquer. Aula de laboratório no período noturno. Ao contrário das outras aulas, esta ocorria em uma unidade afastada do *campus*. Eu até preferia assim. O trajeto era mais curto e exigia pouca baldeação. Além disso, perpassava por áreas mais isoladas, comumente ocupadas por chácaras entrecortadas por vegetação. Sempre dava um ar contemplativo à viagem.

Chegando próximo ao ponto, desliguei o celular. Não era novidade para ninguém a completa falta de cobertura de sinal. Embora fosse um típico subúrbio, era um bairro com ares de abandono. Impressão esta que era reforçada por alguns pacatos ranchos e a falta de movimentação automobilística. Enfim, segui caminho até a faculdade. Fazia frio, e por conta da represa, uma pálida névoa cobria a vista. Aquele vapor adquiria um tom alaranjado, devido à iluminação incandescente. Um princípio de garoa pairava no ar, e por isto, pus as mãos nos bolsos e acelerei o passo. Justamente pela falta de movimentação e a condição distal, a região tinha fama de perigosa. Não que eu houvesse alguma vez sido abordado. As únicas tentativas de assalto que sofri foram no centro. Mas sempre existe aquela aura cultivada pelos relatos alheios e o senso comum, e você prefere não arriscar.

Sem muito esforço, cheguei ao prédio. Sempre imaginei que os seguranças ficassem na torcida pela aparição de alguém, como forma de combate ao tédio que deveria ser olhar para o mais absoluto nada. Checagem padrão de identidade; atravessei a calçada de paralelepípedos e entrei no complexo. Subi as

escadas até desembocar em um estreito corredor, repleto de armários e um cheiro forte de formol. Fiz tudo com relativa pressa, estava um pouco atrasado. Deixei meus pertences no mochileiro, após vestir o item obrigatório de todo laboratório. Como sempre, a atividade consistia em observar e categorizar as partes das plantas estudadas. Eu gostava de caprichar nos desenhos, enquanto havia quem preferisse simples esquematizações. Como desejava me empenhar na ilustração, não fiz questão de pegar o ônibus das vinte e uma horas. Portanto, neste horário, a sala já estava praticamente vazia. Havia um ou outro aluno que dirigia, bem como este ou aquele que morava no bairro. Sou levado à crença de que naquela hora, era o único que morava em outra cidade e não tinha carro.

Terminado meu trabalho, entreguei ao professor e segui ao mochileiro. Algumas lâmpadas começaram a piscar. Supus que a chuva estivesse ocasionando uma pane elétrica. Subi mais um lance de escadas, objetivando o refeitório, que dava acesso ao estacionamento. Foi neste momento que ouvi um som impertinente. Era como se alguma coisa fosse conduzida por rodas. Vinha da rampa de acesso. Logo imaginei que fosse algum funcionário carregando armários, ou mesmo algum estoque de vidrarias com algum animal morto boiando naquele líquido de cheiro insuportável. Decidi que não valia a pena me preocupar e voltei a andar. As luzes piscaram outra vez, agora de forma mais persistente. Houve então um apagão. Nem mesmo as lâmpadas de emergência se acenderam. Eu estava sozinho e o coração acelerava. Escutei um som agudo, que parecia um lamento. Senti o corpo arrepiar. Foi quando a energia voltou. Olhei para trás, receoso do quem iria encontrar...

Para meu total alívio, era apenas um gato molhado. Devia ter se assustado com alguma coisa e entrado para fugir da chuva. Afaguei-o e continuei até o exterior do prédio. Peguei o ônibus até o centro da cidade. Desci no ponto do Terminal, e de lá peguei um trólebus rumo minha casa. Eu podia ter pegado um ônibus diretamente naquela unidade, mas me dava calafrios. O ponto estaria mais escuro, desocupado, sem contar o maior intervalo. Enfim, retornei para o lar, e me joguei em grossas camadas de cobertor quente.

...

Passado algumas semanas, outra aula no laboratório. Desta vez, experimentos para estudo de eletromagnetismo. Gráficos, equações e discussões teóricas. Acertei com meu grupo a parte do relatório que me cabia, e fui aguardar o micro-ônibus. Ainda faltavam uns quinze minutos para sua chegada. Como desta vez o tempo estava favorável, caminhei pelo refeitório até a bela área verde. Sempre gostei desse pedaço do *campus*. Tal como a imensa área arbórea que existe no recém-construído espaço de aulas. O clima perfeitamente bucólico sempre sintonizou muito bem com a minha alma. Acarretando tranquilidade, gosto pela vida. Uma verdadeira recarga de boas vibrações. Ali, definitivamente não era diferente. Não era raro que eu desejasse dedicar um dia apenas para a contemplação neste local. Sem aulas, experimentos ou obrigações. Era como se algo me atraísse. Devo ter cedido a este impulso umas duas ou três vezes no passado. Com o andamento do curso, fui perdendo esta conexão. Mas, podia me reservar alguns minutos. Pelos velhos tempos. Sentei-me na grama, erguen-

do a cabeça para o límpido céu azul. Poucas nuvens no céu. Os dez minutos viraram horas. Fiquei simplesmente deitado na grama, divagando com a mesma solidez das nuvens em preservar seus formatos. Devo ter ficado assim até adormecer...

Despertei de súbito, com o roçar de algo em meu braço. Quando vi, era novamente aquele gato rajado, com seus profundos olhos caramelo. Todo faceiro, desejoso de carinho. Agarrei-o de bom grado. Sempre me maravilhei com a amizade pura dos animais. Não era necessário mediar vontades ocultas, erros de interpretação ou antigos rancores. Era sempre uma relação baseada exclusivamente em carinho. Eu fazia cafunés e ganhava o doce som de seu ronronar.

No fim das contas, saí mais tarde do que o previsto. À espera do transporte, um mínguo grupo de estudantes que eu nunca vira na vida. Não sei se eram calouros do meu curso ou até mesmo veteranos de outros. A verdade é que fui me tornando introspectivo, antissocial. Restavam-me tão somente as amizades acumuladas nos termos anteriores. O que equivale dizer que eu mantinha relação com meia dúzia de gatos pingados. A maioria dos meus contatos se formara ou desistira do curso. E os poucos restantes tinham no máximo duas aulas comigo por semana. Eu me sentia novamente um calouro, invisível entre os demais. Só que desta vez, não dispunha da mesma energia para me expor em busca de novos amigos e vivências. Como dizia, sempre admirei a franqueza dos animais... O problema é que eu não era um gato.

Era apenas um estudante tentando me formar. Com a cabeça cheia de provas, trabalhos valendo nota, congressos e horas complementares. Correndo entre aula e outra para o bande-

jão, esperando que fosse servido o frango assado delicioso que me fazia molhar o beiço apenas ao imaginá-lo. Passei o curto itinerário com a cabeça recostada na janela, embaçando-a com meus suspiros, enquanto pensava na enorme multa acumulada na biblioteca, e como faria para obter o livro que necessitava para a prova de segunda-feira. Internamente, desejava que algum daqueles desconhecidos sentasse do meu lado, e puxasse assunto, perguntando sobre o livro que eu trazia semiaberto em meu colo. Nada disso aconteceu, claro, e fiquei mergulhado na doce melancolia proporcionada pelo ambiente e a música lenta que havia selecionado na *playlist*.

Apesar de tudo, fui dormir satisfeito naquela noite. Mesmo com todas minhas dificuldades de organização e foco, minhas obrigações acadêmicas estavam transcorrendo bem. Durante aquela semana, conseguira terminar o trabalho no prazo, estudar para uma a prova que fiz dois dias antes e até mesmo editar meu TCC. Agora era só usufruir de um bom repouso, sem nenhuma crise de ansiedade ou atividade atrasada que exigisse ficar acordado até tarde.

...

Sexta-feira à noite. De todos os dias da semana, este era o mais desestimulante para se frequentar um laboratório (só perdia para o sábado). O cansaço acumulado de todos os dias anteriores, a expectativa de descanso e diversão do fim de semana... Sexta deveria ser um dia proibido para qualquer ação que não envolvesse uma boa lata de cerveja com petiscos. Uma pena que não desse parar usar os vinte e cinco por cento de faltas ao qual

tinha direito. Ao menos, poderia rever o bichano. Eu certamente o teria adotado, não fosse meu cachorro e o fato de não ter como levá-lo até minha casa.

Não era meramente uma noite de sexta. Era uma noite de sexta chuvosa. Tal qual o dia que conheci o Horácio. Sim, eu o batizei de Horácio. Julguei importante nomeá-lo. Sem um nome ele era apenas um felino. Um gato de rua qualquer, como todos os outros em circunstância semelhante. Aquele ditado, sabe? *Todos os gatos são pardos.* Horácio, pelo contrário era o Gato. Com gê maiúsculo, entende? E como das outras vezes, eu esperei por ele. Só que Horácio não veio. Não havia qualquer sinal. Nem dele, nem dos cães que sempre patrulhavam na frente do *campus*, próximo à guarita dos guardas. Estranho. Muito estranho. Talvez houvessem se abrigado da chuva em alguma área seca e quentinha. Tentei descobrir qual seria esse local hipotético.

Imaginei que ele evitaria as escadas, então utilizei as largas rampas de acesso. Exceto por uma caixa aqui e ali, não passavam de espaçosos corredores com corrimões. O local mais aconchegante que consegui conceber ficava no último andar. Subi com certa pressa, então precisei parar para recuperar meu fôlego. Foi nessa hora que escutei o fatídico som de rodinhas, vindo do andar anterior. Estariam movendo vidrarias outra vez? Se bem que eu não posso afirmar que o estavam fazendo da primeira oportunidade. Afinal, não havia me certificado naquela ocasião, distraído pelo Horácio. O som foi se intensificando, e logo deduzi que não tardaria para virar na curva e passar por mim.

Então... O som parou. Será que o funcionário se cansou e resolvera recobrar o ânimo? A roda poderia ter emperrado. Ou a pessoa poderia ter esquecido algum objeto na sala anterior. A

curiosidade começou a me corroer, e como pretendia chegar ao térreo de toda forma, retrocedi. Contornei repleto de expectativa, mas tudo o que vi foi um corredor vazio. A única explicação possível é que eu fora enganado pela acústica do lugar. Certamente alguma ação no andar mais abaixo ecoara pelo prédio inteiro. Não importava. Apenas queria rever Horácio. Vasculhei andar por andar, até chegar ao térreo. Ali, a rampa de acesso terminava em um portão trancado com grossas correntes de ferro. Suas chapas de aço estavam com a tinta descamando, alguns pontos corroídos por ferrugem. Teias de aranha se acumulavam no teto... Pensando bem, ninguém se abrigaria ali. Imagino que o pessoal da limpeza detestasse aquela área, sempre postergando o máximo possível a sua manutenção. As luzes piscaram, provavelmente pelo escasso gás no interior da luminária fluorescente. Por uma provável pareidolia provocada pelo espaço apertado e com ar de abandono, senti-me observar. Fosse mais crédulo, e poderia afirmar ter visto um vulto. Mas era só a minha sombra e meu inconsciente. Voltei para casa. Estava menos feliz, por ter ido a "cidade dourada" e não ter visto meu gatinho. Pois é, já o considerava meu. Parando para pensar, não sei se Horácio foi uma boa escolha. Seu pelo laranja tornava Garfield um nome muito mais apropriado, embora nada original. Desta vez, não quis esperar o micro-ônibus, e peguei um transporte convencional. Ao sair do bairro, consegui sintonizar em uma rádio de MPB. Minha noite foi embalada com *sou feito da terra, do fogo, da água e do ar.* Exceto pela infância, fase em que somos muito propensos a toda sorte de superstição, eu nunca fui muito esotérico. Ironicamente, sempre fui fascinado por coisas como horóscopo, tarô, transmutação e afins. Mas nada que fosse uma crença, sabe? Sempre foi um

interesse intelectual, um fascínio pela poderosa capacidade humana de criação. Histórias de magia, honra e mistério, povoavam minha mente nos mais belos devaneios. Principalmente quando estava abarrotado de estresse. Então, fiquei intrigado e satisfeito com esse clássico do rock nacional. Lembro quando passava o dia inteiro ouvindo os velhos discos da minha vó. Hoje é *cult* ouvir música em toca-discos, vitrolas modernizadas e até mesmo fitas cassete, mas era a coisa mais corriqueira no fim do milênio.

...

O semestre avançou, e finalmente eu pude voltar para mais uma aula prática. Estava ansioso para rever o Horácio, então fiz questão de chegar mais cedo. Até questionei os vigilantes sobre meu querido gatinho, mas sem sucesso. Um deles até me disse que nunca havia visto gato algum ali, e o outro, insensível, fez um gracejo dizendo que ele provavelmente fora comido pelos cães. Ignorei-os e continuei a busca. Rondei o complexo de casas de madeira, chequei o estacionamento... Fui até o anfiteatro, que estava aberto para limpeza. Olhei em tudo, até mesmo na sala dos professores e secretaria. Só não entrei no banheiro feminino, pois era arriscado demais. Acabei me atrasando pra atividade, mas consegui repor o tempo perdido. Acabei me convencendo de que nunca mais o veria. O tempo passava, e como previ que não terminaria o trabalho cedo, resolvi ir ao toalete. Na volta, parei para beber água.

Foi neste momento que eu revi o Horácio. Ansiei por esse momento, supondo que seria agraciado com toda sua ternura benfazeja. Mas o que vi causou-me horror. Meu coração pulsa-

va acelerado, dominado por um misto de náusea e preocupação. Ele não estava nada bem. O corpo estava ensanguentado, com feridas cheias de pus e sujeira. Uma de suas órbitas oculares estava vazia, e havia um terrível inchaço na bochecha esquerda. Imaginei que houvesse sido atropelado, ou até mesmo... *atacado pelos cães.* Esta simples perspectiva deixou-me furioso. Eu não tinha como saber exatamente o que havia acontecido, mas quem tivesse feito àquela barbárie... Iria pagar. Tentei me aproximar do gatinho, para conferir melhor o seu estado. Ele se afastou de mim, talvez com medo de que eu tocasse sua ferida. Fui chegando com mais calma, movimentos lentos. Nada. Fugiu desesperado, como se o perseguisse. Fiquei arrasado.

Ainda assim, precisava encontrar um modo de ajudá-lo. Talvez pudesse convencer algum funcionário a socorrê-lo. Ligaríamos para o veterinário e tudo ficaria bem. Sempre o encontrava perto do refeitório, então fui até lá. Imagino que se escondesse perto da cozinha, atraído pelo cheiro dos restos de comida que eram jogados durante o almoço. Eu então entrei na área que eram recolhidas as bandejas, pratos e talheres, assoviando e falando mansamente. Um som agudo, como choro, irrompeu no ar. Vinha do estacionamento. Fui verificar. Estava meio abafado, como se fosse oriundo de um local fechado. Adivinhei que estivesse vindo de um buraco na parede, tapado com tábuas. Eu já havia visto este rombo antes de ser selado... Era cheio de entulho e ferragem, com alguns fios desencapados. Não me admirava que estivesse cerrado. Contudo, eu não podia permitir que Horácio morresse ali dentro, sem cuidados médicos. Gatos tinham esse péssimo costume de se isolar quando feridos ou doentes, aguardando a morte. Apalpei as tábuas, a procura de uma brecha. Encontrei uma

com pregos frouxos. Bastaria forçar um pouco e ela cederia. Foi o que fiz. Com algum esforço, consegui me esgueirar até o vão. Eu retiraria Horácio dali, pousando-o suavemente na grama, e então sairia dali para resgatá-lo. Quando finalmente entrei, machuquei-me em um pedaço de viga de ferro enferrujada. Tropecei e me estabaquei no chão. Todo ralado, tentei me erguer, enquanto procurava por Horácio. Vi um par de olhos faiscando na escuridão. Eram cintilantes e penetrantes, e me olhavam com atenção. Seu brilho era esverdeado. Não era Horácio. Sequer podia afirmar que era mesmo um gato. Tudo escureceu...

...

O som incômodo de rodas trabalhando, em protesto a sua carga. Os corredores fazendo um longo eco, enquanto passos e aros de ferro os atravessam. Pessoas de jaleco, de lá para cá. Nenhum sinal de celular. Nenhuma comunicação com o mundo exterior. Os portões de ferro rangem com amargura. Não sei que dia é hoje. Só posso deduzir as horas pela luz do Sol. Ouço gritos constantes. Lágrimas, grunhidos e frases sem qualquer sentido. Quando perguntei da minha família, disseram que não existia ninguém com os nomes que eu falei. Além disso, meus documentos ficaram na mochila, não sou capaz de provar minha idade e nome. Os médicos me dão sedativo, e são raros os dias que recupero minha lucidez. Dizem que eu sou louco por “pensar assim”.

Acredito que de alguma forma, viajei até o passado. Talvez tenha atravessado algum portal, o que é certamente curioso. O lugar não condiz em nada com o sanatório que li descrito ou mesmo com os documentários que assisti. Há uma aula bem escura, no subsolo, repleta de velas, crucifixos e imagens de santos que

adquirem uma expressão tenebrosa com o parco lume que os banha. Para lá são mandados os "pacientes" mais problemáticos. É dito que eles são morada de demônios, e por isto passam o dia constantemente recebendo orações, benção e cânticos cantados em latim. Mesmo de longe posso ouvir o *crux fidelis* sendo entoado. O padre que administra esta sessão é um senhor severo, com tez calva e enrugada, marcada por linhas de expressão. Quando raramente há visitas, ele se mascara com um semblante pio e caridoso. Apesar disso, o vi esses dias exortando uma enfermeira a não correr pelos corredores. Lembro bem da cena.

Ela abriu as pesadas portas com esforço, e veloz como uma seta, adentrou uma pequena sala. Lá, abriu os armários, bagunçando caixas e prateleiras, em busca de um frasco pequeno. Encheu a ampola com os dedos trêmulos, e saiu em disparada. Suas passadas ressoavam por todo o corredor, que parece muito maior do que eu me lembrava.

Já ouvi dizer que no andar superior ocorrem experimentos com máquinas elétricas. Não sei ao certo. Tudo aqui é nebuloso ou duvidoso. E aqui, sou apenas mais um dos doentes, que fala de computadores, telefones sem fio ou internet. Para ser honesto, começo a duvidar de que tudo que vivi até aqui tenha realmente acontecido. O mais provável é que eu tenha inventado toda essa outra vida na "UNIFESP". Acho que sempre estive vivendo em delírio, e só agora acordei da minha loucura, graças aos esforços do médico e do padre. Seja como for, achei importante, por via das dúvidas, registrar este curioso ocorrido.

Se você estiver lendo este diário, eu provavelmente estou morto. Espero que todas as situações que narrei lhe sejam familiares, e comprovem a veracidade do que acredito ter vivido.

É provável que você encontre isto jogado no lixo, ou no meio de velharias. Se este relato sobreviver a tanto, saiba que fui aluno do Curso de Ciências – Licenciatura, na Universidade Federal de São Paulo, *campus* Diadema. Fui apenas mais um estudante cheio de sonhos, que pensava em me formar. Se puder, nunca entre no buraco da parede no estacionamento. Convença alguém a selá-lo com tijolos e cimento. Talvez, você encontre meu nome na lista de desaparecidos... Talvez, eu tenha sido mencionado em algum noticiário. Eu me chamo... Como era mesmo? Estranho, não consigo mais lembrar. O Dr. Pacheco insistiu tanto que eu havia inventado toda essa mentira... Talvez seja a hipnose surtindo efeito. Não sei mais discernir o sonho do real. Falando nisso, estão abrindo a porta. Deve ser hora da minha sessão.

29

Gabriela Paes

Hoje é meu aniversário. Olho para o céu azul e é como se não eu não conseguisse sentir nada. Vinte anos pode ser muito tempo, ou talvez nem tanto. Mesmo com o Sol o vento é gelado, meu cabelo bagunçado voa, e meus olhos ardem com a luz clara e forte da tarde. As pessoas passam, dispersas, em sua maioria fumando, o que me faz perguntar se eu também não preciso de um cigarro agora. Encaro freneticamente a parede grafitada a minha frente, para tentar afastar todos os pensamentos aleatórios e indesejados que insistem em me perturbar. Talvez a culpa seja minha. O desenho mostra duas barcas, as pessoas estão divididas entre as que são salvas e as que são condenadas, e me pergunto em qual delas eu estaria. Acredito que nenhum anjo me aceitaria, afinal, as vezes é como se já estivesse de mãos dadas com algum demônio, ouvindo-o rir enquanto me perco não sabendo o que fazer, e continuo caminhando a destinos incertos ao mesmo tempo em que já sei qual será o fim. Nas mesas ao lado do aquário mais pessoas fumam, parecem felizes, ao menos estão rindo. O elevador está vazio, e por medo, subo as escadas. As paredes são tão brancas, me perco olhando o pôr do sol pelas janelas de vidro, as nuvens estão sumindo, mas ainda parecem bolas de algodão. O céu vai estar cinza em pouco tempo, e eu gostaria de poder mergulhar dentro dele. Às vezes sinto que dormi demais, talvez... É como se a vida passasse como um filme que eu não consigo acompanhar. Sou espectadora da minha própria história. O segundo andar tem bexigas penduradas em algumas portas, já quase murchas, parecem que ganham mais cor quando em

contraste com o pálido do corredor, vazio. O mês amarelo está acabando, e sinto como se devesse acabar junto dele.

Cicatrizou azul

Júlio Cesar Monteiro Junior

Chegando ao ponto onde marcara a carona, sua mãe retornou sua chamada a cobrar. Mochila pendida num ombro, uma mão segurava o celular enquanto a outra agarrava o casaco. Sempre fazia frio, depois à noite, sempre fazia. Laura aprendeu isso, nem foi das piores maneiras, bom que aprendeu. “Liguei para te pedir dinheiro, mãe”. Bem verdade que antes só se falavam por isso. Contudo daquele começo de ano até então, sua mãe religiosamente ligava nos finais de semana. Eram todos. Se faltava, o começo da semana era para isso. E as conversas estavam mais melancólicas que o de costume. Já fazia tempo que Laura saíra do seio familiar. Do pai não se falava; mas da mãe se esperava um pouco mais de resignação. Não se habituou à falta da filha, ainda piorou.

Sentada em meio a dois homens ou grandes demais ou num carro muito pequeno. Apertada. Procurando o mínimo conforto, sem sucesso. Sua mãe ainda falava. Empurrou o menino da esquerda em cuja cara nem sequer de soslaio olhou. Era tanta coisa com que se preocupar. Falava e alto, a conversa já era pública. Satisfação no caminho, nem meia. Laura jamais iria abruptamente dar fim à conversa, escutava sua mãe a lhe fazer as repetidas advertências. “Cuidado com as suas companhias. E as drogas, filha, pelo amor de Deus, não vai para esse caminho. A filha da minha colega, eu te falei? Namorava homem, tudo normal, mas do nada chegou nela e disse que era sapatão. Ai que desgosto”.

Antes dessas tarouquices todas, sua confusa mãe narrava acerca de uma palestra sobre setembro amarelo que aconteceu

em sua cidade pequena, em época de eleição, uma visibilidade desajeitada como cenário para campanha política. Mãe e filha se desencontraram, como de costume, nas poucas conexões entre os temas. Pelo espelho retrovisor podia ver os olhos de reprovação daqueles passageiros que mais a apertavam. Como todos esperavam - lembre-se que a inépcia se tornara pública -, por fim, com doçura e benevolência, despediu-se de sua mãe.

Tinha se mantido calma até a chegada ao ICT, campus da UNIFESP de São José dos Campos, como sua primeira aula da tarde prometia chamada oral, às pressas tomou o elevador, no entanto, sua mãe ainda falava. A mente a importunava. Chegou a balbuciar sozinha pelos corredores da faculdade, tão brancos que tinha algo de formal neles, exceto perto da biblioteca onde eram vívidos em cores de murais suntuosos. (Eram para os calouros os fazerem com mãos roxas, verdes, vermelhas, amarelas... e não houve veterano que resistisse).

Laura agora com respirações mais vigorosas e reiteradas, passos afobados e pensamentos truncados deambulava que enquanto os filhos sofrem com a separação, com a mudança de cidade, com o estudar fora; os pais por sua vez sentem a tal síndrome do ninho vazio. Procuraria o Núcleo de Apoio aos Estudante de seu campus, sem dúvidas o melhor a se fazer, falar sobre isso é bom, com um profissional então, há de aliviar a angústia. Não é só o que dizem, com êxito as duas já tinham procurado ajuda especializada em oportunidades anteriores de problemas anteriores. Quanto a essa mudança repentinamente saudosista de sua mãe, parecia que não era para tal, levava bem a mudança. Agora isso.

Em sala, poucas cabeças avoadas, cada qual com sua fei-

ção, cada feição, seu ângulo de inclinação para o quadro. Nenhuma olhava diretamente para o professor centralizado que murmurava o que Laura sequer ouvia naquele momento de vertigem. Olhava através da janela lateral e cinzenta do canto inerte da sala onde três carteiras desordenadas foram esquecidas, o horizonte que a invadira não era o daquela, era de outra janela, outra bem distante, parca, quase que paralisada. Via o campo de sua família. Não acontecia muito. Viu sua mãe, os cabelos loiros, tamanho médio, sempre acompanhavam um sorriso. Nada era nítido do que se via, aquele perfil, porém, era conhecido. Outrora lhe tocara diariamente aquelas mãos femininas, calejadas era bem verdade, mas de sua mãe.

A saudade inundou o peito de Laurinha. Sim, Laura agora não poderia recusar o carinho maternal, o *–inha*. O final de seu nome a mudara de forma que sua mãe agora se materializava em Laurinha. Estava inebriada por amor, afogava-se em arrependimentos, não tinha falado um tiquinho mais que fosse com sua mãe ao celular. Pesares saíam úmidos por suas narinas. Não podia recorrer ao seco. Ela eram lamentações.

Tomou sua carteira. Não se sentou. Deixou cair-lhe o corpo, com tal retomou-se do relapso. A paisagem frugal e o perfil materno lhe fugiram. Era só a sala. Nela comumente um dia como todos aqueles que a esmoreciam sem sua mãe. Laura percebeu, pois, que a falta que sentia era maior que a representada pelas falas dispersas de sua mãe. Sentiu remorso, queria ligar-lhe.

Sua mãe não ligou por três idas ao psicólogo. Três que vingaram.

Uma voz lhe sorriu azul sublime. Laura aquentou. Gotículas de aquilo que antes a tinham afogado tomaram o entorno,

pintaram-no. Era tudo azul, todo, completou-a azul. Como num rompante em que se pega a chave que se tinha esquecido para abrir a porta e então, aberta, a ultrapassa e acabou, Laura, que dedilhava sobre o corte, remendou daí. Costurou liso-áspero-liso e continuou. Azul.

O domo de vidro que quando vejo penso em um planetário

Maria Luis de Mello

Às vezes olho para aquele grande domo de vidro no terceiro andar do prédio da Unifesp e fico pensando em um planetário. Não sei exatamente o porquê, já que a estrutura não é necessariamente como um planetário. Apenas se a sua imaginação quiser, como a minha faz quase todos os dias. Na verdade, eu nunca fui num planetário.

Quando todos os dias eu subo aquelas escadas (para chegar à minha sala de aula) que irradiam para o domo, me sinto como uma astronauta prestes a ser lançada ao espaço. E, enquanto vou me afastando do meu lugar no cotidiano, posso ver a Unifesp, a minha casa, a minha cidade, o meu Estado, o meu país, o meu mundo. Ou melhor, nosso, da humanidade. Ou melhor, nosso, dos seres terrestres. Ou melhor, nosso, de todos que fazem parte do universo. Ou melhor, nosso, dos produtos de um ser ou uma entidade mística que seja o fundador de tudo isso. Ou melhor, nosso, dos que fazem parte de um mundo muito maior que esse e habitamos numa partícula de poeira ou qualquer outra categoria que desconhecemos nesse mundo muito maior que o nosso. Engraçado pensar que atribuímos um contrato de posse com tudo o que bem entendermos ser nosso. Ou melhor, meu.

E fico pensando que somos parte de algo absurdamente maior enquanto estou estacionada em meio àquela infinitude de astros e estrelas. Qual é o limite para esses estranhos pensamentos? Se é que existe um limite. Existe? Não, não, não. Sim, sim, sim. Não sei? Não sei. Só sei que vou continuar até onde eu

posso. E não se preocupe, quando eu me cansar eu volto na hora (o que não demora muito tempo, já que não consigo respirar no espaço).

"Você é uma louca!", podem me dizer, mas o que há de errado nisso? Afinal, sou apenas um ser humano pensando quase que filosoficamente quando imagino que estou no espaço, pois sou uma astronauta que acabara de ser lançada, pois estava subindo aquelas escadas da Unifesp que irradiam no domo de vidro no terceiro andar, pois quando eu o vejo penso em um planetário.

Tijolo com tijolo

Mayara Martins

Se eu fechar meus olhos agora, consigo imaginar José. José tinha o cabelo bem escuro e curto, olhos pretos e profundos que brilhavam quando ele sorria. A vitória do seu time do coração em um jogo de domingo o fazia sorrir. As crianças correndo pelo quintal e tomando banho de mangueira também.

José veio de uma cidadezinha do interior da Bahia junto com seus pais e irmãos. Antes de chegar aqui já havia trabalhado muito na roça e também como ajudante de obras e diziam que São Paulo era o lugar das oportunidades, o lugar em que havia emprego, o lugar em que se é possível prosperar.

No começo foi difícil e muitas vezes a família de José tinha que escolher entre o almoço ou o jantar, caso contrário, não havia comida para todos. José era muito independente e antes de trabalhar na empreiteira fez alguns bicos como engraxate, servente, atendente e entregador. A empreiteira foi seu último trabalho. E sempre tinha bastante serviço. As coisas melhoraram para José, então.

No ano de 2013 um grande prédio começou a ser construído no topo de uma ladeira no Bairro dos Pimentas. Era a EFLCH da UNIFESP Campus Guarulhos. O tão esperado prédio, motivo de tantas mobilizações e histórias. A jornada de trabalho era intensa e a construção demorou três anos para ficar pronta e ainda há espaços por terminar. Dizem que quando o arco ficar pronto, tudo vai melhorar porque teremos mais espaço.

A região do entorno do campus mudou muito nos últimos anos, a área verde em volta da avenida foi transformada em um

terminal de ônibus e os galpões com jacas e melancias até o teto deram espaço a pequenos comércios e aos bares frequentados pelos estudantes.

A primeira impressão que muitas pessoas tiveram ao conhecer a parte nova do campus foi a de estar dentro da maquete que outrora ficava em frente à diretoria acadêmica. A segunda impressão é de que o cenário ficou um pouco mais cinza e menos verde, visto que até então, os gramados do campus estão interditados. Agora a Universidade possui elevadores e foram distribuídos pelo campus quadros de um morador de Guarulhos e obras de grafite que tornam o espaço mais acolhedor e colorido.

José nunca andou de elevador, mas foi um dos tantos trabalhadores da construção do novo prédio da EFLCH.

Se eu fechar meus olhos agora, ainda consigo imaginar José. José acordando ás quatro e meia da manhã para pegar quatro conduções, segurando na barra superior do ônibus para estar pronto para o trabalho às sete horas.

José tomando um café forte de alguma garrafa térmica em uma copa improvisada para os trabalhadores da construção. José carregando um saco pesado de cimento nas costas. José usando um dos últimos banheiros do prédio arco. José comendo sua marmita com arroz e feijão um pouco frios em sua uma hora de almoço e descansando nos quinze minutos finais deitado na grama junto com os outros trabalhadores. José refletindo sobre o motorista que morreu ao ser atingido por 400 kg de cimento, ali mesmo no canteiro de obras em uma área que não estava isolada. José imaginando se seus filhos, um dia poderiam estudar em algum lugar como aquele que estava sendo construído naquele momento.

Imagino José cansado depois de muitas horas de trabalho.

José tomando banho em uma bica improvisada atrás da construção e descendo a ladeira de volta para casa com uma mochila empoeirada, passando pelas crianças que empinam pipa durante o pôr-do-sol que mescla azul escuro com rosa e laranja.

Seus fins de semana passam rápidos e há esperanças de comprar no fim do mês um celular que tira fotos. Será possível registrar os aniversários das crianças da família, todas elas atrás da mesa do bolo.

Quando atravessei pela primeira vez o portão do número 333 da Estrada do Caminho Velho, tudo parecia muito grande, tentei reconhecer os espaços e ao olhar para cima tentando enxergar o topo do prédio, eu imaginava o José.

Só é possível imaginar, porque não o conheci. Ainda assim, eu queria falar sobre ele. Na verdade nem sei se José se chama José. Nós não sabemos muita coisa sobre eles. Só sabemos que foram necessários muitos homens como José para levantar aqueles três andares que hoje subimos e descemos de elevador.

"A MORTE E A PROFESSORA"

Nathalia Santos

Noite chuvosa. Mesa tomada por livros, papéis, um relógio cinza que marcava a hora: uma e meia da manhã. Os óculos eram girados intermitentemente entre os dedos enquanto os pés tocavam o chão balançando a grande cadeira preta que não era tão confortável como prometia o anúncio da tevê. A professora, uma jovem de quarenta e tantos anos, agora vivia em seu apartamento, sozinha, depois de descasar-se e decidir conhecer o mundo. E conheceu. Havia nas paredes diversas fotos de suas viagens: Montevideo, Buenos Aires, Toronto, Paris... Mas agora estava ali, diante de inúmeras redações para corrigir e teses aguardando seu parecer, livros para ler e sua imagem refletida no vidro de um velho relógio cinza que persistia em fazer tic-tac.

Tic-tac. Tic-tac. Uma e quarenta. A professora se endireita na cadeira, se espreguiça, faz estalar o pescoço, coloca seus óculos. "Preciso começar..." Escolhe a primeira redação do calhamaço, apanha seu lápis, começa a ler e fazer anotações. A ponta do lápis quebra. Ela procura o apontador em meio a sua bagunça, acaba por derrubá-lo, ele rola em direção a um canto escuro da sala. Ela respira fundo, dá mais uma olhada para o relógio, pondera ir pra cama e deixar tudo ali, mas é vencida pelo cumprimento das obrigações, ajoelha-se para pegar o apontador quando sente tocar em um manto comprido.

- Estava procurando por isto?

Era ela. A professora resignou-se. Voz sombria, alta, magra, esguia, gadanha numa mão e o apontador na outra. A professora levanta-se de sobressalto, dando um pulo para trás. Saiu

correndo até a porta, mas sentiu as mãos geladas da Morte apertando seu braço com uma pérfida doçura, arrastando-a para o lado oposto.

- Não fuja. A mesma hora bate para todos, e para você é agora. Venha, vamos embora.

- Não, por favor... Há tanto para fazer, tantas coisas... Meus alunos, meus trabalhos...

- Vão publicar depois que você partir, não se preocupe. E seus alunos ficarão bem.

- Eu não posso partir, por favor, me solte! - A professora puxou seu braço com força, escapando por um momento, saiu correndo em direção à saída, olhou para trás num segundo e perdeu a Morte de vista; quando deu por si, estava enroscada em seus braços assombrados.

- Para de fugir! Tenho muitas coisas para fazer, muitas pessoas para buscar ainda hoje, não tenho tempo para brincar de pega-pega.

- Espera! Tenho uma proposta para você.

A Morte, já com a mão na maçaneta, parou por um segundo, semicerrando os olhos.

- Diga.

- Eu proponho um jogo. Se você vencer, eu vou com você. Se eu vencer, você me permite envelhecer antes de voltar para me buscar.

- Que jogo?

- Vinte e um.

- O que?

- Vinte e um. Um baralho repartido ao meio, metade para você e metade para mim. A primeira que somar vinte e um com

três cartas vence a rodada. Melhor de cinco. O que você acha?

"Ora, faz tempo que eu não ouço uma proposta assim" - pensou. "A última foi com um cavaleiro e um jogo de xadrez".*

- Acho justo.

A professora acendeu a luz da sala de jantar, arrumou a mesa e convidou a Morte a se sentar. Foi ao quarto e voltou para a sala com as cartas, passou-as para a Morte embaralhar. Ela embaralhou e devolveu para a professora, que cortou o monte ao meio. Deixou que a Morte escolhesse seu monte. Uma de frente para a outra, olhares em alinhamento, penetrantes. A professora, surpresa com sua própria atitude, descobrira em si uma vontade enorme de viver; a Morte, admirada com a ousadia da professora, ficara ali só por causa da interessante tentativa de negociação por parte de sua adversária.

E começou o jogo. Na primeira rodada, a Morte levou a melhor. Na segunda, a professora empatou. Na posterior, rodada da Morte; na quarta, a professora venceu. Faltava uma, quando a Morte olhou para o relógio cinza fazendo tic-tac.

- Continuamos amanhã. - disse, colocando suas cartas sobre mesa, ocultas.

- Como assim? Falta só uma rodada...

- Você quer se render? Posso te levar agora mesmo, se você quiser...

- Claro que não!

- Então até amanhã, professora.

Antes que pudesse responder, a Morte já tinha sumido. A professora dirigiu-se até a mesa e, ainda atônita, virou as três primeiras cartas de seu monte. Dezenove, deu a soma. Vagarosamente, virou a primeira do monte da Morte: um nove. A segun-

da, um dez. “Ah, impossível, sair um dois... o jogo está no papo.” Apagou as lâmpadas e foi dormir tranquila. No dia seguinte, levantou cedo, tomou seu café e saiu para trabalhar, sentindo-se completamente segura com sua eminente vitória. Deu suas aulas, prometeu entregar os trabalhos que ainda estavam por corrigir no dia seguinte.

Ao fim do expediente, enquanto guardava suas coisas na bolsa, sentiu uma dor aguda no peito. Sentiu-se desfalecer, sua respiração pesada, suas pernas faltarem. Tombou ao chão gelado, sentiu seus olhos se fecharem sem que ela pudesse evitar, numa ávida batalha consigo mesma para não se entregar à escuridão. Houve um minuto de absoluto silêncio. Ela não conseguia pensar, nem explicar, apenas sentir a friagem do chão envolver seu corpo. Em seguida, num susto, abriu os olhos e se viu em pé, de volta ao apartamento, de frente com a mesa, a Morte sentada, diante das cartas viradas e um leve sorriso no canto dos lábios. A professora mal podia acreditar em seus olhos quando viu a Morte, com seus dedos finos e compridos, virar lentamente a terceira carta de seu monte.

Dois. De espadas.

*Inspirado por ***“O Sétimo Selo”*** (Suécia, 1957); dirigido por Ingmar Bergman.

Alexandro Augusto Oliveira

Bruna Maria dos Santos

Edilson Lima Alves

Fabrício Costa

Fernanda de Paula Nakata

Fernando de Jesus Guilger

Gabriela Paes

Júlio Cesar Monteiro Junior

Maria Luis de Mello

Mayara Martins

Nathalia Santos

UNIFESP
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
1933

PRAE
Pró-reitoria de Assuntos Estudantis